





1/4 passo

7 passo

18 passo

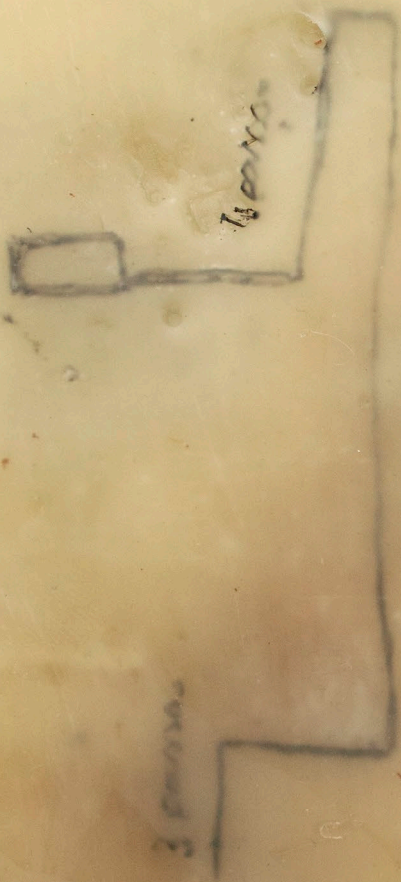
25 passo

32 passo

40 passo

8 passo







60 pages

25 pages

25 pages

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes – Ida/ Departamento de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Artes

**EXPERIÊNCIA ESTÉTICA SINGULAR E
TERRITÓRIOS DE SUBJETIVAÇÃO:
UMA NARRATIVA EM AMBIENTE HOSPITALAR**

TATIANA DUARTE – 2016

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes – Ida/ Departamento de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Artes

Trabalho de Dissertação apresentado ao PPG-
Artes do Departamento de Artes Visuais da
Universidade de Brasília como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Mestre.
Orientadora: Lisa Minari Hargreaves

Brasília, 2017

5 *parar*

Agradecimentos,

Aos meus pais, que tornaram possível minha estada neste mundo;
À Tania Menezes e Taiana Fleury, pela irmandade;
À Claudio Cabral, meu co-orientador informal, incentivador e amor;
À minha orientadora Lisa Minari Hargreaves, pela liberdade;
À Alda Dantas, por me acompanhar nas profundezas;
À Alina Duchrow pelas trocas poéticas;
À Pritama Brussolo, por nossas intermináveis discussões teóricas e
às amigas que nos fazem crescer;
Às mulheres que me proporcionaram tanto aprendizado, em especial às
mães do Hospital Materno e Infantil – HMIB, pela oportunidade de encontro;
À médica Dra. Patrícia Bered pela generosidade;
Aos alunos do ateliê HabiTati, em especial Adriana Chies, pelas reflexões;
À Fátima Vidal, Karina Dias e Luiz Carlos Pinheiro Ferreira, pelo olhar
sensível e atento;
Ao Ida/Vis e seus professores;
Ao CNPq, pelo apoio a essa pesquisa;
Ao HMIB, por abrir espaço para a arte.

RESUMO

O presente trabalho investiga mudanças no território de subjetivação por meio da experiência estética em ambiente hospitalar. Para tal, foram realizadas oficinas de artes visuais no Hospital Materno e Infantil de Brasília – HMIB - com pacientes internados e acompanhantes. Tendo em vista que esses espaços/lugares nômades para criação, reflexão, imaginação e relação provocam novos olhares, com a atenção voltada para as percepções e afetos, geram o efeito de invenção e produção de novos modos de existir. São dispositivos acionadores de movimento que possibilitam a expressão de intensidades. Destinados ao ensino não-formal de artes visuais, foram construídos coletivamente e seu processo cartográfico contado em forma de narrativa.

Palavras-chave: artes visuais, ambiente hospitalar, ensino, subjetivação, experiência estética.

ABSTRACT

The present work investigates changes in the territory of subjectivation through aesthetic experience in hospital environment. To this end, visual arts workshops were held at the Hospital Materno e Infantil de Brasília - HMIB - with hospitalized patients and companions. Given that these nomadic spaces / places for creation, reflection, imagination and relationship provoke new looks, with attention directed towards perceptions and affections, they generate the effect of invention and production of new ways of existing. They are motion-triggering devices that allow the expression of intensities. Intended for non-formal teaching of the visual arts, they were built collectively and their cartographic process counted in narrative form.

Keywords: visual arts, hospital environment, teaching, subjectivation, aesthetic experience.

LISTA DE IMAGENS

01. Feltro. Tatiana Duarte. 2017.
02. Fragmento do Livro-Mapa-Nômade (a). Tatiana Duarte. 2016.
03. Fragmento do Livro-Mapa-Nômade (b). Tatiana Duarte. 2016.
04. Fragmento do Livro-Mapa-Nômade (c). Tatiana Duarte. 2016.
05. Fragmento do Mapa de Ação: moldam espaços, tecem lugares. Mapa de memória do andar térreo, do Hospital Materno e Infantil de Brasília - HMIB. Tatiana Duarte. 2016.
06. Entrada do HMIB. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
07. Recepção do HMIB. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
08. Corredor e quarto no HMIB. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
09. Patio interno e vista externa no HMIB. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
10. Sala dos médicos (1º andar/ Setor de Alto Risco) e mesa perto do dormitório das mães nutrizes (subsolo). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
11. Frames do filme "O regresso". Direção: Alejandro G. Inárritu. 2015.
12. Fragmento do Mapa de Ação: moldam espaços, tecem lugares. Mapa de memória do 1º andar/ Setor de Alto Risco, do Hospital Materno e Infantil de Brasília - HMIB. Tatiana Duarte. 2016.
13. Sala dos médicos (1º andar/ Setor de Alto Risco). Foto: Tatiana Duarte. 2016.
14. Cartas Inspiradoras (a). Tatiana Duarte. 2015.
15. Pigmento sobre papel. Participantes do 1º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
16. Pintura em caixa. Participantes do 2º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
17. 2º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
18. 3º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
19. Pinturas sobre papel. Participantes do 3º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
20. 4º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
21. Violeta. Participantes do 3º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Pastel seco sobre papel Kraft, aprox. 1,20mX60cm. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
22. 5º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
23. Bonecas de Pano. Participantes do 5º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Foto: Tatiana Duarte. 2015.

24. 6º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
25. 6º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco e colagem sobre papel panamá. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
26. 7º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
27. Fanzine (a). Participantes do 7º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
28. Fanzine (b). Participantes do 7º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
29. 8º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco (a). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
30. 8º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco (b). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
31. Modelagem com argila. Participantes do 8º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco (a). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
32. 9º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco (a). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
33. 9º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco (b). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
34. Pintura sobre papel. Participante do 9º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco (a). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
35. Pinturas sobre papel. Participantes do 9º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco (b). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
36. 10º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco (a). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
37. Desenho sobre papel (páginas do Livro Maluco). Participantes do 10º encontro da oficina de artes no Setor de Alto Risco (a). Foto: Tatiana Duarte. 2015
38. Fragmento do Mapa de Ação: moldam espaços, tecem lugares. Mapa de memória do subsolo, do Hospital Materno e Infantil de Brasília - HMIB. Tatiana Duarte. 2016.
39. Corredor com mesa usada para oficina de artes do Setor Neonatal. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
40. Cartas Inspiradoras. (b). Tatiana Duarte. 2015.
41. 1º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
42. Colagem sobre papel panamá. Participantes do 1º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
43. 2º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
44. Painel das sensações. Participantes do 2º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.
45. Modelagem com argila (a). Participantes do 3º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.

46. Modelagem com argila (b). Participantes do 3º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.
47. 4º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
48. Pintura sobre papel. Participantes do 4º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.
49. 5º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal (a). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
50. 5º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal (b). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
51. Pintura sobre papel (a). Participantes do 5º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.
52. Pintura sobre papel (b). Participantes do 5º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal 2015.
53. Pintura em caixa. Participantes do 6º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.
54. 6º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
55. Colagem sobre caixa. Participantes do 6º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.
56. Colagem sobre papel panamá. Participantes do 7º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. Foto: 2015.
57. 8º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal (a). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
58. 8º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal (b). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
59. Fanzine (a). Participantes do 8º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.
60. Fanzine (b). Participantes do 8º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.
61. 9º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. Foto: Tatiana Duarte. 2015.
62. Desenho sobre papel colorido. Participante do 9º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.
63. Desenho. Segurança. 2015.
64. História em quadrinhos - HQs (a). Participantes do 9º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.

65. História em quadrinhos - HQs (b). Participantes do 9º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.
66. Fragmento de desenho. Participante do 9º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.
67. 10º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal (a). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
68. 10º encontro da oficina de artes no Setor de Neonatal (b). Foto: Tatiana Duarte. 2015.
69. Brigadeiro e Receita. Tatiana Duarte. 2015.
70. Conversas do grupo do *WhatsApp* da oficina de artes no Setor de Neonatal. 2015.
71. Não-lugares e lugares. Espaços criados para oficinas de arte no HMIB. 2015.
72. Encarnação. Registro de ação, encáustica. Tatiana Duarte. 2015.
73. Vestimenta. Desenho sobre encáustica e tecido Tatiana Duarte. 2015.
74. Sem título. Tríptico, encáustica sobre tela, 80cmX100cm. Tatiana Duarte. 2016.
75. Não sou feito só de pedra. Video, 3'18. . Tatiana Duarte. 2016. <https://vimeo.com/172790616>.
76. Mapas de ação: moldam espaços, tecem lugares. Desenho sobre telas e papel vegetal, 1,5x1,5m. Tatiana Duarte. 2016.
77. Livro Mapa Nômade (a). Placas de feltro, pelos de animal e cera, aprox. 21cmX29cm. Tatiana Duarte. 2016.
78. Livro Mapa Nômade (b). Placas de feltro, pelos de animal e cera, 21cmX29cm. Tatiana Duarte. 2016.
79. Livro de cera: cueiro (a). Cueiro e cera, aprox.19cmX24cm. Tatiana Duarte. 2017.
80. Livro de cera: cueiro (b). Cueiro e cera, aprox.19cmX24cm. Tatiana Duarte. 2017.
81. Livro de cera: cueiro (c). Cueiro e cera, aprox.19cmX24cm. Tatiana Duarte. 2017.
82. Sem título. Desenho sobre placa de gesso e cera, 19cmX15cm. Tatiana Duarte. 2017.
83. Sem título. Desenho sobre placa de gesso e cera, 19cmX16,5cm. Tatiana Duarte. 2017.
84. Intervenção Hospitalar (a). Tatiana Duarte. 2017.
85. Intervenção Hospitalar (b). Tatiana Duarte. 2017.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	27
1. SITUANDO A NARRATIVA: TEMPO ONÍRICO	31
1.1. Aqui começa uma história	33
1.2. A marca do narrador.....	37
1.3. O discurso ampliado.....	39
1.4. A caverna e o bosque	41
1.5. O tempo e seres submersos, um encontro por vir.....	45
1.6. Imaginação na cognição	47
2. TOPOLOGIAS: TEMPO NÃO-LINEAR.....	51
2.1. Não lugar e a criação de um lugar.....	63
2.2 O mapa e o percurso: espaços criados	71
2.3. De <i>voyeur</i> a caminhante.....	75
2.4. Ocupação nômade	79
2.5. A tenda e a vestimenta	83
2.6. Ser/estar no espaço.....	87
2.7. Contornos metodológicos.....	89
3. ALTO RISCO: TEMPO LINEAR	95
3.1. Reconhecimento	99
3.2. Apresentação por meio das imagens e o olhar	105
3.3. Outros sentidos.....	115
3.4. Integração corpo/mente e o aspecto relacional.....	123
3.5. Violeta: a grávida coletiva.....	135
3.6. Costurando ligações e os símbolos orgânico-estéticos	139
3.7. Cada dia um dia diferente	145
3.8. Zine: jornal autoral.....	151
3.9 Argila: unidade corpo/mente	159
3.10. Fechamento, mas não o último encontro.....	169
3.11. O livro maluco	179
4. NEONATAL: TEMPO LINEAR ENCARNADO	189
4.1. De volta ao espaço liso e suas intensidades	193
4.2. Cartas inspiradoras.....	197
4.3. Pannel das sensações	211
4.4. Argila/corpo	219
4.5. Pintura e interferência	225
4.6. Pintura das emoções	235

4.7 Caixa sonora.....	247
4.8. Caixa das perguntas.....	259
4.9. Fanzine Neonatal	269
4.10. Criando sua história	279
4.11. Brigadeiro despedida.....	289
5. A SAGA.....	299
6. TEMPO FORA DO TEMPO.....	309
CONSIDERAÇÕES FINAIS	341
REFÊRENCIAS.....	347
ANEXO A.....	351
APÊNDICE.....	357

INTRODUÇÃO

Em contexto hospitalar, o sintoma manifestado fisicamente é analisado em busca do tratamento adequado para ajudar o organismo a restabelecer seu equilíbrio. Porém, cada vez mais, os espaços hospitalares e clínicos percebem que a saúde não está relacionada somente com a cura de um sintoma físico, mas ao reequilíbrio do organismo como um todo. Os hospitais que adotam uma política de humanização procuram considerar a unidade corpo, mente e afeto, disponibilizando profissionais de diversas áreas para atendimento de forma multidisciplinar, se preocupando com a saúde integral dos indivíduos.

O ensino/aprendizagem de artes visuais pode ocupar outros espaços, além das instituições educacionais, inclusive espaços destinados à promoção da saúde. Entende-se, aqui, a educação em artes visuais voltada para as subjetividades, o olhar, o “eu” em diálogo como o “outro” e a possibilidade do indivíduo ser um criador da sua existência, reinventando a maneira de ver a própria vida por meio do estímulo à criatividade.

Várias experiências em contexto hospitalar me conduziram a esta investigação, como: trabalho voluntário, estágio e observação da prática de outros profissionais da área de artes. Revisão da literatura em arte, educação, saúde e filosofia, voltadas para este contexto, também constituíram uma valiosa fonte de inspiração. Todo esse percurso teórico/experiencial/criativo e sua reflexão abriram possibilidades de indagações e novos espaços prático/conceituais a serem investigados.

Esta investigação utilizou metodologias próprias da arte, Investigações Baseadas em Artes – IBA e Investigações Educacionais

Baseadas em Artes – IEBA¹; e o Método da Cartografia para construção de conhecimento e para criação de um lugar/espaço de prática artística com pacientes e acompanhantes do Hospital Materno Infantil de Brasília – HMIB. Esses espaços/lugares se tornaram possíveis a partir das idas e vidas e do percurso realizado durante a pesquisa. Além disso, assim como processos próprios do fazer artístico, os métodos criados para os encontros foram inicialmente imaginados, testados e recriados a partir da vivência e da reflexão contínua.

As seguintes questões serviram de norte e ajudaram a manter o foco perante a riqueza de possibilidades encontradas: como o ensino de artes visuais pode colaborar para que o indivíduo tenha uma experiência estética significativa em ambiente hospitalar? Como construir novos territórios de subjetivação por meio do ensino de artes visuais? A partir dessas questões, foi delineado, como objetivo principal, proporcionar espaço de prática, reflexão e imaginação por meio do ensino de artes visuais, para possibilitar uma experiência estética significativa e a construção de novos territórios de subjetivação. Outros conceitos importantes foram sendo ressaltados no decorrer desse percurso: o processo criação de um espaço/lugar nômade e o aspecto relacional.

Trago como referencial teórico central o conceito espaço, de Michel de Certeau²; lugar e não-lugar, de Marc Augé³; espaço nômade, de Gilles Deleuze⁴ e Felix Guattari⁵; experiência estética, segundo John

1 Surgem no final do século XX, na tentativa de dar conta de aspectos relevantes destes tempos, pesquisas que estudam metodologias que buscam valorizar o fazer artístico e que sinalizam a limitação dos métodos científicos para dar conta da complexidade e especificidade de certas áreas do saber, ressaltando outras formas de gerar conhecimento, dentre elas, Investigações Baseadas em Artes – IBA ou Arts-based Research - ABER e Investigações Educacionais Baseadas em Artes – IEBA ou Arts-based Educational Research - IEBA.

2 Michel de Certeau (1925-1986), historiador francês que se dedicou ao estudo da psicanálise, filosofia, e ciências sociais.

3 Marc Augé (1935-), etnólogo e antropólogo francês.

4 Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês.

5 Felix Guattari (1930-1992), filósofo e psicanalista francês.

Dewey⁶; o conceito de subjetivação, de acordo com Guattari, e o aspecto relacional, segundo Nicolas Bourriaud⁷. Esta investigação alia teoria e prática, educacional e artística, se apropriando da narrativa ficcional, enfatizando que o olhar do pesquisador é uma das perspectivas de olhar e que sua construção é baseada em fatos reais.

O fio condutor desta dissertação é o tempo em suas mais diversas manifestações e percepções subjetivas. O tempo que navega no presente, passado e futuro, brincando em suas formas onírica, não-linear, linear, encarnado e que se eterniza no instante. No primeiro capítulo, crio uma narrativa ficcional, onde, em diálogo com diferentes autores, situo o interesse desta investigação, no ponto em que a narrativa encontra a experiência. O segundo capítulo é destinado ao início da criação de um espaço/lugar nômade, para o ensino não-formal das artes visuais em ambiente hospitalar, criado em um tempo não-linear, em que os acontecimentos são ditados por suas intensidades nas idas e vindas do percurso.

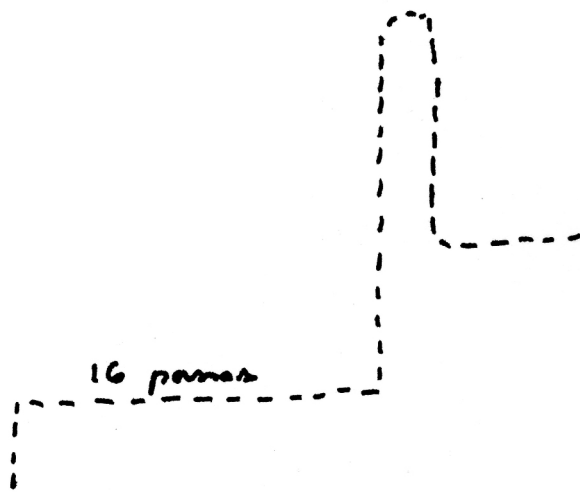
A seguir, o terceiro e quarto capítulo, respectivamente, contados em tempo linear e encarnado, narram cada encontro das oficinas com as mulheres pacientes grávidas e mães acompanhantes dos bebês internados na UTI do HMIB, no Setor de Alto Risco e no Setor Neonatal. Um relato/análise das forças, percepções e afetos que cruzaram o espaço/lugar de artes construído coletivamente. O quinto capítulo traz os passos dados para obter a permissão de realizar a pesquisa junto ao comitê de ética e crio o JogoMapaLabirinto. Como o tempo que conduz esta investigação é fluido, esse capítulo que

6 John Dewey (1859-1952), filósofo, pedagogo e pedagogista norte-americano.

7 Nicolas Bourriaud (1965-) ensaísta e crítico de arte francês.

cronologicamente era para ser o início, foi deixado para perto do final, obedecendo aos ditames do coração.

Por fim, o sexto capítulo, que é o tempo fora do tempo, o instante, onde o tempo não corre, na concentração do trabalho no ateliê e na criação poética, o que não estava previsto se tornou essencial para que o trabalho se completasse. Assim, convido vocês a percorrerem estas páginas, fruto de dois anos de trabalho, investigação, criação, troca e reflexão, onde conceitos, percepções e afetos se entrelaçam.



1. SITUANDO A NARRATIVA: TEMPO ONÍRICO

1.1. Aqui começa uma história

A experiência em contar histórias, como forma de construir conhecimento, iniciou antes da entrada oficial no Mestrado. Começou no trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília – UnB, onde criei uma ficção baseada na minha atuação profissional com arte em ambiente hospitalar. Percebendo a potência da narrativa, onde ela encontra a experiência, e contando com as (não) coincidências da vida, encontrei terreno fértil para o amadurecimento do projeto desta investigação como aluna especial⁸. Dando asas a minha imaginação, inventei o que vou lhes contar a seguir, uma ficção baseada em fatos reais, em leitura sobre o tema e em imaginação. Utilizo, na criação desta história, uma atmosfera onírica para situar meu interesse na narrativa.

Sou péssima para acordar cedo. Sexta-feira de manhã, balancei, mas, ou era isso ou nada. Matrícula feita, primeiro dia de aula. Sem saber onde era a sala, fui subindo, subindo, subindo, até o último andar, onde encontrei uma salinha apertadinha. Parece que iria caber, poucos alunos, mas, de repente, começaram a chegar mais, para surpresa da professora, muitos alunos especiais e foi feita a inclusão. De acordo com a proposta, todos estavam aceitos para cursar esta disciplina (disciplina? A palavra soou estranha...), e a professora refletiu que todos deveriam ter acesso ao mestrado e realizar seus projetos. Imagina se todos tivessem acesso? Sem seleção, adeus funil, nada de competição. Será que a estrutura aguentaria?

⁸ Segundo Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão n. 91/2004 que regulamenta os Programas de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, art.20, alunos especiais podem se matricular em disciplinas isoladas de Pós-Graduação se demonstrarem capacidade para cursá-las e se houver disponibilidade de vagas. Como aluna especial, cursei a disciplina Pedagogias Anarquistas, ministrada pela Profa. Dra. Luisa Gunther, no segundo semestre de 2014, do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB.

Apresentamos nossos projetos, cada um com seu aspecto peculiar, fruto de diferentes vivências e percursos específicos. Quantas possibilidades dentro de três palavras: ensino / artes / visuais. A professora apresentou o plano. Estaríamos em companhia de John Dewey, Walter Benjamin, Lygia Clark, Jacques Rancière, Jürgen Habermas, Sarah Thorton, Raimundo Martins, Michael Foucault, Imanol Aguirre, Julio Le Parc, Arthur Efland, citando apenas os meus velhos conhecidos, alguns nem tão conhecidos assim, para falar a verdade, alguns desconhecidos. Outras palavras interessantes surgiram no discurso da professora, será que eu poderia chamá-la de outra forma? Apesar de que professora, de certa forma, é uma palavra carinhosa que remete à infância... Acabei de resgatar lembranças nem tão carinhosas assim... Que palavra dúbia. Continuando com as palavras: Prática / Poética / Estética / Diferença / Ambiguidade / Autoria / Ideia / Imagem e por aí fomos.

Não ouvi as regras disciplinares, coerente com a proposta anarquista não haveria chamada. Algum alívio surgiu em mim, pensando o quanto seria terrível chegar pontualmente às 8h da manhã. Cada um com seu ritmo, alguns minutos a mais e eu poderia ser capaz de desfrutar, trocar, pensar, falar. Como seria se cada um chegasse em um horário, seguindo o ritmo interno? Como chegar atrasada e naturalmente, sem culpa, sem se sentir desrespeitando os outros, entrar na sala, sentar e olhar para professora, de “cara lavada”? Entrar e dar bom dia com naturalidade? Ou fingir que é invisível e sentar achando que ninguém percebeu e então evitar o olhar da professora? Cada um se responsabilizando pelo limite que daria àquela liberdade. Seria possível deixar de lado anos de condicionamento?

As primeiras aulas foram expositivas, teoria, cadeiras azuis, iguais, enfileiradas. Nossa sala está no meio de outras duas e temos acesso visualmente às salas vizinhas, graças ao vidro que preenche 1/3 da parede, um grande aquário. Quatro horas sentada com breve intervalo (se eu chegasse às 8h, é claro), um desafio e tanto. Com o passar das horas, começo a perceber que o assunto é “como estimular a reprodução do Pirarucu?”, depois de alguns minutos: “teorema da função implícita”, “integrais duplas”, “mudanças de variáveis $x=a$, $y=bv$ ”. Mas o que isso tem a ver com arte? Quando percebi, estava acompanhando as aulas das salas ao lado, provavelmente, biologia e engenharia.

Volto à atenção para minha sala novamente, uma palavra me trouxe de volta: narrativa. Lembrei imediatamente de um trecho do texto que li para esta aula: “Daí sua crítica à modernidade que, substituindo a narração pela informação e a informação pela sensação, provocava a atrofia progressiva da experiência e apagava a marca do narrador, que proporciona o que viveu como experiência àqueles que o escutam.”⁹. Nunca imaginei que poderia achar apoio para essa ideia maluca de criar narrativas dentro do meio acadêmico e percebo que não estou só e a descobrir as bases para minha investigação.

9 BENJAMIN, 2000 apud NUNES, Clarice. Walter Benjamin: Os limites da Razão. In: MENDES DE FARIA FILHO, Luciano (Org.). Pensadores sociais e história da educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p.91.

1.2. A marca do narrador

Alguns dias se passaram e acordei tentando me lembrar de um sonho que tive, onde encontrei com Benjamin¹⁰, em uma praça muito antiga, e ele me contava que a arte de narrar é a capacidade de trocar experiências, fonte para a qual os narradores recorrem, e pontuou que a verdadeira narrativa tem em si, mesmo que de forma oculta, uma dimensão utilitária, sendo as melhores narrativas escritas, as que mais se aproximam das histórias orais contadas por narradores anônimos. Ainda sobre a relação de experiência com a narrativa, Benjamin¹¹ reforçou que o narrador conta o que extrai de sua própria experiência ou da relatada por outros e, além disso, integra as coisas narradas à experiência de seus leitores ou ouvintes. A experiência adentra a vida do narrador para, em seguida, ser retirada com sua marca. Disse que o narrador tem como matéria a vida humana, que se baseia na experiência de toda uma vida e de uma vida de todos, ou seja, na coletividade, sendo comum o narrador iniciar suas histórias com uma descrição das conjunturas.

Continuando nossa conversa, em que eu procurava falar o mínimo possível, afirmou que o declínio da narrativa se dá pela difusão da informação que já nos chega com as explicações dos fatos. Uma coisa que a arte da narrativa evita é explicações, permitindo ao leitor ser livre para interpretar os eventos. Quanto mais naturalmente uma história é narrada, sem impor o contexto psicológico ao leitor, mais ela fica gravada na memória. De repente, olhando para um pássaro cantando numa árvore próxima, como quem toma fôlego, continuou dizendo que

10 Walter Benjamin (1892-1940), ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo alemão.

11 BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

1.3. O discurso ampliado

Mais tarde encontrei Irene¹² e lhe contei sobre o sonho, ela achou incrível e iniciamos uma conversa. Ela começou a falar sobre o discurso, prestei bastante atenção para tentar entender do que se tratava, parecia que se referia a um discurso ampliado para além das palavras. Continuou dizendo que o discurso ampliado era linguagem, oralidade, comunicação, práticas, processos, trajetos. Então, relacionou discurso com experiências estéticas, onde se pode vivenciar e combinar a fala, escrita, gesto, imagem, som e que o resultado disso pode ser traduzido na forma de desenho, dança, poesia, música, gravura. Depois dessa breve explicação, relacionou ao discurso, o ver, o fazer e o falar impregnado de subjetividades.

Irene continuou falando sobre o assunto e encontrei em suas considerações algo que sempre disse aos pequenos grupos onde possibilitei o encontro de crianças, adolescentes, adultos e idosos com a arte. Deixa me lembrar exatamente o que ela disse: “Isso porque, nesse campo, não temos certo e errado, não premiamos as regras (ou não deveríamos premiá-las) e, principalmente, buscamos ressonâncias entre sensações, sentidos, ideias, sentimentos, ações.”¹³. Mais na frente, citou três palavras que me chamaram atenção: ver, sentir e pensar, que relatei com o olhar, as emoções e a reflexão, tão presentes na forma que acredito possa ser a educação das artes visuais.

A seguir, mencionou ouvir os silêncios e novamente lembrei das minhas práticas e da sensação de “ouvir” o não-verbal, aquilo que o indivíduo diz sem falar ou aquilo que falamos dando “voz” à imagem.

12 Irene Tourinho, doutora em currículo (EUA) e instrução e pós-doutorado em cultura visual (ES). TOURINHO, Irene. Educação Estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Educação da Cultura Visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009, p. 141-156.

13 Ibid., p.142.

Trata-se do caráter antropomórfico da imagem, apontado por Irene¹⁴. Ainda, lembrei de alguns trechos de sua fala, onde ela, ao referir-se à imagem, inverte a seguinte pergunta: “o que podemos dizer sobre ela?”, que passa a ser proferida de outra forma, dando voz a esta imagem: “o que ela diz de mim?”, ou a tratando como sujeito na afirmação: “... agindo como sujeito que ocupa lugares, sinaliza tempos, provoca sensações e percepções, além de gerar interações entre indivíduos.”. Mais uma vez, algo me chama especial atenção em sua fala, já que ando pensando em narrar certas experiências estéticas, “O discurso dos indivíduos sobre suas experiências com o visual não é algo que, necessariamente, a escola tem privilegiado, aproveitado pedagogicamente.”¹⁵. Quase não me atentei a esta frase que ela acabou de dizer, mas, ao continuar a ouvi-la é como se algo me alertasse de que eu estava deixando passar uma ideia importante, então pedi que ela repetisse o que tinha dito e ali estava a palavra que tanto me atraía: experiência.

É impressionante o encadear de suas ideias e como nos vai levando a pensar em outros aspectos. Quando percebi, me levou a pensar sobre a representação, não somente como resultado da percepção, mas incluindo o que pode ser “apreendido pela imaginação, pela memória e pelo pensamento”¹⁶. Ela disse que a relação estética não pode se limitar a liberar tensões individuais ou sensibilizar os indivíduos, mas deve criar relações entre perceber, produzir e refletir. Por fim, afirma que o discurso visual e sobre o visual “utiliza-se de uma linguagem construída por vivências comuns dentro de um contexto e época”¹⁷, e aproveita para ressaltar o caráter subjetivo do discurso sobre o visual que encontra cada vez mais espaço e ressonância, fazendo com que a razão e a sensibilidade possam andar juntas.

14 Ibid., p.147.

15 Ibid., p.147.

16 Ibid., p.150.

17 Ibid., p.152.

1.4. A caverna e o bosque

Depois deste encontro com Irene, fiquei uns dias em casa, andei procurando algo sobre a narrativa, sob novos pontos de vista. Folhiei alguns livros que, na minha ignorância, penso se relacionarem com linguística. Senti-me perdida, tentando decifrar códigos diferentes, textos com referências desconhecidas, que falavam para quem está familiarizado com certos termos. Parecia que estava dentro de uma caverna, atolada numa areia movediça, quanto mais afundava, mais escuro ficava.

De repente, vi uma “luz no fim do túnel” e um pensamento me conduziu para fora da caverna. Pensei que não tenho a pretensão de me embrenhar a fundo no campo da linguística, seus objetos de estudo e nas estruturas da narrativa. Meu interesse está voltado para a narrativa no ponto onde ela encontra a experiência e na criação do mundo da obra, que “... acompanha o movimento de transcendência pelo qual qualquer obra de ficção verbal ou plástica, narrativa ou lírica, projeta para fora de si mesma um mundo que pode chamar o mundo da obra.”¹⁸. Este mundo da obra reverbera no mundo do leitor, criando uma experiência fictícia. Concluí que o que me interessa sobre narrativa é retirar, do diverso da experiência vivida por mim, uma unidade, para que possa ser contada, e do encontro com a experiência do leitor possa ser, novamente, transformada em diverso, abrindo novos caminhos e novas relações. A intenção ao escrever uma narrativa, a partir do vivenciado, não é estabelecer verdades absolutas, já que toda história pode ser contada de diferentes perspectivas.

Finalmente sai daquela caverna com muitas galerias internas, onde quase me perdi. Já do lado de fora, percebi que bem perto havia um bosque

18 RICOEU, Paul. Tempo e Narrativa: Tomo II. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1995, p.13.

e resolvi passear por lá. Ao longe, comecei a ouvir um eco, o som da voz de uma pessoa e, escolhendo entre as bifurcações do caminho, cheguei a uma pequena clareira. Sentado ao pé de uma das imensas árvores, encontrei meu amigo Umberto¹⁹, meio surpresa com o encontro, pois nunca podia imaginar encontrá-lo por ali, começamos uma longa conversa. Novamente, eu mais ouvia do que falava, ando praticando esta difícil “arte” de ouvir. É incrível como colocam esta palavra “arte” em tudo nos dias de hoje, ando meio impaciente com isto e me pego fazendo o mesmo.

Umberto²⁰ me falou do tempo da narrativa de ficção, que precisa ser rápido para criar um universo, deixando lacunas que devem ser preenchidas com a participação do leitor. Ele me pediu para olhar em volta e disse que não foi por acaso que nos encontramos ali, o próprio bosque era uma metáfora para o texto narrativo. Lembro exatamente de suas palavras: “... um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha...”²¹. Humberto complementou, dizendo que, às vezes, o narrador deixa inclusive o leitor escolher o prosseguimento da história, neste caso a intenção do autor pode ser de nos perdermos em seu bosque.

Continuamos andando numa trilha e, mais à frente, vi uma bifurcação. Eu, que prestava mais atenção em sua fala, nem tinha percebido há quanto tempo aquela clareira tinha sido deixada para trás. Umberto me falou que estava interessado no leitor, nos mecanismos da leitura e da interpretação. Após uma pequena pausa, ele retomou me falando sobre o leitor-empírico e o leitor-modelo, havia uma diferença ali que ele gostaria que eu entendesse.

19 Umberto Eco (1932-2016), escritor, filósofo, semiólogo, linguista e bibliófilo Italiano.

20 ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

21 Ibid., p.12.

Os leitores-empíricos, segundo suas palavras, são aqueles que “... em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto.”²² e o leitor-modelo é um colaborador do texto, é o leitor ideal, aquele que não sobrepõe suas próprias expectativas no texto, mas corresponde às expectativas que o autor espera do leitor. O leitor-modelo é capaz de decifrar as intenções do texto.

Humberto me alertou de que o autor tem uma intenção, que escreve de uma determinada forma e que existem limites interpretativos os quais ele, o autor, deseja ressaltar. Se não fosse desta maneira, o texto serviria apenas para estimular a imaginação de acordo com a vontade do leitor, indo para além do universo do discurso. Portanto, o leitor-modelo percebe o que a obra deseja lhe transmitir, preenchendo os espaços deixados de forma proposital, e atualiza a obra para o seu tempo, baseando-se em suas próprias experiências de mundo. Compreendi o que ele disse, mas pensei que, às vezes, gostava de ser uma leitora-empírica e divagar ao ler um texto, fazendo conexões que estimulavam criações poéticas.

A tarde estava chegando ao fim, lembrei que havia combinado de encontrar Arthur²³, num café, a esta altura nem sabia mais por onde sair daquele bosque, gentilmente expliquei a Umberto sobre este compromisso e pedi que me indicasse o caminho que me conduziria de volta, ele sorriu e disse que não havia caminho de volta, mas que eu poderia seguir uma pequena estrada ao fim daquela trilha e logo chegaria ao café. Chegou a hora de me despedir, no fundo sabia que não o encontraria novamente nesta jornada, apesar de perceber o quanto ele poderia me esclarecer sobre outros aspectos da narrativa.

22 Ibid., p.14.

23 Arthur Efland, artista, doutor em artes e professor emérito do departamento de arte educação da Universidade de Ohio – USA.

1.5. O tempo e seres submersos, um encontro por vir

Tomei a direção indicada seguindo a trilha e no meio deste caminho havia um lago muito grande. Olhei para um lado e para outro, intransponível. Absorvida um instante por aquela água transparente, me aproximei, provei e percebi que era salgada. Ali, meio atônita, sem saber o que fazer, naquele estranhamento, aguardei como quem esperasse algo.

Por fim, encontrei um moço que veio em minha direção (depois vim saber que seu nome era Maurice²⁴) e, ao se aproximar em silêncio, colocou-se ao meu lado como que por encanto. Permaneci em silêncio. Ao longe, comecei a ouvir um canto vindo de dentro da água. Maurice, percebendo que eu também escutava aquele som, sem saber ao certo sua origem, falou-me que era necessário mergulhar na água para descobrir de quem era o canto abaixo da superfície lisa.

Eu, ainda em dúvida se estava pronta para submergir, e sabendo que precisava de um percurso para me preparar, cultivei a esperança de que, talvez, aquele lago reaparecesse em outro momento e eu pudesse, então, submergir e encontrar-me com aqueles seres embaixo da água. Naquele momento, precisava continuar meu caminho. Ele, percebendo minha hesitação, mostrou-me um pequeno barco, dizendo que poderia me ajudar a atravessar aquele lago, contanto que eu lembrasse de que um dia teria que mergulhar.

Neste momento, entramos no barco e ele me conduziu como um guia até outra margem, eu como uma navegante fui. Durante a travessia, ele me explicou sobre o tempo na narrativa, sobre a variação deste tempo, o qual muda a cada instante. Referiu-se a Proust²⁵ como um mestre que nos conduz

24 Maurice Blanchot (1907-2003), escritor, ensaísta francês, filósofo e teórico da literatura.

25 PROUST apud BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 385 p.

por tempos diversos em direção ao acontecimento narrado, revelando o movimento da sua existência. “O tempo: palavra única em que são depositadas as mais diversas experiências...”²⁶. Falou também do tempo real, destruidor, que evoca lembranças, e ainda, do tempo em estado puro, fora do tempo, onde passado e presente se encontram, se sobrepõem, criando um espaço imaginário, um espaço das imagens, o próprio tempo da narrativa.

Continuou remando e me contando que a essência da literatura seria a transformação do tempo em espaço imaginário, ausência de acontecimentos que é puro devir, pois, desta forma, tudo se torna imagem. Durante a travessia, fiquei ouvindo e olhando para a água, que ora me refletia, ora parecia que outros seres queriam vir a superfície ou me levar para o fundo.

Refleti, neste momento, em meio a um transe absorto, que, ao narrar um acontecimento, fundimos passado, presente e futuro. Que poder mágico e fascinante. De que tempos eu poderia, então, dispor? Poético, onírico, não-linear, linear e no percurso destes tempos variados a narrativa encarna, como um ser vivente. Para contar, é preciso o viver atento para poder imaginar, exteriorizando, de forma singular, aquilo que é vivenciado e tornando único o fato aparentemente comum, cotidiano.

Percebi, então, que a travessia chegou ao fim. Atracamos na margem, Maurice desceu do barco, num pulo, caindo na água rasa. Puxou o barco e, ao vir em minha direção, estendendo gentilmente a mão para me ajudar, tropeçou e parou, por um segundo apenas, como quem experimentasse algo inusitado, e me olhou sorrindo. Desci do barco e vi uma trilha, olhei para aquele rosto familiar e me despedi com a certeza de que o encontrarei novamente.

²⁶ Ibid., p. 15.

1.6. Imaginação na cognição

Segui pela trilha e encontrei uma pequena rua, que me levou ao café, do outro lado da cidade. Quando entrei, Arthur²⁷ me esperava sentado a uma mesa perto da janela. Sentei-me e, enquanto pedia um cappuccino italiano, ele me contou que andava pesquisando fundamentos sólidos para argumentar sobre a unidade corpo / mente. Ele me disse que considerar estas duas instâncias como separadas sempre lhe pareceu um absurdo e que esta cisão excluía a imaginação da cognição. Continuou me dizendo que conheceu Lakoff e Johnson²⁸, os quais afirmam que a razão abstrata tem como base o corpo e seu funcionamento. Prosseguiu falando que “A projeção metafórica é o meio pelo qual o pensamento abstrato aparece. Isso é importante porque explica como o pensamento abstrato, na cognição humana, pode emergir de experiências corpóreas e sensoriais.”²⁹. Isto é revolucionário, afirmei, já que o pensamento abstrato e racional é tido como mais sofisticado em detrimento das percepções corporais, afirmar que este pensamento abstrato se forma a partir das imagens esquemáticas que surgem da experiência corpórea pode unificar nossa atual percepção do indivíduo seccionado, que como esta palavra sugere, deveria ser indivisível.

Eu já estava empolgada com o rumo da conversa e Arthur continuou me contando que Johnson³⁰ inclui a estrutura narrativa na teoria da imaginação como um de seus componentes, juntamente com: categorização, imagem-esquemáticas e metáforas. Prosseguindo, Arthur

27 EFLAND, Arthur. Imaginação na Cognição: o propósito da Arte. In: Barbosa (org.). Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2006.

28 LAKOFF; JOHNSON apud EFLAND, 2006.

29 EFLAND, 2006, p.336.

30 JOHNSON apud EFLAND, 2006.

falou sobre a narrativa como um componente da cognição imaginativa, afirmou que nós experienciamos, compreendemos e colocamos em ordem nossas vidas em estruturas narrativas como histórias que vivemos e indicam que nós nascemos inseridos em narrativas complexas e coletivas. Arthur disse que a capacidade narrativa busca recursos na experiência humana e ressaltou que as narrativas partem de um problema ou situação, como também podem se originar a partir de um ponto-alvo. Ele afirmou que as narrativas lidam com o entendimento que, ao contrário de explicar algo, não é restritivo.

Arthur citou outro conhecido seu, Bruner³¹, que percebe grandes implicações da narrativa na educação pela possibilidade de construção de significados que ela oferece. Por fim, percebendo as decorrências de uma explicação cognitiva da imaginação no ensino das artes, exclama: “Aprofundar o campo da imaginação e o papel que pode ter na criação de significados pessoais e na transmissão da cultura torna-se o ponto e o propósito para se ter artes na educação.”³². Arthur afirmou sobre a importância de estudar as construções da imaginação, já que “É somente nas artes que a imaginação é encontrada e explorada em completa consciência...”³³. Afirmou, também, a importância dos trabalhos de arte e suas metáforas como possibilidades de criação do mundo e seus significados, ressaltando que este seria um propósito educativo para a arte. De repente, Arthur olhou para o relógio e, como que surpreso com o decorrer das horas, disse estar atrasado para a aula que iria proferir, se levanta apressado e, mal se despedindo, já saiu pela porta do café vestindo seu casaco e falando ao celular.

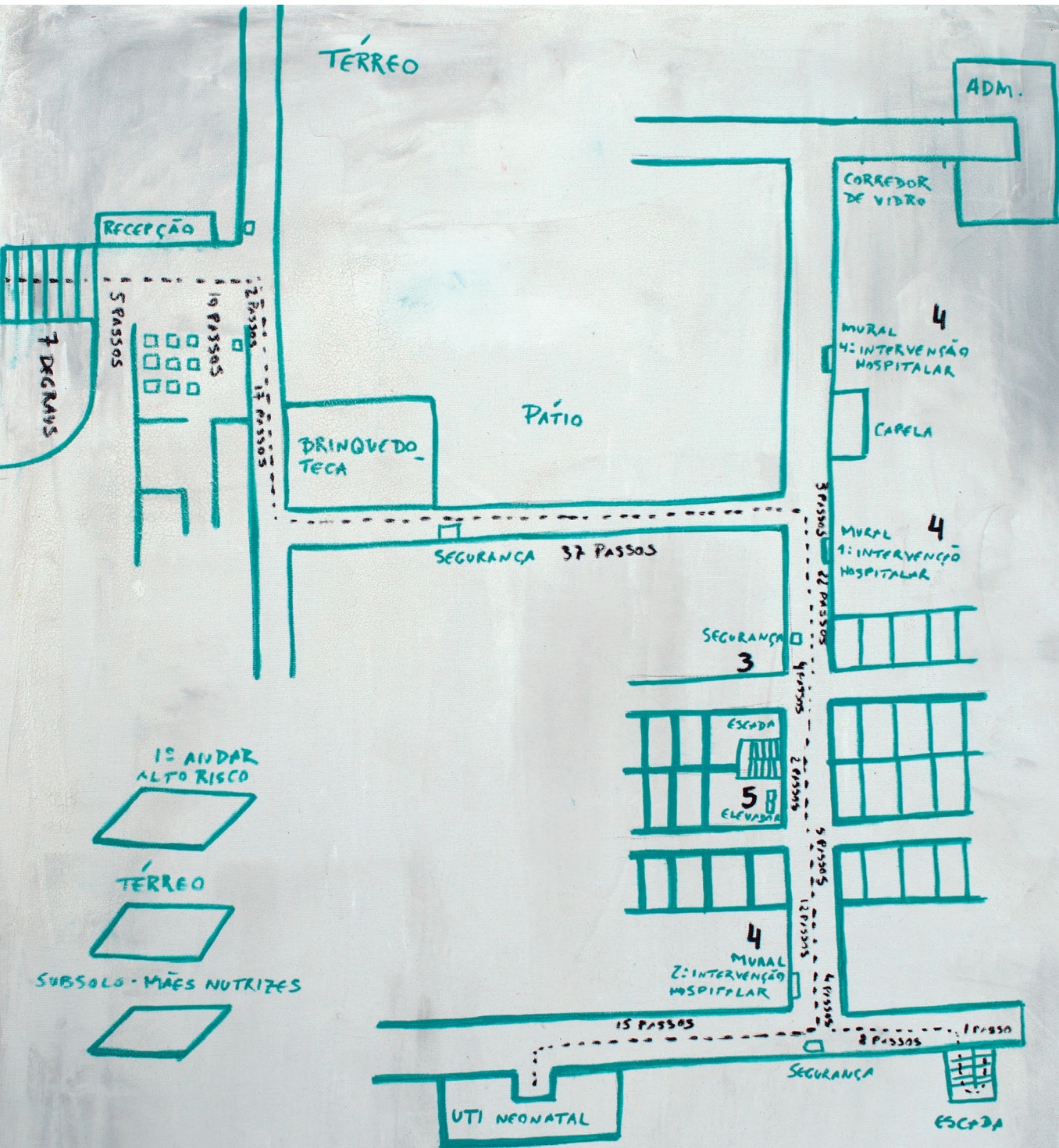
31 BRUNER apud EFLAND, 2006.

32 BRUNER apud EFLAND, 2006, p.341.

33 BRUNER apud EFLAND, 2006, p.342.

Eu fiquei ali, “no vácuo”, literalmente, me sentindo em órbita com aquela quantidade enorme de informações se conectando e fazendo novas ligações, estava com a sensação de que meus neurônios explodiam. Fiquei tentando imaginar como colocaria todos esses encontros no papel e, ali mesmo, na Lan House do café, comecei a digitar rapidamente. As lembranças começavam a esvanecer e sabia que alguns desses teóricos seriam deixados de lado ao passar do tempo e somente poucos retornariam mais à frente. Finalmente, terminei o esboço do início de algo que provavelmente ainda não tinha captado direito e, com meus escritos em mãos, fui para casa caminhando. Foi assim que as ideias sobre meu projeto de investigação começaram a encarnar, tomar corpo, culminando com minha matrícula no mestrado e com o início de outra etapa. Nesta nova etapa, teoria, criação e novas práticas em ambiente hospitalar poderiam ganhar um olhar mais aprofundado.

2. TOPOLOGIAS: TEMPO NÃO-LINEAR



■ PLANTA MEMÓRIA





7.





9.

2.1. Não lugar e a criação de um lugar

Saí da reunião no Hospital Materno e Infantil de Brasília – HMIB, local escolhido para a realização desta investigação, com a sensação de que uma tempestade estava na iminência de cair, com seus raios e trovões. Uma tensão muito forte, falta de tempo de quem tem muitos problemas sérios a resolver e a sensação de ter levado a proposta certa, no momento errado. Fiquei pensando que, talvez, exatamente naquele momento, aquela pessoa que abriria as portas para o projeto teria recebido muitos encargos.

Após a reunião, fomos conhecer o hospital, um labirinto para quem está ali pela primeira vez, a falta de familiaridade, a expectativa movida pela memória destes ambientes onde dor e alívio caminham juntos. Sensação de desconforto, recepção cheia, o branco da parede não tão branco assim, com infiltrações em algumas áreas criando manchas escuras, o banheiro não tão limpo, graças ao uso frequente daquele dia, o piso do chão e o revestimento das paredes revelam que o prédio foi construído há décadas. Mesmo as imagens de motivos infantis, pintados sobre fórmica amarela, não contribuíam para o meu bem-estar e uma proposta de revitalização daquele ambiente poderia ser bem-vinda. Porém, com a crise na área da saúde, será viável pensar nas paredes? Se falta esparadrapo pode-se pensar em arte? Pensei que o projeto de ensino em artes visuais³⁴, que neste momento intencionava propor, não acarretaria nenhum ônus ao hospital, então, por que não?

34 O termo ensino em artes visuais está respaldado pela LDB (lei 9.394/96). Essa denominação está relacionada a democratização do acesso a arte e a cultura, enfatizando as especificidades da arte e de seus efeitos no sujeito. Esse termo será usado na dissertação por ser o mais adequado às questões abordadas.

Na despedida, recebi o mapa que tornaria possível criar um espaço relacional de prática artística e reflexão. Por meio do Núcleo de Educação Permanente em Saúde – NEPS/HMIB, seguindo o protocolo de autorizações, seria possível conseguir permissão para concretizar a investigação. O que seria, então, este lugar a ser criado? Seria o educador em artes visuais o criador de um lugar como quem cria uma obra de arte?

Com estas questões em mente, lembrei de Marc Augé³⁵, que refere-se ao lugar antropológico como uma construção simbólica, um lugar que extrapola o espaço físico. Num hospital, o projeto arquitetônico, as regras de estada e circulação, os seguranças atentos a estas regras, fazendo cumprir os horários de visita e, “garantindo” a ordem, as áreas abertas, a capela, a assepsia, a hierarquia dos recursos humanos, este conjunto de possibilidades são, segundo o autor, ao mesmo tempo espaciais e sociais. Já a individualidade com que cada um vive essas possibilidades, ou seja, este espaço onde o corpo é colocado, é mais difícil de definir. Este lugar antropológico tem ao menos três características: ser identitário, relacional e histórico.

Ao circular em um ambiente hospitalar, uma identidade nos é conferida: paciente, acompanhante, visitante, pesquisador, servidor ou funcionário, com suas características peculiares. É a permanência nestes lugares que o torna identitário e não apenas por meio do recebimento de uma identificação provisória. Esse mesmo autor menciona que “Nascer é nascer em um lugar...”³⁶, um lugar que lhe confere identidade, um hospital ou casa onde se nasce, que pertence a um bairro, a uma cidade, a um país. Portanto, esse nascer e essa identidade construída dizem respeito à vivência do lugar e não apenas ao instante do nascimento.

35 AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1994. 105 p.

36 Ibid, p.52.

Em relação à característica de ser relacional, Augé cita Michel de Certeau³⁷, o qual percebe a coexistência de elementos no espaço, portanto, dois ou mais corpos ocupam um mesmo espaço. Na ocupação deste lugar em comum, pode-se pensar nas relações e nesta identidade partilhada. Mais do que na vivência, é na convivência, no compartilhar, que as relações se estabelecem.

Finalmente, o lugar é histórico quando combina a identidade e a relação, não se tratando da história como ciência, “O habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história.”³⁸. Num hospital materno infantil, quantos nascem e quantos morrem vivendo a história. História revivida pelos que permanecem, como: os funcionários, o corpo médico, ou pelos que voltam, como as mães que retornam para dar à luz ao segundo e terceiro filho. Porém, a história está ligada ao tempo, ao percurso e, para ser um lugar nessa concepção, é necessário a combinação destas três qualidades: ser identitário, ser relacional e ser histórico, ou seja, ter um percurso.

Esse autor relaciona a deusa Héstiá da mitologia grega com o centro da casa e a relação consigo mesmo, simbolizados pelo ponto. Hermes, o deus do umbral, da porta, da encruzilhada, aponta a relação com o outro, que seriam os cruzamentos e interseções das linhas e, por fim, acrescenta o tempo (história, itinerário), ou seja, a linha, onde “Os itinerários são calculados em horas ou em jornadas de marcha.”³⁹. O autor tece a relação do lugar antropológico com os elementos da geometria apontados acima: o ponto, a interseção das linhas e a linha .

37 CERTEAU apud, AUGÉ, 1994, p.53.

38 Ibid., p.54.

39 Ibid., p.57.

Após minha primeira visita ao hospital, retornei inúmeras vezes até a realização do projeto e, refletindo sobre as linhas como itinerários, eixos e caminhos que percorremos de um lugar a outro, rememorei as idas e vindas, os meus percursos para desvendar os mistérios do comitê de ética - pré-requisito necessário para se iniciar uma pesquisa em ambiente hospitalar - os percursos dentro do hospital colhendo assinaturas, as interseções e os pontos até concretizar a criação de um lugar de prática artística dentro do hospital. As horas marcadas para cada encontro, o ponto de partida, os diversos pontos de interseção, cada vez mais fortes a cada repetição, a linha cada vez mais viva que a cada novo percurso fortalece a criação deste lugar. Percursos em não-lugares para estabelecer um lugar.

Augé⁴⁰ afirma a existência do não-lugar representado pelo espaço público, um espaço não personalizado, onde seus habitantes sustentam uma relação contratual que lhes autoriza o trânsito impessoal. Para o autor, um não-lugar se define como não identitário e não relacional e afirma que a supermodernidade produz esses espaços, "Um mundo onde se nasce em uma clínica e se morre num hospital..."⁴¹, espaços que são ocupações provisórias, ao transitar e ao impermanente. Mas, este não-lugar é também um lugar, já que lugares se recompõem nele e relações se reconstituem nele.

O lugar criado no hospital para a prática artística, reflexão e afetos foi construído na repetição dos itinerários, primeiramente na exploração do hospital em busca de um espaço que pudesse ser transformado em lugar. A sala dos médicos, na ala de Alto Risco, e a mesa de refeições,

40 Ibid.

41 Ibid., p.73.



no corredor, embaixo da escada e perto do dormitório das mães nutrizas (Img.10), que acompanham seus filhos na UTI Neonatal, foram transformadas em sala de artes, numa ocupação nômade.

Augé⁴² conceitua lugares e espaços de forma diferente da definição construída por Certeau⁴³, o qual afirma que o espaço insere seus percursos, discursos e linguagens que lhes são característicos e delimita o lugar como desqualificado e ausente de caracterização. Para Certeau⁴⁴, os lugares são um conjunto de elementos transformados pelos passantes em espaço, que é um lugar praticado, se referindo a não-lugar de forma negativa como ausência de lugar. O autor afirma que “Os relatos efetuam, portanto, um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços e espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros.”⁴⁵, portanto, o espaço de Certeau e o lugar de Augé são existenciais.

42 Idem.

43 CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: artes de fazer, vol.1. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1994, p. 352.

44 Idem.

45 Ibid., p. 203.

Em contrapartida, Augé⁴⁶ aponta que o espaço é mais abstrato e que a experiência do não-lugar pode ser percebida como um afastamento de si mesmo, mas com a presença do espectador e do espetáculo. Além disso, associa duas realidades ao não-lugar que se complementam: espaços que são criados para determinado fim e a relação desses espaços com os indivíduos. E alerta para o caráter solitário do não-lugar, onde se mantém uma identidade individual por meio de um contrato. O paciente e o acompanhante em um hospital têm livre acesso a esse não-lugar graças a essa identidade provisória e é essa mesma identidade que lhes coloca no anonimato.

No hospital, iniciei em um não-lugar; a cada ida, era necessário me identificar na recepção, porém, com a permanência, o não-lugar vai cedendo ao lugar e lentamente, as vezes insistentemente, as relações vão sendo construídas e este não-lugar vai se transformando. Quando recebi meu crachá de pesquisadora, que me dava o poder de circulação, sem a necessidade de me identificar, me senti importante e enigmática. Ficava imaginando o que os seguranças e demais funcionários por quem eu passava poderiam estar pensando, será que havia uma certa curiosidade ao meu respeito? Ou a indiferença de quem está ali rotineiramente, “O passageiro só conquista, então, seu anonimato após ter fornecido a prova de sua identidade, de certo modo, assinando um contrato.”⁴⁷. E ao dar bom dia ou boa tarde, os olhava ainda na dúvida se seria interceptada ou se realmente aquele crachá tinha o poder de me deixar no anonimato.

Ao realizar meu itinerário e dar bom dia a uma segurança, perto do elevador, (já havia se passado o tempo em que eu possivelmente era uma

46 AUGÉ, 1994.

47 Ibid., p.94.

novidade, afinal quem será esta mulher com crachá que periodicamente passa com uma caixa com rodinhas pelo corredor?), comecei a ser ignorada, dava bom dia e nada em retorno. Um dia, um pouco cansada e após o meu bom dia ter sido ignorado na chegada, quando estava indo embora, passei direto a tornando invisível na minha suposta indiferença, quase uma vingança (só na minha cabeça, como se o meu bom dia fosse assim tão importante). Assim que passei, um mal estar tomou conta de mim, em poucos dias já estou me anestesiando e pensei: Às vezes dar bom dia, um simples cumprimento da boa educação, passa a ser um ato de resistência.

Voltei a dar bom dia nas minhas idas e vindas, quem sabe esta insistência poderia provocar alguma alteração na rota diária, uma identidade, a construção de um lugar, “A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares.”⁴⁸, o que de fato foi acontecendo no decorrer do percurso e, um dia, após uma breve conversa com esta mesma segurança, sobre calores e menopausa, me dei conta de que vale a pena resistir, ou melhor, insistir. Neste relato de um fragmento do meu percurso, pode-se observar um traçado, um itinerário, um tempo transcorrido e organizado pela narrativa.

48 Ibid., p. 98.

2.2 O mapa e o percurso: espaços criados

Lembrei-me de uma frase que proferi certo tempo, pensando em fabricar um espaço: “Se não tem, a gente inventa!”, esta frase ficou marcada, porque se referia a uma determinação, a uma ausência de limite, a possibilidade da materialização de uma ideia. Já havia lidado no passado com a necessidade de adaptar, inventar, criar lugares para a prática artística. Lembrei destas experiências, como para ganhar força e tornar o esforço mais leve.

Já havia criado espaços, anteriormente, como estagiária, em 2009 (juntamente com uma colega, inventamos uma sala de artes na enfermaria da quimioterapia), na clínica Kapler, do Hospital Daher, em Brasília. Posteriormente, vinculado ao projeto Roda de Mulheres, da ONG Arcana, da qual fiz parte de 2009 a 2012, novamente trabalhando em dupla, criei lugares de arte em diversas regiões administrativas do DF (Samambaia, Itapuã, Guará, Arapoanga, Vila Planalto, Cruzeiro), além de Águas Lindas, em Goiás. E por fim, de 2012 a meados de 2013, desta vez como voluntária, criei lugares para prática artística com crianças e adolescentes no Hospital da Criança José de Alencar, em Brasília.

Nessas várias experiências, os espaços foram adaptados e enfermarias, salões, corredores, salas de reuniões, garagens, foram transformados em sala de artes. Para Certeau⁴⁹, os xoanas gregos, que eram estatuetas inventadas por Dédalos “[...] astuciosas como ele, elas não punham limites, a não ser se (e as) deslocando. Esses indicadores apontavam em caracteres retos as curvaturas e os movimentos do

49 CERTEAU, 1994.

espaço.”⁵⁰. Portanto, com seus limites transportáveis, delimitavam um espaço pelo movimento performativo, ou seja, da ação que se estabelece e não por espaços fixados por mourões ou cercas.

Esse autor ressalta os percursos de espaço, atribuindo ao relato a função de organizador de lugares, selecionando e organizando.

[...] as estruturas narrativas têm valor de sintaxes espaciais. Com toda a panóplia de códigos, de comportamentos ordenados e controles, elas regulam as mudanças de espaço (ou circulações) efetuadas pelos relatos sob a forma de lugares postos em séries lineares ou entrelaçadas [...]⁵¹

Focaliza, dessa forma, as ações narrativas como práticas que organizam o espaço. E aponta duas formas de descrever lugares: o percurso e o mapa. O percurso dá ideia de movimento e o mapa de localização, sendo este mais estático. O percurso se refere a caminhos que contêm vetores relacionados ao ir e o mapa estaria mais relacionado ao ver.

E acrescenta que as descrições espaciais oscilam entre o ver e o ir, os relatos podem vir predominantemente na forma de itinerário e pontuados por descrições do tipo mapa. Andando, pela primeira vez, pelos corredores do hospital, e percorrendo seus andares e alas, saí do elevador, seguindo reto. Perto do fim do corredor, olhei a esquerda e vi uma mesa que poderia ser usada para as aulas de artes, o relato pode ser uma combinação de ir e ver, de percurso e mapa.

Segundo Certeau⁵², essa forma de relato do cotidiano remete aos mapas de 500 anos atrás, que apontavam um percurso a fazer, e cita

50 Ibid., p.216.

51 Ibid., p.199.

52 Idem.

também o mapa Asteca, que na realidade está mais próximo de um diário de marcha, um traçado com as distâncias em passos entremeado de acontecimentos, não apenas um mapa geográfico, mas um mapa de ações. Posteriormente ao século XVIII, os itinerários foram sendo apagados dos mapas, “O mapa fica só. As descrições de percursos desapareceram.”⁵³. Os relatos cotidianos mais se assemelham a esses mapas antigos, não somente um sistema de lugares geográficos, mas uma enunciação, uma forma de fabricar um espaço, narrando percursos.

Estas rememorações de experiências anteriores deram a coragem necessária para iniciar um novo percurso, agora no Hmib, “O relato é “diégese” como diz o grego, para designar a narração: instaura uma caminhada (“guia”) e passa através (“transgride”).”⁵⁴. Nesta nova experiência no HMIB, o relato de cada encontro, o diário de bordo com a descrição do que havia se passado e os registros fotográficos, tornavam este espaço, ao qual Certeau se refere, mais concreto, e o fazer e o dizer se confundiam. O fazer tornava possível um dizer e o dizer guiava esse fazer para que pudesse ser transgredido. Para que este fazer se torne possível é necessário olhar de perto, e não um olhar distante e totalizador.

53 Ibid., p.207.

54 Ibid., p.215.

2.3. De *voyeur* a caminhante

Ao frequentar o ambiente hospitalar, perde-se aquele primeiro olhar de estranheza, um olhar distante, mais analítico que afetuoso, e se tem acesso aos fragmentos de trajetórias, onde são reveladas partes de histórias. Narrativas pessoais recheadas com os elementos do meu entendimento, que ficciona e complementa fazendo conexões.

Ao falar de voyeurs e caminhantes, Certeau⁵⁵ diferencia o voyeur que vê ao longe, a totalidade, o intocado, o conjunto, longe das massas que circulam no espaço. “Ser apenas este ponto que vê, eis a ficção do saber.”⁵⁶. O autor relaciona a cidade-panorama ao simulacro “teórico” que ignora as práticas. É, portanto, deixando este olhar panorâmico que se pode encontrar os caminhantes. Cada caminhante não percebe a totalidade dos traçados que percorre e que “...entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor, nem espectador, formada por fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços...”⁵⁷. Essas maneiras do fazer, são práticas do espaço que remetem a uma outra espacialidade.

No hospital, encontros aparentemente improváveis são possíveis e vidas completamente diferentes partilham o mesmo espaço, em nosso caso, um espaço ou lugar de experimentação artística. Para que realmente se crie este lugar, é necessário uma série de agenciamentos e percursos. Não basta fixar uma placa que institui que ali será uma sala de artes e seu horário de funcionamento. É necessário fomentar, causar interesse, estar disponível e disposto.

55 Idem.

56 Ibid., p. 170.

57 Ibid., p. 171.

Remetendo a procedimentos que nos conduzem a uma “... teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido...”⁵⁸, Certeau afirma que os passos são números, mas que não podemos contar, porque são qualitativos, apropriações cinésicas que “... moldam espaços. Tecem lugares.”⁵⁹. Mapear esses passos, essa trajetória, em um traçado gráfico tornaria visível, na verdade, aquilo que já passou; o “Visível, tem como efeito tornar invisível a operação que a torna possível. Essas fixações constituem procedimentos de esquecimento. O traço vem substituir a prática”⁶⁰, o mapa seria, então, um registro do que passou.

Lembrando dos mapas antigos, onde não apenas se inscreviam as linhas geográficas, mas além delas, se registravam ações, histórias, intenções e desta forma reconstituíam os procedimentos de uma prática, percebo que o mapa que começo a traçar, passa a fazer sentido a partir dos acontecimentos. Portanto, os passos estariam mais próximos de uma enunciação, da apropriação do espaço físico, da realização espacial e da relação entre posições.

De acordo com Certeau⁶¹, esta enunciação, realizada por meio dos passos, contaria com três características: o presente, o descontínuo e o fático. Ao definir um local, transformando-o em sala de artes, ocorre uma apropriação, que multiplica as possibilidades de uso deste local e, ultrapassando limites pré-determinados, ocorre então, uma atualização deste espaço. Essa atualização está ligada a vivência do momento presente. Dessa forma, cria-se algo descontínuo com o deslocamento de função, podendo, inclusive, causar desconforto. O usuário atualiza

58 Ibid., p.175.

59 Ibid., p.176.

60 Ibid., p. 176.

61 Idem.

certos enunciados espaciais, “... descola e inventa outros, pois as idas e vindas, as variações ou improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais.”⁶². O aspecto fático é aquele que busca assegurar o contato, um certo esforço para estabelecer a comunicação.

Comunicação que, inicialmente, quando se chega a um lugar ou mesmo para ocupá-lo provisoriamente, encontram-se barreiras que precisam ser transpostas, sendo necessário alguns cúmplices. Muitas vezes, ao chegar (ainda perdida, até mesmo espacialmente) para avisar da minha ocupação temporária, parava em frente ao balcão e ninguém levantava o olhar de seus afazeres para iniciar um diálogo, responder a uma pergunta ou apontar uma direção. O simples fato de olhar para quem chega ao balcão era estabelecer um contato que não se queria. Tinha a impressão de que cada pessoa, ali sentada, rezava em seu íntimo para que o colega ao lado fosse mais curioso ou atento e levantasse o olhar para me dar atenção, livrando-se, assim, de mais uma demanda. Mais uma vez, eu me perguntava se tratava-se de excesso de trabalho misturado com condições difíceis de executá-lo ou de uma espécie de anestesia geral.

É claro que, no fim, vencendo esse primeiro “gelo”, aparecem sempre aqueles que surpreendem e que mostram um caminho, um desvio, um atalho. E, no percurso, aquele rosto, aparentemente mais fechado, se mostra o mais cúmplice. “Indefinida diversidade dessas operações enunciativas. Não seria, portanto, possível reduzi-las ao seu traçado gráfico.”⁶³. A menos que este traçado gráfico revele as linhas

62 Ibid., p.178.

63 Ibid., p.179.

sinuosas, entrecortadas, curvas, interrompidas, retraçadas, mais fortes ou sutis, recheadas com imagens e histórias.

Com relação ao espaço urbano, Certeau⁶⁴ faz uma relação com duas figuras de linguagem: a sinédoque e o assíndeto. A sinédoque toma a parte pelo todo e, dessa forma, destaca uma singularidade do conjunto. O assíndeto suprime os elementos de ligação de uma frase, tornando-a entrecortada, “Do mesmo modo, na caminhada, seleciona e fragmenta o espaço percorrido; ela salta suas ligações e partes inteiras que omite. Desse ponto de vista, toda caminhada continua saltando, saltitando, como a criança, “num pé só”.⁶⁵ e, assim, abre espaço para ausências. Nesse capítulo, os fatos aparecem onde devem estar, de forma não-linear e entrecortada, tanto no que se refere ao espaço, quanto ao tempo. A narrativa de um lugar modificado pela prática, ressaltando as singularidades e saltando a outro ponto para, assim, reiniciar na forma de um relato poético.

64 Idem.

65 Ibid., p.181.

10 pman

2.4. Ocupação nômade

Narrativa de uma ocupação nômade, seria esse um dos frutos dessa pesquisa? Gilles Deleuze e Félix Guattari⁶⁶ trazem o conceito de nômade e sedentário e o relacionam com o espaço liso e estriado. Os autores destacam alguns modelos que são aspectos desses dois espaços e da relação entre eles. Ora uma relação de oposição simples, outra de diferenças complexas, onde os dois espaços se misturam, se transformam, passando do liso ao estriado ou vice-versa.

Não é intenção dessa narrativa falar detalhadamente de cada um desses modelos, mas trazer o conceito de nômade para o lugar, provisório e mutável, no qual a pesquisa se deu. Deleuze e Guattari⁶⁷ iniciam, tecendo uma relação entre as características de um tecido, com sua trama, direção das linhas, lado certo ou avesso, ao tratar do espaço estriado (sedentário), e o feltro, uma inovação nômade (uma mistura de lã e pelos de animais compactada), com seu emaranhado de fibras, que cresce para todos os lados, que apesar de heterogêneo tem uma aparência lisa, não tem lado certo ou contrário. "... o nômade, ao tecer, ajusta a vestimenta e a própria casa ao espaço exterior, ao espaço liso aberto onde o corpo se move."⁶⁸. Portanto, este lugar praticado e criado para as artes também se ajusta, a sala de artes é montada e desmontada a cada encontro como uma casa nômade. Ao aproximar meu olhar, o grupo com sua aparência lisa mostrou-se heterogêneo e suas fibras compactam as histórias de cada participante.

66 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol.5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 234. (Coleção TRANS).

67 Idem.

68 Ibid., p.181.

No decorrer dessa investigação, muitas mudanças de direção se deram, tanto de setor, dentro do hospital, quanto de público-alvo. Além dessas mudanças, ocorreram, também, mudanças em relação a qual conteúdo explorar nos encontros. Na verdade, em alguns momentos perdia o “rumo” e me perguntava: Qual direção deveria tomar? Qual proposta apresentar, a ponto de ser relevante para aquelas mulheres e que, de alguma maneira, pudesse fazer sentido para elas e para mim? Traça-se um plano inicial, define-se um público-alvo e, no decorrer dos acontecimentos, é necessário ou proveitoso tomar uma direção diferente. Deleuze e Guattari⁶⁹, assim como Certeau⁷⁰, se referem a existência de pontos e linhas no espaço e acrescentam a superfície, a topologia. No espaço estriado (sedentário), a linha está na dependência dos pontos, vai-se de um ponto a outro, “É um espaço construído graças às operações locais com mudanças de direções.”⁷¹. No espaço liso (nômade), os pontos aparecem no decorrer do trajeto e a linha é um vetor que aponta uma direção e não uma dimensão.

Inicialmente, ficou definido que iria trabalhar com pacientes e acompanhantes no Setor de Alto Risco e na Pediatria do HMIB. O primeiro grupo foi formado pelas mães, pacientes do Alto Risco, e no decorrer dos encontros percebi que não havia acompanhantes, somente uma paciente que veio de Roraima estava ali permanentemente com sua mãe. As outras pacientes recebiam visitas esporádicas no horário de visitas pré-estabelecido pelo hospital. Essa única acompanhante estava totalmente integrada, estava ali há alguns meses e já havia acompanhado inúmeros partos, inclusive recebendo a honra de cortar o cordão umbilical, visitava

69 Idem.

70 CERTEAU, 1994.

71 DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.185.

seus “netos” e dava-lhes banho. Tive a percepção de que haveria outras mulheres que poderiam se beneficiar mais do trabalho que pretendia realizar. A falta de um número maior de acompanhantes neste setor inviabilizou a formação do segundo grupo no local, necessitando de uma mudança de direção.

Outra mudança de direção ocorreu em relação a desenvolver o trabalho na Pediatria. Durante os encontros no Alto Risco, me dei conta da complexidade das questões que envolviam a gestação. Descobri a existência do Setor de Neonatal, uma área que conta com uma UTI, e descobri, também, a existência de várias mães que acompanham seus bebês, algumas delas inclusive ocupam o dormitório das mães nutrizes, ficando permanentemente no hospital até seus filhos receberem alta. Com essa descoberta, me pareceu mais coerente realizar a proposta da pesquisa com as mães-acompanhantes, do que iniciar o trabalho na Pediatria do hospital, envolvendo outras questões, diferentes do momento da gestação, parto e pós-parto. Portanto, estas linhas-vetores tiveram seus pontos modificados, atendendo às necessidades que surgiam durante a caminhada.

Este espaço imprevisível é o espaço liso direcional, onde ocorrem acontecimentos. É um espaço de afectos, de uma percepção mais tátil que óptica. “Spatium intenso em vez de Extensio.”⁷². A percepção, nestes espaços, não é feita de medidas e propriedades, mas de sintomas e avaliações. É o estar atento ao que se passa e pronto para reavaliar e tomar novas direções.

72 Ibid., p.185.

2.5. A tenda e a vestimenta

Ao pensar no nômade que cria sua tenda e sua vestimenta, como possibilidade de habitar o espaço liso, entendendo que “... o que ocupa o espaço liso são as intensidades, os ventos, e ruídos, as forças e as qualidades tácteis e sonoras, como no deserto, na estepe ou no gelo.”⁷³. Qual seriam a tenda e a vestimenta neste espaço nômade hospitalar? A linha no espaço liso se apresenta não só como um vetor, mas como um “... vetor vestimenta-tenda-espaço do fora, nos nômades”⁷⁴. Na prática dessa investigação, a tenda é minha caixa com rodinhas e ela contém tudo o que é necessário para transformar o espaço em “habitação”. Quando me viam, carregando a caixa no corredor ou no elevador, ou quando alguém observava minha dificuldade em manejá-la, devido ao peso e ao tamanho, eu dizia: “Esta caixa é mágica, dela saem coisas inimagináveis!” Verdade, pois não continha apenas: tintas, pincéis, cola, tesouras, tecidos, plásticos para forrar a mesa, papéis, giz pastel, recortes de revista, durex colorido, canetinha, sucatas, cola quente, argila e papelão, mas a possibilidade de materialização de conteúdos subjetivos. É claro que a caixa-tenda muda a cada percurso, se adaptando a cada intenção, sempre contendo mais do que o planejado para cada encontro, já que o imprevisível anda junto com o nômade.

Refletindo sobre a vestimenta, recordei sobre um filme que vi recentemente, “O Regresso”⁷⁵, violento, selvagem e visceral que me causou sensações corpóreas o tempo todo. O limite da vida, a natureza gelada,

73 Ibid., p.185.

74 Ibid., p.185.

75 O REGRESSO. Direção: Alejandro G. Inárritu. Produção: Alejandro González Inárritu, Arnon Milchan, David Kanter, James W. Skotchdopole, Keith Redmon, Mary Parent, Steve Golin. Leonardo DiCaprio, Tom Hardy, Domhnall Gleeson. Roteiro: Alejandro G. Inárritu, Mark L. Smith. Distribuidora: Fox Filmes, 2015. Longa-metragem (106min), son., color.

tribos indígenas, invasões, conflitos sangrentos e crus. Ando evitando filmes violentos, algumas vezes, quase levantei e saí da sala de projeção pensando: “Não quero contribuir para a indústria da violência.”. Porém, esse filme ficou em mim, não era só violência gratuita, me encontrei pensando nele dias depois.

Uma cena (Img.11), em especial, me remeteu ao momento do parto, do estar neste espaço interno, se abrigando no corpo do outro, vestindo um outro, sendo revestido e também ao momento do nascimento, do sair do habitat corpo. Ainda me sinto digerindo essa cena, em que, para sobreviver a uma noite gelada, o personagem se abriga na barriga de um cavalo e, ao sair pela manhã, renasce. A luta pela sobrevivência! Alguns bebês da UTI Neonatal nascem tão prematuros e outros são submetidos a tantas cirurgias e vivem. Uma vida aparentemente frágil, mas que se mostra forte, insistente. Muitos ultrapassam esse período difícil e seguem para suas casas, com suas mães. Várias destas mães são adolescentes ou jovens que se transformam a partir do desejo diário da manutenção daquela vida e se tornam mães. Desejam seus filhos e acreditam que, se não os desejarem, eles podem morrer. O bebê habita o corpo da mãe, sua vestimenta-corpo nômade. Para Augé⁷⁶, o próprio corpo é considerado um espaço habitável, “... o próprio corpo humano é concebido como uma porção de espaço, com suas fronteiras, centros vitais, defesas e fraquezas, sua couraça e defeitos”⁷⁷. Assim, o corpo humano é também um território.

76 AUGÉ, 1997.

77 Ibid., p.59.



11.

2.6. Ser/estar no espaço

Mudando o foco do habitat corpo, volto para o espaço externo e a forma a qual este corpo percorre seu itinerário, realiza sua viagem, traça seus percursos. A criação de um lugar/espaço se dá desde as primeiras delimitações da pesquisa, aquela primeira pergunta do início do percurso: onde realizar a prática? Um hospital. Qual? Público. E, devido a um contato prévio do HMIB com a minha orientadora, contato anterior a minha entrada no mestrado, foi o primeiro a ser considerado. A criação do lugar/espaço se inicia com uma intenção, um projeto, para depois continuar com a primeira visita e as primeiras direções apontadas. E isto é apenas o início, pois, como dito anteriormente, o lugar ou espaço só se cria por meio do percurso, das idas e vindas, por habitá-lo e vivenciá-lo.

Uma viagem não é quantificável em termos de distância. A métrica de quanto se percorreu não faz sentido em espaços lisos, mas sim “... a maneira de estar no espaço, de ser no espaço”⁷⁸. Dessa forma, o aspecto relacional ganha uma dimensão considerável, já que existe um espaço a compartilhar. Para tanto, é preciso estar presente, aberto às reviravoltas, buscando em si, e a partir do contato com o outro, as direções a seguir, atento às alternâncias entre o liso e o estriado, que pode se dar a qualquer momento, porque diz respeito a uma disposição interna.

Quando estava realizando a prática com o segundo grupo, com as mães-acompanhantes do Neonatal, comentei com uma amiga que precisava refletir para adequar o “rumo” a ser tomado e ela exclamou: “Achei que seriam as mesmas propostas do primeiro grupo!” Impossível, repetir os encontros com um novo grupo seria perder o frescor, a receptividade, a atenção, a consideração pelo diferente, seria transformar o espaço liso em estriado.

78 Ibid., p.190.

Um “cochilo” e o espaço liso, praticado, incerto - onde é necessária uma constante reflexão, para que novas direções possam ser traçadas - pode se transformar em um espaço estriado, com seu ponto fixo, com hora marcada para cumprir aquele compromisso pontual, seguindo um plano pré-estabelecido, sem estar atento à demanda do grupo. Por isso, o método utilizado para os encontros com os grupos no hospital não possui atividades pré-fixadas, já programadas e organizadas em alguma sequência pré-estabelecida. A cada encontro uma reflexão, uma aposta, novos afectos, e uma nova proposta é elaborada para o encontro seguinte. É necessário sentir e refletir para propor.

No espaço liso, as referências não estão inertes, não podem ser apreendidas por quem observa de fora, não têm um modelo visual que possa reuni-las. Os observadores “de dentro” são vários: as participantes dos grupos e eu, tendo em mente que “... os pontos de vista “monadológicos” só podem ser juntados em um espaço nômade; o conjunto e as partes dão ao olho que as olha uma função que já não é óptica, mas háptica. É uma animalidade que não se pode ver sem tocá-la com o espírito...”⁷⁹. Escrever esse relato do que passou é tentar ordenar, sequenciar, organizar, a partir de um observador, passando do espaço liso ao estriado, ou pelo menos tocando esta fronteira. “Ademais, é sempre preciso corrigir por um coeficiente de transformação, onde as passagens entre o estriado e o liso são a um só tempo necessárias e incertas, por isso, tanto mais perturbadoras.”⁸⁰. Para preservar o caráter háptico e o olhar aproximado de um evento que ocorreu, é necessário retomá-lo, rememorar-lo, fechar os olhos e reviver as sensações e percepções. Presentificar o passado e, assim, trazer esta percepção háptica. Sem se afastar demais, para não correr o risco de se tornar um observador distante.

79 Ibid., p. 205.

80 Ibid., p.203.

2.7. Contornos metodológicos

Essa investigação recorre a duas bases metodológicas. Conta com métodos que se afinam com as metodologias de Investigação Baseada em Artes – IBA e Investigação Educacional Baseada em Artes – IEBA, as quais utilizam formas de construção do saber próprios dos artistas, como o uso da imaginação e o fazer intercalado de reflexão no processo de criação. Utiliza, também, a Cartografia, um método de pesquisa processual, que se baseia na apropriação conceitual da filosofia de Deleuze e Guattari. Além disso, estão presentes conceitos centrais de linguagens artísticas e seus elementos, para construção do pensamento metodológico e criação dos métodos utilizados no percurso da pesquisa.

De acordo com Barone e Eisner⁸¹, IBA é uma forma de investigação de orientação qualitativa que utiliza modos do fazer artístico, revelando aspectos da experiência dos participantes, o que de outro modo não seria possível. Segundo Huss e Cwikel⁸², a finalidade desse tipo de investigação é utilizar as artes como método, forma de análise ou tema. Já Manson⁸³ e Sclater⁸⁴ ressaltam a importância dos métodos usados (desenho, histórias, fotografias), pois colaboram na conexão de abstrações às situações, dentro de aspectos individuais e coletivos da experiência cultural. Para sintetizar, Hernández⁸⁵ aponta como características da IBA: a utilização de elementos artísticos e estéticos, a ampliação das perspectivas, buscando outras maneiras de olhar, e a busca de tornar visível aquilo que não se fala.

81 BARONE; EISNER, 2006 apud HERNÁNDEZ, Fernando Hernández. A investigação baseada em arte: propostas para repensar a pesquisa em educação. Tradução Tatiana Fernandez. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (orgs.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013, p. 39-62.

82 HUSS; CWIKEL, 2005 apud HERNÁNDEZ, 2013.

83 MANSON, 2002 apud HERNÁNDEZ, 2013.

84 SCLATER, 2003 apud HERNÁNDEZ, 2013.

85 HERNÁNDEZ, 2013.

Tendo em vista os aspectos que caracterizam a IBA, e considerando que a IEBA partilha desses mesmos aspectos em contextos educacionais, delineei como estratégia um percurso que envolveu as seguintes etapas: leitura, construção de metodologia de ensino constituída a partir da prática em oficinas de arte, reflexão sobre as impressões e criação de narrativa e trabalhos poéticos. Além disso, busco aliar processos próprios de artistas, pesquisadores e professores: criação, imaginação, captura e criação de imagens, reflexão, pesquisa bibliográfica, prática de ensino, diário de bordo.

A segunda base metodológica que norteia esta investigação é o método cartográfico. A cartografia sugere a não materialização dos fatos de forma representativa, mas como uma paisagem dinâmica e mutável. O próprio caminhar traça suas metas, portanto, as considerações e análises são feitas a todo momento durante o próprio narrar do percurso. Para a cartografia, não interessa cristalizar um método para se chegar a alguma verdade absoluta, pois o mesmo se constrói de maneira processual. O conceito de cartografia faz parte do conceito de rizoma de Deleuze e Guattari⁸⁶ e surge como seu quinto princípio, que aponta uma oposição entre o mapa e o decalque, aquilo que é reprodutível ao infinito, “[...] por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói.”⁸⁷. O que interessa à cartografia é refletir sobre as intensidades que se formam na duração da experiência.

86 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol.1. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995, p. 96. (Coleção TRANS).

87 *Ibid*, p.22.

Passos, Kastrup e Escóssia⁸⁸ enumeram 8 pistas para a prática do método cartográfico, apresentados de forma não hierarquizada: a indissociabilidade entre o conhecimento e a transformação, tanto da realidade quanto do pesquisador; a atenção cartográfica, composta de 4 gestos (o rastreo, o toque, o pouso e o reconhecimento atento); o entendimento de que cartografar é acompanhar processos; a presença de 3 movimentos-funções (de referência, de explicitação e de produção e transformação da realidade); a coexistência de formas, objetos e sujeitos e o plano coletivo de forças que os produzem, definindo a cartografia como prática de construção deste plano; a postura de recusa ao objetivismo positivista não deve conduzir a afirmação da participação, de interesses, crenças e juízos do pesquisador; a importância da imersão do cartógrafo no território e seus signos e mudanças na prática de narrar.

Trata-se de uma pesquisa-devir, onde o olhar subjetivo do indivíduo depende das percepções, afetos e sensações do cartógrafo, em decorrência disto, não faz sentido uma postura de neutralidade e distanciamento. Neste viés, é importante estar atento às dinâmicas, fluxos e intensidades de forças, bem como implicados no processo de produção de realidades. É de interesse do cartógrafo mostrar os desdobramentos realizados, os passos dados e caminhos escolhidos no momento da produção de conhecimento, jamais estabelecendo um caminho linear. O investigador, neste caso, segue processando novos territórios, percorrendo outros caminhos e, dessa forma, colabora com ampliação do conhecimento.

88 PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

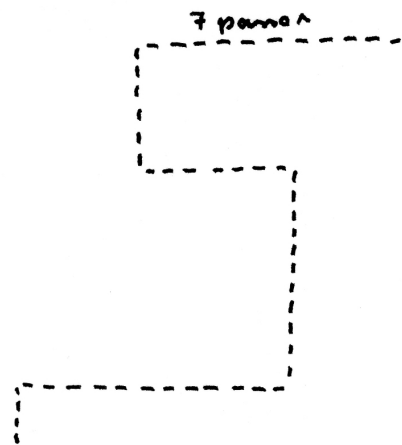
Além disso, essa pesquisa se apropria de alguns conceitos relacionados a formas de expressão artísticas para construir e nortear o pensamento metodológico. Dessa forma considero a relação entre a criação de um lugar para prática artística dentro do hospital com a efemeridade e a adaptabilidade ao espaço, próprios do happening, da arte efêmera, do site specific e da instalação. Para tal, conto também, com alguns elementos centrais de algumas linguagens visuais, como: a linha e o ponto, ao delinear o percurso da pesquisa e suas idas e vindas para criação deste espaço. As camadas sobrepostas, as relaciono com cada encontro que se deu, suas propostas e desdobramentos. O conceito de assemblage, relaciono com os fragmentos das histórias de cada participante. Como em uma tela, estão reunidos, formando um todo, porém, cada elemento preserva sua especificidade. E acrescento, por fim, o conceito de apropriação, do espaço hospitalar, das vivências, das narrativas tanto verbais quanto visuais.

A presente investigação alia criação, vivência e reflexão ao construir uma narrativa ficcional, enfatizando que o olhar do pesquisador é uma das perspectivas, portanto, como na ficção, é uma história baseada em fatos reais. A criação está presente não só na elaboração dos encontros e soluções, para realização das oficinas e na criação da narrativa, como também nos trabalhos poéticos realizados por mim durante a investigação, traduzindo-se em uma outra forma de gerar conhecimento.

Ressalto que o movimento que gerou esta pesquisa partiu de práticas anteriores, de indagações surgidas em decorrência, e de necessidade de um aprofundamento teórico. A partir de conhecimento e experiências prévias em espaços hospitalares com diversos grupos, foi possível conceber uma proposta de prática educacional, porém, as atividades foram construídas com as participantes e partiram das

necessidades compartilhadas. Para investigar as questões iniciais, foram realizadas duas oficinas de artes com dez encontros cada uma, cuja duração média foi de 2 horas por encontro. As oficinas foram desenvolvidas no Alto Risco do Setor Maternidade, com um grupo de pacientes internadas e outro grupo das mães nutrizes acompanhantes dos recém-nascidos internados na UTI do Setor Neonatal, do Hospital Materno Infantil de Brasília - HMIB.

A partir dessas oficinas, foi realizada uma reflexão, revendo anotações e registros, considerando a imersão no grupo e observação do processo criativo, a expressão corporal, visual e verbal (corpo/imagens/diálogos), as percepções, as sensações e os sentimentos vivenciados pelos participantes e pela investigadora. Nessa reflexão, buscou-se perceber mudanças na subjetividade, experiências estéticas significativas e a importância dos aspectos relacionais.



3. ALTO RISCO: TEMPO LINEAR

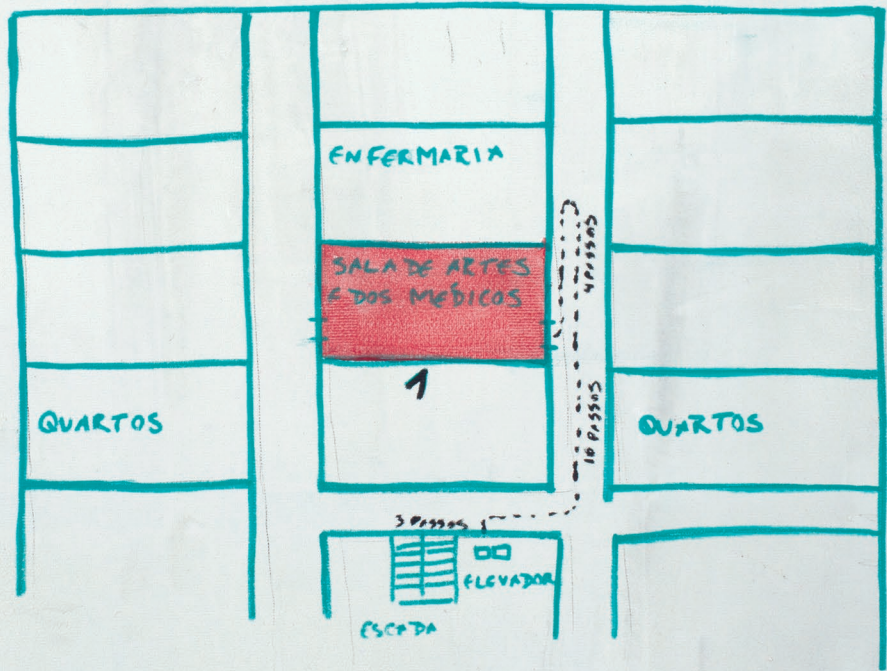
■ PLANTA
MEMÓRIA

■ PERCURSO
EM PASSOS

■ ESPAÇO/LUGAR

4.170 PASSOS (MÍN)

1º ANDAR - ALTO RISCO



3.1. Reconhecimento

Foi definido, inicialmente, que essa oficina contaria com cinco participantes, sendo uma quantidade considerada adequada ao objetivo da investigação, proporcionando um melhor acompanhamento e observação do processo de cada integrante, além de ser adequada para as instalações que o hospital oferece. Porém, a rotatividade de algumas das participantes tornou possível a participação de 11 mulheres internadas no Alto Risco.

Nos primeiros encontros, levei propostas de práticas artísticas, no intuito de conhecer o perfil do grupo. A partir do que foi vivenciado, novas propostas foram delineadas, buscando uma melhor adequação às necessidades expressivas identificadas. As atividades práticas foram desenvolvidas com materiais atóxicos e adequados às condições das participantes, como: pincéis, tinta guache, revistas, cola, sucata (previamente selecionada e higienizada com hipoclorito de sódio), tesoura, barbante, lápis de cor, giz de cera, giz pastel oleoso, caneta hidrocor, papéis, papelão e argila para uso escolar.

Cheguei à chefia do Setor de Alto Risco com todas as autorizações necessárias. Rapidamente lembrei aos que estavam presentes o motivo do meu retorno àquela sala. Já havia estado ali, há alguns meses, colhendo a assinatura para o andamento do processo. Procurei ser rápida, pela impressão de falta de tempo das pessoas ali presentes. Logo pediram para chamar a pessoa responsável pela enfermaria para me receber.

Subi ao segundo andar, na ala do Alto Risco e, após uma breve apresentação da área, me foi mostrada a sala dos médicos (Img.13), local que poderia ser usado para a oficina. Essa sala se localiza ao lado da enfermaria, entre dois corredores que dão acesso aos quartos, com duas portas, uma para cada lado. Possui uma mesa, um pouco torta, com seis



13.

lugares, quatro computadores, dois em cada lateral, sobre outras mesas menores, uma pia (essencial para trabalhar com tinta) e cadeiras de computador.

Após esse breve reconhecimento, nos sentamos, em uma outra sala, a fim de conversar sobre o que seria necessário para o início do projeto. Expus que minha intenção era realizar a oficina de artes com as pacientes e que pretendia que fossem dez encontros, com a frequência de duas vezes por semana, em um período de duas horas cada dia. Disse que gostaria de formar um grupo de cinco participantes, número apropriado para o tamanho da mesa. Para selecionar as pacientes, seria necessário saber quais, pelo diagnóstico, tinham maior probabilidade de permanecer internadas por cinco semanas, período da oficina. Coloquei que seria interessante marcar um dia, para que eu pudesse conversar com as pacientes e fazer uma lista das interessadas e, também, que gostaria de saber qual o período e horário mais adequado.

Logo me foi avisado que a rotatividade era grande e que seria difícil realizar os dez encontros com as mesmas pacientes, pois, devido ao estado delas, poderiam entrar em trabalho de parto a qualquer momento. Além disso, tive a informação de que nem sempre elas estão dispostas e que o melhor seria chegar e perguntar, no momento em que eu estivesse lá, quem gostaria de participar. A pessoa responsável pela enfermaria também me avisou dos dias que os voluntários dão aula de bordado e reúnem as pacientes para cantar, mas afirmou que isso não seria um problema. Disse que o período mais indicado era à tarde, já que, de manhã, os médicos se reúnem na sala indicada para as oficinas. O ideal seria deixar elas descansarem depois do almoço, e contou que, às 14h, é servido um lanche, sendo 15h um bom horário para iniciar o encontro, terminando antes das 17h, horário em que o jantar é servido.

De início, pensei que ele estava querendo me desanimar, colocando empecilhos, depois fiquei preocupada com a rotatividade das pacientes, já que não seria interessante para o projeto se cada dia do encontro fosse vivenciado por participantes diferentes e, diante disso, como eu iria verificar a mudança do olhar subjetivo. Logo em seguida, resolvi não preocupar-me muito com o que foi dito, afinal existem muitas pessoas que valorizam as dificuldades e, provavelmente, ela estava exagerando. Depois, verifiquei que muito do que foi dito correspondia às dificuldades que eu tive, e reconheci que o fato desta pessoa estar presente na instituição faz com que conheça bem o contexto. O ideal é manter a empolgação de quem chega para realizar um trabalho, com toda energia e entusiasmo, mas saber aproveitar as sugestões de quem está vivenciando o dia a dia do local. Marquei meu retorno para dar segmento ao plano e fazer a lista das participantes.

Retornei, conforme o combinado, mas não consegui localizar a pessoa com quem conversei no encontro anterior. Então, “mão na massa”, anunciei minha chegada na enfermaria, tentei que alguém me desse alguma orientação. Inicialmente, ninguém pareceu muito interessado, mas, com “jeito”, acabei conseguindo saber quais pacientes tinham mais chance de permanecer, por mais tempo, naquele setor e consegui fazer uma primeira triagem. Das 17 pacientes internadas, 11 foram indicadas a participar da oficina, devido à probabilidade de maior tempo de permanência. Resolvi ir de quarto em quarto me anunciando, explicando o projeto de forma bem simples, convidando as pacientes e informando o dia de início da oficina. Assim foi, eram 8 quartos, 4 de cada lado do corredor, com 4 camas em cada um.

Na conversa com as enfermeiras, descobri que um recém-nascido é considerado prematuro quando nasce até 36 semanas de gestação, chamado também de pré-termo. É chamado de “a termo” os que nascem de 37 a 42 semanas. Dentre as causas de internação, das 11 pacientes da lista inicial, destacam-se o risco de nascimento prematuro devido à roprema, que é a rotura prematura das membranas amnióticas, diabetes gestacional, extrofia da bexiga (do feto) e hipertensão.

A medida que fui convidando, algumas pacientes adoraram o convite, outras, com certo desdém, diziam que podia colocar o nome na lista e outras não se interessaram ou informavam que iam sair logo. Procurei direcionar o convite para aquelas que selecionei na triagem, porém uma paciente que não estava na lista ficou muito feliz com a proposta, e disse que adorava pintar, e me pediu para incluí-la. Eu lhe expliquei que o número de participantes era restrito à disponibilidade de lugares na mesa e que eu daria preferência para as que iriam permanecer mais tempo e que ela iria receber alta muito em breve, mas ela insistiu.

Por fim, realizei meu primeiro contato com as pacientes e, das 11 da lista inicial, 2 não quiseram participar, porém, como o convite era feito em voz alta no quarto, outras 2 que não estavam previstas foram acrescentadas, portanto continuei com uma lista de 11 participantes.

Após esse primeiro contato, refleti e precisei adaptar meu cronograma à realidade daquele contexto. Para diminuir a rotatividade do grupo, era necessário que eu realizasse os encontros de forma intensiva, assim, me dispus a ir ao hospital quantas vezes as pacientes se mostrassem favoráveis. Dois dias após, retornei para realizar o primeiro encontro.

3.2. Apresentação por meio das imagens e o olhar

Da minha lista de 11 participantes apenas 6 poderiam ser chamadas devido ao tamanho da mesa, eu havia marcado aquelas que se mostraram mais entusiasmadas com a proposta, portanto, eu formaria, inicialmente, o grupo com elas. Avisei da minha chegada na enfermaria, lembrando quem eu era e que iria ocupar a sala dos médicos. Preparei o ambiente, forrando a mesa com um plástico previamente higienizado com hipoclorito de sódio, cobri os computadores com panos coloridos para tornar o ambiente mais aconchegante e fui chamá-las de quarto em quarto. Chamei, inicialmente, 6 da lista e aguardei na sala. Aquela paciente que, no primeiro dia, insistiu para participar apareceu na sala e decidi acolhê-la. Essa paciente foi uma das participantes mais interessadas e que acompanhou quase todos os encontros.

O objetivo do primeiro dia foi conhecer um pouco essas mulheres, me apresentar e proporcionar a elas um primeiro contato com os materiais e procedimentos da arte. Inicialmente, falei um pouco a meu respeito e expus o projeto, dizendo tratar-se de uma investigação vinculada ao Departamento de Artes da Universidade de Brasília - UnB, que tinha como proposta a participação delas em 10 encontros e que a cada encontro eu estaria levando uma proposta de atividade artística. Fiz uma leitura em voz alta dos termos que deveriam ser assinados (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o Termo de Autorização para a Utilização da Imagem e do Som da Voz), exigidos pelo Comitê de Ética.

A primeira atividade proposta foi uma brincadeira criada por mim⁸⁹. Consistia em várias imagens que, como cartas, foram espalhadas sobre a mesa (Img.14). Essas imagens foram selecionadas a partir de revistas e colecionadas no decorrer do tempo, foram guardadas por chamarem atenção pela qualidade visual e por trazem possibilidades de significados. Para começar, foi dada a seguinte explicação: “Cada uma, de cada vez, vai escolher duas imagens e vai dizer o que essas imagens têm a ver com você. Vocês vão se apresentar por meio das imagens, por exemplo, ‘eu escolhi essa imagem por causa disso, disso e disso... apresenta e devolve para mesa, porque a outra pode escolher a mesma.”. Iniciei a brincadeira para encorajá-las, a ordem de fala não foi pré-estabelecida, cada uma foi se manifestando à medida que sentiu vontade, de forma espontânea. Alguns temas apareceram nas apresentações e diálogos, como: a família, a saudade e o cuidado com os filhos, o corpo, as crianças e o que elas representam, a liberdade e a violência doméstica.

A família apareceu como um aspecto forte de apoio e amor, e o cuidado com os filhos algo prioritário. Várias participantes relataram que sentem o fato de estarem longe dos filhos e da família. “Eu sou igual a uma leoa, se mexeu com o que é meu.... igual a minha filha, é a primeira vez que eu saio e que tô deixando ela é agora. Ontem eu chorei bastante...”, “Eu sou uma mãe muito agarrada com meus filhos.... pra eu ficar longe do meu filho, que tem dois anos, está sendo muito difícil, eu fico aqui mas tenho outros que dependem muito de mim...” e conversaram um pouco sobre como é nocivo para as crianças dependerem só delas. Já outra paciente, frisou

89 Toda criação é fruto de experiências anteriores, juntamos o que aprendemos com nossa criatividade.. Agradeço, portanto, a todas colegas e professores com quem tive contato, principalmente do Instituto Saber, onde realizei minha especialização em Arteterapia e do Instituto Arcana, onde fiz parte do projeto Roda de Mulheres. Além disso, agradeço a experiências anteriores, em contexto hospitalar, como estagiária no Hospital Daher, e como voluntária no Hospital da Criança José de Alencar.



hesselberth



a importância de o casal evidenciar o amor entre si na frente dos filhos e demonstrar carinho dentro de casa para servir de exemplo. Afirmou que a família é a estrutura, porém, ressaltei que essa estrutura pode ter outros formatos além de pai, mãe e filhos.

O corpo também apareceu nas escolhas das imagens, uma delas relatou: “E isso aqui é o que eu ultimamente ando sentindo, só fome, comendo, comendo, não para mais... Ela não desenvolve muito, é pequenininha, por isso que tô com fome, porque ela está pedindo, mas é porque a placenta toma toda a proteína dela, não desenvolve...”. Outra participante, também sobre as demandas do corpo, disse: “Esta aqui porque parece que está bocejando e esta, sono e fome!”, disse que estas imagens definiam seu momento atual. Pedi que essa mesma participante, escolhesse alguma imagem que falasse sobre ela para além dos sintomas, e ela escolheu a imagem de um cavalo que remetia a liberdade, o respeito ao espaço de cada membro da família. Portanto, novamente a temática da família retorna ao diálogo, além da liberdade. A questão da violência doméstica também apareceu, quando uma das mulheres comentou sobre o amor que sentia pela mãe e que precisou fugir de casa devido ao pai que batia nela.

Percebi que esse momento serviu, também, para o grupo se conhecer, uma vez que apenas algumas delas compartilham o mesmo quarto, já tendo estabelecido um contato prévio. Com o andamento das oficinas, soube que elas começaram a se visitar. As participantes se envolveram bastante na atividade e uma delas chegou quando a brincadeira já estava em andamento, pude notar que houve apenas um breve comentário, mas que o grupo continuou focado nas apresentações e relatos. Dewey⁹⁰ afirma que toda experiência é resultado da interação entre um ser vivo e algum aspecto

90 DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Editora, 2010. 646 p.

de seu mundo. Para que esta experiência seja singular é necessário que a interação seja atenta, conectada, já que a dispersão e a distração tornam a experiência rudimentar. Pude perceber que todas estavam bastante atentas e interessadas nas histórias que eram narradas.

Pude verificar, ainda, como a imagem pode trazer inúmeros significados, em decorrência da vivência e do contexto de cada um. De acordo com Donald Winnicott⁹¹, há um potencial herdado que, com o favorecimento do meio ambiente, propicia à criança experimentar um senso de continuidade de ser. Nesse período, ocorre o estabelecimento do self⁹² e do mundo subjetivo, “[...] o simbolismo só pode ser corretamente estudado no processo de crescimento do indivíduo, e que possui, na melhor das hipóteses, um significado variável”⁹³. Essa concepção considera importante a experiência relacionada a determinado símbolo e não somente o seu significado.

Ao dar início à brincadeira, escolhi o desenho de uma árvore, com diversas cabeças em sua copa. Relacionei-a da seguinte maneira: “Escolhi esta imagem, porque gosto de trabalhar com pessoas. Cada pessoa pode dar frutos incríveis, vocês por exemplo, cada uma dando um fruto. Mas não só a gravidez, acredito que cada um tem uma vida rica que a gente pode trocar, mesmo quando falamos de dificuldades. Então, eu acho que as pessoas são como árvores com seus frutos.”. Outra participante, escolheu o mesmo desenho para se apresentar e disse: “Pra mim parece uma árvore genealógica representando a família que é a base, eu sem a minha família não seria nada.”. Cada uma preencheu

91 Donald Woods Winnicott (1896-1971) pediatra e psicanalista inglês. WINNICOTT apud SAFRA, Gilberto. *A Face Estética do Self: Teoria e Clínica*. 7. Ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005. p.22.

92 Para Safra o self é uma “organização dinâmica que possibilita a um indivíduo ser uma pessoa e ser ele mesmo.” (2005, p.39).

93 WINNICOTT apud SAFRA, 2005, p.23.

a imagem de significados, de acordo com seu olhar e a partir de sua experiência pessoal.

Em um segundo momento, após a apresentação por meio das cartas, distribui papel e disponibilizei um borrifador de água e pigmentos líquidos coloridos. Pedi que elas umedecessem o papel e escolhessem algumas cores para pingar observando o movimento da tinta, a fusão das cores, o inusitado (Img.15). “A gente vai vendo como as cores vão se comportando.”. A intenção foi possibilitar um primeiro contato com os materiais artísticos, de forma que não exigisse muita destreza, contando com as surpresas do acaso, além de verificar que tipo de vivência poderia acontecer.

A partir da experiência de cada uma, diversos desdobramentos aconteceram. Uma delas não resistiu e, com os dedos interferiu no movimento das cores, a outra borrifando o papel com a água, acabou respingando um pouco nela mesma. Como estava muito calor, percebi que propor trabalhar com água, neste dia, foi uma boa escolha. Outra participante, molhou demais o papel (que precisa ter uma gramatura acima de 200g para resistir ao excesso de água) e disse não ter dado certo. Propus a ela que pressionássemos outro papel em cima, e expliquei que era uma forma de monotipia, porque tiramos apenas uma cópia, mas que não sabia como iria ficar, “Não sei se vai dar certo? Posso?”. Dessa forma, o proponente, no caso eu, também se arrisca no processo, mas sempre com cuidado ao interferir no trabalho do outro. O grupo permaneceu em silêncio durante esta atividade, cada uma vivenciando o que acontecia no seu papel, permeando este silêncio com algumas risadas perante novas descobertas.

O olhar foi um dos aspectos que procurei ressaltar, pois uma das atividades propostas neste dia foi observar o resultado do pigmento no papel molhado. Iniciamos o terceiro momento da atividade, em que elas, a partir dos trabalhos feitos, escolheram as áreas no papel que mais

gostaram, e, então, foram tiradas fotos no modo macro, onde é possível registrar pequenos detalhes. Desta forma, foi possível a busca por novos enquadramentos a partir do todo. O cineasta Win Wender⁹⁴ conta que, quando tinha trinta anos, mesmo usando lente de contato, preferia o enquadramento proporcionado pela armação dos óculos e reflete: “Acho que a visão é mais seletiva. Temos mais consciência do que vemos de fato. Sem os óculos, tenho a impressão de ver demais. E não quero ver tanto, quero ver de forma mais contida.”⁹⁵. Sobre o olhar, Wenders⁹⁶ afirma que somos capazes de ver não somente com os olhos, mas com os ouvidos, com o cérebro, com o estômago e com a alma. Na atividade proposta, usamos a máquina fotográfica, ao invés dos óculos, e assim as participantes puderam experimentar novos olhares sobre seu próprio trabalho.

Essa simples atividade de observar as manchas no papel e buscar enquadramentos suscita o olhar presente, atento, convida o participante a observar os detalhes, a olhar de perto. Para Didi-Huberman⁹⁷, “O ato de ver não é o ato de uma máquina de perceber o real, enquanto composto de evidências tautológicas.”⁹⁸. A intenção da proposta foi provocar o olhar para ver outras possibilidades sobre aquilo que se apresenta, para ver além e de outras maneiras. De acordo com este autor, não há o que escolher entre o que vemos, de forma objetiva, e o que nos olha, fruto das relações que fazemos, das crenças, das ilusões, mas se inquietar com o “entre”. Tanto poder ver o objeto tal qual ele é, como também aquilo que está entre o ver e o que retorna a partir deste olhar, ou seja, o que nos olha. “Dar a ver é sempre inquietar

94 WENDERS, Win. In: JARDIM, João; CARVALHO, Walter. A janela da alma. [documentário]. Produção Ravina Filmes. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em : < <https://www.youtube.com/watch?v=4F87sHz6y4s>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

95 Ibid.

96 Idem.

97 Didi-Huberman (1953-) filósofo, historiador, crítico de arte e professor francês. DIDI-HUBERMAN. O que vemos, o que nos olha. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998. 264 p.

98 Ibid., p.77.

o ver, em seu ato, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta”⁹⁹. A permanência no hospital abarca a expectativa, o medo, as previsões médicas, o corpo e seus sinais e sintomas. Mas, é também a possibilidade de encontros, de relação, de expressão, de reflexão e a possibilidade de um novo olhar.

Cada participante pôde realizar a experiência em mais de um papel. Uma delas perguntou, assim que recebeu uma nova folha, se era para fazer o mesmo; disse a ela que sim, porém, “tudo que a gente não conhece a gente experimenta, depois a gente conhece e passa a dominar um pouquinho mais, então podemos escolher melhor...”. Recordei-me do que Dewey¹⁰⁰ pontua sobre as duas dimensões fundamentais para vivenciar uma experiência estética singular: a continuidade e a interação. A continuidade se refere ao fato da experiência se apoiar no passado e condicionar o futuro, porém está centrada no presente, no que é vivenciado naquele momento. Essa continuidade vai trazer para o indivíduo crescimento e desenvolvimento, indo para um plano mais elaborado de reflexão e raciocínio. Outro aspecto importante é a interação, que é a troca entre o organismo e o meio. Apesar do conceito de mudança estar implícito na experiência, há uma necessidade de reflexão, para que seja considerada uma experiência efetiva. Portanto, a partir da repetição de experiências similares ou conectas, e a partir da reflexão, pode-se ampliar o olhar.

Criar este espaço de prática artística proporciona novas experiências, reflexão e relação, tanto entre as participantes, quanto entre cada uma delas e sua criação. Segundo Guattari¹⁰¹, a partir de novas experiências, do

99 Ibid., p.77.

100 DEWEY, 2010.

101 GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo, SP: Editora 34, 1992.

percurso em territórios não explorados, pode ocorrer uma transformação na subjetividade, sendo, primeiramente, uma desterritorialização e, depois, a abertura para o novo, recriando a subjetividade. Os territórios de subjetivação, de acordo com Guattari¹⁰², abordam a subjetividade que transita entre territórios já consolidados, referentes à interioridade do sujeito e novos territórios não percorridos, um vir a ser. A mudança subjetiva passa por uma mudança de olhar.

Encerrei o primeiro encontro abrindo um espaço para que elas pudessem comentar sobre como foi essa experiência. Disseram que gostaram e que estavam dispostas a participar. Combinamos um novo encontro para o dia seguinte e avisei que iria levar os trabalhos para escanear, devolvendo o quanto antes. Após nos despedirmos, era o momento de arrumar toda sala novamente, recolhendo o material e colocando-o na caixa / tenda.

Durante minha arrumação, entrou na sala uma senhora, coordenadora do voluntariado, dizendo que eles ocupavam aquela sala e querendo saber mais sobre mim. Ela foi se desarmando, assim que perguntei que dias ela não ocupava a sala e que eu podia me adaptar ao cronograma do voluntariado. A seguir, ela me deu orientações sobre biossegurança, sendo a primeira pessoa a tocar neste aspecto desde o início do meu percurso neste hospital. Como eu já tinha experiências anteriores em ambiente hospitalar, essas informações já me eram conhecidas, sendo de extrema importância para quem vai desenvolver trabalhos nestes locais. Apesar da abordagem brusca e de um certo incômodo que isto me causou, fiquei feliz, porque foi a primeira pessoa que se mostrou realmente interessada, prezando aquele espaço que ela ocupava.

102 Idem.

3.3. Outros sentidos

Mais um dia de encontro, ao chegar arrumei a sala, a atmosfera estava mais calma, com menos pessoas circulando. Percebi que eu estava um pouco ansiosa com receio delas não participarem. Conversei com uma enfermeira residente, que estava na sala dos médicos. Após explicar sobre a oficina, ela comentou que deveriam ter mais atividades desse tipo. Fui chamar as mães, algumas estavam dormindo e o lanche chegou apenas às 15h, o que certamente iria atrasar o início do encontro.

Das participantes do encontro anterior, algumas não estavam muito animadas ou estavam dormindo. Uma delas entrou em trabalho de parto na noite anterior e estava na UTI se recuperando da cesariana. Outra, não consegui localizar, perguntei na enfermaria e não a encontraram no sistema. Outras três que ocupam o mesmo quarto estavam preguiçosas e uma delas, que demonstrou, desde o início, ser um pouco provocadora, sempre manifestava uma certa indiferença, falou: “O que vai ser hoje? Vamos ver se eu vou querer...”, respondi: “Surpresa, vai ter que ir lá pra descobrir”, despertando o interesse pela curiosidade.

A primeira a chegar foi a participante que pediu para entrar no grupo no primeiro dia, estava bem motivada. Ela está internada há 4 dias e demonstrava muita ansiedade e estresse, utilizando as próprias palavras que usou para definir o que estava sentindo. Aos poucos, foram chegando as participantes deste dia, fiquei bastante apreensiva com o risco de o encontro não acontecer, já que o vínculo ainda estava sendo formado. Por fim, começamos com 4 mulheres. Aquela participante mais provocadora, ao chegar, perguntou: “O que eu vou ganhar? Um enxoval? Uma fralda? Você não me deu nada até agora, tá me enrolando...”, e começamos um diálogo: “E você me deu?”, “Dei! Eu vim até aqui!”, “Eu

também te dei! Porque eu também estou aqui!”. Outra participante disse: “Não liga, porque ela é assim mesmo...”. Então, expliquei que tudo que elas fizessem eram delas, “Eu vou levar, fotografar e devolver, vocês vão ganhar muitas coisas.”. Uma delas disse que queria levar os trabalhos para falar para o filho: “Olha o que eu fiz, quando estava lá!” e outra reforçou: “Eu também vou dar pro meu filho, coloca lá no seu quarto, que a mamãe fez enquanto esperava você nascer!”, demonstrando o valor afetivo daquele fazer que ultrapassa o valor material e utilitário.

A atividade consistiu em escolher uma das caixas sobre a mesa e tentar descobrir, por meio do som, o que havia dentro e em que quantidade. No interior das caixas havia bolitas de vidro, duas ou três, dependendo do tamanho das caixas, sendo que a maior era do tamanho de uma caixa de sapatos. A intenção desta atividade foi despertar outros sentidos, além da visão, e, também, a imaginação em relação ao que havia na caixa. Primeiro, ouvir o som e tentar descobrir o que havia na caixa, depois em que quantidade e, por fim, tentar imaginar a cor.

Posteriormente a este momento de atenção ao sentido auditivo, adivinhação e após elas abrirem a caixa, foi sugerido que escolhessem uma cor dentre os potes de tinta disponíveis. Com o auxílio de uma colher, depositaram a tinta no interior da caixa, fechando-a e voltando a balançá-la. Ao abrirem, a surpresa diante da “pintura” feita pelo percurso das bolitas (Img.16). Muita empolgação com o resultado depois do suspense sobre o que aconteceria ao acrescentar mais tinta. Uma delas comentou: “Daqui a pouco vamos ter uma surpresa parecida...”, se referindo ao parto eminente. A seguir, elas escolheram novas cores, até o momento em que ficaram satisfeitas com o resultado. Algumas passaram pela frustração devido à mistura das tintas não ter ficado do seu agrado, mas foram incentivadas a continuarem até que puderam



16.

aceitar os acontecimentos inusitados e transformar as cores, finalizando a experiência de forma satisfatória para elas.

Após este momento trabalhando o interior da caixa, foi pedido que escolhessem imagens, a partir dos recortes de revistas disponíveis, no intuito de se apresentarem. Sugeri que olhassem as imagens e fossem separando as que mais chamassem atenção e depois desta primeira seleção refletissem sobre qual delas gostariam de colar na caixa de apresentação por corresponder a algum aspecto delas. Para Safra¹⁰³, essas escolhas exibem a singularidade da pessoa e estão em contínua modificação e criação no decorrer do desenvolvimento do indivíduo. Estas modificações estão relacionadas às experiências existenciais que vão se expandindo e sofisticando no decorrer da vida. Dessa forma, criar é existir além do biológico, mas de forma singular, por meio da articulação das questões existenciais que se manifestam, em gestos e símbolos.



17.

103 SAFRA, 2005.

Esse autor afirma que, a partir do repertório simbólico herdado do núcleo familiar, o ser vai imprimindo sua marca, ou seja, se apropriando deste repertório e o tornando singular. Esse processo possibilita o intercâmbio com o outro, permite a troca entre o indivíduo e a cultura. Assegura, dessa forma, a existência do ser no mundo por meio da singularização e, na relação intersubjetiva, abre-se à possibilidade da experiência estética, onde é possível “[...] conhecer o outro e o mundo de uma forma pessoal[...]”¹⁰⁴. O autor pontua que a palavra estética se refere à ciência do sentido, da sensação, derivada do grego *aisthesis*, que significa percepção.

[...] fenômeno pelo qual o indivíduo cria uma forma imagética, sensorial, que veicula sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc. Essas imagens, quando atualizadas pela presença de um outro significativo, permitem que a pessoa constitua os fundamentos ou aspectos de seu self, podendo então existir no mundo humano.¹⁰⁵

Safra¹⁰⁶ afirma que nossa cultura valoriza ao extremo o aspecto discursivo e aponta a dificuldade de conceber fenômenos que ultrapassem essa esfera. Ressalta ser fundamental a atenção aos aspectos discursivos, como também aos símbolos estéticos que são articulados no campo sensorial. Dewey também relaciona os aspectos sensoriais à estética, “As qualidades sensoriais, tanto do tato e do paladar, quanto da visão e da audição, têm uma qualidade estética.”¹⁰⁷. Portanto, a atividade deste dia possibilitou, além da apresentação informal durante as conversas, também a apresentação por meio das imagens.

104 Ibid., p.44.

105 Ibid., p.20.

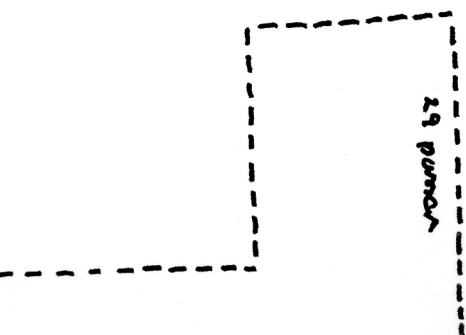
106 Idem.

107 DEWEY, 2010, p.237.

Alguns temas apareceram nos diálogos que se deram durante a realização da atividade deste dia. As histórias da vida de cada uma foram sendo reveladas, mostrando um perfil de grupo bem variado: uma recém-casada esperando o primeiro filho, outra, viúva e vivenciando o segundo casamento, outras com vários filhos, e até mesmo uma avó com família grande e netos. Falaram do quanto é bom ter a casa cheia e da garantia de ser cuidada na velhice, caso tenham muitos filhos. Outro assunto abordado foi a intuição de mãe para saber o sexo da criança e especulações sobre o formato da barriga, revelando ser menino ou menina. Falaram da importância de falar a verdade aos filhos e das perguntas engraçadas das crianças, “Porque o sol vai embora?”, “Vai para onde?”. No decorrer do tempo, eu ia reorganizando a mesa, jogando fora os papéis que não serviam mais e revezando os recortes das revistas entre elas.

Por fim, elas apresentaram a caixa e falaram das imagens escolhidas. Ao falar das imagens, revelaram suas preferências, gostos, prioridades e perfil. “Em primeiro lugar Deus, em segundo relacionamento, terceiro supermãe, quarto sempre a família, escola, educação para os filhos e lazer sempre.”, “Essa, porque gosto muito de mexer com comida, e essa, porque gosto muito de animais. Gosto de morar perto de córrego e chácara ...”, “O tema da minha caixa são as coisas que gosto. Eu gosto de coisas estranhas que não dá pra identificar, você olha e fica viajando...”. Após a apresentação de cada uma eu lhes disse que estava feliz de estar com elas e, revelando o que sentia, uma delas comentou, “A gente também, porque a gente fica aqui no tédio e olha o tanto de horas que passou aqui e foi legal!”. A seguir elas preencheram a anamnese e assinaram os termos.

Como eu estava empenhada em retornar quantas vezes elas estivessem dispostas, perguntei se poderia retornar no dia seguinte, sábado. Como o horário de visita ocorre no período da tarde, combinei o retorno pela manhã, “Eu não faço nada durante a manhã inteira, nem no domingo e nem no sábado!”, “Nem eu!”, “Se você quiser vim!”, “Domingo é o melhor dia pra você vir! É um tédio, não tem nada pra fazer! É péssimo!”. A partir dessas falas, percebi não só a vontade, mas a necessidade de participarem do encontro.



3.4. Integração corpo/mente e o aspecto relacional

Sábado de manhã, conforme combinado, cheguei ao hospital para mais um encontro. Passei de quarto em quarto, avisando sobre minha chegada e me dirigi à salinha de artes (já me apropriando da sala dos médicos), arrumei tudo como de costume e, aos poucos, a sala já estava ocupada para início do encontro. A conversa era sobre como minimizar a ânsia de vômito. Uma delas relatou que casca de laranja ou limão era excelente; assim que o enjoo começava ela colocava um pedaço de casca na boca e a sensação de desconforto parava. Diante desse relato, foi possível perceber que os aspectos culturais também vão sendo revelados.

Iniciei propondo um exercício respiratório, no intuito de proporcionar relaxamento e maior contato com as sensações, emoções e sentimentos. Expliquei, também, sobre nossos espaços internos, que somos tridimensionais (altura, largura e comprimento), mas, muitas vezes, ao ver nossa imagem refletida, pensamos ser bidimensionais (altura e comprimento), que somos como esculturas e não como um desenho no papel.

Com a atenção voltada ao corpo, e mais especificamente sua ligação fisiológica de recepção e reconhecimento de estímulos, João Francisco Duarte Júnior¹⁰⁸ alerta para a necessidade da educação dos sentidos, justificando esta necessidade na crise fundada pela idade moderna e as consequências observadas na contemporaneidade. Constata a progressiva separação do inteligível e do sensível, em decorrência dos valores e paradigmas do mundo moderno, que privilegia a razão, ignorando que o

108 João Francisco Duarte Júnior, psicólogo, doutor em filosofia e história da educação, e professor. DUARTE JR., João-Francisco. O sentido dos Sentidos: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições Ltda., 2001. 225 p.

contato com a vida cotidiana se dá primeiramente por meio dos sentidos. O autor ressalta a importância de voltar a atenção à dimensão sensível devido à constatação da crescente insensibilidade de nossos dias, devido a uma atitude epistemológica de distanciamento e neutralidade, frutos da ciência moderna.

Duarte Jr.¹⁰⁹ desenvolve seu pensamento a partir da crise advinda da modernidade e delimita a existência de três problemas: o dinheiro, que se tornou um fim em si mesmo; o corpo, que a medicina transformou em máquina, desintegrando-o em partes, tornando-se detentora do conhecimento especializado o afastou do sujeito; e a mente que, a partir do desenvolvimento de certas psicoterapias, foi privilegiada juntamente com a palavra falada, a separando do corpo. Para o autor, a estética ou *aisthesis*, refere-se à “...primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado.”¹¹⁰. Portanto, propõe desenvolver e refinar os sentidos, desenvolvendo habilidades articuladas entre si e ao viver do dia a dia, integrando corpo e mente.

Tornando o quadro ainda mais alarmante, Duarte Jr.¹¹¹ constata que o ensino se voltou para a fragmentação do conhecimento, desenvolvendo profissionais compartimentalizados e não mais voltados para a formação básica do ser humano, incluindo competências sensoriais e sensíveis e atento ao desenvolvimento do saber corporal. O autor propõe um equilíbrio entre o sensível e o intelectual, por meio da arte na educação, para o desenvolvimento de outra forma de significação que não somente a conceitual.

109 Idem.

110 Ibid., p.13.

111 Idem.

Duarte Jr.¹¹² afirma a necessidade do desenvolvimento da sensibilidade com a razão, de forma integral e complementar. Para o autor, “[...] a sensibilidade aos mais básicos valores humanos coloca-nos exatamente nessa região de confluência entre as duas formas cognitivas que dispomos, já que os valores, ao mesmo tempo que brotam de uma atitude sensível frente à realidade, carecem de um aprimoramento através da reflexão ético-filosófica”.¹¹³ Não basta só o estímulo sensorial, mas atenção ao que se sente, reflexão sobre o que os estímulos provocam e a conexão entre os sentimentos, o dia a dia, nossa relação com os outros e o mundo que nos cerca. Desta forma, o encontro de hoje estava voltado para esta aproximação corpo e mente.

Após alguns minutos de exercício respiratório e de relaxamento, uma das participantes comentou, declarando sua impaciência: “Eu tenho paciência para fazer tudo, mas esse negócio de respirar...”. Percebo que esse contato com o corpo pode não ser confortável, dependendo do contexto. Refleti, posteriormente, que o corpo na ala de Alto Risco está em evidência, as mulheres estão grávidas e perto de entrar em trabalho de parto, “segurando” para prolongar um pouco mais a gestação, com enjoos e desconfortos, com sono e fome proeminente, todos esses aspectos influenciam a disposição ou não para determinadas atividades.

Em seguida, pedi que elas lembrassem das emoções e sensações que estão vivenciando naquele período de internação, que havia emoções/sensações diversas e que fizéssemos uma lista para depois trabalhar com a pintura. A lista foi, aos poucos, se formando com a colaboração de todas: ansiedade, saudade, estresse, tédio, sono/fome

112 Idem.

113 Ibid., p.214.

(conversaram sobre comida e proibições), ansiedade boa (a vontade de conhecer o bebê), vontade de sumir e evaporar dali, felicidade (ao ouvir as batidas do coração).

A partir dessa conversa inicial e desta lista, pedi que escolhessem uma daquelas emoções/sensações e procurassem expressar por meio da pintura (Img.18). Expliquei de forma simples sobre a pintura figurativa e abstrata, “A gente fala das nossas emoções pela cor, gesto ou com algumas formas que não necessariamente identificamos o que é.”. Ressaltei que o gesto e sua intensidade também podem revelar uma sensação ou percepção. Alertei para que não julgassem o trabalho, enquanto estivessem realizando, o julgamento negativo paralisa e impede a experiência espontânea e prazerosa. “Vamos aproveitar este espaço como se não existisse isso, então, aproveita esta sensação do pincel, da tinta e explora. Tem gente que nunca teve muito contato com tinta, é uma oportunidade de experimentar sem ficar pensando: ‘mas tá saindo feio’ - isso acaba atrapalhando”.

Uma delas não conseguia sair do papel branco, orientei que usasse esse primeiro papel para experimentar o material, as cores, os pincéis, a tinta, e que, após este primeiro reconhecimento, ela teria mais recursos, para, então, buscar colocar no papel suas percepções a partir da proposta. “Procura escolher uma cor e experimenta, depois escolhe outro tipo de pincel, sem muito compromisso, até você conhecer um pouco.”, “Esse pincel é bem gostoso de pintar...”. Assim, ela tomou coragem para iniciar sua pintura.

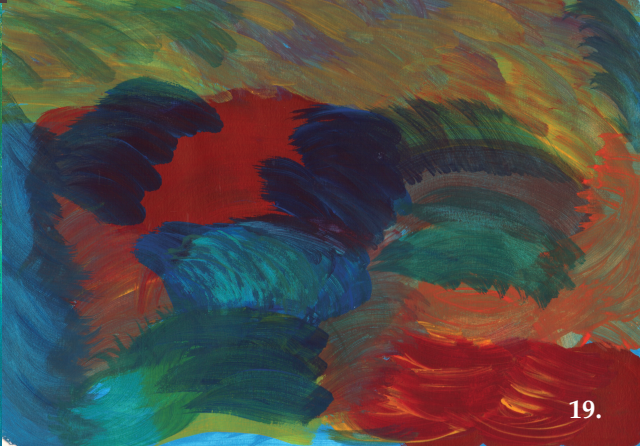
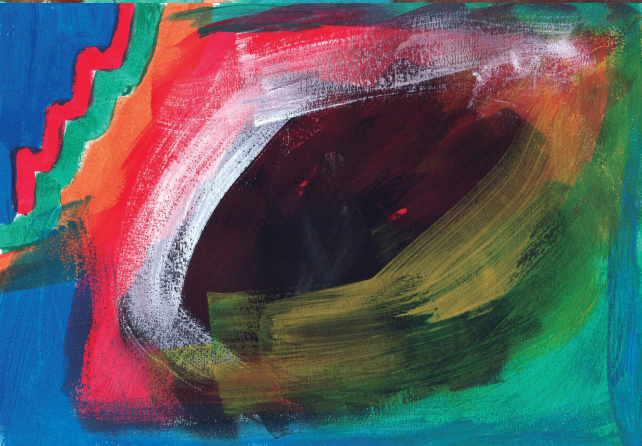
Apesar do silêncio na maior parte da atividade, alguns assuntos surgiram, como: lembrança dos filhos, local onde moram (Santa Maria, Varjão, São Sebastião e até Roraima). Falaram de dieta e dos desejos estranhos das grávidas (por tijolo, sabão em pó, a unha do marido).

Conversamos sobre frutas, e pratos típicos (tacacá, baião de dois). E sobre nossa mistura de raças, descendência indígena, negra e branca. Apesar da riqueza dos assuntos abordados nas conversas, a atividade artística não tem a função somente de provocar a fala. Safra¹¹⁴ alerta que, apesar da extensa valorização da palavra e da linguagem discursiva no mundo ocidental, privilegiando a razão, essa forma de expressão não cobre todo o campo simbólico do homem.

Durante a atividade, uma médica entrou na sala e logo foi elogiando a pintura de uma das participantes, afirmando que estava linda. Perguntei se ela gostaria de participar, proposta que não foi aceita. Em seguida, abordou outros assuntos, desviando o foco e a atenção mais introspectiva do grupo. Como ela estava chamando atenção de algumas pacientes, eu, em tom de brincadeira, lhe disse que não era o momento adequado, ela então disse: “Isso mesmo, este ambiente é de relaxamento!”. Pelos comentários das participantes e dos profissionais que circulam no local, as atividades artísticas são percebidas, em sua maioria, como atividade de relaxamento, “desestressar”, passar o tempo. Dificilmente é associada à reflexão e a expressão singular.



114 SAFRA, 2005.



Para finalizar o encontro, pedi que cada uma apresentasse sua pintura para o grupo. “Eu queria que cada uma falasse um pouco da sua pintura, o que vocês percebem dela, o que ela diz para vocês?”. Dessa forma, um pouco mais de cada participante foi sendo revelado, histórias surgiram a partir das pinturas, como: a notícia dos peixinhos que nasceram na casa de uma delas, o peixe raro que foi achado no rio, memórias de infância e comentários sobre a vontade de ir para casa. Uma delas gosta muito de plantas e está sentindo muita falta, então, lhe prometi que traria uma violeta. Uma delas pintou a ansiedade e a felicidade, “o colorido é minha felicidade de ter ele.”. Outra pintou-a grávida num jardim, “ela está feliz”, relatou que gostaria de fazer diferente, mas o braço estava doendo devido ao soro, ela gostaria de ter colocado também um homem junto a mulher grávida. Cada uma, a sua maneira, foi expressando seus sentimentos, histórias e reflexões.

Ao fim deste dia, e ao chegar no carro, sentei ao volante me sentindo desanimada, com pouca força, sem saber o que fazer e, ansiosa, resolvi, ali mesmo, refletir sobre esses sentimentos, e tentar identificar de onde vinham aquelas sensações, o que de fato me incomodava. Parei para vasculhar meu interior. Aos poucos fui conseguindo delinear, e percebi que as palavras que nomeavam o que sentia eram parecidas com as pontuadas pelas mulheres na atividade de hoje: estresse, ansiedade, frustração, raiva, cansaço, saudade. Percebi minha empatia pelo grupo e consegui avaliar melhor a direção que aqueles encontros apontavam. Busquei identificar o que de mais importante estava acontecendo com aquela aparente conversa trivial. Percebi a importância do espaço de compartilhamento que se configurava, um espaço relacional que se constituía a partir da arte.

Investigando a arte dentro de uma vertente de convívio e situado no contexto contemporâneo, Bourriaud¹¹⁵ discorre sobre a estética relacional em que “... as obras [...] procuram constituir modos de existência ou modelos de ação dentro da realidade existente, qualquer que seja a escala escolhida pelo artista”¹¹⁶. Esses modos de existência pressupõem a interação e a inter-relação como um foco fértil da arte contemporânea.

Bourriaud¹¹⁷ pontua a herança dos ideais da modernidade, alguns já esgotados, como a necessidade do novo; outros, sob a bandeira idealista da razão e do progresso, trouxeram como consequência uma maior exploração de indivíduos e povos. Porém, a vontade de transformar a cultura, as mentalidades e as condições de vida permanecem em nosso tempo, apesar de fragmentária. O projeto cultural e político da arte contemporânea, dentro da proposta relacional, seria calcado na invenção do cotidiano e na ordenação do tempo vivido. Nesse sentido, o encontro toma uma dimensão de intersubjetividade e de elaboração coletiva de sentido.

[...] A possibilidade de uma arte *relacional* (uma arte que tem como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e *privado*) atesta uma inversão radical dos objetivos estéticos, culturais e políticos postulados pela arte moderna. Em termos sociológicos gerais, essa evolução deriva sobretudo do nascimento de uma cultura urbana mundial e da aplicação desse modelo citadino a praticamente todos os fenômenos culturais.¹¹⁸

115 BOURRIAUD, Nicolas. A estética relacional. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009. Coleção Todas as Artes. 151p.

116 BOURRIAUD, 2009, p.18.

117 Idem.

118 Ibid., p.19.

Esse autor alerta que a arte sempre foi relacional, promovendo encontros (eu e o outro, eu e a obra) e diálogos, indo além do valor comercial e semântico, mas representando um interstício social, termo cunhado por Karl Marx, para designar comunidades de troca que não visam ao lucro. O autor reforça o projeto político da arte contemporânea no ponto onde ela investe e problematiza a esfera das relações.

A estética relacional é definida por Bourriaud¹¹⁹ como uma teoria da forma, considerando a forma uma estrutura, um encontro fortuito e duradouro, fazendo um paralelo à colisão dos átomos que, para criar um mundo, precisam se unificar, “... assim, toda obra é um modelo de mundo viável. Toda obra, até o projeto mais crítico e demolidor, passa por este estado de mundo viável, por que ela permite o encontro fortuito de elementos separados ...”¹²⁰. A forma da arte contemporânea não se limita à forma material, mas à estrutura que provoca uma aglutinação dinâmica, uma ligação. A partir disso, indaga sobre o que seria uma forma relacional, ou seja, o que adquire uma forma a partir do olhar do outro. Referindo-se às práticas artísticas contemporâneas, o autor afirma ser mais adequado falar em formações do que em formas, já que a obra se forma a partir do encontro, “... a essência da prática artística residiria assim, na invenção de relações entre sujeitos; cada obra de arte, em particular, seria a proposta de habitar um mundo em comum, enquanto o trabalho de cada artista comporia um feixe de relações com o mundo...”¹²¹. A intersubjetividade proporcionada pela arte torna-se, dentro dessa perspectiva, a essência da prática artística.

119 Idem.

120 Ibid., p.27.

121 Ibid., p.30.

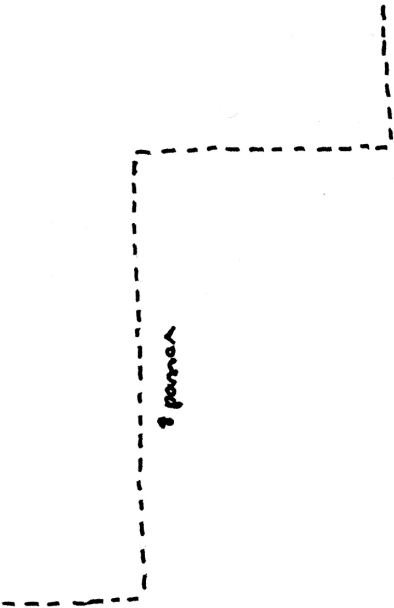
Ainda, sobre o aspecto relacional, e verificando importância das relações que iam se configurando no grupo, percebi que o mais difícil para elas era deixar, mesmo que temporariamente, a família, o marido e os filhos. A relação também é um dos pontos focais do filósofo francês Jean-Luc Nancy¹²², que trata da questão da localização do ser, sendo o sentido da existência o “estar-com” e, para se relacionar, é necessário o corpo, portanto, a ontologia do ser é a ontologia do corpo. Para esse autor, o ser singular se constrói a partir da relação, esta relacionalidade com outros corpos, o torna único. O ser não é uma essência comum a todos, mas é singular-plural; singular, porque se concretiza a cada existência e somente é singular pela multiplicidade das existências singulares. Portanto, o sentido da existência do ser “somos nós”, o “ser-com”, o “ser-uns-com-os-outros” é uma coexistência. O sentido da coexistência não é a relação entre um corpo e o outro, mas os contornos que este “com” assume a cada encontro. O sentido do ser está no elemento incorpóreo, que não é um espaço preexistente, mas que se forma no deslocamento, exposição e disposição dos corpos.

Além da importância do aspecto relacional, verifiquei, também, que, graças ao processo de internação, ocorre uma desterritorialização subjetiva, novos hábitos, novas companheiras de quarto, algumas sentindo as modificações corporais pela primeira vez. As que ficam mais tempo internadas começam a se adaptar, porém, o que faz com que aquele ambiente estranho comece a ficar mais familiar? Que objetos fazem com que isso aconteça? Como isso ocorre? Será que ocorre pelo reconhecimento de uma nova rotina? Ou pela a familiaridade que se vai

122 NANCY apud TARIZZO, Davide. Filósofos em Comunidade. Nancy, Esposito, Agamben. In: PAIVA, Raquel (Org.). O retorno da comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 31 - 62.

construindo com as pessoas? Como a arte pode colaborar nesse sentido? Se a subjetividade pode ser vista como processo de criação, podemos criar e modificar a maneira de ver o mundo ao redor e a nós mesmos? A partir dessas indagações, percebi que o caminho a percorrer era bastante estimulante, e comecei a recuperar minha confiança.

Após todas estas considerações, me senti mais forte para continuar e, concluindo esta minha investigação sensível, percebi que os primeiros encontros me deixaram ansiosa pela possibilidade do grupo não ir adiante. Primeiramente, me senti perdida, mas, a partir da reflexão, verifiquei que a própria metodologia se configurava dessa forma, sem as certezas prévias de um planejamento detalhado, pela necessidade de conhecer os participantes antes de idealizar as atividades. Ficou mais claro que a incerteza fazia parte, e que esses primeiros encontros eram para reconhecer o grupo e levar elementos que correspondessem às necessidades daquelas mulheres.



3 persons

3.5. Violeta: a grávida coletiva

Domingo, cheguei às 10h e chamei o grupo. Preparei a sala e resolvi deixar de lado o procedimento, já usual, de voltar a chamá-las repetidamente, fruto de uma suposta necessidade de motivá-las, misturada com minha ansiedade. Diante disso, chamei somente uma vez e aguardei, caso elas não viessem estava decidida a ir embora sem esforço algum. Aos poucos elas foram chegando.

Demos início a mais um dia, juntas. Pedi para uma delas, que tinha mais facilidade com o desenho, que fizesse o contorno de uma grávida num papel kraft grande, depois todas iriam colorir juntas com pastel oleoso (Img.20). Apesar da dor nos braços de tanta “picada na veia”, ela concordou com o desafio do desenho. O intuito era criar uma grávida coletiva, realizar uma atividade juntas, intensificar a relação e compartilhar o mesmo papel, dando vida a um único trabalho realizado por todas.

Durante a atividade, conversaram sobre a participação dos maridos nos afazeres domésticos e a sobrecarga acarretada pela ausência delas. Depois, uma das participantes revelou a preocupação com o sexo do bebê e a expectativa do marido para que seja menino. Falaram das simpatias de adivinhação para descobrir se vai ser menino ou menina e explicaram, “Se é garfo é menino, se é colher é menina, esconde embaixo do travesseiro e pede para você sentar”, então, uma delas afirmou: “Pois eu confio no instinto de mãe.”.

Outro assunto que surgiu foi o gosto musical e vários estilos foram citados: rock, reggae, rap, música evangélica. Sobre o rap, enumeraram alguns grupos: Tribo da Periferia, Liberdade Condicional, e um só de mulheres, Atitude Feminina, e uma delas comentou: “Ela fala da vida da irmã que o marido matou, espancou muito, violentou e matou.”. E se

referindo às colegas de quarto disse: “Disseram que é música de bandido, elas gostam de música evangélica.”, e complementou pontuando: “Cada um tem um gosto, ninguém deve criticar o gosto de ninguém!”.

Foram colorindo e conversando (Img.20), em alguns momentos decidiam juntas as cores que iam pintar, como a cor do batom. Para tomar essa decisão, foi feita uma votação, metade queria vermelha e metade azul: “Pinta um lado de vermelho e outro de azul, ela já é toda colorida mesmo!”. Ao terminarem a grávida coletiva, recortei e fixei na parede, “Ela vai ter que ficar com você, né?”, “Podia deixar ela aqui!”, “Eles não deixam por causa dos médicos.”, “Eles vão brigar por causa disso?”, “Nossa obra de arte, oxí!”, e resolvemos deixar fixada na parede da sala dos médicos. Sugeri que déssemos um nome, uma delas sugeriu o nome Violeta (Img.21), “Violeta porque ela tem muita cor!” e todas concordaram, “Ficou legal!”, “Todo mundo fez ela!”. Aliás, quem deu esta sugestão foi a mesma que prometi trazer uma violeta para lhe dar, ao chegar expliquei que não pude trazer hoje, mas que não havia esquecido. Encerramos esta atividade deixando Violeta na parede da sala.

Nesse mesmo dia, iniciamos a atividade que seria finalizada no próximo encontro. A proposta foi criar uma boneca ou boneco de pano. Esta ideia surgiu ao lembrar das aulas periódicas de bordado, ministradas pelo grupo de voluntárias. Percebi que elas gostavam desta atividade e tinham uma pequena familiaridade com os materiais de costura. Além disso, eu já havia proposto a criação da boneca em outros grupos anteriormente¹²³, portanto, também me era familiar. Minha intenção ainda estava voltada para o aspecto relacional do grupo.

123 A confecção da boneca de pano fazia parte da metodologia do projeto Roda de Mulheres, do Instituto Arcana, do qual fiz parte, de 2009 a 2011. Apesar de que o objetivo e a condução da atividade proposta para este grupo não ser o mesmo orientado pela metodologia da Arcana.



Com um molde, cortamos o tecido e distribuí linha e agulha para que elas costurassem o corpo da boneca e, então, no próximo encontro, poderiam colocar o enchimento e personalizar. Nesse momento, uma delas comentou: “Esses dias passaram rápido, já chegou o final de semana”. Com o comentário, percebi a mudança da percepção subjetiva do tempo acarretado pela participação no grupo.

Distribuí o material, ensinei um tipo de ponto de costura e encorajei-as a procurar, umas às outras, em caso de dificuldade. Dessa forma, elas poderiam se “visitar” nos quartos, fortalecendo a amizade. Logo após, dei uma pasta para guardarem os trabalhos em papel e cada uma escolheu a cor que desejava, entreguei os trabalhos já realizados e continuamos com o preenchimento dos termos e anamnese, dando as explicações necessárias. Também confirmei com uma delas sobre o melhor horário para a oficina. Considerando que o almoço é às 11h 30min, o lanche às 15h e o jantar é servido às 17h 30min, o melhor horário para o encontro era mesmo das 15h 15min às 17h 15min. Cada uma foi se retirando, à medida que finalizava e um lembrete firme ecoou na sala, “Não esqueça minha plantinha!”.



3.6. Costurando ligações e os símbolos orgânico-estéticos

Cheguei para mais um dia e levei um susto ao ver a Violeta “estatelada” no chão! Na hora, perguntei para a enfermeira que estava na sala: “O que aconteceu com a Violeta!?!”. Na minha trágica imaginação, achei que tinham desgrudado da parede e, com desdém, deixando-a ali jogada. Depois fiquei sabendo que a Violeta não queria ficar grudada na parede, toda hora caia e alguém ia colar. Violeta também assustou muita gente na madrugada, principalmente as enfermeiras, já que era uma presença nova na sala dos médicos. À noite, esta sala fica na penumbra e Violeta causou espanto ao ser vista pelas janelas grandes de vidro. Ela causou muitas sensações e emoções. Conversando com uma amiga, depois, e reportando o acontecido, ela comentou: “Nossa, como a presença da arte mexe com as pessoas, tira elas da normalidade!”.

Após ter recolhido Violeta do chão e arrumado a sala, fui chamar o grupo. Encontrei uma delas no corredor, que foi logo me perguntando se eu havia trazido a plantinha, na sala eu lhe dei o presente. Disse que era do meu jardim, ela sorriu e me prometeu cuidar muito bem. Logo estavam todas na sala, levei material para terminarmos a(o) boneca(o), tecidos, fitas, lã e cola quente.

Assim que começamos, propus que fizéssemos um rap juntas, ideia inspirada no encontro anterior. Disse-lhes que já tinha uma estrofe e cantei para elas no ritmo: “Chequei no hospital para ver qual é que é! Levei a minha arte e encontrei foi as mulhé! Se livre do tédio, tédio! Se livre do tédio, tédio!”. Elas riram e uma das participantes, que no último encontro disse gostar de rap, me olhou com certo espanto e simpatia, dizendo que ia escolher uns raps e trazer para ouvirmos. Porém, alertou que tínhamos que criar a partir do que sentimos ali e comentou sobre

grupos de mulheres que criam rap a partir de suas vivências. Percebi nessa fala a seriedade com que ela se referia ao rap e deixei a proposta feita sem muita expectativa.

O encontro foi longo, fui ajudando cada uma a resolver certas dificuldades técnicas na criação das bonecas (Img.22), uma delas fez um boneco, justificando que estava esperando um menino. Pedi que fossem pensando em um nome e como era essa (esse) boneca(o). No meio da tarde, algumas mulheres que não pertenciam ao grupo entraram na sala e sentaram para assistir. Isso me incomodou, sempre prefiro deixar o grupo mais “protegido”, já que o vínculo formado cria confiança, surgindo comentários e conversas que vão se desenrolando com a intimidade. Porém, essas mulheres que chegaram disseram que foi ordem do médico, que as orientou para que fossem àquela sala devido ao calor, já que é a única com ventilador. Precisei me adaptar, mesmo sentindo a interferência.

Enquanto costuravam suas bonecas, uma das participantes comentou que não sabe como aguentaria se não estivesse acontecendo esta oficina, relatou que tinha esquecido que eu não iria no dia anterior, e de manhã, sentindo a minha falta, já estava ficando com raiva, então, uma das enfermeiras a lembrou que eu só viria no dia seguinte. E cada uma foi dando vida a sua criação, personalizando, escolhendo a cor dos cabelos, se seriam compridos ou curtos, como seria a roupa, a cor do tecido, que acessórios teriam, dentre as fitas de cetim, botões coloridos, contas e lantejoulas.

Para finalizar, cada uma apresentou sua criação, dando um nome e falando das características, um misto de atributos pessoais e projeções feitas em relação à criança esperada. Conhecemos a Sabrina, que gosta de floresta e de animais - constatei que ela deu o mesmo nome da filha que

está esperando. Surgiu o comentário: “Vocês estão é fazendo o filho de vocês!”. Tivemos uma boneca que gosta de reggae, e também um boneco dos cabelinhos espetados. Uma delas preferiu vestir sua boneca com calça, diferente da maioria que costurou vestidos, e outra comentou que a filha achou que sua boneca parecia uma senhora (Img.23).



Safra¹²⁴ pontua as diversas formas sensíveis em que o indivíduo apresenta seu existir, articulando a linguagem discursiva, com formas estéticas e simbólicas, ligadas ao campo sensorial de suas vivências. Dessa forma, buscam significar suas experiências, o que permite que o indivíduo crie e mapeie seu mundo. Langer¹²⁵ denomina estes símbolos de apresentativos, diferenciando-os dos símbolos discursivos. O símbolo

124 SAFRA, 2005.

125 LANGER apud SAFRA, 2005.



23.

apresentativo seria entendido pela relação entre elementos que constituem sua totalidade estrutural. Para Safra¹²⁶, estes símbolos tratam de uma “[...] articulação orgânica de experiências estéticas. Eles apresentam sensações, as diferentes experiências do estar vivo, os sentidos do encontro com o outro, as posições que o indivíduo ocupa no mundo humano”¹²⁷. O símbolo, nesse sentido, não estaria representando algo, mas apresentando, de forma integral e simultânea.

O autor, por fim, coloca o objeto além da função de representativo ou apresentativo, mas como um organismo vivo. Ressalta, com isso, a qualidade de pulsação, que tem relação com a corporeidade do indivíduo, abrindo as possibilidades de ser. Porém, Safra¹²⁸ alerta que há vivências que se expressam mais adequadamente na linguagem discursiva e outras no que ele denomina símbolos orgânico-estéticos.

Cada uma personalizou as(os) bonecas(o) do seu jeito e, assim, finalizamos este encontro com a apresentação dos trabalhos (Img.23). Porém, apesar da importância de mostrar o trabalho ao grupo validando a experiência, a apresentação ultrapassa a linguagem verbal, pois ocorre durante todo o processo do fazer, com a utilização de símbolos estético-orgânico, que, de acordo com Safra¹²⁹, ligam o sentir, o ser e o existir e, dessa forma, preservam a complexidade e organicidade da experiência. Ao finalizar e me despedir do grupo, coloquei todo material na caixa de rodinhas e realizei meu percurso de volta, mais um traçado no meu itinerário.

126 Idem.

127 Ibid., p.26.

128 Idem.

129 Idem.

3.7. Cada dia um dia diferente

No dia seguinte, retornei conforme combinado. A proposta foi colagem com papéis coloridos sobre papel panamá e escrever o nome do bebê (Img.24). Expliquei ao grupo: “A ideia é fazermos uma colagem, rasgando os papéis coloridos e colando-os, fazendo um fundo, e vamos escrever o nome do bebê para quem já escolheu, ou qualquer outra palavra que queiram, relacionada com o bebê”. A proposta era cortar os papéis sem utilizar a tesoura, mas rasgando com as mãos, possibilitando uma relação diferente e mais tátil, além disso, abrindo para o inusitado, experimentando menos controle sobre o resultado final e aceitando o que o acaso pode oferecer.

Fui chamar uma delas no quarto, que me relatou estar com glicose baixa e que não poderia participar. Reclamou que ficava esperando o encontro o dia inteiro e bem na hora não podia, que ficava muito chateada. Então, falei que traria o material para o quarto, assim não deixaria de fazer a atividade e ela me agradeceu: “Obrigada de verdade!”. A adaptação faz parte deste contexto e é preciso desenvolver a sensibilidade e criatividade para realizar os ajustes necessários, é preciso realmente “ser-uns-com-os-outros”, é necessário coexistir.

De volta à sala, soube notícias da plantinha: “Me dá este plástico aí? Minha plantinha vai ficar tão bonitinha enroladinha neste plástico.... Eu vou levar ela pra casa! Eu levanto, tomo banho e boto ela lá no banheiro comigo, eu banho ela também e deixo lá. Falei pro marido que ganhou uma violeta e ele disse para eu cuidar direitinho, igual eu cuido das minhas plantas. Eu disse: Claro!! Ganhei com tanto carinho. E ele disse: “Tá bom, quando eu for te buscar, busco você e a plantinha.”. Por fim comentei: “Legal! Ela ganhou um novo lar agora.”. Esta plantinha ajudou a transformar o espaço em um ambiente mais familiar para paciente.

Durante a atividade, uma delas comentou que com a tesoura ficaria mais bonitinho e eu lhe disse: “Eu gosto muito de rasgar o papel, acho gostoso e gosto do acaso, ficam aquelas bordas, mas se você quiser cortar, tem tesoura, pode cortar também”. Deixei-a livre para escolher, dando-lhe primeiro uma possibilidade diferente, porém não a obrigando a fazer algo que a desagradava e oferecendo uma alternativa. Sobre a beleza, Ostrower¹³⁰ reflete: “A beleza não é o bonitinho [...]”¹³¹, “[...] a beleza para mim e a visão, tudo isto são coisas onde o ser responde com todo o seu ser, com todo o seu ser intelectual, mas também sensível e sensual.”¹³². Portanto, somente aparentar bonitinho não é a proposta da oficina, mas que cada uma busque a coerência de suas escolhas em si mesmas e nas relações, consigo, com sua produção, com o outro e o mundo que as cerca.

Ainda nesse momento, outra participante exclamou: “É bom que desestressa rasgando!”. Peguei um papel e rasguei percebendo a sensação de alívio que sentia com este ato e comecei a divagar, buscando na memória esta sensação, como: a pressa em abrir um presente que tantas vezes me fez rasgar o embrulho me dando grande satisfação, o prazer de picar uma foto que me desagradava ou trazia lembranças ruins, e o alívio de me desfazer de algum segredo registrado num papel. A sensação tátil nos conecta a lembranças, vivências e memórias.

Uma delas, apesar do parto já ter sido induzido pelos médicos, compareceu à sala de artes e demonstrava muita ansiedade: “Eles colocaram o remédio e cadê a dor?”. E elas falaram de receitas caseiras para induzir o parto, pimenta do reino torrada com ovo cozido e chá de pimenta do reino.

130 OSTROWER, Fayga. In: JARDIM, João; CARVALHO, Walter. A janela da alma. [documentário]. Produção Ravina Filmes. Rio de Janeiro. Depoimento não incluído. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=iM2woc1Vt3s>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

131 Ibid.

132 Ibid.



24.



25.

Comentaram sobre uma paciente que fez cerclagem, “Ela fez cerclagem para fechar o orifício (vagina)? Para segurar o Bebê?”, “Isso para segurar o bebê, segura na marra!!!!” E todas deram risada. Falaram também sobre crochê e combinaram de trocar revistas que ensinam os pontos. Fico satisfeita ao perceber que a amizade e a relação delas não estão mais restritas aos horários de encontro do grupo.

A última etapa da atividade consistia em escrever o nome do bebê e, para as mães que ainda não escolheram o nome, poderiam escrever alguma palavra relacionada (Img.25). “O nome dá para escrever com a lã, passa a cola e vai colando, com fita de cetim também dá para fazer.”, havia disponível também outros pequenos objetos como conchas, lantejoulas, purpurina.

Nesse momento, aproveitei que a única mãe acompanhante deste setor entrou na sala e perguntei se havia visto alguma outra mãe por ali, me referindo a outras possíveis acompanhantes na intenção de realizar um grupo com elas. Ela me respondeu: “Mãe não tem não, o que tem é de bebezinho lá em baixo que não pode subir”, “Eu vou ter que descer para atender elas lá...”, “É vai ter que ser lá, né.”. Aos poucos fui me dando conta da impossibilidade de montar um grupo de acompanhantes no Alto Risco. Os agenciamentos são constantes e necessários para realização do trabalho. Voltei, nesse momento, às idas e vindas do percurso, às mudanças de rota, das trilhas e atalhos que se formam perante as novas possibilidades do espaço nômade.

Eu e uma das participantes começamos a conversar sobre uma escola próxima de nossas casas, já que moro perto dela: “Quase fiz um trabalho naquela escola.”, “Aquela escola ali, eles precisam de pessoas que realmente ajudem, que nem você faz este trabalho aqui, se você conseguisse fazer lá com as meninas seria muito bom. Acho que se você fosse na escola e tentasse fazer com as crianças, eu acho que você ajudaria muito.”.

Aproveitei para perguntar ao grupo em que a arte ajudava e uma delas respondeu: “Acho que ajuda em tudo.”. Então, perguntei: “Aqui no hospital este trabalho ajuda em quê? ” “A se distrair, a gente passar mais o tempo e não ficar pensando só naquilo, né... Porque assim, a gente já tá num ambiente que fica com a cabeça cheia, preocupada. Pra mim isso aqui é uma distração, tipo eu tô aqui e não tô pensando né, eu penso mas não tô focada naquilo.”. E continuamos o diálogo, “Vocês acham que, quando começa a fazer este tipo de trabalho, muda seu olhar para o hospital?”, “Vira, porque aqui é um tédio, todo dia a mesma coisa, é rotineiro. Levanta, toma remédio, come e dorme. Não pode sair, só dar voltas no corredor, muito difícil, muito rotineiro”, “tô aqui há meses, e só vejo o sol quadrado pela janela.”. Comentei: “Mas a aula de arte se torna uma rotina também”, e ouvi: “Mas aqui é diferente, né. Cada dia é uma coisa diferente.”. A partir desse diálogo, percebi que aquele espaço da arte abria possibilidades de sair da repetição dos pensamentos negativos e da preocupação. Além disso, há uma modificação no espaço e no tempo.

Outros assuntos foram conversados entre elas até finalizar a atividade. Por fim, como de costume, cada uma apresentou seu trabalho. A partir da ideia de uma delas, a maioria colou uma fita para pendurar no berço do bebê, na Maternidade. Outra participante fez um porta-retrato e pediu para, ao invés de escrever o nome, se poderia colar as fotos dos filhos, e assim foi feito. Falaram dos nomes escolhidos e uma delas escreveu Princess, já que ainda não estava certa do nome a ser dado. Na despedida, apliquei o questionário final com uma delas, que já estava entrando em trabalho de parto e, portanto, não iria continuar no grupo. E, assim, mais um encontro foi realizado.

3.8. Zine: jornal autoral

Cheguei sábado de manhã, uma delas não estava se sentindo bem, no encontro passado ela participou da atividade na cama e, desta vez estava no computador assistindo filme de terror. A participante que teve o parto induzido no encontro anterior, desceu para o centro de obstetrícia. Outra participante, por recomendação médica, não pode sair da cama. Porém, duas novas participantes quiseram fazer parte do grupo. Expliquei sobre a oficina e os termos que elas deveriam assinar e, de imediato, uma das integrantes antigas frisou que não podia entrar e sair, que se entrasse era para ficar.

Com o grupo formado, iniciamos a atividade, partindo de uma breve explicação. A proposta do dia era fazermos um fanzine (Img.27/28). Zine, em sua forma abreviada, é um jornal autoral independente, com teor artístico e muitas vezes político, normalmente feito para ser de tiragem de baixo custo, xerox, dando voz a seus autores e desvinculado da grande mídia. Expliquei: “Podemos colocar nossos pensamentos, sentimentos e imagens”, e uma delas complementou meu comentário: “Aqui cada uma tem uma história, então você vai escrever aquilo que você realmente sente, sobre você, o que você pensou.”. Entreguei recortes de revistas, cola e tesoura e iniciamos a atividade.

O contexto era de greve e paralização dos servidores públicos da saúde e médicos, com diversas reivindicações e, também, a publicação, em julho deste ano, de decreto regulamentando a concessão de espaços públicos, permitindo que o governo estabeleça parcerias com órgãos privados, sem fins lucrativos, para gerenciamento das unidades básicas de saúde, como os hospitais regionais. Além disso, no hospital estão se referindo a esta proposta como privatização da saúde. Dessa forma, uma

das participantes sugeriu que falássemos do assunto no zine, disse que tínhamos que fazer algo a respeito, que as reivindicações não podiam ficar só nas mãos dos médicos, “A melhor maneira para eles não privatizarem é as pessoas reagirem.”, assim, todas aceitaram a proposta de explorar este tema.

Expliquei um pouco sobre diagramação, que o título fica normalmente em cima e com letras maiores e, além de texto, teria também imagens. Mostrei a estrutura do jornalzinho que seria composto de duas folhas dobradas ao meio, uma dentro da outra, portanto teríamos uma capa com o nome do zine escolhido por elas e sugeri que falássemos de pelo menos três temas. Um deles seria a privatização, já escolhido pelo grupo.

Como em conversa anterior sobre o rap, reforçada naquele dia pela mesma participante, para se “falar sobre os sentimentos”, e, também, por ser um dos temas já trabalhados, ficou definido que uma das páginas duplas seria os sentimentos bons e a outra os ruins da experiência da internação. Dewey¹³³ reforça a importância da integralidade para uma experiência estética, não a separando do prático, do intelectual e do afetivo. O prático diz respeito à interação com o meio; o intelectual dá sentido à experiência e o afetivo promove a unidade interligando o todo. Além disso, deve ter uma continuidade entre o que veio antes e o que virá, e ser consumada.

Com os temas já definidos, elas foram em busca de imagens, palavras e frases (Img.26). Propus que escrevessem algo sobre cada tema e acabei percebendo que seria mais produtivo tomar nota à medida que discutiam sobre as questões levantadas. Assim, ao terminar, mostrei a

133 DEWEY, 2010.

elas, que se surpreenderam e aprovaram o conteúdo autoral a ser escrito no zine. Depois, com as imagens selecionadas, a partir das revistas, fui estimulando a reflexão, mostrando cada recorte e relembrando o tema de cada sessão do jornalzinho, para que, assim, pudessem decidir onde colar.

Durante a seleção das imagens, como usualmente, muitos assuntos foram abordados. Falaram sobre as imagens que aparecem em filmes e os medos das crianças a partir dessas imagens, que para nós muitas vezes tem outra conotação, como princesas e fadas. Uma delas citou o medo do filho em relação ao gigante azul do filme Avatar. Conversaram, também, sobre princípios de higiene versus excesso de zelo com as crianças, sobre a importância dos anticorpos, sobre a criação que receberam e histórias pessoais. Ao perguntar quem gostaria de escrever o texto no zine, falamos sobre caligrafia e uma delas comentou: “Antes, as crianças tinham a letra bonitinha, organizadinha, hoje não, os meninos escrevem de todo jeito.”, e por fim todas disseram que não tinham a letra bonita.

A partir de um recorte de revista, com a frase “Voz às mulheres”, ficou decidido que este seria o título do fanzine. Uma delas fez uma sugestão bem interessante, ao dizer que eu deveria dar um para cada uma - se referindo ao zine - para que, então, com tempo, elas achassem o que realmente sentiam para colocar, “É um jornal coletivo, mas eu faria uma parte com alguém que está no mesmo quarto.”. Apesar da ideia ser boa, lembrei que, no encontro anterior, deixei com elas papel e caneta para que anotassem sentimentos, ideias, letras de música, poemas, e pensamentos, porém, não trouxeram nenhuma nota. Portanto, resolvi estimular para que continuássemos nossas reflexões e finalizássemos ainda naquele dia.



Após muitas decisões tomadas sobre as imagens, seus significados e qual posição seriam fixadas para colaborar melhor com as ideias, terminamos. Levei o zine à participante que estava no quarto, para que fizesse algum desenho, e assim participasse, também, da criação do grupo. Voltando com o desenho feito na capa, disse que levaria para xerocar e traria, para que, então, elas pudessem distribuir. Para finalizar, perguntei como tinha sido a realização do jornalzinho, se foi fácil, difícil. Uma delas exclamou: “Foi bem legal!”. “É legal fazer uma coisa assim, todo mundo junto, agora sozinho, se fosse para eu fazer sozinha já não ia fazer”. Percebi o orgulho em relação ao trabalho terminado, fruto da contribuição de todas, em que cada uma colaborou, opinando e aceitando a sugestão das demais.

Nessa interação, existe um fazer e um ficar de sujeitos relacionados, “A ação e sua consequência devem estar unidas na percepção. Essa relação é o que confere significado, apreendê-lo é o objetivo de toda compreensão. O âmbito e o conteúdo das relações medem o conteúdo significativo de uma experiência.”¹³⁴. Portanto, é necessário um equilíbrio entre a ação e a receptividade, o fazer em excesso não abre espaço para reflexão e o acúmulo de recepção, de impressões, sem fatos que tenham contato com as realidades da vida, tornam a experiência desorganizada.

Para Dewey¹³⁵, a verdadeira obra de arte é o desenvolvimento de uma experiência integral, produto da interação entre as condições e energias orgânicas e ambientais. O autor alerta que a palavra relação tem duplo significado, por um lado, ligada a algo intelectual e lógico, quando se trata de um modo de pensar, de um discurso filosófico. Mas também, “...

134 Ibid., p.122.

135 Idem.

em seu uso idiomático, denota algo direto e ativo, dinâmico e energético. Fixa a atenção no modo como as coisas se afetam mutuamente, em seus choques e uniões, em sua maneira de realizar e frustrar, promover e retardar, instigar e inibir umas às outras.”¹³⁶. Portanto, as relações são modos de interação, tanto na arte, nas relações de amizade, quanto na relação entre os corpos. Essas relações podem ser reveladas por conceitos, mas há uma modificação acarretada pela ação e reação. O autor ressalta que a arte não afirma, mas é um modo de expressão, se refere a existências percebidas.

A arte expressa, não afirma; tem a ver com existências em suas qualidades percebidas, não com concepções simbolizadas em palavras. Uma relação social é uma questão de afetos e obrigações, interação, geração, influência e modificações recíprocas. É neste sentido que a “relação” deve ser entendida, quando usada para definir a forma na arte.¹³⁷

O autor, com frequência, afirma a necessidade de interação, do ambiente com o organismo, como sendo a fonte de toda experiência. Portanto, além do caráter fortemente reflexivo desta atividade, nas escolhas dos temas, imagens e textos, bem como na necessidade de refletir sobre o momento vivido, emoções, sentimentos e desejos, o aspecto relacional é bastante forte. Dessa forma, terminamos mais um encontro.

136 Ibid., p. 259.

137 Ibid., p. 260.

SÓ O QUE VALE A PENA

ALICE

GIOGO EMANUEL

SÃO GULHERME



SARRINA

ESTEFANIE VITÓRIA

HIXSON VITOR



PRINCESSA

JOSÉ CARVALHO



MAR DE TESOUROS

VOZ ÀS MULHERES



66

MÃES QUE AMAM

69



CLIQUE DA MEMÓRIA

SEM AVISO

NÃO



NO CASO, ELA ESTÁ AQUI POR CAUSA DO BEBÊ E NA HORA DA ECOGRAFIA VAI TORCENDO PARA QUE MEXA, QUANDO NÃO MEXE ELA VOLTA CHORANDO.

VONTADE DE SAIR

ANSIEDADE

ESTRESSE

ORIGEM DA DOR.

DE CHEGADA

MERGULHANDO NO VAZIO

PREOCUPAÇÃO com o QUE TÁ LÁ FORA ...

PREOCUPAÇÃO COM OS OUTROS FILHOS.

PREOCUPAÇÃO

MINHA FILHA DISSE :
"TÃO RUIM FICAR AQUI EM CASA SÓ COM MEU PAI..."

MEDO DE MORRER NO PARTO, TRAIMA DO MEU OUTRO PARTO...

MEDO

alcance de uma intervenção nessa situação? O que fazer quando a pessoa adulta, consciente, decide que correr riscos é o que garante "qualidade" à sua vida?

DIGA NÃO A PRIVATIZAÇÃO

NÓS PRECISAMOS DO HOSPITAL!

ANTES O GOVERNO TOMAVA ATITUDE DO HOSPITAL E VAI VIR UMA EMPRESA QUE VAI TOMAR CONTA. TUDO QUE ENTRAR O GOVERNO VAI TER A METADE E NÓS TOBRES ESTAMOS FERRADOS!

AS ENFERMEIRAS SÃO ATENCIOSAS, AJUDAM DA MANEIRA QUE PODEM.

saudável? Como bater o martelo e determinar o que é qualidade de vida me valendo apenas de um conceito comportamental e de saúde? Assim, muitos reclamam dessa "ditadura" do ter que fazer tudo certo o tempo todo.

OS MÉDICOS TÊM DIREITO A SEU SALÁRIO CERTINHO E DEVERIAM GANHAR POR QUE FAZEM BEM AS PESSOAS.



SEM ARREPENDIMENTO QUEM CRÊ, CRIA!



VIDA

VITÓRIA

VONTADE DE TROCAR A PRIMEIRA FRALDA, DAR O PRIMEIRO BANHO, O PRIMEIRO CHORO, VOZ CHORAR QUANDO VER...



PRAZER DE SER CHAMADA DE MÃE.

AMOR

SAUDADE

MEU MARIDO JÁ FÁ SENTINDO CHEIRO DE MENEN E O MEU VAI CHORAR ELA POR UM MÊS!

ELA ESTÁ BEM, ESTOU AQUI POR MINHA CAUSA, CARINHO POR ELA...

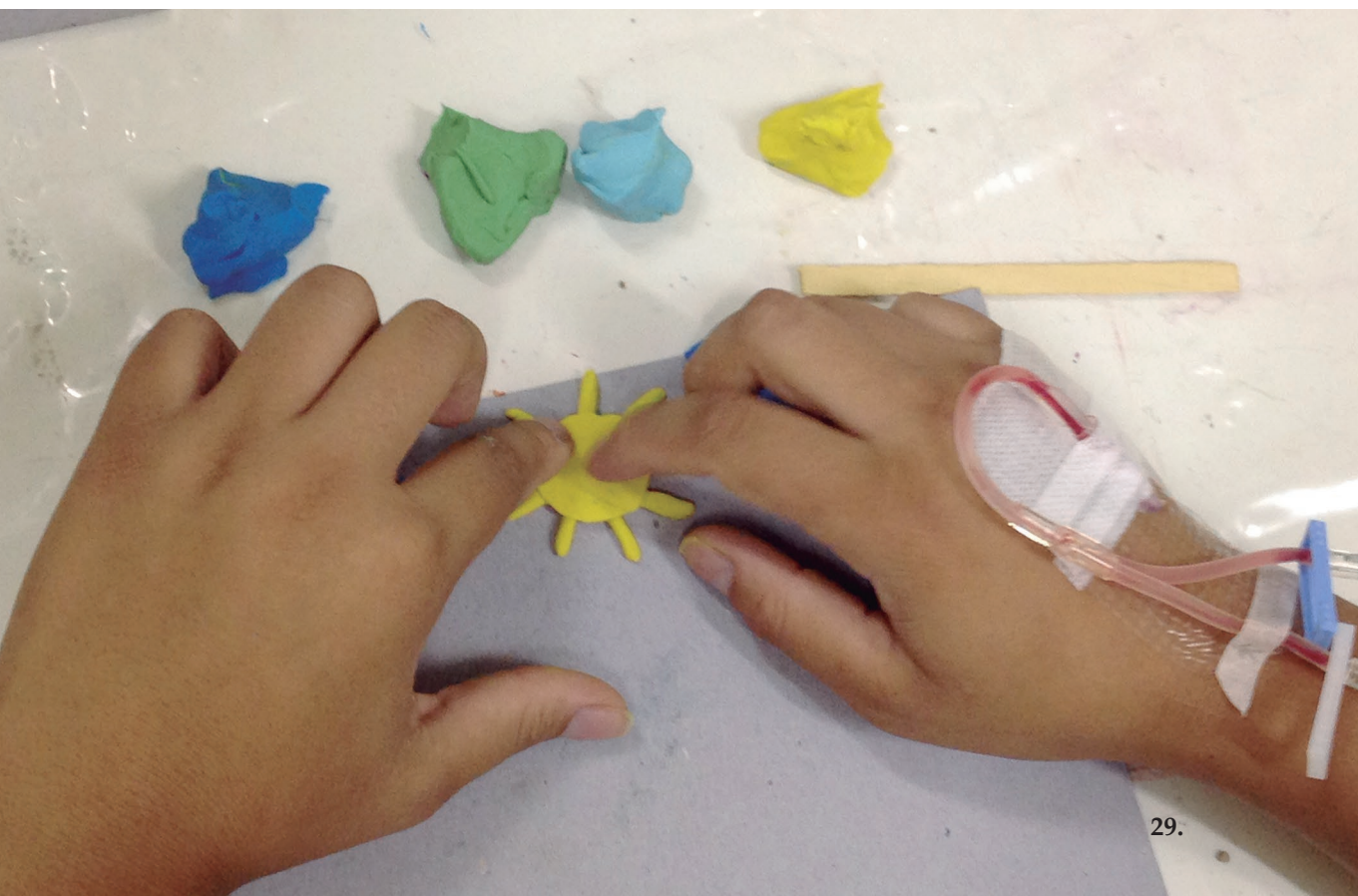
LIBERTAÇÃO

UMA INVEJA BOA QUANDO QUANDO A GENTE VÊ O BEBÊ DA OUTRA, DOIDA PRA DA GENTE NASCER LOGO!

VI UMA BESSA TRINA NHO TI... OHNINI... TI... TI...

3.9 Argila: unidade corpo/mente

Estamos na reta final, faltam poucos encontros para finalizar minha imersão com as mulheres do Alto Risco. Hoje, eu trouxe a tão esperada argila. Toda vez que falava sobre a possibilidade de trazer esse material, elas vibravam e demonstravam bastante interesse. No final do encontro anterior, perguntei a um dos médicos se havia alguma restrição quanto ao uso de argila escolar na área de internação e me foi autorizado. Porém, lembrei que algumas mulheres estão fazendo uso de medicamentos intravenosos e a agulha está colocada no dorso da mão (Img.29), o que limita o movimento, além do incômodo. Ao considerar isso, levei, como opção, a massa de modelar que não requer o uso de água para deixá-la mais flexível.





30.

Distribuí os materiais, dependendo do caso, e expliquei que, primeiro, elas poderiam sentir a argila, amassar, fazer uma bola, esmagar com os dedos, tirar pedaços, reunir tudo novamente e, após este momento, estariam livres para fazer o que quisessem. De imediato, uma delas perguntou: “O que a gente vai fazer com a massinha? ”, e iniciamos nosso diálogo. “Você pode, primeiro, brincar com ela; sentir a massinha, assim amassando, pode fazer uma cobrinha com as mãos, já fez cobrinha?” Uma delas comentou: “Já fiz tanta cobrinha que a barriga cresceu! (risos)”. Ressaltei que o importante era sentir a argila ou a massinha com as mãos, perceber a sensação e o que vai acontecendo internamente, observar os pensamentos e lembranças que surgem.

Após um tempo modelando, uma delas comentou: “Em casa eu tenho uma tigela desse jeito aqui, mais bonita, né? Que minha tia faz, depois ela bota no forno para assar”. Conversamos sobre métodos de

fazer forno de barro e, aos poucos, fui orientando sobre detalhes técnicos do manuseio do material. Expliquei: “Se a argila for secando, molha o dedinho assim. Você pode tirar um pedaço, fazer uma bolinha e, depois, você amassa com os dedos, tem que meter a mão na massa, não pode ficar com frescura não!”. Após um momento de silêncio, perguntei quem iria receber alta médica e quem, em breve, iria realizar o parto. Cada uma foi falando sobre seu caso e dando detalhes do quadro clínico. Dessa forma, verifiquei quem ficaria até o décimo encontro e se haveria necessidade de um fechamento do processo no próximo encontro.

Ao observar as mãos das mulheres, molhadas com a argila mole, fiz uma brincadeira, dizendo: “É bom que vocês já estão treinando trocar fraldas!”, elas riram, “Deus me livre trocar fralda e fazer uma lambança dessas!”, e comentei: “Não pode ser verde assim, né?”. E tocamos em um assunto com o qual, em breve, elas terão que lidar diariamente. “Mas tem uns cocôs que são verdes... amarelo, verde... amarelo é mais depois...”, “Eca!”, “Meu marido diz que vai trocar, a partir do momento que nascer...”. As conversas relacionadas à maternidade são frequentes nos encontros.

Depois, o tema foi a amamentação: “Você pode esquecer tudo essas coisas, vai ter que botar seu peitinho pra fora para mamar.”. Uma das mulheres afirmou que não vai deixar o bebê mamar no peito, porque tem o bico do seio muito sensível, não podendo pegar sol. Ela relatou que pegar sol nos seios foi uma das recomendações médicas e, também, aconselhada pelo grupo para fortalecer o mamilo. Sugeri que ela negociasse com o corpo, relatando que tenho cólicas muito fortes e que, quando preciso trabalhar, faço um acordo com meu corpo, sobre qual dia é o mais favorável para menstruar.

A partir da minha fala surgiu a seguinte reflexão: “Que nem a gente conversa com os bebês da gente, né? Que nem a gente pede, minha filha, por favor, minha filha segura, segura, vai segurando, aguenta aí um tempinho, né? Porque assim a gente está pedindo que eles fiquem na barriga para amadurecer mais, porque vamos supor, quanto mais ela ficar aqui dentro, que nem o médico fala, melhor para a gente e para o bebê, não é? Porque, se nascer antes do tempo, vai ter que ir para incubadora.”. Apesar de Dewey¹³⁸ não postular diretamente a influência da mente nos processos somáticos, o autor afirma que a ideia da “[...] mente como um ser isolado subjaz à concepção de que a experiência estética é meramente algo que se passa ‘na mente’ e reforça a concepção que isola o estético das modalidades de experiência em que o corpo se empenha ativamente nas coisas da natureza e da vida.”¹³⁹. Ele aponta para uma integralidade, uma não separatividade entre corpo-mente.

Durante esta atividade, cada uma foi trazendo suas questões relacionadas com o corpo, no semblante, na interação com o grupo, na forma do fazer e nas falas. Uma delas não estava num bom dia, aparentava estar bem irritada e sem paciência, normalmente conversa bastante e hoje estava mais quieta, com a voz fraca e o rosto sério. “Ela não está legal hoje não!”, “É, estou bem humorada hoje!” (tom irônico). Outra estava inquieta, estava de dieta por orientação médica, isto a deixava bastante ansiosa. Com frequência ela tocava neste ponto, dizendo: “Tiraram o meu lanche, eu estou só com café da manhã, almoço e janta”. Em outro momento, repetia: “Diminuíram a minha comida, tiraram o meu lanche, tem que ficar com café da manhã até o almoço. Então, estão diminuindo

138 Dewey, 2010.

139 Ibid., p.457.

minha comida né, estou naquele estresse.”. Outra participante não sabia o que fazer com a argila e perguntou: “Tem necessariamente que fazer alguma coisa?”, ao que respondi: “Não, você pode ficar mexendo, ficar brincando...”, “Estou sem criatividade...”, “Você pode ficar só amassando, é muito legal você ir amassando, sentindo, sabe que você pode fazer, você amassa assim, deixa e vê a forma dos seus dedos, a mão deixa impressa as marcas na argila, interessante ver isso também sabe? Faz várias vezes para ver o conjunto dos seus dedos na argila.”. A expressividade se apresenta de diferentes modos, nas diferentes formas de estar presente.

Nesta oficina não nos preocupamos em realizar obras de arte, estamos atentos ao sensório, ao sentir que se relaciona ao tato, às emoções ou aos processos mentais quando vemos sentido em algo. Para Dewey, “A obra de arte é tão obviamente sensorial, mas contém tamanha riqueza de significado, que é definida como uma anulação entre eles, e como a encarnação, através dos sentidos da estrutura lógica do universo.”¹⁴⁰. É na unidade desses sentidos que se pode habitar, voltar-se para o corpo, suas sensações e percepções, conhecê-las e reconhecê-las, refletir sobre as informações que carregam, sobre os indícios que o meio traz, para tornar-se mais consciente. Voltar-se, também, para o outro, para as relações que se estabelecem, para o quanto afeto e sou afetado.

Outros temas foram abordados nesta tarde, quando falaram sobre as enfermeiras de que gostam e de que não gostam, sobre as psicólogas e o incômodo que sentem quando não estão dispostas a conversar. “Não quero conversar, não quero ficar dando satisfação da minha vida pra ninguém, não, tem um dia que chega. Tem hora que é a hora do almoço,

140 Ibid., p.449.

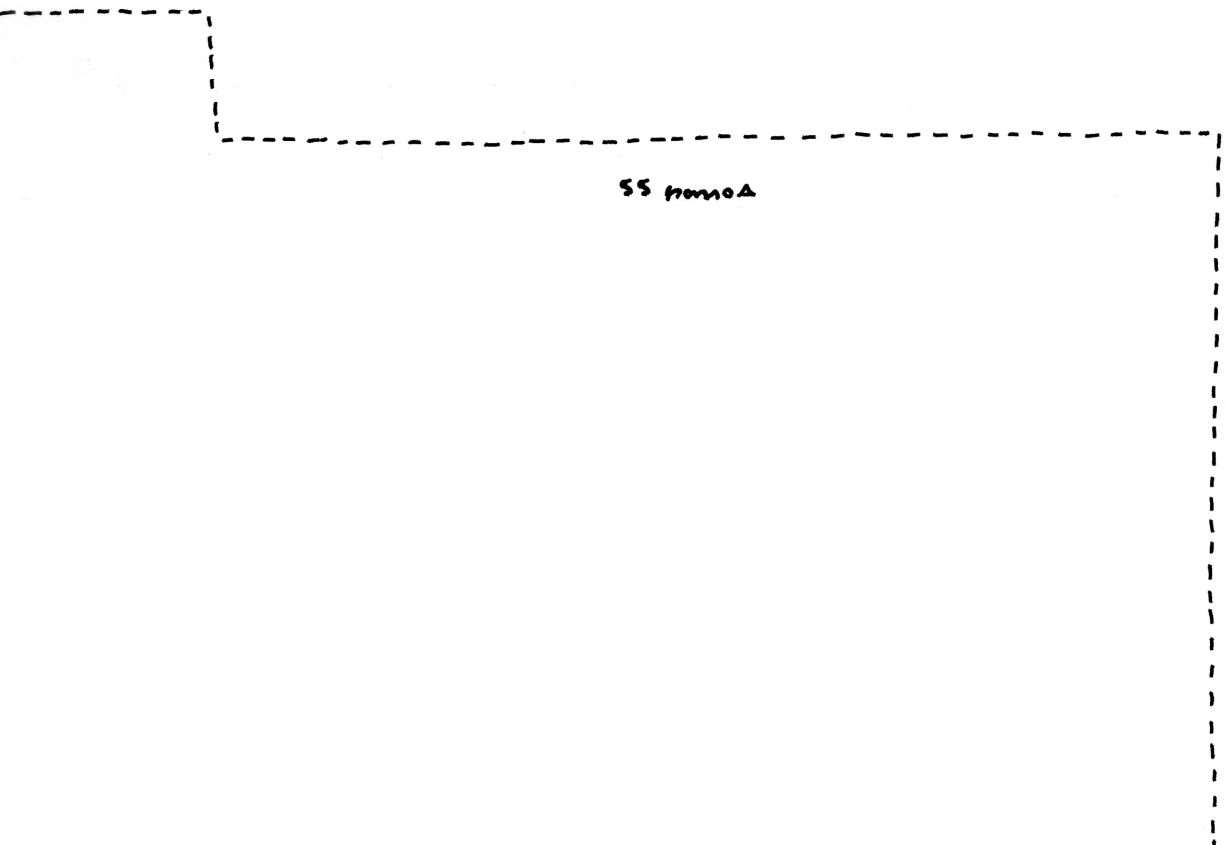
você está querendo vomitar...”. “Tinha que sentir quem quer conversar e quem não. Tem dia que a gente não está a fim.”. Percebo a importância de uma equipe multidisciplinar para cuidar de perfis diferentes e suas singularidades, algumas pessoas se adequam melhor a aproximações de cuidado mais diretas, outras precisam de outro tipo de espaço para elaborar o momento vivido.

Elas foram modelando, cada uma ao seu jeito. Algumas deixaram a marca das mãos na argila, outras criaram formas diferentes, como: uma rosa, vasos e potes, sala de estar com sofá, casinha com sol e um sapo (Img.31). “O que isso que tu tá fazendo? Um sapo!”, a semelhança com um feto era grande e exclamei: “Um fetinho!”. “Vocês sabiam que, quando o feto é bem pequenininho, ele parece um girininho, depois vai se desenvolvendo.” Esta minha observação surgiu da semelhança visual e do senso comum, devido à influência da teoria evolucionista sobre o desenvolvimento embrionário dos vertebrados. Porém, já foi constatado que, apesar das similaridades, existem diferenças bastante relevantes em cada espécie. Depois de um tempo, ela acrescentou um berço e olhos azuis no sapo neném.

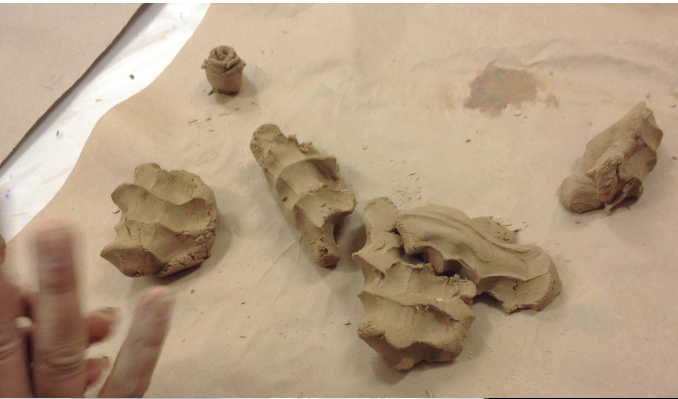
Novamente, ficaram em silêncio e, após a visita da nutricionista à nossa sala, o assunto foi se dispersando para longe daquele espaço. Começaram a falar sobre o cabelo de uma artista, se ficou feio ou bonito e sobre as celebridades. Nesse momento, foi necessário intervir, trazendo o grupo de volta, de forma que a experiência não se tornasse insipiente. Para que esta intervenção seja suave, quando isso ocorre, faço perguntas voltando o foco para o momento vivenciado e para oficina. “O que vocês acharam de mexer na argila ou na massinha? Qual sensação?”, “Já fiz minha panela, já fiz minha bacia.”, “Qual sensação?”, e outra relatou: “Dá agonia...”, e mais outra: “Bom...”. Assim retornamos para aquele

espaço de criação e reflexão. Este é um ponto importante, a presença do propositor pode ser, aparentemente, a de um observador, ou de um participante, porém, é necessário cuidar do espaço/lugar para que não seja apenas um passatempo, com a (des) atenção voltada somente para o externo/superficial. Então, começaram a trazer lembranças significativas, do porquinho de barro que ganhou na infância, da avó e da madrinha.

Ao terminarem, cada uma teve seu espaço para mostrar o trabalho. “Vamos finalizar para não ficar perdido e sair correndo?”, “Bora!”, “Cada uma mostra o que fez para outra.”. “Eu fiz o nome dela, não sei o sexo, mas se for menina vai ter este nome.”, “Fiz sofá, tigela, panela e vaso de flores.”, “Sua tia ia ficar orgulhosa...”, “Fiz um sapinho neném.”, “Fiz uma casinha.”, “O vasinho de plantas.”. Aquela participante que não estava bem humorada, com a voz fraca perguntou quase me intimando: “Amanhã você está aqui né, Tatiana?”, “Sim, estou aqui...”, este ritmo que se estabelece de ida e volta construiu uma confiança entre nós. Recebi, também, notícias da violeta: “Minha plantinha está ótima! Está tomando solzinho! Adoro plantas.”. Um dia intenso de troca, onde o corpo, as lembranças e a maternidade estiveram em evidência. Despedimo-nos e em breve eu voltaria a encontrá-las.



SS from A



31.

3.10. Fechamento, mas não o último encontro

No encontro anterior, havia feito um levantamento informal, para verificar a necessidade de realizar um fechamento de percurso. Constatei que três mulheres, as quais estiveram comigo desde o primeiro dia, iriam receber alta ou realizar o parto em breve. Portanto, planejei encerrar o trabalho com elas fazendo uma retrospectiva por meio de uma atividade de reflexão sobre o trajeto. Como outras três mulheres que começaram a participar do grupo no sétimo encontro estavam há pouco tempo, achei pertinente não chamá-las naquele dia, porém, expliquei o motivo para cada uma.

Ao chegar à sala dos médicos, as enfermeiras estavam trabalhando nos computadores, realizando um relatório importante e, pelo visto, urgente. Ao perguntar sobre a possibilidade de ocupar a sala, uma das enfermeiras, de forma hostil, respondeu que não seria possível, dando importância ao trabalho que estava realizando e desconsiderando o meu. Lembrei de quantas vezes hostilidade e hospitalidade se revezavam neste meu percurso. Disse a ela que ficasse tranquila, em breve não iria mais incomodá-la, pois, infelizmente, estava encerrando meu trabalho de pesquisa naquela ala. A médica que estava na sala, ao me perceber, rapidamente se mobilizou, sugerindo que eu ocupasse um outro ambiente no intuito de aproveitar minha presença e disponibilidade. Verifiquei que seria possível realizar o trabalho no local sugerido, apesar de não ser o ideal, pois seria na enfermaria do outro lado do corredor, um ambiente aberto, numa mesa pequena e juntamente com as enfermeiras que realizavam sua rotina.

Neste mesmo dia uma das participantes estava bem chateada com um episódio também hostil, vivenciado por ela. Conversamos um pouco

sobre o ocorrido e ela relatou: “Tenho uma dieta muito restrita, eu não estou aceitando muita coisa, tudo eu quero vomitar; quando chega a comida eu já estou passando mal, aí a moça que foi levar as coisas para a gente hoje, estava com algum problema, mal humorada, não sei, ela chegou e jogou o negócio em cima da mesa [...]”, “A outra menina era diabética, eu também sou diabética, preciso de lanche, ela nem olhou na cara, a menina falou: eu tenho lanche e ela passou foi direto. Aí a menina ficou sem lanche.”, “Cada um tem seus problemas, às vezes não com consegue, né?”, “Mas a pessoa tem que ter consciência e tem que ser profissional [...]”, “Tem que fazer um trabalho de artes com elas.”, “É!”, “Abrir espaço para criatividade, para alegria.”, “Com certeza!”. A partir da observação, de vivências e de relatos, percebo a importância de realizar estas oficinas de arte, também com funcionários, servidores e até mesmo com a equipe médica.

Depois de definido o novo local, arrumei a mesa e chamei as três que iriam participar (Img.32). Ao chegarem, conversamos sobre parto. Uma delas estava muito preocupada pela necessidade de acompanhar seu outro filho em uma cirurgia em um outro hospital, por isso contava e recontava as semanas, tentando prever quando “teria a criança”. A amiga que já estava cansada de explicar comentou: “É isso que eu falo, já cansei de falar para ela. As coisas da gente, a gente não fala para ninguém, porque ninguém sabe, você fica perguntando para mim, eu falo uma coisa, você pergunta para outra pessoa. Vai no médico e pergunta! Entendeu? Vai no particular e fala com a doutora, ela explica direito como é que é. Ela vai te explicar. Aí você vem e pergunta para um e para outro...”. Assim que esse assunto se esgotou, iniciei a atividade fazendo uma retrospectiva de todos os encontros, resgatando quais foram as propostas, os materiais usados, o que fizemos. Pedi que utilizassem papel e tinta e procurassem lembrar das emoções experimentadas, sentindo, percebendo e refletindo sobre essa trajetória.



32.



Naquele dia, o grupo estava mais silencioso, talvez pela mudança de ambiente e a presença das enfermeiras (Img.33). Eventualmente, uma comentava sobre o trabalho da outra. “Ela está desenhando ela mesma”! “Eu vou explicar porque eu estou me desenhando...”, e em seguida falou sobre seus planos ao sair do hospital, relatando que, infelizmente, trancou a faculdade, mas que voltaria a trabalhar. Após o celular tocar, “Mãe daqui a pouco eu te ligo, que eu estou fazendo um negócio aqui.”, “Eu moro do lado da casa dela.”, o foco da conversa mudou e conversamos sobre a comunidade onde elas moram, “Tem uma área mais perigosa?”, “Tem época, tem época que está mais. Teve um tempo mesmo, lá onde eu moro que estava... Mas agora deu uma melhorada. Mas assim, geralmente quem corre mais risco é mulher, né? Tem o risco de bala perdida, né?”. Os espaços de dentro / fora do hospital se misturam nos diálogos.

Revelaram a emoção e a sensação quando o bebê mexe dentro da barriga, “Meio que tremeu minha barriga. Ele estava perto, amor você não sabe que acabou de acontecer! Ele ficou olhando para mim assustado. Eu nem conseguia falar. Ai meu Deus, fiquei emocionada.”, “A minha deu uma barrigada tão forte que eu assustei, estava com fone de ouvido bem alto, aí está acontecendo alguma coisa diferente, mexeu devagarzinho, acho que ela virou mesmo.”. A expectativa do parto também surgiu nas falas: “Eu queria ter natural...”, “Ah gente, não começa falar de parto não, que eu vou ficar traumatizada. Porque eu tenho medo, eu quero deixar esse momento para quando eu tiver com a barriga grandona. Cada vez que eu ouço um depoimento fico com mais medo.”, “Eu percebi que quem tem normal já fica de boa.”, “Pelo amor de Deus, dos meus seis partos, dessa também tem que ser normal!”, “Eu fico pensando, às vezes, na minha vó, teve 18 filhos, todos foram normal.”, “Você já pensou em ficar 18 anos grávida? Que são nove meses, quase 18 anos com alguém dentro da sua barriga. Você é uma

casa!”. Complementando, uma delas contou que teve um dos filhos em casa e, quando o marido chegou com o bombeiro, o bebê já estava nos braços.

Novamente neste dia, as questões da maternidade e do corpo surgiram com força. Ao se referir ao corpo, Michel Foucault¹⁴¹ relaciona-o a um lugar: “Meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que nunca está sob outro céu, é o lugar absoluto, o pequeno fragmento de espaço com o qual, em sentido estrito, eu me corporizo.”¹⁴², se dirigindo ao corpo como um local para habitar, “... lugar irremediável a que estou condenado.”¹⁴³, com o qual me mostro ao mundo, me relaciono ao falar, ao olhar e ser visto. O corpo continuou sendo assunto no diálogo do grupo e, após a história do parto domiciliar, das três que estavam presentes, uma nos relatou como foi parar no hospital devido a um desmaio, visto que não comia há 24 dias, somente vomitando. Ficou um bom tempo nos contando, detalhadamente, sobre o período de idas e vindas ao hospital perto de sua casa, tendo recebido diferentes aconselhamentos, até que perdeu os sentidos e precisou ser internada no HMIB. Mais tarde, ficou sabendo que se tratava de hiperêmese gravídica, uma alteração hormonal que provoca excesso de náuseas e vômitos.

Uma delas terminou seu trabalho e pedi que respondesse um pequeno questionário: “Eu queria que você respondesse a estas perguntas, mas você tem que ser super sincera, não pode responder só pra me agradar, tá? Aquilo que você não souber, ou não quiser, você deixa em branco.”. Aquela participante que se encontrava preocupada com seu outro filho, mostrava-se aparentemente ausente daquele espaço, bastante quieta, fazendo seu trabalho, perguntou se o setor bancário estava também em greve. Depois,

141 Michel Foucault, filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo e crítico literário. FOUCAULT, Michel. O corpo utópico. 2010. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/167576814/O-corpo-utopico>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

142 Ibid.

143 Ibid.

perguntou se podia levar seu trabalho, respondi que sim, e antes dela sair falei: “Eu sei que você já passou muito tempo aqui, agora está na última semana, eu sei também que são as mais difíceis. Eu acho que os dias cada vez estão ficando mais longos. Já está no finalzinho, respira fundo, se acalme, tem coisas que a gente não pode mudar, né? Então, tem que ir levando. Senão, você vai ficar muito pra baixo e não vai ficar legal, terça-feira eu estou aí, tá? Se acalma.”. Ela agradeceu e se retirou. Uma outra comentou: “Acho seu trabalho tão bonito, você ajudou tanto a gente aqui. Eu acho que eu teria ficado louca, sei lá.”. Estávamos, assim, no final do percurso juntas, ocorreu uma troca realmente, eu as ajudei e elas também me ajudaram.

Para finalizar, abrimos o espaço para compartilhar a imagem criada e cada uma mostrou seu trabalho. “Eu, quando cheguei aqui, estava muito triste. Cara fechada, aí eu me desenhei aqui com essas cores que está tudo colorido para mim, eu vou embora amanhã. Estou muito feliz. Estou me sentindo livre desse hospital, graças a Deus. Eu fiz o braço aberto. Escrito o que estou sentindo.” (Img.34). “O meu fiz, coloquei umas cores, coloquei umas carinhas, quando eu estava triste, também com infecção, depois estou feliz, azul, amarelo (risos).” (Img.35). Mais um relato começou a ser feito: “No dia que eu cheguei, eu pensei que eu ia só tomar uma medicação e ir embora, dai quando falou: não, é no mínimo 10 dias. Como é que minha filha vai ficar, e minhas coisas, como é que vai ficar. Eu fiquei, caraca, depois foi passando. Aí o marido: não, está tudo bem, a menina não dá trabalho, tem que ficar aí, tem que ficar boa, tem que sair daí boa. E eu falei para ele, quer saber, vou deixar para lá, deixa ver o que vai rolar.”, “Então, você fez o seu percurso, triste e agora foi melhorando.”, “É, é!”. Nesse relato ela se refere a um corte abrupto na sua rotina a partir da notícia de que ficaria internada, uma desterritorialização.

Território subjetivo é um dos aspectos do conceito de território abordado por Guattari¹⁴⁴. Para esse autor, o território é um agenciamento que ultrapassa o sentido etnológico, psicológico, sociológico e geográfico e enfatiza a subjetividade produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais, sem que nenhuma delas seja dominante. “Criam-se novas modalidades de subjetivação do mesmo modo que um artista plástico cria novas formas a partir da palheta de que dispõe.”¹⁴⁵. Essa palheta heterogênea pode ser composta de referências diversas: o espaço físico no qual o indivíduo se encontra, as relações entre o doente, o acompanhante e os responsáveis pelo tratamento e pela manutenção deste espaço, espaços mnemônicos e tudo que contribui para uma relação autêntica com o outro. O autor propõe uma atitude de cogestão da produção de subjetividade, deixando de lado a atitude de autoridade e sugestão, para se apropriar da dimensão da criatividade processual. Ele nos convida a pegar e a rejeitar seus conceitos e realizar uma reapropriação, uma autopoiese dos meios de produção da subjetividade.

Ao passar por um período de afastamento da família e de suas atividades diárias, se deslocando para outro ambiente, passando a conviver com pessoas diferentes, experimentando novas sensações e sentimentos, ocorre uma desterritorialização e novos territórios de subjetivação precisam se formar. “A desterritorialização de um tal plano não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como a criação de uma nova terra por vir”¹⁴⁶. Provavelmente, tanto seu marido como sua filha

144 GUATTARI, 1992.

145 Ibid., p. 17.

146 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix., *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Ed. 34, 1992, (Coleção Trans). p.117.



vivenciaram transformações e adaptações. “É necessário ver como cada um, em toda idade, nas menores coisas, como nas maiores provações, procura um território para si, suporta ou carrega desterritorializações, e se reterritorializa quase sobre qualquer coisa, lembrança, fetiche ou sonho.”¹⁴⁷. Naquele último dia, elas completaram suas narrativas, a cada encontro uma parte da história foi sendo revelada, e então, prestes a irem embora, relataram o início da estada delas neste hospital. Uma história criada a partir de lembranças e do colorido do momento, contadas de forma não-linear neste espaço / lugar que adquiriu seu ritmo e estabeleceu sua sequência.

147 Ibid., p.90.



3.11. O livro maluco

Hoje, ao chegar à sala havia uma médica ocupando a mesa, fiquei um pouco constrangida, mas resolvi falar o motivo de estar ali e minha intenção de usar aquele local. Ela disse que já estava saindo e continuou falando ao celular. Confesso que me deu um desânimo, tendo em vista o episódio do encontro anterior e refleti sobre um certo cansaço. Refleti que uma certa instabilidade nos mantém vivos e ativos, mas há um limite interno que, ao ser ultrapassado, pode acarretar uma certa paralisia, uma vontade de parar. Fazer parte do corpo clínico pode trazer um posicionamento diferente de estagiária, voluntária ou pesquisadora. Porém, ao conversar com outras profissionais que fazem parte da equipe deste hospital, elas relataram que a instabilidade faz parte do dia a dia e que, muitas vezes, não tem um lugar disponível para atendimento e precisam se adaptar; Isso faz parte da atual precariedade do serviço público. Pensei nos espaços lisos e estriados e como há uma linha tênue entre eles. O ideal, neste momento de reflexão, seria uma predisposição interna lisa e algumas linhas estriadas. Sobre as linhas estriadas me refiro a um espaço adequado, um armário para colocar o material (com o passar do tempo este esforço físico de carregar a caixa torna-se uma questão), um maior diálogo e troca com os profissionais do hospital e um lugar de reconhecimento dentro da equipe.

Gosto de acreditar que nada é por acaso, e fiquei ali sentada aguardando. Resolvi me entregar à passividade, não fazer nada, e fiquei pensando na próxima etapa, em como iniciar um trabalho com as mulheres do Neonatal, em quem seriam estas mulheres, onde ficam, como começar este novo trajeto. Ao terminar o telefonema, a

médica iniciou uma conversa comigo e demonstrou muito interesse pelo trabalho. Disse que, em sua formação, teve um professor que sensibilizava os estudantes com um olhar para a arte. Não me falou muitos detalhes e, apesar de minha curiosidade sobre o assunto, não a enchi de perguntas como normalmente faria. Então, me falou que eu precisava conhecer uma médica que trabalha na UTI Neonatal e me convidou para encontrá-la naquele momento. Quase não acreditei, tinha acabado de receber a primeira pista do mapa, e me enchi de ânimo, novamente, com este presente.

Descemos e, depois de uma breve procura, encontramos a médica mencionada finalizando um atendimento. Sentamos-nos para conversar, expliquei sobre o projeto, as oficinas e a base conceitual, ela gostou muito e sugeriu que eu realizasse o trabalho com as mães nutrizes que acompanham seus filhos na UTI. Pronto, era exatamente o público que imaginei nesta próxima etapa. Ela me relatou que, em breve, entraria de férias e que me ajudaria a agenciar o primeiro encontro com as mães. Com tudo combinado, me despedi e subi novamente para o segundo andar para realizar o último encontro com as mulheres do Alto Risco.

Havia 4 mulheres presentes neste dia. Como havia prometido realizar 10 encontros, ao todo, cumpri minha promessa, mesmo tendo considerado como encerramento o encontro anterior, pois três delas haviam entrado recentemente no grupo. Senti que a atividade proposta neste dia estava um pouco “solta”, como um reinício, mas que não teria continuidade. Expliquei como faríamos o livro maluco e entreguei-lhes uma folha A4, dobrada ao meio e dividida em 3 partes (com uma leve marca de dobra), pedindo que desenhassem uma pessoa: a parte de cima ficaria a cabeça, no meio o tronco e em baixo as

pernas (Img.36). Incentivei que fizessem algo mais aprimorado que o desenho do palitinho: “Está vendo gente que vocês sabem fazer mais do que palitinho! Não podem se subestimar, porque surpreende!” Normalmente, as atividades que incluem desenho geram uma certa resistência nos adultos por acreditarem ser algo muito difícil, uma vez que, geralmente, têm como parâmetro os desenhos figurativos que retratam a realidade com perfeição técnica.

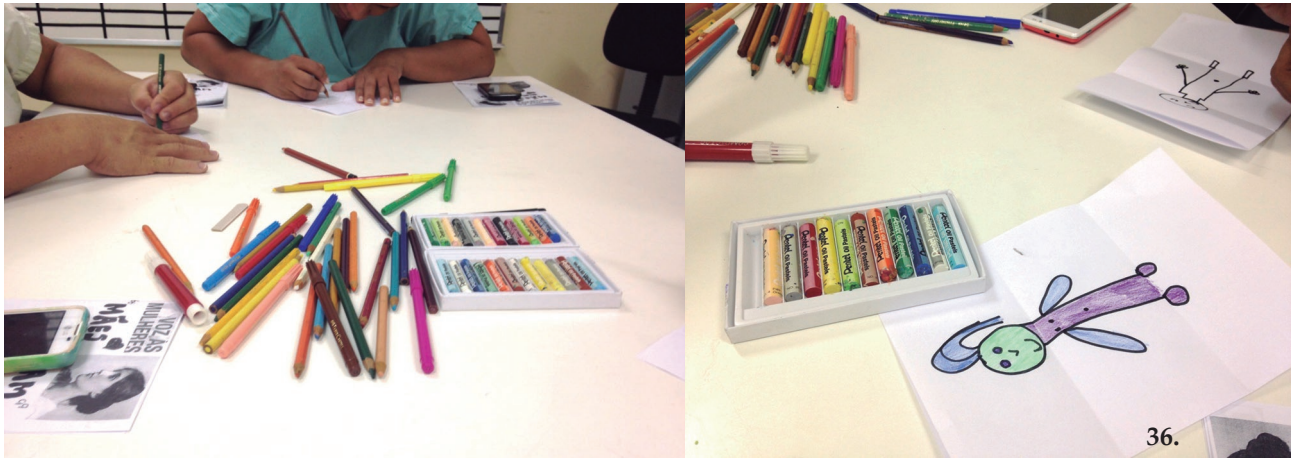
A única que participou do encontro anterior voltou a perguntar sobre a greve do setor bancário e conversamos sobre as privatizações e a corrupção, quando ela comentou: “Hospital de Base só está abrindo aquela unidade, porque os médicos estão pedindo demissão! Eles estão privatizando lá... Gente, mas não é possível que a população vai pagar. Não acredito. Ou o povo age ou então... Por que você acha que estão querendo privatizar? Quantos milhões vai ser desviado...”. Essa participante sempre se posicionava de uma forma política bastante ativa, levantando essas questões ao grupo.

À medida que iam terminando os desenhos, orientei para que fizessem a capa do livro, que seria de livre criação. Percebi que uma delas desenhou de forma que o livro precisaria abrir ao contrário. “É que seu livro ficou de canhoto. Isso! Você é canhota? Eu sou também, vamos fazer um de canhoto então. Massa! Faz aqui, então, a gente faz o livro ao contrário”. E conversamos sobre o mundo ao contrário. Para os canhotos o mundo é projetado de forma inversa e listamos uma série de objetos invertidos: o caderno, o abridor de latas, o parafuso. “Sabia que na escola o povo tinha cisma comigo? Porque eu só escrevia de cabeça para baixo. Canhoto tem muitas coisas diferentes, toda vez que eu não consigo fazer uma coisa, aí eu paro e penso como um destro pensaria, porque, com certeza, aquilo foi projetado por um destro.

A gente demora um tempo para descobrir isso e fica achando que a gente não consegue fazer as coisas direito". As experiências do corpo determinam muito nossa percepção do mundo.

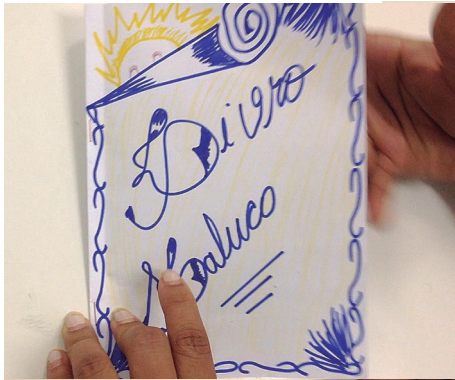
O tempo foi passando, uma delas reclamou que estava crescendo um terçol no olho, mais uma vez o corpo em evidência. "Ave Maria...", "O que foi?", "Está nascendo uma bolinha bem aqui no meu olho!", "Terçol?", "Ela estava com vontade de comer não sei o que, não sei o que foi que ela me pediu e eu falei não, foi a pera, ela queria de manhã, e eu disse 'pode deixar que eu vou comer'." "E aí o quê? Você acha que é castigo?", "Só pode.", "Pode não, menina, ôxe! você acha que ela ia te jogar uma praga por isso.", "Joga! Ela falou que já jogou no marido dela, imagina em quem ela nem conhece.", "Você sabe porque que pega? Porque você acredita.", "É?", "Sabe que quem joga praga no outro a praga é dividida? Minha mãezinha é que falava isso.", "Pega uma aliança de prata ou de ouro, esquenta, bota bem assim.". As crenças, receitas e sabedorias populares também se apresentam nas conversas e a riqueza dos diálogos, do fazer, das posturas e gestos compartilhados nas oficinas me fazem perceber como é fértil e potente este espaço/lugar, tamanha a complexidade das forças que nos atravessam.

Já estávamos quase terminando. "Você vai ficar até cinco horas, né isso?", "Eu vou ficar até a gente acabar aqui. Então, eu vou fazer ele virar um livro maluco e depois tenho um questionário que eu queria que vocês respondessem. Na verdade, o questionário é para quem está há mais tempo, mas acho que dá pra vocês responderem também.". Assim que todas terminaram os desenhos, transformei o livro em um "livro maluco", cortando, em cima das marcas que dividiam a página, em três partes (cabeça, tronco/braços e pernas). Ao folhear



as partes separadas, as imagens se misturavam, criando várias outras possibilidades e personagens diferentes (Img.37). “E agora, o seu livro maluco, você pode criar histórias.”. Começamos a inventar histórias e rir e elas quiseram desenhar mais para acrescentar páginas ao livro.

A partir dos comentários que surgiram, encontrei um sentido maior para aquela atividade, dentro daquele contexto. Algumas mães não sabem o sexo do bebê e, mesmo que saibam, não sabem como será sua aparência. Costumam imaginar, se vai puxar à mãe ou ao pai e quais características de cada um irão sobressair. Além disso, costumam projetar seus desejos sobre o futuro da criança. O livro poderia abordar esta incerteza de forma divertida: se for menino e menina? Se for um menino de vestido? Se tiver as pernas mais longas ou curtas? Quem sabe tenha cabelo laranja ou azul. E assim terminou minha experiência no Alto Risco e uma nova aventura, com outro grupo, logo começou a se configurar.



Refleti sobre estes dez encontros e constatei que houve uma produção e mudança subjetiva em relação ao hospital e ao período de internação, verificada por meio das falas espontâneas e dos gestos. O espaço de arte abriu possibilidades de sair da repetição dos pensamentos negativos e da preocupação, para uma elaboração mais ativa e criativa. Além disso, houve uma modificação na percepção de espaço e tempo, exemplificada no seguinte diálogo: “Esses dias passaram rápido, já chegou o final de semana.”. “Vocês acham que quando começa a fazer este tipo de trabalho muda seu olhar para o Hospital?”, “Sim, porque aqui é um tédio, todo dia a mesma coisa, é rotineiro. Levanta, toma remédio, come e dorme. Não pode sair, só dar voltas no corredor, muito difícil, muito rotineiro.”, comentei, “Mas as aulas de arte também se tornam uma rotina.”, “Mas aqui é diferente, né? Cada dia é uma coisa diferente.”. A possibilidade de recriar seu próprio mundo enriquece e amplia a experiência e o fato de retornarem livremente para os encontros demonstra que algo fez sentido para elas naquele espaço, pois a participação não é obrigatória.

Apesar da experiência estética poder ser vivida em qualquer esfera da vida, a oficina de arte colabora ao se constituir como um espaço de criação, elaboração, relação, prática, reflexão e afeto. Dentro do contexto do grupo investigado, o próprio parto pode ser vivenciado como uma experiência estética singular, tendo em vista que é uma experiência forte, orgânica, sensorial, afetiva, que uma mulher, após vivenciá-lo, não permanece a mesma. Nas oficinas de arte, as participantes experimentam e vivenciam, também, os aspectos: sensório, afetivo, vivencial, relacional e reflexivo, sendo que esse último Dewey¹⁴⁸ pontua como fundamental para uma experiência estética singular. Dessa forma, este espaço de arte aumenta a possibilidade de que a experiência vivida por estas mulheres

148 DEWEY, 2010.

seja singular, pois provoca reflexão e pode propiciar uma mudança de olhar por meio da criatividade, na recriação de si.

Porém, dimensionar essa experiência não é uma tarefa fácil ou até impossível, algo pode ser revelado de forma mais imediata, outras mudanças são quase imperceptíveis ou reverberam internamente, outras, ainda, vão provocar um deslocamento e seu sentido apreendido somente tempos depois. Por isso, este olhar crítico consegue mapear apenas aquilo que está localizado mais na superfície, a zona de afetação é difícil de ser delimitada. As ondas sísmicas somente poderão revelar as transformações após a vibração chegar à superfície e modificar a topologia.

Além de verificar mudanças e produções subjetivas, por meio de falas e posturas, pedi que as participantes respondessem algumas perguntas por escrito¹⁴⁹, para que elas, também, pudessem pensar sobre os aspectos vivenciados durante a oficina e compartilhar. Sete participantes responderam o questionário e dentre as perguntas feitas, destaco duas, por serem mais diretamente ligadas as mudanças subjetivas: “Você acha que o hospital fica diferente com as oficinas de arte? Em quê?”. As repostas apontaram que, antes das oficinas de arte, havia uma recorrência de pensamentos ruins, um ambiente com “ar de tristeza”, um lugar de preocupações e de rotina maçante. Com as oficinas, há sempre algo diferente, que as ocupa com conversas, cores e depoimentos, ajuda a distrair, torna o ambiente mais animado, colorido, descontraído, com mais harmonia e o hospital se torna mais alegre, pois a oficina traz alegria. A segunda pergunta foi: “Te ajudou em alguma coisa? Em quê? ”, e elas responderam que ajudou a pensar em coisas boas, ter paciência e esperar o tempo passar, a tirar um pouco a ansiedade, a ficarem mais calmas e tranquilas, a ocupar a mente, trouxe alívio, paz na mente, a não pensar

149 Os questionários podem ser encontrados em anexo.

só nos problemas do dia a dia, “[...] toda vez que íamos para a oficina é como se a nossa realidade sumisse, momentos que ia para outro mundo [...]”. Outros aspectos também foram respondidos em outras perguntas, como o fato de aliviar o estresse e ajudar na autoestima das mães. Os questionários serviram para perceber um pouco mais o que se passou com elas durante este período em que estivemos juntas, serviu para confirmar o que vivenciei e observei durante esta oficina, ajudando a mapear as modificações nos territórios subjetivos.

Por se tratar de uma pesquisa processual, que utiliza o método cartográfico, construo esta breve síntese focada nas questões norteadoras da pesquisa, junto com o relato deste último encontro e a partir do que foi percebido no decorrer desta primeira oficina, lembrando que vários outros aspectos foram analisados durante a narrativa dos encontros. Para Barros e Kastrup¹⁵⁰, é necessário a distinção entre dois sentidos da palavra processo. O primeiro diz respeito a processamento e advém da teoria da informação, se alinha à ideia de coleta, seguida de organização e análise de dados. O segundo sentido, mais próximo do cerne da pesquisa cartográfica, é a processualidade, adequado a pesquisas cuja atenção está voltada para a produção de subjetividade. Nesse tipo de abordagem, não fazem sentido etapas sucessivas de coleta, análise e discussão de dados como momentos separados, “[...] o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar. Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro, num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes.”¹⁵¹. Portanto, a partir daqui, sigo o caminho em direção a novas experiências com as mães do Neonatal.

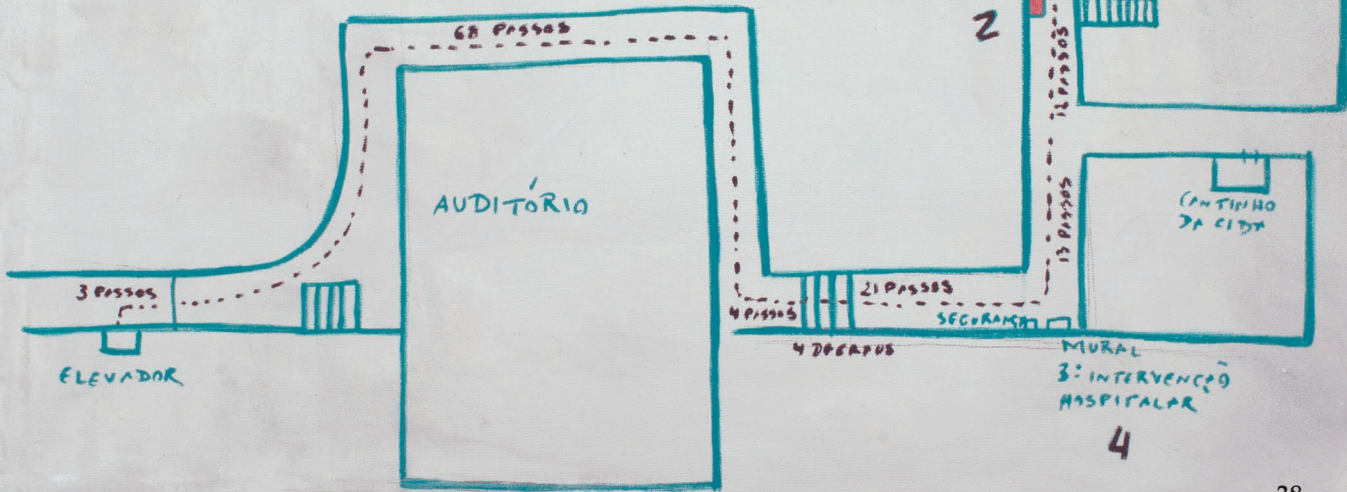
150 BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílíana (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.

151 *Ibid.*, p.59

4. NEONATAL: TEMPO LINEAR ENCARNADO

SUBSOLO

NEPS
□



4.1. De volta ao espaço liso e suas intensidades

Como combinado com a médica/psicoterapeuta que me foi apresentada no último dia que estive com o grupo do Alto Risco, nos encontramos para uma reunião com a responsável pelo Setor Neonatal. Conversamos um pouco, enquanto aguardávamos, e me surpreendi ao constatar que ela utiliza a abordagem Winnicottiana em seus atendimentos, uma vez que eu também estou interessada neste pediatra/psicanalista que fez importantes contribuições para psicanálise. Comentamos que uma das formas de Winnicott¹⁵² se referir à criatividade é como um modo de olhar o mundo, uma apercepção criativa. Para esse pediatra, a possibilidade de recriar o mundo, por meio de uma mudança de olhar, enriquece e amplia a experiência.

Não demorou muito e a pessoa que esperávamos chegou. Caminhamos juntas, em silêncio, até uma sala e nos sentamos. Assim que me foi dada a oportunidade, comecei a falar sobre o projeto e a pesquisa. Percebi que estava sem fôlego nas primeiras frases e lembrei de respirar. Estranhamente tive dificuldade em puxar o ar, mas, depois de um tempo, a conversa começou a fluir e o ambiente foi descontraindo. Caso tudo corresse bem durante a reunião, o termo de assentimento já estava em mãos para que fosse assinado e, dessa forma eu poderia dar entrada a um adendo junto ao Comitê de Ética.

Mencionei minha experiência com o fanzine no Alto Risco, uma das atividades propostas às mães internadas. Felizmente, a médica tinha uma cópia e mostrou para a chefe da unidade de Neonatologia.

152 WINNICOTT apud MILNER, M. A loucura suprimida do homem são: quarenta e quarto anos explorando a psicanálise. In: Rio de Janeiro: Imago, 1991.

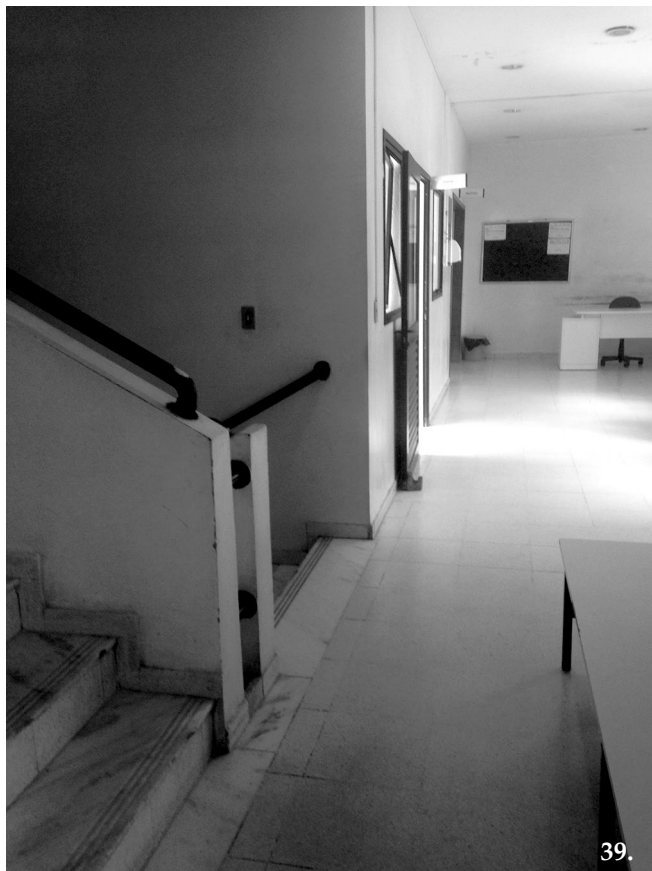
Ela olhou, leu e comentou: “Por conta do enfoque dado, muitas vezes, pela imprensa, pensamos que a população está contra a gente, é surpreendente ver o olhar delas, me emocionou este trabalho, muito profundo.” Além de ficar admirada com a parceria das pacientes, em relação a greve dos médicos, outros aspectos sensíveis, expressos nas frases e imagens escolhidas, a deixaram tocada. Prometi que lhe daria algumas cópias do fanzine, o jornalzinho autoral das mulheres do Alto Risco.

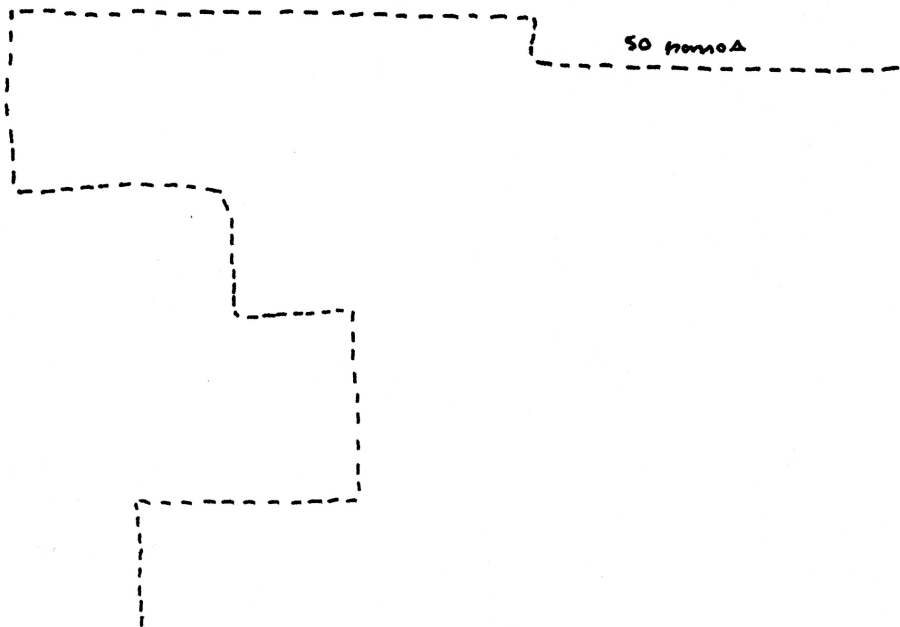
A conversa se estendeu para experiências pessoais com arte e o dia a dia dos profissionais. Falamos de uma necessidade em relação ao entendimento dos próprios funcionários sobre a importância de trabalhos de sensibilização, reflexão e criatividade e que, a partir deste entendimento, seria possível abrir espaços de cuidado, durante o próprio expediente. Soube que experiências com este viés já foram realizadas, porém este tipo de proposta é encarado de forma negativa pelos funcionários. A percepção é que, enquanto uns estão “relaxando”, outros ficam sobrecarregados, por isso uma necessidade de mudança cultural, de constituir uma nova relação com o trabalho.

Após a reunião, visitei a UTI Neonatal, onde estive perto dos recém-nascidos prematuros, bem pequenos e outros já na ala intermediária sendo preparados para serem levados ao quarto. Conheci o dormitório das mães nutrizes, acompanhantes destes bebês, e fui apresentada a três delas, todas adolescentes. Falei sobre a oficina e elas concordaram em participar, já as havia encontrado na porta da UTI e trocado algumas palavras, portanto, quando fui ao dormitório, fui recebida com sorrisos. Combinamos o dia do nosso primeiro encontro e pedi que elas chamassem outras mães.

Resolvi realizar uma nova experiência, e determinei que iria somente duas vezes por semana, diferente da minha frequência no Alto

Risco, que era praticamente diária. Dessa forma, gostaria de avaliar como seria o andamento deste grupo, se seria possível ter alguma participante do início ao fim da oficina sem estar presente tantos dias por semana no hospital. Escolhemos, também, o local mais adequado e me mostraram a mesa perto do dormitório onde as mães fazem suas refeições. Essa mesa se localiza no corredor em frente à escada (Img.39), uma área de circulação, local onde já estavam acostumadas a se reunir. Apesar de não ser uma sala reservada, sem tantas interferências de pessoas passando, achei que era a melhor opção. Tudo combinado para o primeiro encontro e a aventura já havia (re)começado.





4.2. Cartas inspiradoras

Cheguei ao hospital, logo encontrei a responsável pelo Setor e lhe entreguei os fanzines, conforme prometido na reunião anterior. De imediato, ela telefonou para a médica, recebendo a informação de que estava tudo certo e que eu poderia ir ao local combinado. Chegando ao local, a televisão estava ligada e, apesar de me sentir desconfortável em solicitar que fosse desligada, precisei fazer isso, pois não seria possível realizar a oficina com esta distração. Não houve resistência. Constatei que a iluminação não era boa, a maioria das lâmpadas estava queimada, embora não fosse motivo que impedisse a realização do trabalho.

Encontrei uma das mães que iria participar do grupo e ela me entregou uma lista de inscritas. Surpreendi-me com tamanha organização espontânea e fui informada de que, primeiro, as mães iriam ver o bebê e tirar leite, mas que logo desceriam. Aos poucos comecei a perceber a rotina daquelas mulheres. Arrumei a mesa com os materiais e, em seguida, a médica/psicoterapeuta veio conversar comigo, dizendo que algumas mães se assustaram com a obrigatoriedade de participar dos dez encontros. Mas, como não existe essa obrigatoriedade, seria o caso de um maior esclarecimento.

O encontro estava marcado para às 15h e, aos poucos, elas foram chegando. Conversei com uma delas, enquanto aguardávamos o restante do grupo, e ela me contou que faz uma formação na área de serviço social, que sua gravidez foi planejada e muito esperada. Relembrou que sua primeira gravidez foi tubária e precisou retirar a trompa, e que, apesar disso, conseguiu engravidar novamente, mas a filha nasceu prematura. Contou, ainda, que é moradora do Gama-DF, está alojada no HMIB e tem uma relação estável de seis anos. Logo, chegou mais uma que iria

participar. É adolescente, portanto, por ser menor, não pode ficar alojada no hospital, porém, a assistência social fornece passagem para os dias da semana. Sua gravidez foi uma surpresa, aos cinco meses começou a ter sangramento e ficou internada no Setor de Alto Risco por pouco tempo, logo começou a sentir as contrações, o bebê nasceu prematuro e com algumas sequelas. No início, ela rejeitou o bebê, mas, com o apoio das companheiras da UTI, passou a aceitá-lo. O bebê passou por uma cirurgia e os médicos a alertaram de que, talvez, ele não suportasse a anestesia, mas correu tudo bem, ela ficou muito ansiosa e nervosa e o leite quase secou. Finalmente, chegou a última participante do dia. Ela mora no Gama-DF, é casada, já fez aulas de teatro e trabalha como modelo fotográfico, tem útero bicornio, o que dificulta manter a gestação até o fim. Essa moça foi fundamental para o agenciamento desse grupo, pois a médica/psicoterapeuta, que era meu elo com essas mães, estava entrando em férias. Se não fosse a predisposição dessa mãe, seria mais difícil reunir essas mulheres.

Após esta conversa inicial e informal, expliquei sobre as cartas inspiradoras (Img.40), nome que passei a dar a esta brincadeira de apresentação. Espalhei as imagens sobre a mesa e disse: “Eu queria que vocês escolhessem primeiro uma imagem que pudesse falar um pouco de vocês, que traduza alguma característica pessoal. Se vocês pudessem se apresentar por meio de imagem, qual escolheriam? Podem escolher a mesma imagem que outra também escolheu, vai ser cada uma de uma vez.”. E elas começaram a olhar e selecionar, “Essa aqui!”, “Essa aqui é bem forte!”. “O que é para falar?”, “É para falar o que essa imagem tem a ver com você. Por que você a escolheu?” Assim começou a apresentação das imagens e a reflexão sobre o momento vivido.



LOVE NEST

A primeira mostrou a carta e iniciou dizendo: “Escolhi esta porque ela já me mostra ser uma mulher que guerreira. Que guerreira, mas é como se já tivesse vencido a guerra, pela expressão dela é como se ela estivesse combatendo algo, mas que já está acertando, e sei lá, um pouco de mim, a gente está guerreando todos os dias, ela tem dois tipos de olhar, o olhar de cá é o olhar que traz esta expressão de guerra, que venceu e a de lá é o sentimento. Tem um olhar mais sentimental, por mais que ela seja uma mulher guerreira e tudo, ela também tem a parte boa que é o sentimento.” (Img.40), “Obrigada por iniciar, são lados importantes para enfrentar as situações que nos aparecem.”. E outra continuou: “A minha experiência, porque o que eu quero dar para minha filha é algo que não tive, que é a presença de um pai para aconselhar e isso eu não tive quando criança, porque minha mãe me criou sozinha, sem um marido, então eu sinto que isso fez muita falta para mim hoje em dia e é isso que eu quero passar, sempre estar presente. E a minha carta é essa, ela expressa que sou muito fechada, mesmo o que eu tô passando, mas não gosto de estar falando para ninguém, às vezes, eu falo. Não gosto muito de conversar, sou mais na minha, sou assim...” (Img.40). Apesar de se dizer fechada, naquele espaço começou a compartilhar um pouco de sua história e de seu momento.

Continuamos nossa conversa e cada uma expôs seu pensamento sobre as diferenças entre as pessoas e o que as aproxima. “Cada um tem suas características e a gente tem que respeitar”. “Esse mundo é muito diverso, tem pessoas de todos os tipos, a gente tem que só aprender.”. “A gente também não tem que ver só a gente, eu tô cheia de problemas, mas eu tenho que botar a mão no bolso e olhar...”. “E o que eu tô passando, ela tá passando assim, pode ser diferente, mas nós todas estamos passando, hoje eu sei o que é ser mãe...”. “Aí a gente compartilha

e fica tudo mais leve.”. “É que tem hora assim que me desespero, eu choro e vem todo mundo e quando eu vejo alguém chorando eu corro lá.”. “Independente do desfecho das coisas eu acho que a gente está aprendendo a cada experiência.”. Surpreendeu-me a profundidade das reflexões logo no início deste primeiro encontro, questões relacionadas à alteridade vivenciada a cada instante, um momento delicado onde há a possibilidade da perda e o tempo é contado em semanas, horas e minutos. A vida é quantificada pelo ritmo da respiração, quantidade de oxigênio, gramas, e as experiências em intensidades e afetos. Para Guattari¹⁵³, “O ser é, antes de tudo, autoconsistência, autoafirmação, existência para si desenvolvendo relações particulares de alteridade.”¹⁵⁴, uma alteridade complexa, heterogênea, composta pelas relações que se estabelecem.

Seguimos com as cartas inspiradoras. “Podemos colocar a imagem de volta, eu queria que vocês escolhessem uma que trouxesse o momento de vocês agora, o que vocês estão passando.”. Após um tempo para decidir quem iria iniciar, uma delas tomou coragem: “Bom, eu escolhi essa porque representa nós mulheres, porque é o que a gente está vivendo, nós mulheres, num mesmo lugar, na mesma situação, torcendo para que saiam logo para ir para casa, todas esperançosas, nenhuma está perdendo a fé, nenhuma está desistindo, por mais grave que seja a situação dos nossos filhos, a gente sabe que tem muitas situações que os médicos dão por perdidas, mas a mãe tá ali firme, esperançosa, sem sair dali, porque a última voz é deles, não é dos médicos. Nós estamos unidas neste sentido.”. São tantas percepções profundas e significativas que fazer um recorte para organizar este relato não foi uma tarefa fácil.

153 GUATTARI, 1992.

154 Ibid., p.139.

Uma nova reflexão se deu a partir de outra carta trazendo os conceitos de peso/leveza de forma bastante poética. “Tá eu vou falar. Essa daqui eu também peguei não só para me representar, mas todas nós, porque vamos dizer assim, que é muito pesado, vamos dizer que a água representa nossos bebês, porém, sendo leve e a gente pesado, a gente pode dizer que sente meio sufocado com a situação e tudo, mas que o animal representa a força que a gente busca da gente, entendeu? Então, é isso, apesar da escuridão ao nosso redor, do fardo que a gente acha que é pesado, a situação que vivemos agora, a leveza do nosso bebê aqui representado pela água, ainda assim, a gente se sente sufocada, muita coisa ao nosso redor, como se não tivesse luz, a gente tenta sair daquela situação e não consegue, mas a gente vai conseguir, tem que ver que, apesar disso, o nosso fardo é leve e é bonito, é uma coisa que é necessária, a água é necessária para a gente e é uma coisa leve, é isso.” (Img.40). Cada elemento da imagem foi preenchida de sentido.

Em seguida apresentei minha carta, me colocando também naquele espaço, “Acho que ter confiança na vida ajuda, mesmo que as coisas não saiam bem como a gente pensou. Muitas vezes, na minha vida, depois de um tempo, consegui ver algum sentido em relação ao que aconteceu. Eu pensei, nossa... olha só como fez sentido tudo aquilo, por pior que tenha sido o momento. Então, escolhi essa carta, nunca tinha escolhido essa...”. A esta altura já estava tocada com a força daquele compartilhar. Existe uma relação entre o movimento e a emoção, entre mover e comover, apontada por Nancy¹⁵⁵. O autor ressalta o valor móvel e dinâmico, quando falamos que algo nos tocou e afirma que o “Tocar agita e faz mexer. A partir do

155 NANCY, Jean-Luc. Arquivada: do senciante e do sentido. Trad. Marcela Vieira e Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2014. Coleção Contemporâneos. 95 p.

momento em que aproximo meu corpo de outro corpo..."¹⁵⁶. O tocar desloca o outro, nem que seja um movimento quase imperceptível. Para ser afetado, é necessário estar aberto, ser capaz de receber, estabelecer uma abertura para o exterior, "... o desejo de se sentir tocado e tocante, o desejo de se experimentar em contato com o fora. E até mesmo mais do que 'em contato', mas ele próprio o contato."¹⁵⁷. O contato com esse fora se estabelece pelo limite que a pele impõe, circunscrevendo todo o corpo, a pele reveste o corpo e o separa do fora. Estávamos ali, sentadas naquele banco, lado a lado, próximas corporalmente e nos aproximando a partir desta abertura que aos poucos ia se dando.

O autor ressalta que o ato sensitivo é a efetividade do contato com um movimento de ida e uma recepção, um acolhimento do outro que envolve monção (movimento) e emoção, tração e atração. Alerta que tocar não é tatear, que é um comportamento cognitivo e não afetivo, já que está ligado a uma análise. Por fim, esse autor conclui que o toque é movimento e emoção, é físico, mas também a alma pode ser tocada, é o corpo se abrindo para o externo. Inspirada pela carta que escolhi, acrescentei: "Experiência cada uma tem a sua, a gente vive vidas muito diferentes e, ao mesmo tempo, estamos aqui juntas neste momento que une a nós todas.". Senti que começava um mergulho mais profundo naquele "lago", aquele mesmo lago, o qual fiz a travessia, junto com Blanchot, no primeiro capítulo desta dissertação.

Quase no final deste primeiro momento, uma delas, que havia saído para se despedir do marido, ao retornar quis apresentar sua carta. "Esta aqui eu escolhi, uma está perto da outra, que seja eu, eu não, todas

156 Ibid., p.16.

157 Ibid., p.20.

nós aqui. A gente estamos aqui e embaixo tem essas raízes, então como as raízes crescem, a gente cada dia na nossa vida vai crescendo, por mais que a gente esteja afastada da nossa casa, mas estamos tendo forças para crescer, estamos aqui com os nossos bebês e vamos crescer, tem que ter raízes fortes para não tombar.”. Novamente a vivência compartilhada emergiu, revelando a empatia sentida por elas. A partir desta experiência comum de espera pela recuperação de seus bebês e por meio das cartas inspiradoras cada uma apresentou sua perspectiva de forma singular.

Finalizamos este primeiro momento e, a seguir, entreguei-lhes um suporte de papel panamá e recortes de revista, explicando que escolhessem imagens que oferecessem alguma relação pessoal com suas vidas ou com momento vivido. Sugeri que, ao olhar as figuras, fossem separando as que chamassem atenção, para, depois selecionarem, com calma, as que gostariam de colar. Disse que tínhamos tempo e que podiam aproveitar com calma. A brincadeira com as cartas durou apenas 30 minutos. Apesar da intensidade das reflexões ter alterado minha percepção, senti que durou muito tempo. Para mim, não havia necessidade de mais nada naquele dia, porém, passar mais tempo naquele espaço poderia revelar novas surpresas.

Apesar das conversas e risadas de um grupo de pessoas paradas no corredor, que não podiam imaginar o que ocorria naquela mesa, elas estavam concentradas com as imagens, lendo as manchetes e reportagens nas folhas das revistas. Alguns comentários foram surgindo “Tão triste...”, se referindo a um casal homossexual, “Mas é amor, né? O amor está acima, não tem gênero.”, achei importante ressaltar. “Pode usar palavras também?”, “Pode sim.” Enquanto uma delas cantarolava, falamos de diversos assuntos: moda, como uma forma de arte, teatro e Shakespeare, balé, música, instrumentos musicais, da crise brasileira e,

também, da necessidade de manter as unhas curtas dentro do ambiente hospitalar, uma das normas de biossegurança.

Em seguida, alguém se aproximou de nossa mesa e comentou: “Que legal, ocupar a cabeça dessas mães, né? ” Mais uma vez, este comentário me fez pensar sobre o lugar atribuído à arte neste contexto e de como o senso comum desconsidera instâncias mais profundas em relação à arte. Lembrei do Luiz Fuganti¹⁵⁸ e de sua fala:

[...] a arte é então uma zona de interesse, uma zona de intensificação, ela não é feita para divertir, ela é feita para intensificar, ela não é feita para distender, relaxar, ela é feita para tencionar [...] se é que ela teria alguma função, mas isso já é uma coisa sem função, claro. Isso já é a própria liberdade da arte [...]¹⁵⁹

A intensão daquele espaço/lugar não é ocupar a mente daquelas mulheres, ocupar para preencher e não pensar ou não sentir, para não ser afetado ou para se anestésiar. Kastrup e Barros afirmam que oficinas de arte tem sua importância reconhecida nas áreas da saúde e educação, mas “Sua função é por vezes entendida como de ocupação do tempo, saída da ociosidade e capacitação profissional. Todavia, tal entendimento não toca o ponto essencial: seu movimento-função de explicitação de linhas que aciona processos de produção de subjetividade.”¹⁶⁰. É um espaço de criação de si e de sentidos, de sentir.

[...] a estética se a coisa for honesta, se de fato é liberar as potências estéticas, porque, as vezes aquele louco, aquele doente, ele está doente do fechamento expressivo das

158 Luiz Fuganti, filósofo, arquiteto, professor e escritor.

159 FULGANTI, Luiz. Criação de si como obra de arte. Faculdade de Teatro, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2013. Disponível em: < <https://youtu.be/8jMcywa-HUE>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2017.

160 KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura Pozzana de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 76-91. p.84.

forças plásticas da vida, claro, porque não a arte então como um ar puro, uma lufada, mas não como muleta, não como função de cura, pode até ter esses efeitos de cura [...]¹⁶¹

Portanto, não há intenção de tirá-las do sofrimento. Se isso acontece, é o movimento de cada uma, uma forma de deslocamento do olhar, de perceber aquele momento de outras maneiras e de ampliar, criativamente, a possibilidade de cuidar das partes que precisam ser cuidadas.

À medida que elas iam trabalhando, olhando, selecionando, recortando, colando, continuavam a comentar sobre uma ou outra imagem ou reportagem. Outras conversas surgiram, desta vez sobre como foi o momento da descoberta ou suspeita de gravidez: “Lembro do dia que eu vacilei, que simplesmente a camisinha estourou, não foi planejando, mas a gente já sabia que poderia ter.”. “Quando descobri que estava grávida, estava estressada até com meu chefe, aí ele me olhou assim e disse: você está grávida!”. “Minha mãe é rápida, estava atrasado um dia e ela já me mandou fazer um exame, aí com uma semana deu negativo, que era muito recente né? ” E complementou sua fala comentando sobre a curiosidade sobre pessoas com câncer. “É sei lá, eu vi uma mulher, ela tava carequinha, carequinha. Eu queria conhecer um monte de gente assim. ” E falamos um pouco sobre as profissões que trabalham diretamente com essa doença.

Conversamos, ainda, sobre brincadeiras e tradições: amarelinha, pique-bandeira, pega-pega, caracol, beto, queimada e correio elegante. Mostraram as fotos dos bebês, falaram sobre os nomes que escolheram e como foi este processo de escolha, sobre religião e sobre a música de

161 Ibid.

uma cantora desconhecida que virou “mania” no facebook, cuja a letra abordava cada mês da gravidez de uma mulher. Depois de todos esses assuntos, o tempo estava chegando ao fim e alertei para que finalizassem a colagem.

Antes de mostrarem o trabalho ao grupo, tiramos fotos. Primeiro, todas juntas, em pé, ao lado da mesa. Depois, elas com a profissional de segurança e com a moça da limpeza, que passava naquele momento. A alegria era tanta que tivemos que nos conter um pouco, lembrar que era um ambiente hospitalar e devíamos fazer silêncio, por um momento pareceu que isto foi esquecido. Segundo Fuganti, “[...] esquecer é fundamental para manter a superfície do acontecimento lisa, limpa, fresca, sempre



41.

renovada, plástica, flexível, fluida, para que o novo sempre nos assedie e a nossa potência o receba de modo imediato [...]”¹⁶².

De volta à mesa, pedi que mostrassem o que fizeram e quais as escolhas feitas naquele momento. A primeira fala foi sobre indecisão ao saber que estava grávida, se teria ou não o bebê: “Eu não queria ela, [...] porque eu quase desisti, quando soube que ela tinha uma doença na cabeça, hidrocefalia, eu quase desisti, eu não quero mais essa menina...”, mas resolveu levar adiante a gravidez. A próxima a expor seu trabalho e mostrar as imagens escolhidas falou do casamento: “Eu coloquei assim colorido porque eu e meu marido a gente está muito alegre...”, falou sobre sua paixão por cozinhar, sobre uma frase que recortou que se referia a “Não olhar pra traz, pra o que já passou, pra gente não olhar pro sofrimento que a gente passou, só pensar no futuro, que vai ser muito



42.

162 Ibid.

melhor do que a gente está vivendo no momento aqui.”. Depois, falou sobre aulas, livros e mostrou uma estrela significando sua filha.

A última apresentou imagens que se referiam ao seu filho, ao amor incondicional de mãe, ao desejo de crescer a cada dia, não só em relação ao crescimento físico do bebê, mas também a um crescimento pessoal. Falou, também, do desejo de deixar um mundo melhor para o filho e de tudo que vivenciou naquele hospital. Relatou que viu crianças morrerem e nascerem e desejou saúde sempre e finalizou demonstrando a vontade de passar o natal em casa. Para Deleuze, o desejo é uma construção, construir um agenciamento, é coletivo. “Nunca desejo algo sozinho, desejo bem mais, também não desejo um conjunto, desejo em um conjunto.”¹⁶³. Portanto, não se trata de um objeto de desejo, mas de uma relação entre elementos e, ao falar de seus desejos, ela nos mostrou o que estava em construção a partir dos acontecimentos, pois o desejo começa dentro de um acontecimento.

Estava chegando ao fim do nosso primeiro encontro, expressei, em algumas palavras, sobre como tinha gostado de estar ali e iniciar um novo grupo. Fiz alguns combinados para o próximo dia e pedi que convidassem outras mães, pois tínhamos espaço. Disse que cada dia seria diferente e com uma nova proposta. Naquele último diálogo, percebi um pouco mais da rotina daquelas mulheres, que agora iriam buscar o jantar e ficar novamente com seus bebês. Despedi-me agradecendo.

163 DELEUZE, Gilles. In. BOUTANG, Pierre-Andre. O abecedário de Gilles Deleuze. Editions Montparnasse, 1996. Disponível em: <http://sabertv.com.br/repositorio/filme/?name=d1_desir_desejo>. Acesso em: 09 dez. 2016.

4.3. Painel das sensações

Retornei para o segundo dia da oficina. Como a médica, que era o meu elo com as mulheres do Neonatal, entrou em férias, fiquei com receio de não as encontrar no local combinado ou delas esquecerem o horário e dia marcados. Diferente do grupo do Alto Risco, onde bastaria procurá-las em seus quartos e numa ala específica, as mães do Neonatal poderiam estar em diversos locais do hospital ou até mesmo fora dele, e a UTI Neonatal não tem trânsito livre, local de maior probabilidade de encontrá-las. Para me certificar de que tudo correria bem, resolvi ligar para a mais extrovertida do grupo e confirmar, pedindo que lembrasse as outras participantes, assim assegurei nosso encontro.

À medida que elas foram chegando, pedi para preencherem os termos de assentimento e autorização para a pesquisa, e quando o grupo ficou completo, iniciamos nossa atividade. Primeiramente, nos voltamos para o corpo. Pedi que percebessem o corpo e sentassem de uma forma mais atenta e confortável, depois que prestassem atenção à respiração. “A gente vai respirar três vezes, profundamente, pra gente ficar bem presente aqui na mesa, no trabalho...”, “...vamos respirar juntas, então a gente solta todo ar, e aí inspira devagarzinho, quando encher, prende um pouquinho, solta de novo.”. No meio das respirações fomos interrompidas pelo comentário de alguém que passava, mas continuamos respirando e prestando atenção em nossa tridimensionalidade corporal, nos espaços internos. Em seguida, iniciamos uma automassagem, “Começa pela nuca, procura sentir a sensação da mão tocando na pele, tocando no tecido da roupa, ai vai descendo assim pelo ombro...”, “Nossa estou tensa, estou dura.”, e assim fomos percorrendo a caixa torácica, barriga, costas, glúteos, pernas e voltamos até a nuca, cabeça, couro cabeludo, orelhas, bochechas.

Após esse momento, coloquei diversos materiais sobre a mesa (lixa, plástico bolha, urucum, bombril, papel celofane, algodão, tecido, concha, lã, palito de sorvete, papel alumínio, botão, filó e muitos outros) e pedi que escolhessem um deles, sentissem a textura e ficassem atentas a que tipo de sensação, ideias e relações surgiam a partir daquele contato (Img.43). Uma delas perguntou se era para fechar o olho e respondi que sim, pois com os olhos fechados podemos sentir melhor. Recomendei que ficassem um tempo com o material nas mãos, para que pudessem perceber algo a partir do toque e, assim que estivessem satisfeitas, pegassem outro material.

Depois de um tempo nesta exploração, onde o barulho do plástico bolha estourando rompia de vez em quando a quietude, distribuí um suporte tamanho A4, de papel panamá, e expliquei a próxima etapa. A ideia era fazer um painel de sensações. Mencionei que temos várias sensações táteis durante o dia, durante a vida, e, apesar da visão ser muito privilegiada, muito do que sentimos é por meio do toque: “o colo da vovó, o abraço de um amigo, da língua em alguma comida, enfim, são muitas coisas que acontecem.”. Depois que mostrei o meu painel das sensações, onde coleí os materiais mais significativos para mim, algumas perguntas foram feitas, tais como: “É pra cortar um pedaço de cada coisa?”, “Pode cortar o pedaço que você quiser.”, “Só pode se for coisas boas? Ou...”, “Pode ser coisas não tão boas também... às vezes, tem sensações que não são muito legais e fazem parte da nossa vida.”. De vez em quando o silêncio da mesa era interrompido por conversas de pessoas no corredor ou por algum comentário delas.

Alguns temas foram surgindo nas conversas a partir do contato com os materiais. Sobre o filó, algumas relacionaram com casamento: “Toda mulher praticamente quer casar.”, “Nem todas!”, “Eu coleí, porque ela falou que lembrava mosquiteiro, casamento não.”. Em relação à lã,

lembraram das avós e conversaram sobre croché e tricô e sobre um material extraído da palmeira do buriti (uns palitinhos do cacho da palmeira), quando ressaltaram a sensação de aspereza. Falaram, também, sobre a saudade de casa, sobre qual bebê estava prestes a ir para o quarto, para o “Canguru”¹⁶⁴ ou começando a mamar no peito. De repente, alguns maridos começaram a chegar e sentar no banco próximo. “Tem que fazer oficina com os maridos daqui a pouco!”, “É mesmo!”, mas logo a profissional de segurança disse que eles não podiam ficar ali e pediu que se retirassem. À medida que surgia a necessidade, eu fui orientando sobre como colar os materiais no suporte, qual precisava de cola quente e qual poderia ser fixado com cola branca. Lembrei novamente a elas, que, no final, o trabalho seria apreciado com as mãos, então, destaquei que, à medida que fossem fazendo, procurassem perceber como seria “ver” com as mãos e observar os espaços entre os materiais, verificando se precisaria preenchê-los ou não.

Apesar do barulho alto de um grupo de pessoas conversando no corredor, em um determinado momento, a atenção delas não dispersou e, enquanto os trabalhos iam ficando quase prontos, surgiam comentários: “Olhando assim parece uma coisa totalmente sem noção! (risos)”, “O dela está escrito, o meu não, o dela você lê e sabe o que é, agora olhando assim...”. Disse-lhes que, depois, poderiam completar, se entendessem haver algo para acrescentar, “Porque sempre a gente pode estar mudando e continuando, não precisa ser uma coisa terminada...”. Portanto, propus mais um tempo, para que verificassem se queriam ou não fazer alguma modificação. E, assim que terminaram, pedi que cada uma mostrasse seu painel das sensações e falasse um pouco das relações que fizeram e das sensações que surgiram (Img.44).

164 De acordo com a portaria GM/MS Nº1.68 de 12 de julho de 2007, o método Canguru é um modelo de assistência perinatal voltado para o cuidado humanizado que reúne estratégias de intervenção bio-psico-social. O contato pele-a-pele, no método Canguru, começa com o toque evoluindo até a posição canguru. A posição canguru consiste em manter o recém-nascido de baixo peso, em contato pele-a-pele, na posição vertical junto ao peito dos pais ou de outros familiares.

Como para mim esta atividade também era uma novidade - pois nunca tinha proposto a ninguém ou grupo algum - não sabia o que esperar, e, à medida que foram falando, me surpreendi. A primeira delas iniciou se desculpando: “Eu sei que as minhas ideias, o que eu lembrei, é meio sem noção...”, e começou a fazer ricas relações com os materiais que escolheu. Falou dos saquinhos de colocar fruta nas feiras e que seu avó mandava enchê-los de cajarana, lembrou do cheiro da fruta, dos pauzinhos de picolé que catava para seu tio fazer casinhas e barcos como artesanato para vender. Aí ela relacionou com a marcenaria do seu pai e lembrou dos tapetes que sua madrinha fazia. Um dos materiais, ela colocou porque achou bonito, era dourado e colocou, simplesmente, para completar finalizando seu trabalho.

Logo em seguida, outra do grupo iniciou sua fala, mostrando os elementos de sua colagem e relatando ao que a sensação vivenciada por meio do material a remeteu. “É um negocinho que você pega com a mão e roda...”, se referindo a um brinde que vinha num doce, como um peão, com o qual ela brincava com os irmãos. Mostrou umas bolinhas que a fez lembrar da árvore de cacau que havia na sua escola e de seus amigos. Colou fichas de sinuca e rememorou seu pai e os truques que ele a ensinou. Lembrou da mãe que gostava de flores e dos vasos de flor que faziam para ela, assim como da avó materna, que costurava roupas coloridas e que agora está com catarata. Recordou dos tapetes que a avó fazia e da vassoura de folha de buriti que ela usava para varrer o chão e, também, do assassinato de seu pai que morreu perto desta palmeira. Outros materiais, ela associou a viagens pelo Brasil e ao desejo de realizar uma cerimônia de casamento, mesmo já morando com o pai de seu filho. Por fim, relacionou a luva de procedimento ao seu bebê. Durante todo tempo da oficina, eu imaginei que elas iriam associar a flanela ou o tecido de algodão aos bebês e foi a luva de látex que trouxe esta relação, o que agora me parece bem mais coerente devido ao contexto hospitalar.

Mais uma iniciou sua fala, timidamente: “Eu não lembrei de muita coisa, mas isso aqui eu lembrei de uma boneca que eu tive, do cabelo dela.”. Associou a luva de látex à experiência de infância no dentista, que prometia lhe dar a luva, caso não chorasse. O filó, relacionou com o mosquito para colocar no berço de seu filho e lembrou das casinhas de caramujo de que sua mãe tanto gosta. A próxima a expor seu trabalho falou, novamente, do filó como mosquito, da luva de látex, que a remeteu à gravidez e ao parto, “Porque é o que eles mais usam...”. “Eu vi que você ficou um tempão com essa luva, assim...”, “São muitos toques...”. Sobre uma rede de plástico, de proteger frutas no mercado, ela lembrou que colocava na cabeça e brincava quando criança, falou de comida, do cachecol que sabia fazer, da avó que costura e recordou de um porta-retrato feito de palitinhos que ganhou de um menino, quando estava presa no Centro de Atendimento Juvenil Especializado – CAJE-DF. Finalizando, falou de quando lixou a parede com sua mãe, de brincar na terra e do ioiô.

A última a mostrar seu trabalho apontou para o papel alumínio colado no suporte e disse gostar muito de cozinhar. Aos poucos, cada material ia revelando algo. Relatou que foi criada por padres até os 17 anos e que passava horas estourando as bolhas do plástico usado por eles para embalar imagens de santos. A linha a fez lembrar dos colares que faz, lembrou da irmã que gosta de embalar presentes, das avós que faziam corante com urucum e, a partir de uma concha, lembrou das praias de São Luiz-MA. Terminando, nos mostrou um papel dobrado como uma fralda, com um algodão dentro, dizendo que significava sua filha recém-nascida. Ela foi a última a mostrar seu painel e comentou: “É legal, porque cada uma acaba sabendo mais da vida da outra. Porque, às vezes, assim só olhando, a gente não gosta da pessoa, né? Mas, descobrindo, vê que tem mais em comum do que com outra que você se identificou só

de olhar.”. Dessa forma, a amizade e a rede de apoio entre elas encontra mais um espaço para se fortalecer.

Ao criar o painel de sensações, por meio do contato com os materiais disponíveis, estas mulheres estão capturando percepções, sensações (auditivas, gustativas, táteis e visuais), revivendo lembranças, criando novas relações e ordenamentos, que vão além delas mesmas, gerando novas atmosferas. Certamente, cada um que tatear um desses painéis criados por elas terá diferentes lembranças, percepções e formará diferentes imagens mentais. Segundo Deleuze¹⁶⁵, perceptos e percepções não são a mesma coisa, pois percepto é um complexo de sensações e percepções que se tornam independentes de quem os sente. Esse filósofo afirma, também, que “Não há perceptos sem afectos.”¹⁶⁶ que “São devires que transbordam daquele que passa por ele [...]”¹⁶⁷, conceitos, perceptos e afectos se penetram constantemente, estão ligados.

Ficamos, ainda, ao redor da mesa, conversando. Aproveitei para tirar algumas fotos dos trabalhos para registro. Antes de ir embora, marquei meu retorno, perguntei se precisava mandar uma mensagem confirmando e pediram para avisar a mesma participante para quem liguei nesse dia. Como estava perto dela ir para o quarto com o bebê, perguntei quem utilizava o aplicativo *WhatsApp* no celular, pensando nesta possibilidade de comunicação com o grupo. Despedi-me, expondo minha surpresa e alegria por tantas histórias compartilhadas e refleti sobre como a força daquele momento, juntas, transformava o encontro em um acontecimento, revelando a potência deste estar-com.

165 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol.3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 120. (Coleção TRANS).

166 Ibid.

167 Ibid.



43.



4.4. Argila/corpo

Cheguei às 15 horas e 30 minutos, arrumei o local e aguardei. Perto das 16 horas, desceram duas participantes, uma delas nova no grupo. Portanto, expliquei, novamente, sobre pesquisa e os termos necessários. Soube que das participantes do encontro anterior, um foi transferida para um hospital na Ceilândia-DF, outra foi para o quarto com o bebê, outra recebeu visita de sua mãe naquele horário, e mais uma do grupo não apareceu no hospital neste dia. Conversamos um pouco e demos início à atividade. Abri os pacotes de argila, entreguei a elas e fiquei com um. Comecei a mexer, amassar e, aos poucos, elas foram perdendo o primeiro receio de sujar as mãos.

Comecei a chamar a atenção para o corpo, enquanto manipulavam a argila, primeiramente rememorando o momento que receberam a notícia da gravidez e as emoções que sentiram, tais como: medo, surpresa, alegria. Sugeri que se lembrassem de alguns pontos, o que passou pela cabeça naquele momento, para quem tinham que contar a notícia, qual a sensação corpórea, como por exemplo, a sensação de frio no estômago graças ao nervosismo. De imediato, os comentários começaram a surgir: “Logo depois de fazer exame de sangue descobri que estava de quase cinco meses.”. “Eu descobri que estava de dois meses. “Vocês estavam esperando ou foi de surpresa?” . “Tava quase me separando...”. Dessa forma, fomos, aos poucos, entrando em contato com aquele passado ainda tão presente.

Falamos, então, sobre o período de gravidez e de como se sentiram. Relataram sentir sono, fome, enjoo e sobre as modificações corporais. Disseram que o peito fica inchado e duro, “Enorme, parece que vai saltar.”, “O peito e a bunda são os primeiros a ficarem grandes.”, “Eu dormia de bruços, a minha barriga começou a explodir mesmo, esticou depois

do sexto, tipo assim, do quinto para o sexto...”. Uma delas comentou ter descoberto que estava grávida somente no quarto mês de gravidez, porque as roupas começaram a deixar de servir. Disseram, também, que se sentiram feias, que o nariz alarga, as roupas não cabem e começam a usar *legging*, e como a vagina fica grande precisam usar uma bata para cobrir. Perguntei se, em algum momento, se sentiram bonitas durante a gravidez e uma delas disse que, para provocar o marido, colocou uma blusa e um macaquinho curtos e que os amigos do marido a elogiaram. Neste dia, se sentiu linda, mas, quando uma mulher bonita passava, já olhava para ver se o marido estava olhando e, ao se ver, se achava feia.

Depois, falamos das sensações que levavam ao parto prematuro. “Com cinco meses já queria nascer, eu senti contração no domingo e ele nasceu na terça.” e nos contou sobre as contrações e que os remédios que lhe deram a deixaram tremendo, era uma sensação de que ia morrer, mas disse que seu bebê é forte e ela também. Na sequência da conversa, perguntei como identificaram que já estavam em trabalho de parto. Uma das mulheres disse que soube por já ter entrado em trabalho de parto anteriormente, porém, aquele primeiro bebê nasceu de 4 semanas, vindo a falecer. Conversamos sobre as emoções surgidas na hora do parto e citaram o medo, a ansiedade, “Todas essas coisas...”. Pedi que pensassem nas reações do corpo. E elas relataram: “Foi muito forte, não aguentava mais de dor, imagina 15 dias tentando segurar e um menino querendo nascer, só que não rompia a bolsa, quando rompeu...”, “É muito sofrimento... É muita dor.... Na última hora ele virou.”, “E eu fazendo força.... ia na lua e voltava e a médica medindo pra ver se estava dilatado.”. Descreveram, também, a sensação de quase desmaio, graças a variações na pressão arterial, se sentiram sem forças e relacionaram o momento com a

sensação de estar morrendo. O tema morte que não apareceu com as mães do Alto Risco, neste grupo surgiu de várias maneiras.

Pontuei que, depois deste momento forte do parto, os bebês nasceram e com eles nasceram as mães desses bebês. A partir desta fala, elas relataram que não conseguiam dormir esperando notícias e perguntei se chegaram a pegá-los no colo. Frisaram que, além de tudo, não seguraram o bebê nos braços após o nascimento. “No caso, eu cheguei a ver, mas assim, ele todo sujo.”, “O meu nasceu roxo .”. E outra contou que viu seu bebê, mas logo foi levado, estava todo cheio de cera, branco e chorando, querendo mamar, mas que não deixam amamentar porque, como são prematuros, vão direto para incubadora e, por fim, uma das participantes revelou que nunca pegou seu bebê no colo.

Comentamos, também, das sensações logo após o parto. “Porque de repente o bebê não está mais lá.”. Disseram que sentem falta, às vezes vão com a mão de forma automática e percebem que o bebê não está mais ali. Não viam a hora do bebê nascer, mas agora sentem saudades da barriga, do bebê chutando, o que afirmaram ser uma sensação muito gostosa. Compartilharam que agora o corpo começa a voltar às medidas anteriores, mas que está diferente. Uma delas disse estar feliz por não ter ficado com estrias, era um dos seus medos e seu marido ajudou a prevenir. Ressaltei sobre o cuidado dele e ela disse que ele também se preocupava com a alimentação e que em casa chorou e pediu desculpas, disse estar estressado por ela e o bebê estarem no hospital. Outra mulher deste grupo nos revelou que seu corpo não voltou à forma que tinha antes, pelo menos por enquanto.

Por um bom tempo fomos conversando, fazendo uma retrospectiva deste percurso com o foco no corpo e suas sensações, enquanto modelavam a argila. Em alguns momentos eu orientava sobre a técnica. Aos poucos foram finalizando e chegou a hora de compartilharem suas criações. A

participante que entrou hoje no grupo disse que lembrou da infância e que fez uma casinha igual a uma que fazia quando brincava na areia e que, por fim, virou a casa do cachorro. Comentei que, quando ela estava trabalhando com a argila, pensei estar fazendo sua própria barriga, que a abertura fosse a vagina e, pela forma como ela estava retirando o material de dentro, parecia um exame de toque (Img.45). Ela riu e disse que quando estava fazendo pensou nisso mesmo. É importante perceber o que se apresenta durante o fazer. Estes momentos absortos, e aparentemente distraídos, muitas vezes, revelam uma expressão e forma mais intensas do que aquela forma buscada conscientemente para finalizar e apresentar o trabalho. São formas efêmeras, pois a matéria, ao ser manipulada, vai adquirindo outros contornos e, se não estivermos atentos, acompanhando o processo, podemos não perceber. Portanto, nesse sentido, o processo de criação é mais relevante que o produto final.

Uma outra participante fez uma mulher de argila, em homenagem às mulheres que eram muito fortes, com peitão igual ao que ela estava (Img.46). Ela queria fazer também uma barriga, mas não conseguiu. Comentou que lembrou de uma pesquisa científica que dizia que os homens eram mais resistentes à dor que as mulheres, mas que ela não concordava. Continuando, exclamou que deviam colocar os homens para o sentir cólica e rimos todas juntas. Por fim, ela explicou que achava que esta pesquisa a que se referia era com choques na água, e concluiu que a mulher é mais sensível, porém mais resistente. Finalizamos nosso encontro, ganhei um dos trabalhos de argila, o outro ia ficar secando com as colegas no dormitório e combinamos meu retorno. Fiquei sabendo, depois, que este trabalho que ficou secando - a casinha de cachorro - caiu ao chão e foi remodelada pelas mulheres que ali estavam. No encontro seguinte, entregaram, ao invés da casa, o próprio cachorrinho.



45.



4.5. Pintura e interferência

Hoje tivemos quatro participantes no grupo, duas que estavam presentes no encontro anterior e mais duas novas. Devido a algumas breves confissões feitas a mim, em dias anteriores, sobre dificuldades em relação ao convívio e colaboração no dormitório, resolvi propor uma atividade que ainda não tinha proposto anteriormente. Tenho buscado aproveitar a oportunidade desta oficina para vivenciar o novo, arriscar, não me prender naquilo já sabido e certo, procurando ficar atenta a habitar o espaço liso. É incrível como o que é seguro nos puxa constantemente e nos chama para o cômodo e previsível. Por outro lado, experimentar o novo nos enche de vida e requer uma atenção constante, uma abertura até mesmo para as falhas e erros, nos flexibilizando e desconstruindo padrões de excelência e competência que podem nos tornar tensos, preocupados, rígidos e sem criatividade, apenas reproduzindo o que já foi testado. Então, vou e volto, proponho algo novo para mim e também algo já feito antes levemente diferente, por uma necessidade de segurança devido a alguma fragilidade que aflora ou por achar realmente que a repetição naquele momento faz sentido.

Ao falar que íamos trabalhar com pintura, exclamaram: “Eu não sei pintar!” e aproveitei para explicar que iríamos tentar não nos preocupar com os conceitos de bonito e feio, alertando que deixassem o julgamento de lado para aproveitar a experiência e perguntei: “Imagina se no mundo não tivesse estes conceitos do bonito e do feio?”, “O mundo teria acabado...”, “Porque hoje a gente tem tantas obrigações com a aparência que até complicado.”. Cada uma foi exteriorizando

seus medos em relação à pintura e desenho, sendo que uma delas disse desenhar do mesmo jeito de quando estava na escola, o sol com olho e boca. Pontuei que isso acontecia, em parte, porque não continuamos a praticar, como se parássemos naquele ponto do desenvolvimento das linguagens artísticas, e ao esbarrar com certas dificuldades pensamos que não servimos para aquilo ou recebemos críticas que nos fazem recuar.

Expliquei que hoje faríamos a seguinte brincadeira: cada uma iria começar a pintura no papel e, depois de um tempo eu daria o comando para que passassem a pintura para a pessoa ao lado. Logo exclamaram entre risadas: “Não!”, “Não gostei...”. Perguntei porque não gostaram da ideia e responderam: “Porque vai bagunçar minha obra de arte...”. Disse-lhes que assim teria um pouco de cada uma nos trabalhos e pedi que elas buscassem perceber exatamente esta sensação, da interferência do outro. Fiz várias explicações sobre a técnica, alertando sobre a necessidade de lavar o pincel para trocar de tinta e colocar o pincel na água, quando não estivesse usando. Também falei sobre os tipos e tamanhos diferentes de pincel, o movimento das pinceladas, a diferença entre a pintura e o desenho, arte figurativa e abstrata, linhas, formas, círculos, formas geométricas, cores e sua potência expressiva, atitude e velocidade. Falei, ainda, sobre a hesitação frente à folha branca, as encorajando a começar.

Reforcei o intuito da proposta, que se tratava mais de vivenciar o processo do que a necessidade de apresentar um produto final bem feito e bem acabado. Além disso, a oportunidade de compartilhar seu trabalho, lidar com a interferência do outro, do diferente, do estranho

em nós e que a pintura final seria uma surpresa. Para Guattari¹⁶⁸, a subjetividade é construída de forma criativa e processual por meio de relações múltiplas, invenções e movimentos, decorrente da afirmação do outro, “[...] em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva.”¹⁶⁹, sendo esta uma definição considerada provisória para o autor.

Depois de toda minha explicação, os seguintes comentários nos fizeram cair na risada: “Vou fazer um sol e uma lua.”, “Depois de tudo que ela explicou!”. Uma das moças iniciou um diálogo comigo, demonstrando sua insegurança em relação à proposta: “Eu não sei fazer...” e falei: “Então, começa por algum lugar e depois você vai transformando aquilo.”. “Eu não sei...”. “Ter filho pelo jeito é mais fácil, né?”, “Não é não! (risos)” e disse que poderia sair do jeito que fosse, estranho, bonito ou feio, não tinha problema, que poderiam se arriscar. Expliquei que, com a pintura, sempre podemos refazer o que já foi feito, por isto é plástica, porque você pode ir transformando, pode passar por cima, pintar de outra cor, até ficar satisfeita.

As colegas de dormitório desta moça estavam tendo certa dificuldade de relacionamento com ela, por sua falta de colaboração com as demais. Soube que sua filha tinha nascido com sérias complicações no abdômen, necessitando de muitas intervenções cirúrgicas e a ausência de casa estava gerando desentendimentos com o marido, por isso, havia períodos de afastamento do hospital. Mais tarde me relatou que, toda vez que ficava algum tempo longe, a filha piorava. Ela repetiu durante toda a oficina que não sabia fazer e disse que tinha gostado

168 GUATTARI, 1992.

169 Ibid., p.19.

da proposta, pois assim o trabalho dela não ficaria feio, pois não seria somente ela a fazer. Lavou o pincel na minha água de beber, pintou a mesa sem querer, cada hora era uma dificuldade, como se testasse meu limite de acolhimento.

Aos poucos, cada uma foi iniciando a pintura no seu tempo (Img.47). “Vou fazer uma coisa bem estranha...”, “Eu vejo uma forma e então vou ter uma ideia.”. A partir de um pingo que caiu em um dos papéis, sem intenção, falamos sobre o acaso, o não previsto. Expliquei que, após acontecer um acaso, o artista escolhe se quer deixar aquilo ou modificar, que se torna consciente daquele acaso e decide se vai incorporar ao trabalho ou não. Alertei que mais um pouco e iríamos trocar os trabalhos. “Eu não queria não...”, “Vou fazer um estrago no seu...”, “Não faz isso não... por que fazer um estrago?”, “Porque eu não sei pintar.”, “Porque eu não sou boa entendeu, então...”, “Que legal, né? Quando outra cor interfere... parece um sombreado e aí é para trocar?”. Então, os trabalhos foram trocados, cada uma passou seu trabalho em sentido horário. Era o momento de interferir no trabalho da outra, ao que me perguntaram se era para fazer igual ou para fazer o que quisessem. Respondi que era para fazer o que quisessem, mas que podíamos pensar sobre as várias maneiras de interferir, com carinho e cuidado, bagunçando, no intuito de estragar ou para acrescentar algo diferente, e que podemos interferir de muitas maneiras na vida do outro, na pintura do outro. Após essa fala, houve um comentário reticente: “Mas eu não sei pintar igual ela pinta?”. Afirmei que não precisava pintar igual, porque ela era diferente, que não tentasse copiar o jeito de pintar da outra, assim poderia deixar a sua marca.

A cada momento que propunha a troca, recomeçavam as reclamações, risos e comentários. “Está ficando bonito, né? Está ficando

diferente.” Algumas demonstravam insegurança para reiniciar em novo papel, e nestes momentos nosso diálogo se tornava importante para encorajá-las; “Vai sair feio ... eu não consigo entrar na dos outros e ficar bonito.”, “Se você for perceber quantas vezes você já falou isso...”, “Se todo mundo soubesse fazer, ia ficar bonito.”, “Mas, cada um faz do seu jeito... a gente se permite e acaba colaborando de uma forma legal.”. Depois de um tempo, novos comentários: “Nem parece que fui eu que fiz!”, “Chique, chique, chique!”. Finalmente, os trabalhos voltaram para o início. “Agora, cada uma vai finalizar como quiser o seu trabalho, que acabou ficando coletivo...”. Ao receberem as pinturas (Img.48), exclamaram: “Nossa! Ficou bonitinho, eu quase





não fiz nada...". "A florzinha foi você que fez.", "É mesmo...", "O meu e o dela ficou bem parecido né?". Então, orientei que olhassem e escolhessem se queriam ou não modificar ou acrescentar algo e propus mais um tempo.

Para finalizar, reconheci ter feito uma proposta difícil, que envolvia a questão da interferência do outro, e que, a todo momentos, sofreremos essas interferências no convívio. Evidenciei, também, que neste momento elas estavam se deparando com este tipo de situação com frequência, ao ver as enfermeiras cuidando dos seus bebês, muitas vezes com mais autonomia que elas, interferindo na maneira que elas cuidariam, e que isso estava acontecendo desde o momento da chegada delas no hospital, "... muitas pessoas estão interferindo, o médico apalpa daqui, e apalpa dali, pode, não pode e cadê a vontade de vocês? ". De fato, existe a necessidade dessa interferência, porque é uma situação delicada de saúde.

Além disso, ressalttei que a maioria delas passa a dividir o dormitório, um quarto estranho, e com outras mães, pessoas que elas ainda não conhecem, sendo necessário um convívio minimamente harmonioso, para que não seja mais um peso neste momento. Porém, muitas vezes, quando achamos que não temos nada para dar, podemos pensar: "Eu só faço besteira, então não quero participar.", então podemos acabar nos isolando e não colaborando com o grupo. Aquela moça sobre a qual comentei no início do relato deste dia, e com quem as colegas de dormitório estavam sentindo dificuldades no relacionamento, exclamou: "Eu sou assim!". Então comentei: "A partir do momento em que acho que eu não tenho nada de bom pra dar, que eu só vou estragar, acabo sendo hostil e a outra pessoa pode pensar: puxa aquela pessoa não é legal e muitas vezes não é isso...". E ela completou: "Se fosse para

cada uma desenhar o seu, eu fazer o meu, ela fazer o dela, eu ia chorar muito, porque o meu desenho ia sair tão feio e de todo mundo saiu bonito.". Imagino ter sido a oportunidade de um maior entendimento entre elas, talvez de uma escuta mais sensível.

Pedi que cada uma falasse um pouco sobre seu trabalho, o que percebeu sobre a interferência da outra na pintura e o que sentiram na hora de trocar o trabalho. A primeira a se manifestar iniciou nosso diálogo: "Assim, eu estava imaginando fazer uma outra coisa mas, como eu ia dar para uma outra pessoa, então eu pensei em fazer uma coisa mais fácil, mas já sabia que, no final, não ia ficar do jeito que eu queria, não ficou feio, ficou expressivo, eu tentei consertar.", "E causou o quê?", "Ficou confuso, porque quando foi passando os trabalhos eu fiquei confusa, o que a pessoa vai achar, porque eu, o jeito de desenhar é específico...", "Mas eu não gosto de fazer coisas fáceis. Aquele bazar é fácil de fazer, mas arte mexe com a gente, né..., eu gosto de desafios.", "Isso aqui é bom pra gente esfriar a cabeça", "Eu fiquei com a cabeça doendo, porque eu fiquei fazendo e fiquei estragando o trabalho dos outros, essa parte que eu fiz, foi eu que estraguei. (risos)". Assim cada um foi manifestando seus sentimentos em relação à proposta.

Perguntei como foi perceber que a colega fez diferente daquilo que iam fazer, como foi aceitar o que é diferente vindo do outro. "É difícil...", e continuei questionando: "Você consegue ver isso no dia a dia? Essa sensação que você teve...", "Consigo... todo mundo fala assim comigo, você é muito boazinha, mas é que eu não consigo...", "Você chega a fazer aquilo que você não quer só por causa do outro...", "Não quando é uma coisa excessiva, quando eu posso eu faço...". Nesse momento precisei abrir espaço para que outras, que ainda não tinham compartilhado, pudessem falar. "Eu queria que você falasse um

pouco, porque quando você começou, você teve uma ideia e as pessoas interferiram, no final eu vi que, quando chegou na sua mão, você gostou, você falou: 'legal, ficou lindo!'", "Ficou diferente do que eu queria, mas ficou muito legal, gostei do detalhe que ela fez. Eu ia fazer todo colorido e...foi legal, gostei, ficou um negócio também diferente... fica mais difícil interferir no trabalho do outro.". Dirigindo-me para uma outra participante, perguntei: "E depois que você interferiu, continuou achando que você estragou?". Ela respondeu: "Não, ficou bonitinho...", "Você acabou acrescentando tanto, né?", "Sim, não estraguei nada", "Viu, você ouviu o que ela disse? Que o que ela mais gostou foi essa parte.", "Ficou legal...". Ela me olhou e sorriu agradecendo.

Mais algumas que não tinham falado da experiência resolveram compartilhar: "Eu gostei também, foi porque cada um faz uma coisa, porque nenhuma das partes são iguais, eu fiz uma coisa, ela pensa outra, outra pessoa pensa outra.", "O que você sente em relação a essa percepção de que tem alguém interferindo na sua vida, de você querer fazer de um jeito...", "Eu não gosto, não gosto de jeito nenhum, porque não é do jeito que você faria, quando a gente tá segurando o bebê da gente, elas brigam com a gente, manda a gente colocar na incubadora e a gente fica chateado mas, elas se formaram naquilo...", "E você, vê uma relação a mais?", "É né, tem umas que são legais, mas tem outras que são chatas, mas eu não gosto de ver elas mexendo no meu bebê.", "E no quarto você sente assim? Você está dividindo quarto com as outras...", "Sim, Quando você está num alojamento, um tem que colaborar com a outra, mas no final das contas, cada um... acaba que não sai uma tragédia, né?". Depois de todas mostrarem como ficaram suas pinturas e de falarem sobre a experiência, era a hora de nos despedirmos.

Agradei a elas pela presença e intimamente pela intensidade do encontro, tirei fotos dos trabalhos e pedi que lessem e assinassem os termos da pesquisa. Perguntaram-me o que aconteceria, caso fossem embora antes de terminar e eu lhes disse que sentiria falta de cada uma no grupo, que o ideal era que participassem de todos os encontros, mas quem está entrando no quarto encontro era muito bem-vinda, que poderiam ficar o tempo que quisessem e que havia mais espaço naquela mesa para receber pessoas novas, que elas podiam indicar e chamar. Comecei a arrumar o material dentro da caixa/tenda e assim encerramos mais um dia juntas.

4.6. Pintura das emoções

Iniciamos nosso encontro de hoje com apenas duas participantes. Algumas mulheres do grupo foram em casa e não retornaram ainda ao hospital. Disse que enquanto tivesse uma presente teríamos atividade. Entreguei a pintura coletiva a uma delas, que precisou sair antes da finalização do encontro anterior. “O seu interferido!”, “Ficou bonito! Ficou mesmo, só essas bolinhas aqui que não... (risos)”. Então, ela me perguntou: “Hoje a gente não vai precisar trocar, né?”, “Hoje, não.”, “Vou poder terminar o meu? (risos)”. Esse comentário me fez perceber a importância da participação do início ao fim de uma atividade, pois o momento final ajuda a dar sentido ao que foi proposto e realizado; a conversa que tivemos antes do encerramento do último encontro foi fundamental para o entendimento, não só intelectual, mas também emocional. Cada encontro tem início, meio e fim e em um ambiente hospitalar é necessário que seja assim, que não haja necessidade de continuar a atividade em um outro dia, pois nunca sabemos quem estará presente, o futuro é realmente um devir.

Criei um grupo no aplicativo *WhatsApp*, uma nova estratégia de agenciamento, pois a participante que é meu elo de comunicação com as demais mulheres está prestes a ir para o quarto com o bebê. Comentei que mandei uma mensagem avisando que hoje iria ter aula de artes e uma delas enviou apenas um ícone. “Ela mandou só uma carinha, aquele sorriso tipo ‘ixi’, aí eu não entendi, só fui entender agora o porquê da carinha...”, pois ela não estava no hospital, portanto, não iria participar. O celular, neste momento, me pareceu a ferramenta mais adequada para reforçar a data dos encontros e lembrá-las, confirmando minha ida ao

hospital. Frisaram que, quando gostam de algo, é difícil esquecerem o compromisso, de qualquer maneira acharam uma boa ideia.

Quando percebi que tínhamos realmente chegado à mesa, não só o corpo mas a atenção, expliquei sobre a proposta do dia, que seria fazer três pinturas em papel, as primeiras pensando nas emoções e a última seria totalmente livre. Relembrei alguns pontos que já tínhamos trabalhado em encontros anteriores, as transformações do corpo, desde quando descobriram que estavam grávidas, a emoção da notícia, a sensação de ficar meio perdida, a necessidade de contar para algumas pessoas, o nervosismo, a ansiedade e, depois, as transformações do corpo até o dia em que sentiram as dores, algumas tiveram que tomar remédios fortes e tiveram a sensação que iam morrer, o parto, o pós-parto e a relação com o bebê e com o dia a dia na UTI.

Para essas mulheres, este espaço criado pelo grupo é também de elaboração, criação e ficção, pois é vivencial e imaginativo, onde os fatos podem ser reordenados. Ao contar, se modificam, novos contornos e detalhes, novas tonalidades são acrescentadas a este passado, que de tão recente se faz presente e futuro. Efland¹⁷⁰ cita Ernest Cassirer¹⁷¹ e afirma que uma recordação verdadeira só acontece se houver elementos da imaginação, desta forma o ser humano não apenas repete o que ocorreu, recordando, mas constrói sua experiência. Esse autor inclui a imaginação sob uma perspectiva cognitivista, contribuindo para a valorização desta no desenvolvimento do conhecimento e compreensão. Complementando, Fugante¹⁷² afirma que o eu é uma ficção e o acontecimento principal de si mesmo é a produção de força, a partir da forma de viver e do uso que se

170 EFLAND, 2006.

171 ERNEST CASSIRER, filósofo alemão (1874-1945). CASSIRER apud EFLAND, 2006.

172 FUGANTI, 2013.

faz do que aconteceu, ou seja, um uso ativo dos afetos. “[...] a arte que se iguala a vida é a arte que se iguala a vida intensiva, a vida intensiva é esta vida ativa, vida ativa que afirma a diferença que a constitui, como um acontecimento de si, produção de si [...]”¹⁷³. A partir da breve retrospectiva que fiz da vivência delas, relacionada à gravidez, relatos surgiram e emoções foram lembradas e reordenadas.

Uma história começou a ser contada. Se não fosse o enfermeiro da cidadezinha onde mora, o bebê teria morrido. Ele só tem o curso básico, mas o médico era iniciante e nunca tinha visto aquilo acontecer. E frisou que, se fosse pelo médico, o bebê teria morrido. O enfermeiro fez tudo, correu, pegou o pano, a tesoura para cortar o cordão umbilical, pegou o bebê, a colocou na cadeira de rodas e logo após na ambulância e trouxe para o Hospital de Base de Brasília. Porém, neste hospital só recebem paciente até as 23 horas, então, trouxeram-na para o HMIB. Segundo o relato desta moça, o médico informou que não poderia ir, porque precisava trabalhar no dia seguinte e, então, o enfermeiro disse que a acompanharia. O bebê recebeu o mesmo nome do enfermeiro, pois foi graças a ele que o bebê está vivo e a cada dia mais forte. Após um breve silêncio, me dei conta de que havia mergulhado um pouco mais fundo. Ao prestar atenção ao relato, dividi aquele momento com aquela mulher, estive realmente junto, não estava somente ouvido, estava me abrindo um pouco mais, totalmente presente.

Tomamos um fôlego e ela continuou. Era sua segunda gravidez, a primeira teve um aborto espontâneo e foi somente no HMIB, que veio a saber que seu corpo expulsa o bebê devido à incompatibilidade sanguínea com o pai da criança. No posto de saúde, apesar do corpo sinalizar que algo

173 Ibid.

não corria conforme o esperado, a médica sempre dizia que estava tudo bem. “É um negócio tipo uma geleia, minha irmã estava com isso e eles falaram que ela estava perdendo líquido, eu estava sentindo tipo... o neném tá encaixando, eu falei pra ela, eu falei pra minha médica e ela disse que era normal”. Compartilhou que a primeira vez que abortou e foi para o posto de saúde de sua cidade, a enfermeira, ao invés de ajudar ficou ameaçando chamar a polícia dizendo que ela seria presa e iniciou um interrogatório para que confessasse um aborto que ela não tinha provocado. Em meio à dor e ao susto, ainda tinha que se defender das acusações da enfermeira moralista que se achava no direito de tamanho absurdo, respaldada pela lei. Relatou que, dessa vez, o corpo parecia falhar, que os olhos começaram a revirar e ela ficou tonta. Chorou muito, com medo de perder novamente a criança, e sentiu um alívio quando o enfermeiro informou que o bebê estava vivo e que estava de 26 semanas, razão pela qual estava internado na ala mais grave da UTI. Ao perguntar se ela e o marido tinham desejado a gravidez, ela disse que o marido sim, mas por ela teria esperado mais, mas, como ele desejava muito ela concordou.

Depois desse relato emocionante, ela comentou sobre a amizade que estava se formando entre as duas. “Ela vem dia sim, dia não, aí, praticamente, é minha parceira e a gente faz tudo junto, lancha junto...”. Frisei que este apoio e amizade entre as duas eram muito valiosos e observei que tinham histórias parecidas, já que ambas não eram do DF, tinham tido a experiência de um aborto espontâneo anteriormente e estão acompanhando seus filhos na UTI. Ficamos um pouco em silêncio, enquanto distribuí o material.

Após este breve silêncio, a outra participante iniciou seu relato, contando que teve um sangramento e, no posto de saúde, o médico lhe disse ser normal, mas como ela já havia perdido uma criança antes, sabia

que havia algo errado e que já estava com um pouco de dilatação. Ao chegar ao HMIB, sentindo dor, foi logo para centro obstétrico, teve contrações por dois dias e sofreu muito. “Eu estava tremendo tanto, a minha contração estava tão forte que a enfermeira não podia fazer assim em mim...”, e mostrou fazendo um gesto, neste momento somente um gesto era capaz de revelar o que sentia. Assim que a enfermeira lhe avisava que daria um injeção as contrações ficavam intensas e, ao receber a injeção, dormia. Não nos relatou que injeção era esta, talvez uma tentativa de reverter o quadro e impedir o nascimento prematuro, porém, as contrações foram se tornando cada vez mais constantes. Disse que chorou, quando viu o bebê abrir os olhos e que chegou a pegá-lo no colo, sentindo muita alegria naquele momento.

Depois de tantos acontecimentos revividos, chegamos ao dia de hoje com o relato de um fato que gerou certa emoção. Contaram que, ao irem pegar o lanche, mais cedo na copa, a copeira disse não ter lanche para elas, sendo que seus nomes estavam na lista de controle. Ficaram aborrecidas com a mulher por isso e por ela dizer que não sabia se podia lhes dar água. Graças à nutricionista que intercedeu, receberam, por fim, a água e o lanche. Sentiram-se muito irritadas e com raiva devido a este acontecimento. Lembrei a elas sobre o trabalho que fizemos no encontro anterior, em relação à interferência dos outros e, juntas, pensamos que, se nosso dia ficar tão variável, por conta disso, estaremos sempre muito vulneráveis. Além disso, comentamos sobre o clima, pois estava muito quente e o hospital estava cheio. “Tá todo mundo nervoso!” E me informaram que a greve estava acabando, mas que se os servidores não receberem seus salários, irão parar de novo. Refletimos que trabalhar sem receber, preocupados com as contas a pagar e com a família a sustentar, não era fácil, mas que não podia ser um motivo para descontar

emocionalmente no outro. “A gente também não vai aceitando tudo, essa pessoa está com muita raiva e a gente não sabe o que ela está passando...”. Elas trouxeram exemplos desse tipo de situação vivida com os maridos e a importância de revelar os sentimentos e conversar, pois não podemos adivinhar o que se passa internamente com a outra pessoa.

Sugeri que fizéssemos uma lista no papel (Img.49), pontuando as emoções que surgiram durante nossa conversa. “Então vamos lá, qual a primeira emoção que eu coloco?”, “Medo!”, “Medo é uma emoção poderosa! Então, outra emoção que a gente falou aqui?”, “Outra emoção? Raiva!”, “Choro, então tristeza.”, “Felicidade, eu estava cansada e não dormi de alegria.”, “Depois a minha mãe veio e deu uma notícia muito boa, minha filha você ganhou uma casa.”, “Amizade lógico, amizade não poderia esquecer...”. Apesar de amizade ser uma relação afetiva entre dois indivíduos, resolvemos ampliar nossa lista de emoções e incluir a amizade. Também falaram da emoção ao pegar o filho pela primeira vez. “O que você sentiu?”, “Derretida!”. Por fim, acrescentamos fé e ansiedade a nossa lista ampliada.

Fiz mais algumas orientações sobre a atividade e pedi que escolhessem, primeiramente, uma daquelas palavras que listamos no papel. Falei, novamente, sobre pintura abstrata e figurativa, sobre a escolha das cores, sobre os gestos e movimentos das pinceladas e sobre a atitude frente à pintura. Inicialmente, era importante entrar em contato com a emoção ou sentimento escolhido, tentando relembrar as sensações, as cores que aquela sensação evoca e o tipo de movimento que o corpo quer fazer em contato com aquela emoção ou sentimento. “Vou fazer assim rabiscado, a raiva.”, “Pode fazer! Tenta lembrar do sentimento e pode rabiscar!”, “Raiva tem que encontrar uma coisa bem feia.”. E, então, lembrei a elas que o mais importante era a conexão entre o sentimento e a pintura.



49.

Dewey¹⁷⁴ afirma que o processo físico desenvolve a imaginação, ao manipular o material para execução de uma obra de arte¹⁷⁵, ocorrendo uma ligação orgânica com o material interno (emoções e ideias), havendo transformações tanto no material objetivo, veículo da expressão, quanto no material interno original, que também se transforma. Esse autor ressalta que mudanças sofridas pelos materiais físicos (mármore, pigmentos, palavras) para a criação de uma obra de arte são facilmente consideradas, e aponta para a escassez de reconhecimento das transformações dos materiais internos que, também, são remodelados e geridos. “O trabalho é artístico na medida em que as duas funções de transformação são

174 DEWEY, 2010.

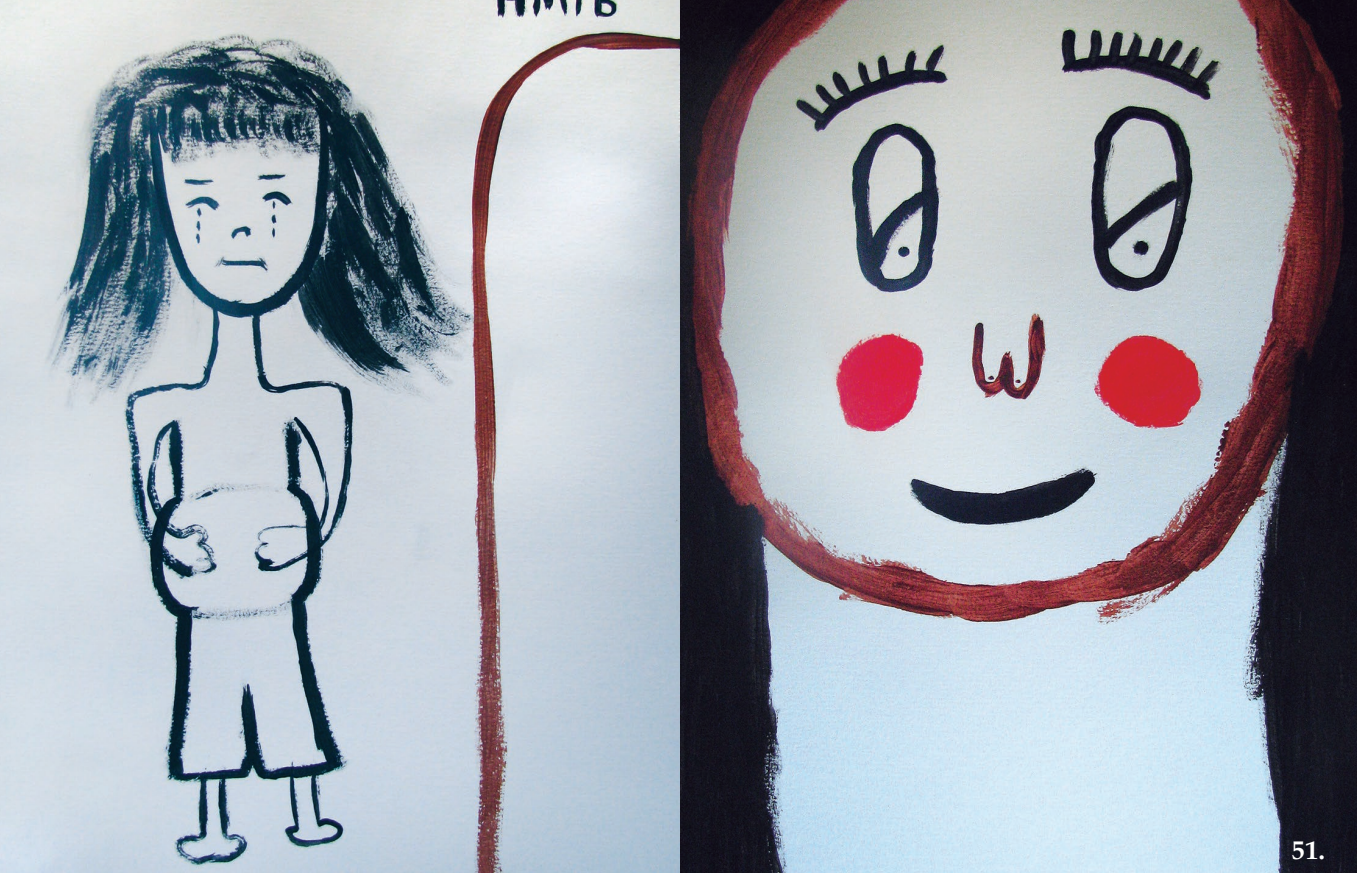
175 Apesar de Dewey se referir à criação de uma obra de arte, neste contexto, nos referimos a trabalhos de arte, pois consideramos, assim como o artista brasileiro Tunga (1952-2016), que a obra de arte é o pensamento de um artista e não se pode expressar com apenas uma peça de arte, mas por um conjunto e ao longo do tempo.

executadas por uma única operação, Enquanto o pintor coloca tintas na tela ou as imagina postas ali, suas ideias e sentimentos também são ordenados.”¹⁷⁶. Todas essas modificações fazem parte da construção de um ato expressivo e não há como separá-las.

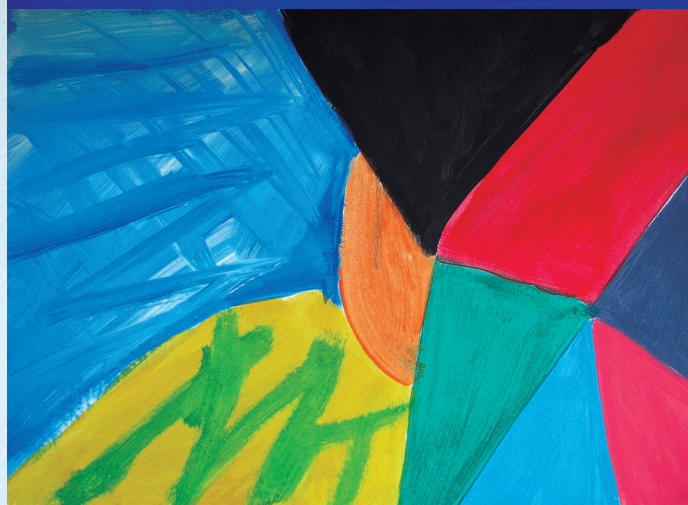
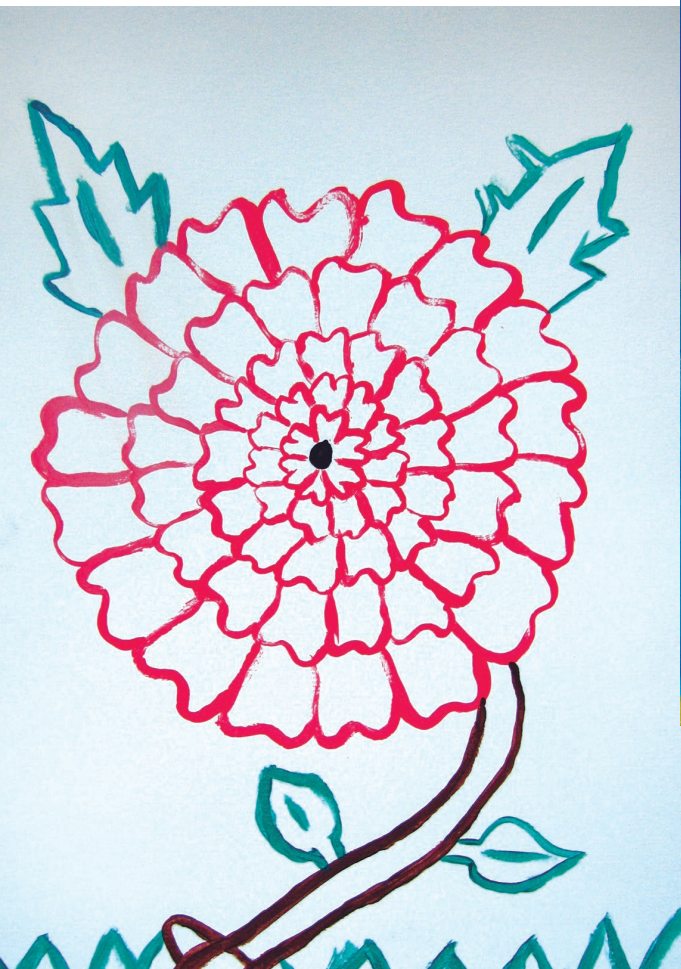
Ficaram um bom tempo concentradas, em silêncio, em meio a breves conversas. Terminaram a primeira pintura e iniciaram a segunda, mais um tempo se passou até elas começarem a terceira pintura, todas em papel tamanho A4. Foram terminando e, ao final, cada uma comentou sobre o seu trabalho. A primeira a mostrar, criou um desenho dela grávida com lágrima nos olhos (Img.51). “Primeiro fiz eu, mas eu não sei desenhar...



176 DEWEY, 2010, p.169.



grávida, inchada, indo pro hospital de novo, sentido dor e uma tristeza muito grande, a gente fica ansiosa, a gente fica pensando no pior, só fica pensando que vai morrer.". Perguntei se ela havia escolhido a tristeza e ela concordou, disse que tinha conseguido passar esse sentimento para o papel. Sobre a segunda pintura, sintetizou vários sentimentos: "Alegria, ansiedade, susto, que eu fiz exame e logo depois eu descobri que era menino, uma surpresa, né? Já vai logo sentir mexendo aí, eu senti esperança." (Img.52). Sobre o terceiro trabalho, ela tentou fazer novamente a pintura que tinha iniciado no encontro anterior. "Eu fiz outro desenho, mas não saiu tudo como da outra vez...", "Nunca sai do mesmo jeito porque cada dia a gente está diferente, a gente muda todo dia.", "Aquele dia estava mais concentrada, estava mais triste por causa do acontecido com neném, hoje estou mais expansiva. ", "Pode ser a concentração...



52.

engraçado que o grupo tinha mais gente e mesmo assim você estava mais concentrada.”. A predisposição interna nos ajuda a lidar com os fatores externos.

Como não havia nada mais a acrescentar, outra participante expôs seu trabalho: “o meu foi... eu fiz aqui raiva né? nós duas, né? que tudo que a gente passa, praticamente passa juntas, a gente foi pegar o lanche e a mulher pagou o maior sabão pra nós e eu fiquei com muita raiva, eu quis desenhar a cara dela, pra ver se passava a raiva, mas não passou ainda não.” (Img.51); “E aqui felicidade, porque eu perdi um e ganhei outro, praticamente o mesmo, porque foi outro menino, o sonho do meu marido, do meu sogro, de todo mundo da casa lá, da família dele, da minha mãe, da minha vó, também, já que a família nossa praticamente mais dá é mulher e só eu mesmo que tive dois homens de uma vez, é raridade conseguir, aí muitas felicidades, a família reunida agora, indo para casa nova, e pra completar ganhei uma casa pra eu criar meu filho ainda.”. Na pintura livre ela fez uma flor e a relacionou com a natureza, para que a família possa crescer (Img.52). Revelou o desejo de ter mais um filho e frisou que não seria agora, ressaltando que, na hora da dor, a sensação não é boa, mas que gostou de todo o restante da experiência.

Orientei que ela terminasse sua pintura com calma, que ainda tínhamos tempo. Havíamos parado antes de ela terminar para abrir este espaço de exposição dos trabalhos, pois a outra participante precisava sair mais cedo devido sua carona já ter chegado. Nessa, aproveitamos, também, para combinamos meu retorno e disse a elas que iria trazer algo diferente de pintura, mas que seria surpresa, pois nem eu sabia, ao certo, qual seria a proposta. Ela ficou mais um tempo finalizando sua flor e conversando comigo, enquanto eu arrumava o material e fazia algumas anotações, finalmente, nos despedimos com um abraço.

4.7 Caixa sonora

Cheguei ao hospital para mais um dia, estava muito calor quando estacionei naquele início de tarde. Retirei minha caixa/tenda do carro e as rodinhas foram percorrendo o caminho já conhecido, rumo à recepção cheia. Graças ao meu crachá, passei direto e, seguindo as linhas verde e vermelha no chão, que conduzem a diversas alas ajudando o visitante a se orientar, cheguei ao elevador que me levou ao andar de baixo. Dei a volta no auditório e subi as escadinhas em direção à mesa de refeições/sala de artes. Ao chegar, na hora combinada, começaram a aparecer as mulheres que iriam participar de nosso encontro daquele dia. Das cinco presentes, duas eram novas no grupo. Diferente de minha experiência no Alto Risco, deixei bem livre este trânsito, permanecendo o grupo aberto para quem quisesse entrar, assim, toda vez é uma surpresa e uma possibilidade de conhecer outras mães.

Primeiro, expliquei os termos da pesquisa e, ao falar de oficinas de arte, elas relembrou momentos na escola, o professor de matemática preferido, a professora rígida, o ensino religioso, presente no currículo da escola de alguma delas até o ensino fundamental, quando aprenderam sobre cristianismo, budismo, islamismo e depois passaram a ter a disciplina de filosofia. Falaram, também, sobre outras disciplinas - biologia e sociologia - e sobre seus gostos e preferências.

Após essa breve conversa sobre suas experiências escolares, iniciei a explicação sobre a proposta. Devido à intensa reflexão nos últimos encontros, sobre as emoções, sensações e percurso vivenciado na gravidez, pós-parto e acompanhamento dos filhos na UTI, resolvi trazer uma atividade mais leve e menos experimental, que, inclusive, já havia proposto para as mães do Alto Risco e que agora passei a chamar de

Caixa Sonora de Apresentação. Enquanto conversavam, eu arrumava as bolitas¹⁷⁷ dentro da caixa, sem elas verem. Alertei que iria colocar as caixas sobre a mesa, mas era somente para observar. “Presente?”, “É surpresa...”, “Eu quero a maior!”. Assim que finalizei, disse que cada uma podia escolher uma caixa. “Cada uma escolhe e pega a sua caixa, não abre, tá?”, “Vou pegar a menorzinha, assim tem pouca coisa para fazer.”, “Para escolher?”, “É difícil...”. Entre risos e comentários, elas foram escolhendo, cheias de curiosidade sobre o conteúdo das caixas.

Em seguida, propus que tentassem descobrir o que havia dentro e começaram a agitar as caixas com as mãos fazendo barulho. “Uma bolinha de gude!”, “Duas bolinhas de gude!”. Pedi um pouco de silêncio, para que devagar aguçassem a percepção do som e pudessem perceber melhor quantos objetos havia dentro. “É redondo”, “Quando bate gira.”, “Duas coisas redondas, duas bolinhas.”, “É, faz barulho quando uma bate na outra.”. Depois que todas tiveram um tempo para perceber, concordei que abrissem a caixa. “Biloca que a gente joga com os meninos.”, “Aquelas coloridas que tinha olhos de gato!”, “Bora brincar de biloca?”. Elas pareciam crianças eufóricas com a brincadeira de adivinhação.

O passo seguinte foi escolher uma cor da tinta para colocar dentro da caixa, fechar e voltar a agitar. Depois de um tempo, ao abrirem novamente, a surpresa entre risadas e observações. “Pintou a caixa!”, “Olha! Eita!”. Novamente escolheram mais uma cor e depois outra, até ficarem satisfeitas. “Tampou meu laranja! Tá de sacanagem!”, “Bom, são as surpresas que a gente tem, né? Aquilo que a gente não tem controle.”, “Quantas cores?”, “Três, mas se quiser mais uma tudo bem. Pode colocar

177 Bolitas são pequenas bolas de vidro utilizadas em jogos infantis, dependendo da região do Brasil recebem outros nomes como, bola de gude ou biloca.

as cores até ficar satisfeita.”. Alguém, ao passar perguntou: “O que vocês estão fazendo?”, “É música hoje!”, “A caixa da surpresa”. Orientei para que, quando gostassem do resultado, parassem. “O meu ficou tão bonito, o meu laranja sumiu, o meu roxo também, eu coloquei mais branco!”, e assim terminamos esta etapa (Img.53).



53.



Para o momento seguinte, distribuí o material sobre a mesa, cola, tesoura e recortes de revistas. Pedi que escolhessem imagens que tinham relação com elas, imagens que revelassem um pouco de cada uma e respondi algumas perguntas; “Pode colar do lado de fora da caixa? ”, “Sim, a ideia é esta.”, “Pode colar do jeito que quiser mesmo? ”, “Pode, do jeito que quiser.”, “Foto?”, “Pode ser foto, pode ser desenho, podem ser palavras...”, “É pra pegar quantas?”, “Vocês quem sabem, quantas couberem ou quantas vocês quiserem...”, “No fundo também? ”, “Também, lembrem que a caixa tem quatro lados, vocês podem usar todos.”. Depois desses esclarecimentos, começaram a olhar as folhas avulsas das revistas colocadas sobre a mesa. Em meio ao silêncio e ao som do papel sendo remexido, comentavam sobre uma ou outra imagem (Img.54).

No decorrer desta atividade, voltaram a falar sobre o encontro pintura e interferência, onde foi proposto que iniciassem uma pintura e, depois, passassem para quem estivesse ao lado continuar. “Hoje eu estou adorando, mais do que os outros dias!”, “É? Legal! Cada dia é uma coisa diferente, uns gostam mais de uns dias, outros gostam mais de outros.”, “O dia que eu menos gostei foi o do troca-troca...”, “Do troca-troca? É, porque ele não é muito de gostar, ele mais provoca...”, “Ele é revoltante.”, e outra mulher que também tinha participado deste dia falou: “São as interferências...”, ao que complementei: “É, são as interferências, imagino que a revolta seja pela própria situação de toda hora alguém interferindo, vocês seguindo regras e protocolos, o incômodo é bem evidente. E foi logo no seu segundo dia, né?”, “Foi! (risos)”, “Ainda bem que você voltou. (risos)”, “O meu foi no primeiro! ”, “Ah, é mesmo! O seu foi no primeiro dia? Ainda bem que vocês são persistentes.”. Percebi, assim, o quanto este encontro mobilizou, principalmente a participante que saiu antes da finalização, pois a todo novo encontro ela comenta sobre seu incômodo, elaborando aos poucos o ocorrido.

A partir deste diálogo, refleti que nos primeiros encontros procuro levar propostas no intuito de conhecer o grupo e, depois, essas vão ficando cada vez mais intensas, tocando em questões geradoras, buscando a percepção, expressão e reflexão de aspectos vividos naquele contexto. Após encontros muito mobilizadores, em seguida, proponho algo mais leve, como um espaço de respiro. Outro ponto é a importância de ter diferentes tipos de material disponíveis no espaço, para adaptar a proposta, principalmente quando se trata de um grupo aberto, onde novas participantes podem aparecer. O dia do “troca-troca”, então, tocou em um ponto muito profundo e de grande incômodo - a interferência do outro - uma questão vivenciada de forma muito intensa por elas naquele momento. Apesar de ser o quarto encontro, várias mulheres faltaram ou foram transferidas e praticamente todas eram novas no grupo, portanto, o ideal era um espaço para nos conhecermos, de chegada e acolhimento. Devido ao tamanho da caixa/tenda, o material é pensado para cada dia, levando-se em conta o que foi feito previamente. Não existe uma metodologia pré-concebida, com todos os encontros prontos, mesmo assim, o fato de não poder adaptá-lo na hora, não o deixa fluido o suficiente para dar conta das mudanças necessárias no momento. Assim, uma das formas é ter materiais disponíveis no local, além de estar disposta e aberta ao devir. Por fim, um grupo aberto tem suas vantagens e desvantagens. Uma das vantagens é poder receber as mulheres que desejam participar a qualquer tempo. Como elas podem ser transferidas para o quarto ou para outro hospital, isso faz com que o grupo não corra o risco de acabar, antes do final da oficina, por falta de integrantes. A desvantagem é uma nova participante entrar no grupo em um dia muito mobilizador, sem ter tempo para se ambientar.

A reflexão foi interrompida por alguém que passava no corredor e parou para convidar as mulheres para o culto da igreja que seria na próxima semana, no hospital. Essa pessoa disse que seriam dadas lembrancinhas no dia do culto. Após este convite, falamos de animais domésticos, cachorro, gato, coelho, de quem gostava mais de gato ou de cachorro. Uma revelou que sempre teve animais, porque era muito sozinha. Estas conversas espontâneas são importantes para formação do vínculo do grupo. Aproveitei para revezar os recortes das revistas sobre mesa. Enquanto uma delas cantarolava, dei algumas orientações técnicas e, ao fundo, um bebê chorava sem parar. No corredor próximo, passando por uma porta grande, fica o banco de leite do hospital e, vez ou outra, ouvimos o choro de alguma criança. Comentei que neste mesmo dia, antes de vir para cá, recebi, por duas vezes, elogios ao HMIB. Uma amiga que não estava conseguindo amamentar o filho recebeu orientações no hospital e um amigo comentou sobre um projeto que ensina ao pais a fazerem massagem para estimular os bebês prematuros. Enquanto conversávamos, cada uma foi falando qual imagem estava procurando e fui ajudando a achar: rato, lagarta, cachorro, passarinho, letras. Aproveitaram, também, este momento para fazerem perguntas entre elas e, assim, se conhecerem melhor.

O tempo foi passando e já estava no momento de finalizar. “Eu vou dar mais dez minutinhos pra gente terminar, tá bom?”, “Só isso?!”, “É, para terminar a colagem, depois cada uma vai mostrar o seu trabalho.”, “Você já está terminando! Vou dar mais um pouquinho de tempo...vou dar um tempo...”. Nesse instante, uma mulher passou rápido e subiu a escada falando que estava indo para o quarto com o bebê, e comentaram sobre a alegria que deve ser, quando receberem esta notícia. “A coisa mais feliz deve ser ir pro quarto, receber a notícia que eu vou pro quarto hoje!”.

Conversaram sobre a periodicidade dos bebês tomarem leite e uma delas disse que seu bebê nunca tomou leite, está com três meses e quatro quilos e meio, ela não nasceu prematura, mas nasceu pequena, estava com dois quilos e precisou fazer várias cirurgias. Outra expectativa é receberem alta, o bebê além de ir para o quarto precisa estar mamando regularmente no peito. “Será que vai sair pro Natal? Tem que ter paciência, né?”, “Mas, se eu tiver no quarto até o Natal, tá bom demais! E quando vai pro quarto e não pega no peito e demora...”, “Mas pega! Vai pegar!”. Então, me pediram para ficar com a bolinha de gude, disse que sim e, em tom de brincadeira, sugeri que jogassem uma partida de noite, todas riram descontraindo novamente.

Finalmente terminaram a colagem e pedi que cada uma apresentasse sua caixa e dissesse o porquê de cada imagem e o que as imagens tinham a ver com elas. “A minha não tem imagem não...”, “O que fez na caixa? Cada uma fez por um porquê e esse porquê tem a ver consigo mesma ...”. Então, decidiram que o critério para iniciar a apresentação seria começando pela mais velha, a faixa etária era de 19 a 25 anos. A mais velha, então, iniciou: “Bom, aqui eu pus na minha caixa a princesinha que eu amo muito, que eu tenho medo de perder ela, e aqui são as cores, alegria. Aqui é a rainha que a mãe da princesa, que sou eu. O coração que representa todo amor, todo colorido, com muito amor, com muita palavra, que eu quero passar pra ela muita sabedoria, o que eu puder. Aqui, que parece com o pai dela, aqui falando muito porque ele é muito prestativo, também aqui ela já grande e aqui é a minha profissão, que eu amo também, a pedagogia.”. Perguntei como foi a experiência de dentro da caixa, de colocar as cores e a surpresa. “Eu achei bem legal, assim, as cores se misturaram, eu gosto muito de cor, passa muito felicidade e a surpresa, se bem que a minhas cores não misturou muito, ficou bem separado.”. Todas prestaram atenção, sabendo que teriam espaço para serem ouvidas.

Depois, cada uma foi revelando um pouco de si, algumas com uma certa resistência inicial. Mas, à medida que o grupo foi aprovando o que era dito com o olhar, elas se sentiram seguras para continuar. “A minha não tem nem o que dizer, porque eu não sei nada disso, assim... porque eu amo ela e aqui em cima, eu não sei o que é isso!”. Às vezes é necessário estimular com uma ou outra pergunta: “E por que você escolheu? Por causa das cores?”. “Porque achei legal. Mas, eu não sei o que é não, parece uma fantasia de carnaval e aqui é uma flor, um coração, só uma florzinha.”. Algumas se inspiraram em seu gosto pessoal para criar sua caixa. “A minha eu coloquei tipo um monte de coisa que eu gosto, que é filmes, computador, jogos, rock, literatura medieval, comida e a parte de dentro ficou parecendo um cata-vento, é interessante porque você coloca as tintas em lá e não sabe o que vai sair.”. “A minha só tem gato aqui, eu escolhi porque tem a ver com que eu gosto e dentro da caixa ficou legal, eu tinha colocado laranja, porque eu gosto de cores mais vivas, aí eu decidi colocar o roxo e não gostei, ficou muito escuro, aí eu coloquei o branco, pra dar uma clareada em tudo, gostei e não quis mexer, mas ficou bem legal, ficou tipo, eu não sei te explicar porque que eu gostei, mas eu gostei.” E nos contou a história do seu gato que comeu o canário belga do vizinho.

A última revelou que não tinha muito a dizer, mas esqueceu que as cores também dizem muito. “Não tenho o que falar?”, “Tem sim...”, “Tem? É porque fica praticamente nós três, eu, meu filho, meu esposo...”, “E as cores? As cores também são alguma coisa...”, “As cores devido ele ser masculino, eu coloquei cores escuras para cobrir a caixa.”. Com isso, iniciamos uma discussão sobre a questão de gênero nas cores, disse a elas que a preferência por determinadas cores relacionadas ao sexo era uma convenção e não algo biológico. “Gente que deboche!”, “Que horror

gente!”. Depois da surpresa inicial, lembraram que seus maridos, às vezes, vestem rosa e consideraram que o fato do rosa ser uma cor feminina e o azul uma cor masculina não era algo tão natural como pensavam.

Para finalizar nosso encontro, disse que depois poderiam continuar acrescentando imagens na caixa, por que estamos mudando a todo momento, e que este não era um trabalho finalizado, mas em construção. Também, que ao secar podiam guardar pequenos objetos na parte de dentro. Convidei as mulheres que estiveram presentes pela primeira vez a continuarem no grupo, e uma das que já participa exclamou: “Ela sempre avisa quando vai vir!”, “Eu amei hoje!”. Expliquei que cada vez trazia uma proposta diferente e que quem não gostasse da proposta não era obrigado a participar, que podiam ficar à vontade. Disse que vinha duas vezes por semana e ouvi um sussurro: “Mas, está passando muito rápido...”, revelando mais uma vez a alteração na percepção de tempo graças à presença da oficina de artes. E combinamos meu retorno nos despedindo.



4.8. Caixa das perguntas

Estava aguardando em silêncio, fazendo anotações e organizando a mesa, quando elas chegaram rindo e conversando, senti a amizade entre elas cada vez mais forte. Estavam presentes 7 mulheres, 3 nunca haviam participado antes, ao nos sentarmos notei que ficou bem apertado, mas couberam todas. A novidade do dia foi a caixa de perguntas, uma caixa pequena com vários papéis dobrados, para que cada uma, na sua vez, sorteasse um deles e respondesse à pergunta surpresa. As questões eram sobre o corpo e suas transformações, as emoções e a amizade, voltadas para aquele contexto. As novas no grupo estavam um pouco tímidas, em compensação, as outras estavam bastante eufóricas.

Percebo que a própria caixinha gera uma curiosidade, o movimento de agitá-la para misturar os papéis, o suspense da pessoa escolhida para responder, imaginando que tipo de pergunta virá, gera uma expectativa, como uma brincadeira, o “jogo da verdade”. Essa brincadeira estimula a conversa sobre determinados temas de uma forma bem diferente da pergunta direta, de uma forma divertida. Iniciamos o sorteio da primeira pergunta, já com uma voluntária para responder. “O que você sentiu logo após o parto?”, “Foi muito bom ele ter nascido vivo, porque foi prematuro, eu pensava que tinha perdido ele como o outro. Então, quando eles me falaram que ele estava vivo, aí foi muito bom.”. Perguntei sobre a sensação do corpo e ela relatou que estava se sentindo pesada, com tontura, estranha e com fraqueza por conta do esforço feito, portanto, era uma situação que ela classificou como ruim, e boa ao saber que seu filho havia nascido saudável.

A próxima pergunta foi sobre as sensações do corpo durante o trabalho de parto e a dor foi a sensação predominante, mas também a

ansiedade para saber notícias do filho. “A sensação é que eu ia morrer de tanta dor, que eu queria parar de sentir dor de qualquer maneira e só tinha dor, eu só lembro da dor, dor, dor, dor, dor, mais dor e depois do parto queria saber como meu filho está, cadê meu filho? Cadê o médico? Por que ele não veio falar comigo ainda, eu não dormi, eu fiquei com o olho arregalado, eu não tive notícia e fui pro quarto...”. Um novo sorteio foi feito para outra participante. “Quando você se percebeu como mãe?”, “Quando eu vi ela lá na incubadora, quando eu olhei e aí eu vim conhecer ela. Sou mãe! E já veio todos os sentimentos.”, “Quais?”, “Preocupação, chorei muito, a gente acha que um pouco, a culpa é da gente por não ter conseguido segurar por mais tempo.”. Também falaram das horas intermináveis em trabalho de parto, do remédio que tomaram na tentativa de reverter o quadro e prolongar a gravidez, dos bebês que tiveram que ser reanimados, do instinto de mãe ao reconhecer o choro do seu bebê, de chorar após o parto, um misto de exaustão, preocupação e medo.

Comentaram, ainda, sobre a forma com que alguns médicos falam sobre o estado de seus filhos. “Olha aqui mãezinha, sua filha é grave, é gravíssimo, gravíssimo. Ele só falava gravíssimo, gravíssimo, gravíssimo, gravíssimo, pouquíssimas chances, pouquíssimas.”, “Eles não te dão esperança, eles falaram assim: ‘você sabe que seu neném é muito prematuro e o caso dele é muito grave, então, pode acontecer dele chegar a falecer, mas isso não é por culpa da gente, que a gente não está cuidado, a gente vai tentar fazer o máximo que pode.’”. Uma das participantes contou que ficou assistindo à discussão dos médicos, se aceitariam recebê-la ou não, pois era uma remoção de outro hospital, dizendo que o bebê não tinha chances, que ia morrer. Outra nos contou que está evitando falar com os médicos, após uma das médicas ter se dirigido a ela da seguinte maneira, a deixando chateada: “Essas mães tem os filhos desse tamanho e quer que

a gente vire pra elas e fale que eles estão bem, não tem chance.”. Depois deste episódio, ela relatou que seu leite secou. Expliquei que os médicos precisam falar a verdade, mas, muitas vezes, a rotina faz com que eles se acostumem com estas situações graves e percam um pouco a delicadeza ao falar. Elas concordaram e, em contraponto, elogiaram a postura de alguns que conseguem explicar a situação de maneira clara e cuidadosa.

Ao iniciar o sorteio de mais uma pergunta exclamaram: “Não era só três?” e disse, “Três para cada uma.”. Porém, não imaginei que neste dia haveria tantas mulheres no grupo e precisei diminuir o número de perguntas que tinha definido, inicialmente, para cada uma responder. Nesse sentido, adaptações são necessárias. Avisei a elas que não sabia se seriam três para cada, que a ideia era tocarmos nos três temas que iriam inspirar o trabalho do dia e que ninguém era obrigado a responder às perguntas, então, elas quiseram continuar. A próxima pergunta foi: “Qual a importância do apoio das outras mães da UTI Neonatal para você?”, “Eu acho a importância muito boa, porque cada uma delas tem uma história diferente pra contar. Às vezes, elas já passaram por algo que eu estou passando agora e uma acalma a outra.”, “Quando você está com pensamento negativo, elas pegam um pensamento positivo e enfiam na sua cabeça.”, “Sempre assim uma dando força para outra e dá informação também, consola, que nem tem muita gente que chora muito.”, “Eu chorei muito mais depois eu relevei.”, “Eu chorava muito, quando eu não conversava com ninguém, não tinha ninguém para eu desabafar, eu sentava lá, do lado do neném e ficava muito tempo, olhava pra um, olhava pra outro, tava todo mundo me encarando, aí eu chorava, chorava, chorava...”, “Eu não chorei muito, porque falaram que o leite do meu peito ia secar”. E uma delas comentou que não sabia se o choro secava o leite, mas que o susto fazia secar.

A próxima pergunta foi: “Qual a primeira mudança do seu corpo que você percebeu quando ficou grávida?”. Relataram sobre a mudança na barriga, no peito e algumas não perceberam muitas mudanças no corpo, porém, desconfiaram da gravidez devido a mudanças no humor. “Assim, de uma hora para outra, que eu não suportava olhar para cara do meu marido, isso com um mês, eu olhava assim para cara dele e dava vontade de avançar no pescoço, de matar, querer matar o meu marido não é normal. (risos)”, “Dá sensação que você quer chorar e rir ao mesmo tempo, você fica com raiva e fica triste ao mesmo tempo...”. Perguntei a uma das novas participantes se gostaria de tirar uma pergunta, deixando-a bem à vontade; ela aceitou e seguimos adiante com um novo sorteio. “Qual foi a emoção quando você soube que estava grávida?”. Ela relatou sobre a apreensão que sentiu para contar para sua mãe, porque estava em crise com o marido. E acrescentou nos falando das amizades feitas no hospital; “Nenhuma ruim, amizade são todas boas, mesmo tendo acontecido de todas estarem nessa mesma situação...”.

Para finalizar, avisei que sortearíamos somente mais uma pergunta para irmos para a etapa seguinte. “Quais as transformações do seu corpo durante a gravidez?”, “O meu só se transformou quando estava entrando em cinco meses.”, “O meu foi com seis meses, minha barriga começou a aparecer e quando começou a aparecer, desapareceu de vez (risos)”, “Eu estava completando cinco meses e nem fiquei grávida, quando eu descobro, o menino nasce.”. Desdobrei a pergunta, acrescentando, “Vocês estão grávidas, tem um bebê lá dentro, de repente, de uma hora para outra o bebê nasce, qual a sensação? Dá um vazio?”; Algumas relataram que ainda se sentem grávidas, que qualquer sensação na barriga dá a impressão de que o bebê está mexendo, têm o reflexo de ir com a mão no ventre ou conversam com a barriga esquecendo que o bebê

não está mais ali. Outras mulheres, devido ao parto muito prematuro, não experimentaram as mudanças no formato do corpo de forma mais intensa.

Terminamos nossa brincadeira com a caixa das perguntas e sintetizei sobre os três temas que tínhamos conversado: as emoções sentidas na gravidez, parto e pós-parto, o corpo e suas transformações e as amizades que são construídas neste percurso dentro do hospital. Expliquei que elas poderiam escolher o material que gostariam de trabalhar, dentre alguns disponíveis. Pontuei que algumas das participantes presentes já haviam experimentado alguns desses materiais em encontros anteriores. As opções do dia seriam tinta, colagem, giz pastel oleoso, lápis de cor, caneta hidrocor, papéis coloridos e branco. Pedi que escolhessem um dos temas, aquele que fosse mais forte para elas, ou poderiam trabalhar todos juntos, criando algo no papel, sendo possível desenhar, pintar, fazer uma colagem e escrever.

Continuei minha explicação e acrescentei que a maior potência da arte era possibilitar nossa expressão, que o propósito não era ilustrar o que foi falado, mas procurar sentir e, através da escolha das cores, das formas, do material, deixar a criação ir se manifestando, procurando impedir que a crítica paralisasse o processo. Dito isso, elas começaram a escolher a cor do papel: “Eu quero o verde!”, “Branco!”, “Eu gosto mais do vermelho do que rosa.”. Diante da tensão perante à proposta de desenhar, reforcei que poderiam usar a colagem e a tinta e lembrei a elas que não encarassem a atividade com tanta seriedade, pois não era uma prova da escola, não precisavam fazer algo incrível para impressionar ninguém, que aproveitassem aquele momento para se divertirem também.

Todas começaram a procurar recortes de revista com imagens de bebês, mulheres grávidas e mulheres com bebês no colo. Por um

momento, silêncio, apenas uma das mulheres cantarolando, e conversas ao fundo, no corredor. Perante a dificuldade de acharem a imagem de uma mulher grávida, tiveram a ideia de “engravidar a imagem”, criando uma barriga em alguma foto de mulher. Reforcei que com a colagem podemos criar, juntando partes de imagens diferentes. A partir dessa fala, uma delas disse que o formato do nariz de seu filho parece com o dela e a cabeça com a de seu pai. Argumentei que a genética também promovia colagens, formas diferentes que se juntam criando um novo ser vivo. Enquanto pensava sobre isso, elas comentaram como o tempo ali passava rápido: “O dia aqui passa tão rápido, né?”, “Depende, aqui passa, né! Mas, tem horas que parece que não vai acabar nunca...”. O tempo subjetivo, que acelera, passa lentamente, vai para o futuro e volta ao passado e, por alguns momentos, se estabiliza no presente, no momento vivido. Essa maleabilidade de tempo está sendo bastante visível nestas oficinas de arte.

Avisei que teriam apenas mais uns minutos para terminarem, algumas reclamaram, outras perguntaram que horas eram e, assim, perceberam que estava se aproximando a hora de tirar o leite e pegar a janta. Constatamos que todas tinham trabalhado com colagem. “Colagem é o melhor!”, “Eu acho que porque quando a gente vai desenhar a gente fica um pouco tenso, a colagem não, a gente acha as imagens...”, “E transforma, como você fez...”. Mais uma vez, a atividade do “troca-troca” voltou à conversa. “Lembrei do troca-troca... Interfere demais...”, “O troca-troca traz sensações muito ruins né? Você tem que dar aquilo que é seu para o outro, ainda bem que você sobreviveu!”, “Sobrevivi e estou mais forte!”. A partir desse comentário, ela não voltou mais a falar sobre este dia. Complementei: “A arte traz reflexões que não são só alegria, às vezes faz a gente refletir sobre coisas que não são fáceis. Vale destacar

que algumas atividades reverberam bastante, é importante encontrar espaço para elaboração, e conversar sobre a experiência quantas vezes for necessário.

Chegou a hora de compartilhar a criação (Img.56), “Quem vai começar?”. Novamente discutiram a ordem da fala, se seria por ordem de idade. Sugeri que, dessa vez, fosse de forma espontânea e quem não estivesse à vontade para falar não era obrigada, principalmente as que estavam chegando no grupo. Logo uma delas se prontificou a começar. “Eu fiz uma colagem de uma mulher grávida, ela já está imaginando o trabalho que vai dar. Eu coloquei umas palavras, a gente sente muita dor, a gente pensa nos deveres, sente alegria, tristeza, muita fome, sono, fica muito ansiosa, também tem as nossas responsabilidades e o nome do bebê.”. “Ela não estava grávida e eu engravidei ela.”, se referindo a colagem que fez, juntando a imagem de uma mulher com um recorte de papel colorido simulando uma barriga grávida. Por meio dessa colagem, ela trabalhou dois temas, as transformações do corpo e as emoções.

Mais uma das mulheres iniciou sua fala, dizendo ser tímida e estar com vergonha, mas continuou mostrando seu trabalho que expressava sua preocupação ao saber que estava grávida e por achar que não era o momento adequado, tendo ficado, dessa forma, abalada. Também, falou sobre a alegria e a amizade, representadas pelos nomes dos bebês de cada uma ali presente. Outras mulheres que estavam entrando no grupo, não quiseram falar sobre o que fizeram e pedi que apenas mostrassem o trabalho. Somente uma das novas participantes resolveu compartilhar. “Eu, como não sou marinheira de primeira viagem, coloquei um monte de menino e as mães, ou seja, representando os meus três e aí isso, os meus filhos são a minha vida.”. Para finalizar, a última a apresentar sintetizou: “Porque assim, a gente começa namorando, namorinho

pra cá, beijinho pra lá, depois brinca daqui, brinca de lá, você dorme sem calcinha e a barriga começa a crescer.” e todas riram concordando, encerrando, assim, nosso encontro de forma descontraída. Marquei o dia que retornaria e alertei que não podíamos mais chamar outras mães, porque não tínhamos mais lugar à mesa. Pedi que, dali para frente, se alguém não quisesse, ou não pudesse, permanecer no grupo, apenas me avisasse para, assim, abrir vagas novamente. Agradei a participação de todas e, dessa vez, elas se ofereceram para ajudar a arrumar o material.

47 pontos



4.9. Fanzine Neonatal

Achei importante realizar o fanzine com as mulheres do Neonatal, primeiramente por dar voz a estas mulheres, pois o zine, depois de pronto, pode ser multiplicado e pode circular. Além de ser autoral e independente, nesse sentido, tem um caráter político. Ainda, dá visibilidade ao trabalho realizado por meio das oficinas e essa visibilidade é importante para que o ensino de artes visuais possa ocupar os ambientes hospitalares, sendo valorizado e recebendo apoio, seja logístico, financeiro ou por meio de parcerias com a Universidade. Caso haja um profissional licenciado em artes visuais, atuando no hospital, é possível realizar estágios supervisionados e cursos de extensão.

Enquanto as mulheres preenchiam os termos de consentimento, fui respondendo as dúvidas que surgiam. Ao perceber a presença de uma mulher sentada perto da mesa, soube que ela também era uma mãe do Neonatal e a convidei para participar do grupo, explicando de que se tratava o trabalho que estávamos realizando. Logo depois que assinaram os termos, seguiram respondendo a anamnese e conversaram sobre o trabalho de parto. Comentaram sobre o remédio que tomaram na tentativa de não dar prosseguimento ao nascimento, que acarretou taquicardia e tremedeira. A nova participante nos contou que precisou fazer cesariana antes do tempo, pois sua pressão arterial subiu, afetando o funcionamento do fígado e dos rins, tendo sido diagnosticado Síndrome de HELLP. Observar estas conversas me ajudou a pensar e sugerir os temas para o trabalho deste dia.

Após um tempo, falei sobre a proposta do dia que era fazer um fanzine. “Hoje a gente vai fazer um fanzine, que é um jornalzinho autoral e de baixo custo. É autoral, porque vocês são as autoras do conteúdo.

A gente faz uma matriz, multiplica com xerox e distribui.”. Depois dessa breve explicação, mostrei o zine feito pelas mulheres do Alto Risco, comentando, de forma simples, sobre sua estrutura, o procedimento de edição, editoração e diagramação. Pedi que tentassem se desconectar um pouco do celular e prossegui com as orientações, “Nosso jornalzinho tem a ver com os assuntos que a gente vive aqui.”. Sendo assim, relembramos alguns temas de nossas conversas e atividades anteriores, como: o parto, os sentimentos, as emoções, as transformações do corpo e as amizades.

Expliquei que teríamos uma capa com título, que o título deveria ter letras maiores e que precisaríamos de textos e imagens. Sobre o formato, seria igual ao modelo do zine das mulheres do Alto Risco, duas folhas de papel, tamanho A4, dobradas ao meio, uma dentro da outra. Portanto, capa, três páginas sobre três temas diferentes e o verso. Orientei que, à medida que fossem conversando sobre os temas escolhidos, eu tomaria nota, assim teríamos o texto praticamente pronto e, além disso, precisariam, também, escolher o título do zine. Depois da matriz do jornal pronta, eu levaria para tirar algumas cópias, trazendo de volta para que, assim, elas pudessem distribuir e multiplicar. “É a voz das mulheres que estão aqui, também é um ato político. Quando a gente faz um jornalzinho como este, ele tem um certo poder, quando damos voz a nós mesmas, temos o poder de expressar o que sentimos, o que percebemos e, também, de dizer aos outros o que estamos pensando. A gente cria e não sabemos onde ele vai parar.”, e dessa forma finalizei as orientações.

A construção coletiva do fanzine autoriza o discurso destas mulheres, promove a circulação de suas ideias, é um ato ético-político, “Uma micropolítica da percepção, da afecção, da conversa, etc.”¹⁷⁸,

178 DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.90.

lembrando que a micropolítica e macropolítica se articulam e se atravessam mutuamente. “Em suma, tudo é político, mas toda política é, ao mesmo tempo, macropolítica e micropolítica.”¹⁷⁹. Segundo Suely Rolnik¹⁸⁰, a micropolítica ativa é o agir, a partir do paradoxo indissociável de forças que estão pulsando, indizíveis pela grade cultural e que geram um estranhamento. Contém um germe de mundo, ainda sem forma, mas que poderá gerar uma outra maneira de pensar e sentir, ou seja, outros afetos; e o que é familiar, a experiência de sujeito formatado pelo condicionamento sócio-cultural e que faz parte do repertório compartilhado. A partir do desconforto desse paradoxo, e guiado pela demanda da vida, surge o ato necessário para a continuidade desta vida, impulsionada pelo saber-do-corpo, um corpo que sente o desconforto do estranho-familiar. A micropolítica ativa é a ação do desejo a partir do desconforto do paradoxo. Portanto, as ações destas oficinas, tanto no Alto Risco quanto no Neonatal, buscam desanestesiá-la a vulnerabilidade que impede o germinar e o agir a partir do saber-do-corpo. Busca um pensar afinado com as políticas do desejo, promovendo espaço para invenção de algo que desloca a cartografia da realidade, mesmo que minimamente. A proposta deste dia, a criação de um fanzine, possibilitou pensar sobre os afetos (emoções, corpo com suas transformações e demandas, relações) e dar voz a um saber invisível dentro da instituição hospitalar, fazendo circular o jornal autoral criado por estas mulheres.

179 Ibid., p.90.

180 Suely Rolnik é psicanalista, crítica de arte e cultura, curadora, Professora Titular da PUC-SP e docente convidada do Programa de Estudos Independientes do Museu de Arte Contemporâneo de Barcelona. ROLNIK, Suely. Pensar a partir do saber-do-corpo. Uma micropolítica para resistir ao inconsciente colonial. Apresentação feita na Casa do Povo (SP), em 25 de Novembro de 2015, apoio Casa do Povo, Goethe Institut São Paulo e Sete Visões. Disponível em: < <https://vimeo.com/173642284>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2017.

Antes de iniciarmos a criação do fanzine, propriamente dito, mais alguns assuntos foram desenvolvidos entre elas, como, o estresse que faz secar o leite e a quantidade de leite que o organismo de seus bebês estão ou não aceitando. Logo em seguida, perguntei quais temas iríamos colocar no zine e a primeira sugestão foi: “Fé! Fé é o principal, fé, força, determinação.”. Resolvemos, então, ampliar para sentimentos e assim ficou estabelecido. “Sentimentos. Pronto! Fechou.”, “E outro tema?”, “Bom ou ruim?”, “Tanto faz, por exemplo, dos que a gente já trabalhou aqui, o parto, tem coisas boas e ruins, né? Pode ser um tema...”. Após essa sugestão, conversaram um pouco sobre biossegurança e trocaram informações sobre os procedimentos adotados pelas enfermeiras, entre a troca da fralda e a amamentação do bebê por meio de sonda. Mas, decidiram que o parto seria o outro tema. “Podem falar as coisas que acontecem no corpo, que o corpo estica, as sensações...”, “Uma das sensações é essa mesmo! (risos).” e por fim, escolheram a amizade para ser o terceiro tema; “Amizade no Hmib!”, “Mães da UTII!”. Orientei que o próximo passo seria selecionar, a partir das folhas de revistas, imagens sobre emoções, parto e amizade (Img.57). “Se vocês acharem coisas escritas que têm a ver, vão recortando. E se vocês acharem algo que chame atenção para capa ou um título para o jornalzinho já separem.”. A ideia era cada uma ir reservando as imagens que fossem encontrando e, depois, juntas decidiríamos quais seriam coladas.

Foram, então, em busca dessas imagens, comentando sobre as frases que encontravam nos recortes. “Um lugar com amizade.”, “Juntos e misturados. Afinal, estamos juntas e misturadas!”, “A sua opinião importa.”, “Mais médicos nos hospitais!”. Ao perceberem a riqueza daquelas frases, comentaram: “Você tem que deixar a gente fazer uma com mais páginas.”, “É mesmo, eu tenho mais coisas para falar.”, “O que



57.

por exemplo? ”, “A gente quer falar sobre tudo...”. À medida que elas conversavam sobre os temas, eu tomava nota do que diziam, assim o texto já ia sendo construído.

Sobre o parto, falaram das transformações do corpo e da própria vida, após o nascimento do filho, do medo da anestesia e de não andar mais. Comentaram que o parto normal é melhor do que a cesárea e, ao acharem um recorte escrito: “O mistério da saúde adverte!”, todas riram e sugeriram colar na sessão referente a este tema. Sobre as emoções, citaram a culpa que sentem por não terem “segurado” o bebê, falaram da ansiedade de ir para o quarto e para casa. “A gente fica muito tempo sem ir para casa.” e foram ditando outras emoções sentidas: felicidade, desespero ao saber do estado grave do bebê após o nascimento, o medo de não ver o filho nunca mais, frustração, raiva, tristeza, inveja. “A gente podia colocar uns sentimentos



bons também...”, “É porque, na turbulência, às vezes, é até difícil achar coisas boas.”, “Eu me lembro só das ruins, eu não me lembro das boas.”. Aos poucos começaram a lembrar da alegria ao ver o bebê, felicidade, amor, carinho, vontade de apertar, de não conseguir tirar os olhos do recém-nascido, afeto, fé. Sobre a importância da amizade, acreditam que este laço criado ajuda a não se sentirem sozinhas. “Não estou sozinha, longe de tudo, longe de todos.”, e ajuda a tirarem dúvidas com quem já vivenciou determinadas situações, servindo também de apoio. “Passamos informações e acolhemos umas às outras.”. Tomei nota de tudo, depois elas selecionaram frases e palavras que foram escritas nas áreas destinadas a cada tema.

A seguir, decidimos a sequência dos temas e, à medida que algumas buscavam letras para escrever o título de cada sessão do fanzine, correspondente a cada tema, outras separavam as imagens escolhidas, por

assunto. Percebi que uma das participantes estava diferente e perguntei o que ela tinha. “Não sei, só sei que estou estranha...”, “Procura dar uma respirada, puxar o ar e respira profundo.”, “Não estou conseguindo respirar. Me dá vontade de chorar...”, “Se está a fim de chorar, chora. Não tem que prender o choro...”. Ela desabafou compartilhando sua preocupação a partir da conversa com o médico e, neste momento, uma das mães afirmou: “Eu acho que os nossos médicos deviam falar de uma forma diferente, deveriam usar umas palavras mais sensíveis.”. Depois do desabafo e apoio do grupo, voltamos ao fanzine e à decisão sobre o título e imagem da capa. “Coloca: um presente para vida toda e põe a foto do bebê.”. Pedi que alguma delas colasse as imagens, escolhendo o lugar mais adequado e para que outra escrevesse o texto, pois, dessa forma, a diagramação do fanzine não seria feita por mim. Ao fundo, funcionários do hospital ligaram uma máquina para lavar o chão e o barulho estava ensurdecedor, ao que comentei: “Será que vão lavar com a gente aqui?”. E uma delas exclamou: “Não tô nem ligando!”, revelando o quanto estava envolvida com a construção do fanzine e começou a cantarolar tranquilamente.

Para finalizar, demos uma olhada geral e o verso do fanzine foi destinado às assinaturas das autoras. Resolveram que eu também poderia assinar, como apoio. Colaram a foto de um bebê e imagens relacionadas ao gênero, que já é construído e formatado desde os primeiros momentos de vida, “Coloca os carrinhos que significa homem e a tiara que significa mulher.”. Sugeriram incluir palavras relacionadas ao que enfrentariam daqui para frente: choro, fraldas, sorrisos. Ao me perguntarem que horas eram, se surpreenderam com o avançar do relógio e resolveram não incluir. Olhamos juntas, página por página, perguntei se já haviam feito algum jornalzinho antes e responderam que não. Uma delas disse

ter sido a atividade de que mais gostou, que agora eram até autoras e levantaram correndo para pegar a janta no horário limite. Prometi que iria trazer algumas cópias no próximo encontro, para as seis mulheres autoras que participaram da criação deste fanzine. Terminei arrumando todo o material na minha caixa e fazendo o percurso, já conhecido, pelos corredores.



Autoras:
Layane Nunes

Isaqueline Pereira

Adelme Ferreira

Josilene Brito

Soneca dos Santos

Clea Martins

Apoio:
Tatiana Duarte



Um presente para a vida inteira.

Ame

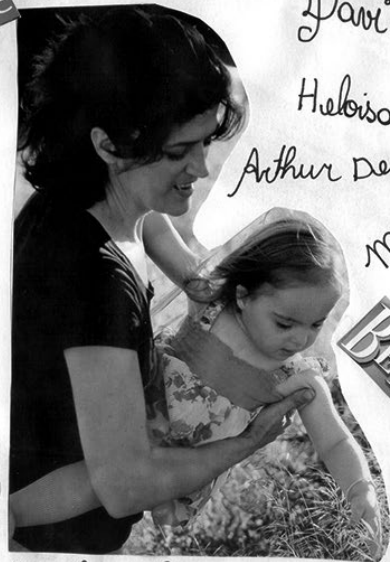
Davi Felipe

Helbisa

Arthur Denner

Maria

Love



Isophia Emmanuely

ABRACE

Amizade



CONSTRUÍMOS JUNTOS!

a

AMIZADE

Passamos informações e acolhemos umas as outras!

Companheira para todas as horas

Presente Apoio Carinho

MUITA COISA PARA CONTAR

jamais esqueçamos

"mãe de prematuro tem um infarto a cada dia."

MULHERES!

GUERREIRAS

Momento Marcante



EA FILHA VIROU MÃE



QUEM CRÊ, CRIA!

parto

For Contracções

NEONatal

choro Medo



emoções

Senhoras

"medo da anestesia, de não andar mais, eu ptejava minha perna. Será que não vai voltar mais!?"

"Ansiedade querendo ir para o quarto e para casa."

60.



"O bebê mexer é muito Bom!"



Felicidade
Medo
Raiva
Ansiedade
Tristeza
Alegria
Frustração
Nervosismo
Amor
Carinho
Tensão

VOLTA POR CIMA

À beira de um ataque de nervos!



FÉ

Confiança

4.10. Criando sua história

Todo dia é uma surpresa. Chego, estendo um pano colorido, para transformar a mesa, com um plástico por cima, protegendo, e nunca sei quem estará presente. Pode ser que alguém tenha recebido alta, tenha sido transferida ou uma nova pessoa se junte ao grupo. Neste dia, tivemos três, que já estavam participando, e uma nova, que me perguntou se eu estive no Alto Risco. Disse que sim e lembrei do dia em que ela conversou um pouco com aquele grupo, assim que suas filhas gêmeas nasceram. Pedi ao grupo que, se não fosse urgente, o celular ficasse um pouco de lado e para que tomassem consciência do corpo, prestando atenção em como estavam sentadas e, se houvesse algum desconforto, que corrigissem a postura. Pedi, também, que puxassem o ar, alargando os espaços internos,



trazendo oxigênio para os pulmões, para o cérebro e para o corpo todo, inspirando e expirando, para que, dessa forma, elas chegassem àquele espaço, com o corpo e a mente. Disse que cada uma delas contava muitas histórias ao grupo e que hoje iríamos construir uma história no papel.

Orientei que elas poderiam escolher um dos papéis coloridos e o tamanho da “revistinha”, sugerindo o formato de história em quadrinhos - HQ. Avisei que o mais importante era ter uma sequência, ou seja, início, meio e fim. O papel poderia ser dobrado ao meio e a primeira folha ser a capa. Ao abrir, o início em uma página, a continuação da história em outra e, no verso, o final, mas alertei que esta era somente um sugestão.



A ideia era que desenhassem a sequência de imagens e colocassem o argumento, ou seja, o texto, apesar de que a parte escrita era opcional. Como já imaginava uma certa resistência à criação, por meio do desenho, levei vários exemplos impressos de personagens, alguns bastante simples. “Por exemplo, Bob Esponja é quase que um quadrado com as perninhas e o narigão. Esse aqui é um palitinho, só que mais gordo, este foi uma criança que desenhou, olha o tipo de personagem que ela desenhou.”, “Sem mão!”, “Um braço maior do que o outro...”. Dessa forma, elas foram percebendo que era possível criar personagens, mais simples ou mais elaborados, e que o importante era a ideia, era contar uma história por meio do desenho.

Levei, ainda, um outro recurso. “Então, não tem segredo, eu trouxe aqui, também, algumas coisas para auxiliar, pra quem entrar em pânico na hora de criar os personagens, mas eu prefiro que vocês desenhassem livremente.” e mostrei papéis coloridos de dois tamanhos diferentes, cortados em forma de quadrados, triângulos e círculos, que poderiam auxiliar na criação da história, transformando essas formas geométricas em personagens, com corpos quadrados e cabeças redondas ou triangulares e suas variações. Deixei disponível, também, caneta hidrocor, lápis de cor, giz pastel oleoso, macio e com cores vibrantes, e pedi que contassem uma história sobre algo que viveram no hospital.

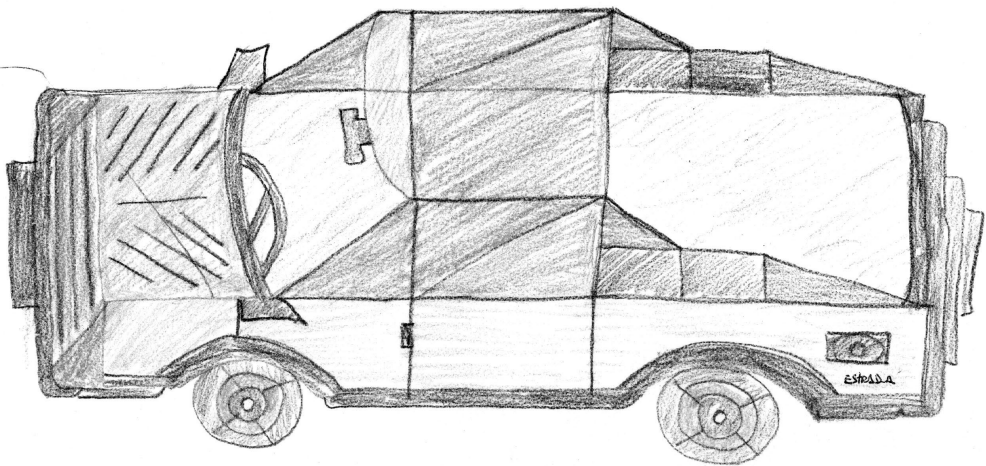
Orientei que a história teria começo, meio e fim, sendo que poderiam contar algo relacionado com a gravidez e o que foi vivenciado no hospital ou sobre o período que antecedeu a entrada no HMIB. Expliquei, ainda, que, se não quisessem falar delas mesmas, podiam contar sobre alguém de cuja história foram testemunha. Essa história poderia, ou não, ter um final feliz e era possível inclusive inventar o final que elas gostariam que acontecesse ou alguma outra parte. Seria uma

história ficcional, “[...] há ficções que intensificam a vida, há ficções que, na verdade, são criações de realidade, há ficções na verdade que são a produção do novo [...]”¹⁸¹. “Quer dizer que eu posso imaginar um fim que não aconteceu?”, e complementei reforçando que, em uma ficção, baseada em fatos reais, alguns acontecimentos são inventados.

Após as explicações, me fizeram outras perguntas: “Tem que ter um nome?”, “É como se fosse um livro?”. E elas mesmas foram respondendo: “Toda história tem um título!”, “Mas, você que escolhe, que inventa seu título.”. Manifestaram uma certa resistência em relação ao desenho, “Eu não vou dar conta de desenhar não, eu não gosto de desenhar.”, mas percebi que a estratégia de mostrar imagens de diferentes personagens funcionou. “Eu não estou nem aí, vou fazer que nem ela mostrou.” e ficaram um tempo em silêncio. Logo me perguntaram se a história ficaria comigo, disse que iria escanear e traria de volta no próximo encontro, na nossa festa de encerramento, “Ah não!”, exclamou uma das participantes perante a aproximação do fim da oficina.

Em seguida, mais perguntas surgiram: “O que que eu desenho?”, “Pensa primeiro na história, você pode anotar na folha de rascunho, para ir clareando as ideias, depois você pensa no desenho; pode ser como uma história em quadrinhos, com aqueles balões escritos.”. Para ampliar as possibilidades, orientei que podiam, também, criar uma história sem escrever ou que o personagem não necessariamente precisaria ter forma humana. Tomando coragem, uma delas desenhou seu personagem e comentou: “O meu bonequinho que eu sei desenhar é assim.”. Disse a ela que estava muito bom e que poderia somente desenhá-lo maior, se não, teríamos que usar uma lupa para ver sua história. Outra pergunta

181 FUGANTI, 2013.



25/11/2015

63.

foi se seria contado em primeira pessoa e orientei que deveriam decidir se seria o personagem narrando, nesse caso contado em primeira pessoa ou um narrador que observa tudo e conta a história, dessa forma, em terceira pessoa.

Mais uma preocupação foi revelada pela nova participante: “É só você que irá ler a história?”, esclareci que, como fazia parte de uma pesquisa acadêmica, o trabalho seria publicado, porém sua identidade preservada. “Ah, então não vou escrever isso não...”. Diante desse comentário, disse que, caso ela não se sentisse confortável, que eu poderia não incluir a história dela, que ficasse à vontade para criar, como quisesse, sem preocupação, que iria respeitar sua privacidade. Com isso, outra participante perguntou: “Você lê tudo? ”, “A história? Eu leio, adoro!”. Aproveitei para esclarecer sobre os termos de consentimento que eram uma proteção, pois esses termos limitavam o âmbito da publicação de conteúdo e fotos.

Aos poucos, foram ficando em silêncio, se concentrando na criação da história. Entre esboços e rascunhos, me pediram uma borracha, como eu não tinha, fui à biblioteca, próxima de onde estávamos, para pedir emprestado. Ao passar pelo segurança da ala, ele me revelou que também sabia desenhar, então, lhe dei papel e lápis, o desafiando a fazer

um desenho. Pois, ele me surpreendeu com seu carro cheio de detalhes (Img.63) e elas me revelaram: “Ele desenha! Ele desenha aqueles bonecos, animes, pra gente.”. Entre períodos de silêncio, algumas observações e perguntas surgiram: “A história da princesa que apareceu no mundo.”, “Está parecendo um sofá?”, “Parece uma cama?”, “Quero desenhar um corpo sem roupa...”, “Vai por você namorando? (risos)”, “Ela vai por o início da história! (risos)”, “Mas, não precisa fazer nada perfeito não, não somos artistas.”, “Olha que legal que ela está desenhando...”. “ Acho que vou ter que te dar os recortes...”, “Não, acho que vou desenhar! Já sei o que vou fazer e vou ter que desenhar.”, “Assim que se fala!”. E, dessa forma, elas foram ficando confiantes para se aventurarem na arte sequencial.

A nova participante voltou a perguntar, “Você vai voltar lá pra cima?” se referindo ao Alto Risco. Expliquei que tinha feito 10 encontros lá, 10 encontros aqui e depois iria escrever o que se passou. “Você não vai voltar? ”, disse a ela que meu desejo era que, por meio desta pesquisa e de outras deste tipo, que um profissional com este perfil pudesse ser incluído na equipe de saúde. “E não tem não? ”, informei que o Hospital Sarah Kubitschek, em Brasília conta com 4 profissionais licenciados em artes visuais em sua equipe, que passam por uma seleção pública para serem contratados. Além disso, havia, também, os professores das classes hospitalares, que contemplam crianças e jovens e normalmente são pedagogos. “A gente vai falando sobre as coisa que a gente acredita, que achamos importante, tentando mudar, implementar um trabalho mais interessante para todo mundo. Ia ser bom se continuasse né?.”, “Eu vou sentir falta.”. Então, de repente, mudando de assunto, ela disse: “Eu não vou colocar o nome delas.”, falando sobre a história. “Inventa um nome, coloca um nome de flor, de cor ou de estrela...”. E sua colega

Minha filha é um presente de Deus na minha vida.



Apesar da dor, da dificuldade... Enxim até ela nascer!

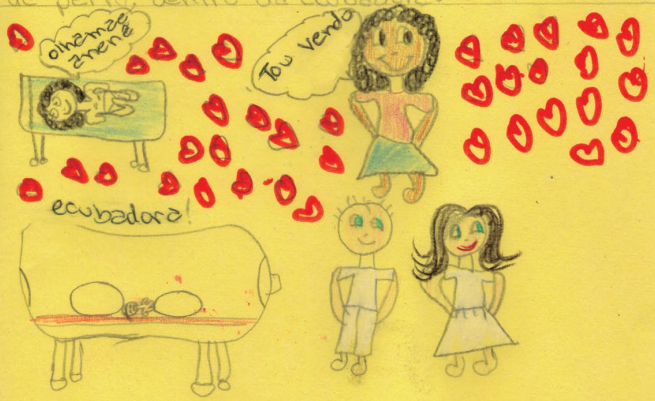


Então ela nasceu, uma menina linda que apesar de td não cheguei pesa-la e nem ver-la.

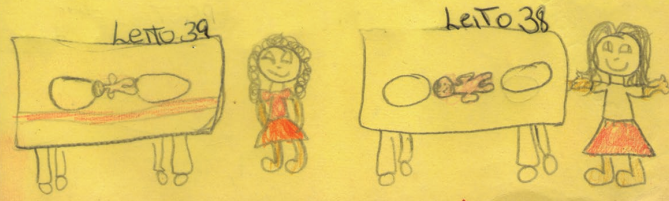


me pegaram e colocaram em outra maca e me levaram pra enfermaria.

E nesta hora eu pude ver a minha filha de perto, dentro da incubadora.



Uff Neonatal!!!



Tudo começou assim...

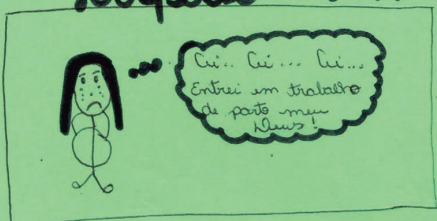
Logo depois fui pra UTI com o bebê e a mamãe me levou e eu fiquei por ali porque eu não tinha em condições de ir pra minha casa. Então eu fui pra UTI com o bebê e a mamãe me levou e eu fiquei por ali porque eu não tinha em condições de ir pra minha casa.

Logo depois fui pra UTI com o bebê e a mamãe me levou e eu fiquei por ali porque eu não tinha em condições de ir pra minha casa. Então eu fui pra UTI com o bebê e a mamãe me levou e eu fiquei por ali porque eu não tinha em condições de ir pra minha casa.



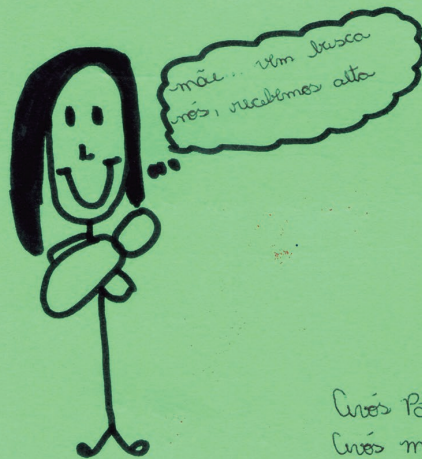
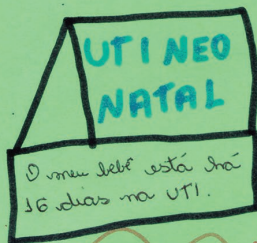
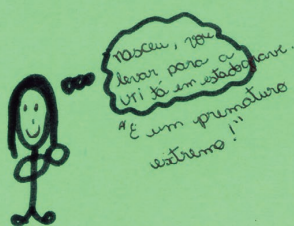
Hospital 08-11-15

Chegou a hora de ir para casa...



13:30 Cheguei no HMIB

... 24 horas depois



Criões Paternos
Criões maternos
Tias e Tios
Primos e Primas
Linda e Lindo
Amigos, todos

estão a me esperar com muito amor e carinho, pois eles estão fazendo parte dessa fase, na minha vida e me dando força e fazendo orações para que tudo de certo. Eles estão a esperar minha princesa...



Quando descobri que estava grávida, meu mundo parou e logo descobri que via dois bebés e fiquei com medo e feliz ao mesmo tempo e medo via de não conseguir cuidar de duas.



Até que um dia os deus riram, antes do tempo, mais vai o dia mais feliz da minha vida e os deus sempre me fazendo mais feliz mesmo estando na UTI.



o tempo foi passando até sentir o primeiro chute das duas e foi muito bom sentir as duas algo inexplicável, logo depois descobri que via duas princesas e minha vida ficou toda com de rosa.



É vivendo cada dia de uma vez chego o dia que pude trocar a primeira frota e logo depois o primeiro cdo que vai algo maravilhoso e o primeiro sorriso que fiz tudo valer a pena.



cada dia mais perto, cada vez mais opida e cada vez mais feliz de ter as duas, em sentir as duas.

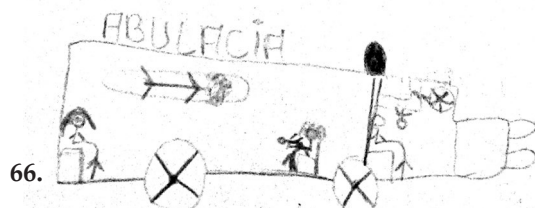


É o pior momento também vou, minha primeira opular se foi e tudo acabou meu mundo parou.
Hoje um anjinho que está ao lado do Pai...



complementou: “Se você colocar o nome de estrela pra uma e de flor pra outra, não vão saber quem é a estrela que é a flor!”. Assim, ela se sentiu segura e me autorizou incluir sua história.

O tempo foi passando e cada vez elas elaboravam mais seus desenhos e HQs. À medida que foram terminando, eu pedi que cada uma mostrasse o que fez e o que pensou. “É legal a gente poder compartilhar com o outro a nossa criação, aqui é um espaço de criação, de reflexão e de trocas.”. Chegamos ao final do dia e elas apresentaram suas histórias, cada uma com um enfoque e formato diferente (Img.64/65). Contavam sobre momentos antes, na hora e após o parto, passado, presente e futuro. Enquanto contavam suas histórias, fui revivendo cada momento com elas, até mesmo a elaboração de um luto, mais um mergulho juntas e me surpreendi com o processo e resultado das histórias contadas por meio da arte sequencial.



4.11. Brigadeiro despedida

Entre bolo e brigadeiro de colher, escolhemos a segunda opção e, com a devida autorização, cheguei para nosso encerramento com a guloseima na mala/tenda/cozinha. Uma a uma, elas foram chegando e trazendo notícias dos bebês. Alguns passaram da ala azul para a ala amarela, o que significa estarem melhorando. Enquanto aguardávamos todas chegarem, algumas preenchiam o restante da anamnese. “A gente vai ter que fazer alguma coisa hoje?”, “Claro você acha que vou perder essa oportunidade.”, “Hoje não é a última, né Tati?”, “Sim, hoje é nossa festa de encerramento.”, “Eu lembro do primeiro dia que vim...”. E começaram a lembrar dos dias que participaram e de quais faltaram. “Também vou sentir falta..”. Elas mostraram fotos dos bebês e conversamos sobre diversos assuntos, como: a arara e o João-de-Barro que são fiéis aos seus companheiros, ao ciclo de insetos que aparecem nas casas,



para escrever as palavras: carinho, dedicação, amor, atenção, compreensão, conselhos, alegria, paz, amizade, união, paciência, consciência, conversas, felicidade, emoções, abraço, aperto de mão, companheirismo, recepção, fé, prosperidade, sorriso, esperança, cor, apoio, lágrimas, amor de mãe, arte e criatividade (Img.68). Ao terminarem, cada uma colou um palito comprido de madeira com durex, como se fosse o antebraço da mãozinha colorida.

Neste momento, disse a elas o quanto tinha sido especial para mim fazer parte daquele grupo e que, quando temos apoio, tudo fica mais fácil. Disse-lhes, também, que, ao viverem juntas um momento tão forte, estavam constantemente dando a mão umas para outras. Pedi que cada uma escolhesse uma das mãos que coloriu, com as palavras que escreveu, e desse para alguém do grupo, sem repetirem a pessoa escolhida, para que todas pudessem dar e receber. Assim foi nosso momento solene de reconhecimento do apoio e da importância de cada uma ali presente e das outras mães que passaram pelo grupo, que ao todo foram 9.



69.

Brigadeiro de Panela da Tati

- 1 colher de manteiga
- 1 lata de leite condensado
- 3 colheres de chocolate em pó

Deixar a manteiga no fogo baixo, acrescentar a lata de leite condensado e as 3 colheres de chocolate.

Mexa sem parar até começar a desgrudar do fundo.

Hmib
E continua tomando os remédios pro pumao 16:52
E o kaio 16:52
Resolveu respirar sozinh 16:52
Sim 16:52
Hmib
Hmib
Hmib
Hmib
Ebaaa 17:08

Que bom!! Daqui a pouco está indo pra cs!!! 20:10 ✓
Hmib
Amem Tati 20:10
Hmib
O também 20:10
Hmib
Vamos juntas pra casa 20:11
Hmib
quando vc passar da uma olhado no pra mim 20:11
Hmib
Ele ta aonde? Leito 20:12
Legal!! Muito bom saber notícias e saber que vcs estão juntas!!! 20:12 ✓

Amanhã nós encontramos 15h30!!! Nao faltem pq é nosso penúltimo encontro!!! Bjo 19:14 ✓
Hmib
19:33

Layane Hmib
07:47
Hmib
Mas ainda tá no hospital? 19:59
Ou já tá em ks? 20:00
Tá bem tbem 20:00
Tbem saiu do oxigênio 20:00

Hmib
20:00
Hmib
Tou siim. Tou no hospital Brazilandia. 20:00
Nossa 20:00
Hmib
Ataah 20:00
Hmib
Eita 20:00
É longe 20:00
Hmib
parabens 20:01
Um pouco kk 20:01

Hmib
O saiu do Cpap 10:13
10:13
Hmib
Tá no cheirinho? 10:14
Hmib
Sim 10:14
Hmib
O saiu do tubo 20:09

HmibStefany Hmib
Eu acordo ele mas ele não mama 13:29

Josilene Hmib
19:97
Fim de Ano chegando ...
...ai paaah!!
vou me escorar nessa amore aki e esperar o Adm. patrocinar um churrasco pra galera...
14:55

Hmib
Já teve alta marcada? 09:58
Hmib
Não. 10:00
10:00
Vamos ver se ele engorda amanhã 10:00
Pra ver a possibilidade de irmos embpra 10:01
Hmib
já ta engordando 10:01
Vaai passar Natal em casa 10:02
10:02
Hmib
Vamos sim 10:02
Hehe 10:02

Já acabou Jessica?? 02:21
Ai do nada: PAAH
Nada nao... Só queria fazer isso pq todo mundo ta fazendo. 15:55

Hmib
Ta bein gracias a Deus. 19:59
Ja saiu do oxigenio 19:59
Ta bein. 19:59
Ao q n tou mais no HMIB 19:59
19:59

Hmib
Aq os bebes tem q sair da sonda pra vim pro quarto 20:02

Hmib
QUANDO A VIDA TE DERRUBAR, LEVANTE-SE E DIGA: JÁ ACABOU, JÉSSICA?
20:34
Hmib
Kkkkkkk 21:37
Hmib
Kkkkkkk 22:16

Hmib
00:11
Nicolé Bahia
18/11/2016 às 23:54 · 03
Já acabou, Jéssica?
01:51
01:52
Mds 01:52
Já acabou Jéssica? 01:52
01:52
Hmib
08:38

A seguir, foi a hora do brigadeiro de colher! Até a moça da segurança ganhou, “Leva lá, leva lá... Ela não vai resistir.”, “Quem fez?”, “A professora! A tia Tati!”, “Nossa nem lembro a última vez que eu tinha feito, agora vou querer fazer sempre!” e caímos na risada. “Como você fez?”. Fui explicando e escrevendo a receita no papel, com a promessa de postar no grupo do *WhatsApp* que, aliás, ganhou vários usos, além de ser meramente para comunicar o dia e horário de nosso encontro. Serviu para postagem de fotos dos bebês, troca de mensagens com imagens copiadas da internet, até mesmo para desenhar com o teclado (Img.70). Assim, iríamos incluir nossa receita de brigadeiro: duas colheres de manteiga, uma lata de leite condensado, três colheres de chocolate em pó (não fazer com as marcas Nescau ou Toddy, porque fica muito doce, dica de uma das mães), mexe até desgrudar da panela (Img.69).

Terminamos de comer o brigadeiro, embalamos algumas colheres, a fim de que elas levassem para as mães que participaram do grupo e que estão no quarto, perto de receberem alta. “Imagina você amamentando e comendo um negócio desse!”, “O bebê de um lado e o brigadeiro de outro.”. Chegou a hora da despedida, nos agradecemos mutuamente e abracei cada uma bem apertado, desejando que nossa caminhada sempre fosse feita de bons encontros. Arrumei a mesa, guardei tudo dentro da caixa e segui caminhando, imprimindo a última linha daquele percurso, encerrando uma etapa desse processo de produção coletiva de conhecimento.

Ao relatar e refletir sobre a oficina, percebo que muitas vezes escreveram esse texto e nessa polifonia um plano afetivo emergiu. Organizar esse relato/análise me levou de volta ao tempo e com a ajuda de anotações e gravações foi possível trazer a riqueza das falas dessas mulheres, dialogando comigo e com os teóricos escolhidos.

[...] para a cartografia essas anotações colaboram na produção de dados de uma pesquisa e têm a função de transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer. Há transformação de experiência em conhecimento e de conhecimento em experiência, numa circularidade aberta ao tempo que passa.¹⁸²

Nesse movimento que se deu, os planos intensivos de forças e afetos se fizeram evidentes, como também os modos de fazer, ser e estar. Cada passo dado e produzido neste “com” coletivo foi fundamental para viver, realizar e conhecer. Como mais uma forma de produção de dados e conhecimento, pedi também as participantes desse grupo que respondessem às perguntas do questionário¹⁸³. Dessa forma, cinco mulheres, com pelo menos 50% de participação nos encontros, contribuíram com sua visão sobre alguns aspectos que permaneceram como pontos de interesse durante o processo desta investigação, em que todas afirmaram terem gostado de participar da oficina.

Sobre a pergunta “Você acha que o hospital fica diferente com as oficinas de arte?”, quatro delas disseram que sim e complementaram afirmando que fica diferente em tudo, porque podem se expressar, ajuda a passar o tempo, “refresca” a cabeça, distrai, ocupa a mente, diminui a preocupação, fica mais alegre, “...por um momento, ficar só naquilo é muito bom, porque, às vezes, estamos tristes e as aulas fazem com que fiquemos mais animadas.”. Ao perguntar se a oficina ajudou em algo, elas responderam que ajudou a não ficar pensando no que os médicos falam dos bebês, a distrair a cabeça e acalmar o coração, a fazer amizades; ajudou a descobrir que não existe o feio, a respirar, ter um foco, deixar o crítico de lado e fazer o que sentem.

182 BARROS; KASTRUP, 2015, p.70.

183 Os questionário podem ser encontrados em anexo.

Por fim, ao responderem sobre a importância desse tipo de trabalho no hospital, elas afirmaram que ajuda a esquecer os problemas, que é importante, porque “aprendemos e descansamos”, “Porque as mães sempre estão uma pilha de nervos e com ansiedade, esse trabalho ajuda a acalmar os nervos e distrair um pouco”, “Porque é uma coisa a mais pra gente, estamos ali com pequeninos tão frágeis e, então, a gente fica com mil e um pensamentos sejam eles positivos ou negativos, choramos e tem dias que estamos tão pra baixo, mais com as aulas eu me senti bem, pude me expressar, por momentos tão bons deixamos a tristeza de lado, descobri que a arte está em tudo e que ela me faz um bem danado e que já estou sentindo muita falta.”.

O questionário serve como uma das formas para que elas possam ajudar a pensar sobre este espaço que se constituiu, um espaço aberto à participação e não obrigatório. Somente o interesse e o fato de ser significativo é que garantem a frequência nos encontros. O vínculo que se formou, do grupo com a oficina, pode ser percebido pela atenção e foco nas atividades, mesmo que, ao redor, existem pessoas transitando e conversando, pessoas limpando o corredor com água e máquinas barulhentas. Alguns comportamentos e falas também revelaram mudanças na percepção de tempo e espaços nesse grupo. Como observado em nosso segundo encontro, quando, ao tirar fotos, a alegria era tanta que foi necessário lembrar que estávamos no hospital e conter a euforia, e nos seguintes comentários, “Mas, está passando muito rápido...”, “O dia aqui passa tão rápido, né?”, “Depende, aqui passa, né!” se referindo ao momento da oficina. Além dessas mudanças de percepção, a oficina, como dispositivo de produção de subjetividade, ajudou na invenção de modos de existir dentro do hospital.

Nesse grupo vivi uma experiência estética singular, nunca mais vou ser a mesma, senti uma abertura em mim, não só realizando o que planejei e pronto, mas vivendo a experiência junto com aquelas mulheres, desarmada e relaxada, sendo simplesmente o que era possível ser, arriscando, saindo da zona de conforto, sentido junto, ouvindo, rindo, chorando pelo falecimento de um bebê, chorei junto, por estar-com, por dividir aquele momento, por abrir o coração. Não fui realizar uma pesquisa somente no intuito de conseguir um título. Fui, porque acredito que, de uma forma aparentemente simples, por meio de oficinas de arte, é possível criar novas realidades, novos mundos, novas maneiras de habitar o mundo, novas relações que nutrem; e como as mães nutrizes, eu também nutri e fui nutrida. Certos espaços de atividade criativa são potentes, trazem conteúdos à tona, mobilizam e podem proporcionar relações que promovam vida. Por não serem fixos, em sua fluidez, aparecem e desaparecem...



5. A SAGA

Como o tempo é flexível e se dilata, volto agora para o início desta história, meu percurso para obter a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP. Este é um tema polêmico e a questão é: por que submeter as pesquisas em arte à CEPs que pouco conhecem as peculiaridades de nossa área, que julgam a partir de critérios cientificistas? Uma questão fértil que deve ser discutida. Existem espaços onde a exigência da aprovação da pesquisa por um CEP não é determinante, cabendo uma reflexão e um posicionamento até mesmo político em relação a este assunto. Não me detive neste questionamento, neste momento, porque, quando se trata de ambientes hospitalares, a aprovação do CEP é um pré-requisito indispensável, sem ela não é possível frequentar um hospital com o intuito de realizar uma pesquisa.

Portanto, já sabendo desta necessidade, mesmo antes de ser aprovada no mestrado, em março de 2015, e tentando ser bem objetiva, com um desejo imenso de realizar as oficinas e entender melhor as questões que motivaram esta investigação, fui logo tomar as providências necessárias, pois meu intuito era iniciar a prática em junho de 2015. Em março, resolvi buscar informações na própria UnB e descobri que se tratavam de 3 CEPs: do Instituto de Ciências Humanas - IH, da Faculdade de Ciências da Saúde - FS e da Faculdade de Medicina - FM. Tentei inferir para qual CEP meu projeto seria direcionado e buscar informações sobre a documentação necessária, pois cada um tem uma relação de documentos levemente diferente e isso poderia atrasar a aprovação do projeto, sendo necessária a complementação dessa documentação. Fui, pessoalmente, ao CEP/FS, que estava provisoriamente em outro local, devido a reformas no prédio. Infelizmente, ao encontrar a nova sala, a pessoa que poderia me dar a informação não estava presente; tudo bem, voltaria outro dia. Depois de algumas tentativas, consegui uma lista de informações, tanto pela internet quanto pessoalmente.

Entre estas idas e vindas na Faculdade de Ciências da Saúde, e em diálogo com o meu próprio Departamento, recebi a notícia de que a Coordenação do Departamento de Artes estava realizando reuniões junto ao Decanato para que fosse definido um procedimento, inclusive, talvez, fosse necessária a criação de um projeto guarda-chuva para englobar outros projetos com mesmo perfil, incluindo o meu. Aguardei, já ficando desesperada, os meses iam passando e o Decano foi virando uma figura mitológica. As informações chegavam incertas e sempre com a recomendação de aguardar, só poderia submeter o projeto após a aprovação do mesmo pela Coordenação e, enquanto aguardava ansiosa, com a sensação de que cada um me dava uma informação diferente, pensei em mil estratégias para adiantar o tempo, buscando preparar o que fosse possível. Caso não desse tempo de realizar a prática no hospital, tinha decidido abandonar o mestrado, pois não faria sentido para mim.

Neste momento, me senti como muitos brasileiros se sentem perante a burocracia do sistema e lembrei de quantas vezes ouvi, em alguma fila, a recepcionista falar para uma pessoa bem simples, que veio de muito longe, pegou inúmeras conduções, chegou de madrugada, pegou senha, esperou sua vez e na hora de ser atendido, simplesmente a pergunta, “Você não trouxe seu CPF?”, “Não... da outra vez que vim a moça disse que não precisava...”, “Sinto muito senhora, vai ter que voltar outro dia.” Ou de inúmeros brasileiros que chegam a um hospital público, também depois de pegar várias conduções e, simplesmente, não há médicos ou tratamento disponível, por falta de investimento do dinheiro público neste Setor; Lembrei, também, do Castelo de Kafka e, entre reflexões, devaneios e ações objetivas, os dias foram seguindo.

Assim que ficou definido que a pesquisa seria no HMIB, fui ao NEPS e consegui uma lista com as orientações precisas de como

proceder. Era indispensável colher autorizações junto à Chefia dos Setores desejados e, posteriormente, da própria Diretoria do Hospital. Após isso, com a folha de rosto do projeto devidamente assinada, dar entrada ao pedido na Plataforma Brasil¹⁸⁴ com todos os documentos necessários. Ao tramitar na Plataforma, a pesquisa seria direcionada para um dos 3 CEPs existentes na UnB ou para o CEP da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde - Fepecs. O Hospital somente aceitaria que a pesquisa fosse realizada, se o projeto fosse aprovado pelo CEP/Fepecs, portanto, esse era um ponto crucial. Enquanto aguardava a liberação do meu Departamento, providenciei todos os documentos necessários, seguindo as orientações fornecidas pelo NEPS/HMIB e pelo próprio site do CEP/Fepecs. Com esses documentos organizados e todas as assinaturas colhidas no Hospital, permaneci aguardando a assinatura da Coordenação do meu Departamento que, na verdade, não era um documento exigido pela Plataforma, porém preferi seguir as determinações do PPG-Arte. Aguardei de março a julho, quando consegui a assinatura que faltava. Neste período, por sugestão da Coordenação, retomei o projeto original, que tinha sofrido algumas alterações para se ajustar às demandas do Hospital, se desviando um pouco da questão que norteava a investigação.

Na Plataforma Brasil, dei entrada ao projeto, no dia 17 de julho, preenchendo um formulário com informações básicas sobre o projeto e anexando os seguintes documentos: folha de rosto devidamente assinada pela diretora do hospital, termo de compromisso da pesquisadora, currículo lattes da pesquisadora e orientadora, modelo do termo de

184 Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo sistema CEP/Conep, tendo sido implementada em 2009. (<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>)

autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa, modelo do termo de assentimento livre e esclarecido – TCLE, termo de anuência dos setores dentro do hospital onde a pesquisa foi realizada, projeto completo, documentos pessoais, planilha de orçamento e cronograma. No dia 24 de agosto, publicaram um parecer, constando como pendência a adequação da forma e da linguagem do modelo do termo de assentimento e autorização de voz e imagem para menores de idade, conforme preconizado na Resolução CNS 466, lembrando que, até este momento, a intenção era realizar a pesquisa na maternidade e na pediatria. Realizei a adequação solicitada e postei novamente esses documentos, no dia 02 de setembro, e no dia 14 de setembro minha pesquisa foi aceita, portanto, menos de 2 meses após ter dado a entrada na Plataforma.

Lembrei do lago onde fiz a travessia com Blanchot no capítulo 1 desta dissertação. Posso afirmar que os monstros que podiam ter encerrado minha pesquisa, mesmo antes de seu início, foram vencidos e minha euforia foi enorme ao ver publicado o parecer consubstanciado do CEP/Fepecs afirmando que foram realizados ajustes nos termos e que meu projeto estava aprovado. Logo em seguida, sem perder tempo, voltei ao Hospital, levando esse parecer ao NEPS/HMIB, quando recebi meu crachá de livre acesso, para começar a pesquisa e a oficina no Setor de Alto Risco, iniciada no dia 01 de outubro de 2015.

Mas, ainda não terminou. Como no decorrer da pesquisa fiz uma alteração do Setor onde a segunda oficina ocorreu, e decidi não realizá-la na Pediatria, mas sim no Neonatal, precisei fazer uma emenda no projeto. Os ajustes necessários foram realizados, assim como foi anexado o termo de anuência do novo Setor, dando entrada no dia 06 de novembro. Inexplicavelmente, no dia 10 de novembro, a secretaria rejeitou, alegando

falta de documentação, vi e conferi várias vezes, chegando a conclusão de que a documentação estava completa. Resolvi ligar para o CEP/Fepecs, relatando o ocorrido e pedindo orientação. A pessoa que me atendeu foi extremamente gentil, dizendo que, certamente, havia um engano e que, com urgência, daria andamento ao meu processo. No dia 08 de dezembro, publicaram o parecer, aprovando minha emenda. Levei este parecer ao NEPS/HMIB e toda documentação ficou, finalmente, em ordem.

Ao pensar, inicialmente, sobre este capítulo, várias ideias surgiram e, primeiro, tive vontade de criar algo bem desagradável para traduzir os sentimentos que vivenciei. Pensei em um capítulo em que as páginas fossem abrindo para todos os lados, de forma interminável, gerando algo bem difícil de manusear; a cada folha pediria para o leitor realizar alguma ação necessária para continuar. Depois, com o passar do tempo, fui elaborando, internamente, o que ocorreu e, ao invés de gerar raiva e incômodo ao leitor, para dessa forma traduzir minha experiência, optei por criar um jogo/mapa/labirinto. Apesar de esta opção ter me deixado mais satisfeita, pois retrata outros sentimentos, ainda assim não consegui colocar este capítulo no início da dissertação, pois, depois de tudo, queria começar pela parte boa e deixar este relato para o fim. Como o tempo foi um dos fios condutores desta dissertação, me permitindo alterar a sequência cronológica, trabalhando com o tempo subjetivo, resolvi respeitar o ritmo e a ordem que a própria narrativa e disposição interna sugeriu.

Portanto, no intuito de retratar este percurso de uma forma imagética, e muito peculiar de nossa área, as artes visuais, criei o *JogoMapaLabirinto*, que poderá ser encontrado ao final dessa dissertação. Basta arrumar um dado para vivenciar um pouco do que se passou. Neste *JogoMapaLabirinto*, ao jogar o dado, andar e parar no caminho,

você irá receber informações, advertências e instruções que irão adiantar sua caminhada ou fazê-lo voltar ao início. Esta estrada irá se bifurcar em diversos momentos, conduzindo-o por 4 caminhos possíveis, correspondentes aos 4 Comitês de Ética mencionados, e o jogo somente terminará ao chegar ao final do caminho que leva ao CEP/Fepecs. Não desanime e jogue os dados quantas vezes for necessário, mas lembre-se de que você pode se perder no tempo. Boa sorte na aventura!

Por Lisa:

Em “burocracia” ocorre hibridismo. Do francês “bureau” (escritório) e do grego “cracia” (administração), o termo nomeia a administração da coisa pública por funcionários de repartições sujeitos à rígida hierarquia e disciplina. Burocrático não é sinônimo de lento, embora muitos usem a palavra com esse sentido; a lentidão é um efeito da tramitação burocrática. (Dicionário Michaelis de português)

O que seria nossa vida sem burocracia?

Caminho rápido, atenta, veloz
sistema lento, cruel, feroz.
Tento pra tudo boa solução
pronta eficiente sem emoção
Tento com calma evitar o calvário
preenchendo de vez mais um questionário
Dados, números, e um termo obscuro
e no meu caminho se ergue um muro

Tudo para mais uma vez
não assinaram, que insensatez!
Sou culpada de mais um pecado
estou talvez no jogo errado
Tento de novo, encarando o processo
mas percebo a vergonha do meu retrocesso
Vou conseguir entregar o pedido
mas são cinco horas, um dia perdido!
Volto pra casa pra relaxar..
mas qual era o prazo pra entregar?
Vivo nervosa, num grande tormento
é a saga infinita do meu documento
Encerro, assim, meu dia assombrado
esquecendo de vez o papel assinado
Tento dormir só por um segundo,
mas sinto nas costas o peso do mundo
Acordo bem cedo, de supetão,
lembrando angustiada da repartição
Encaro com garra e performance atlética
o novo pedido do comitê de ética
Minha senhora esta tudo incorreto
reescreva de novo tudo o projeto
Falta explicar, senhora Duarte
a utilidade de uma oficina de arte
É brincadeira pra criança
não coisa séria, pra gente internada
Reescrevo o projeto e, logo em sequência,
tento postar o termo de anuência

Na plataforma, a lista é imensa
e a situação fica mais tensa
Assim vou na pós, na coordenação
pegar o termo de autorização
Aguardo três horas no corredor
mais uma reunião com o coordenador
Nada de feito, tem que esperar
o comitê tem que liberar...
Ninguém se entende neste processo
que vive um constante, eterno retrocesso
Esta é a loucura do nosso sistema
onde solução é igual a problema
Mas não é a culpa da burocracia
mas de quem sustenta sua supremacia
E discursa bonito e enlouquece o usuário
exigindo de nós mais um formulário
Este é o jogo da sobrevivência
precisa ser zen e ter muita paciência
Porque só com garra e muita alegria
supera-se tudo, até a burocracia!

Dedico estes versos singelos á minha Querida Orientada Tatiana Duarte
que, com muita garra, paciência e dedicação, conseguiu realizar (embora
os INÚMEROS entraves burocráticos) suas maravilhosas oficinas de Arte
no HMIB com sucesso.

Agradecida, Tatiana!
Lisa Minari Hargreaves

6. TEMPO FORA DO TEMPO

Qual seria o tempo fora do tempo? O tempo que por um instante para? Será o tempo vivenciado por alguns artistas em seu ateliê? Absortos em sua criação, onde perdem a noção de tempo dando forma a suas percepções advindas de sua fusão com o mundo? O tempo fora do tempo é um dos tempos experimentados nesta narrativa, que foi percebido, também, em sua forma onírica, não-linear, linear, encarnada e em sua relação íntima com o espaço.

Fui de voyer, que observa ao longe, à caminhante, que vai pra lá e pra cá imersa no espaço, vivenciando esses diversos tempos. Em deslocamento no cotidiano do outro, me apropriei e passei a fazer parte desse dia a dia. De navegante, que se desloca da superfície à mergulhadora, que vai aos poucos mais fundo, que afeta e é afetada, no “estar-com” das relações que se estabelecem, sentindo e dando forma. Imergir, vivenciar, experimentar, refletir, criar, não são coisas que os artistas fazem? Difícil ter uma única identidade nesta topografia afetiva móvel, voyer, caminhante, navegante, mergulhadora, pesquisadora, artista, professora.

Os trabalhos poéticos que foram criados durante o período de imersão no Hospital, a princípio, se deram como um efeito colateral, algo que foi acontecendo aparentemente de forma paralela, não prevista. Não fazia parte da proposta inicial da pesquisa e foi ganhando corpo, até que não podia mais ficar de fora, passou a ser necessário e reconhecido como uma forma peculiar de gerar conhecimento e de expressão, muito próprio das artes visuais. A forma é um dos aspectos de interesse das artes, expressar o indizível, permitir que as sensações e percepções possam ir além daquele que sente.

O fio condutor desses trabalhos poéticos são os afetos e as percepções experimentadas na relação estabelecida com os pacientes internados e acompanhantes, e durante a permanência no hospital. As

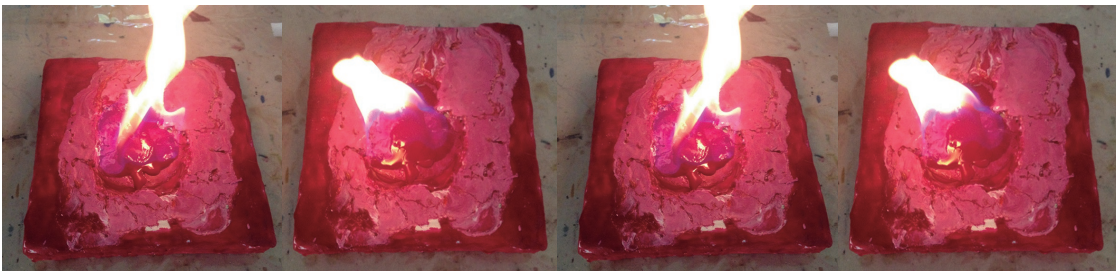
obras se materializaram em diferentes linguagens, suportes e técnicas, como: vídeo, encáustica, registros de intervenções em murais e ações, livros de cera e mapas. É um trabalho ainda em processo, portanto, não foi feita uma seleção curatorial, aqui está a produção que se deu no percurso. Da mesma forma que não deixei de relatar os momentos incertos, de dúvida ou daquilo que não saiu bem.

Como se trata de um trabalho em processo, alguns foram refeitos, como a intervenção nos murais do Hospital, a partir de reflexão e diálogo com afins. Refiz, porque percebi que não queria dizer aos outros o que eles devem ou não fazer. Por um incômodo sentido re-fiz, como quem rasura um texto e “Dar bom-dia é um ato de resistência, não se anestesia” deu origem a outras duas intervenções: “Dar bom-dia é um ato de re-existência” e “Anestesia Estesia”. Além disso, mais uma intervenção surgiu de afetos vividos: “Olhar Toca”. Que liberdade o processo permite, a liberdade dos espaços lisos, de poder ir e vir, voltar, re-criar, tomar novos rumos e contar o que se deu sem pudor, onde o “erro” é tão rico quanto o “acerto”. Ademais, alguns trabalhos fotografei no Hospital, deixando-os expostos aos que circulavam, aparentemente colocados de forma displicente num banco ou parapeito, como que esquecidos. Uma exposição silenciosa, sem alarde, sem aviso, misturada no cotidiano daquele ambiente, uma ação quase imperceptível.

Neste momento em que você lê este parágrafo, posso estar no tempo fora do tempo, criando ou re-criando algo, dando forma a afetos que ainda reverberam. Convido-lhe a percorrer estas páginas, maleáveis, mutáveis e flexíveis. Quando este percurso irá acabar não se sabe, pode ser agora, ou daqui a meses, anos. Não se pode prever, quando algo se esgota, para dar lugar a um possível re-início.



72. *Encarnação*. Registro de ação, encáustica, 20cm x 20cm, 2015.





73. *Vestimenta*. Desenho sobre encáustica e tecido, 2015.



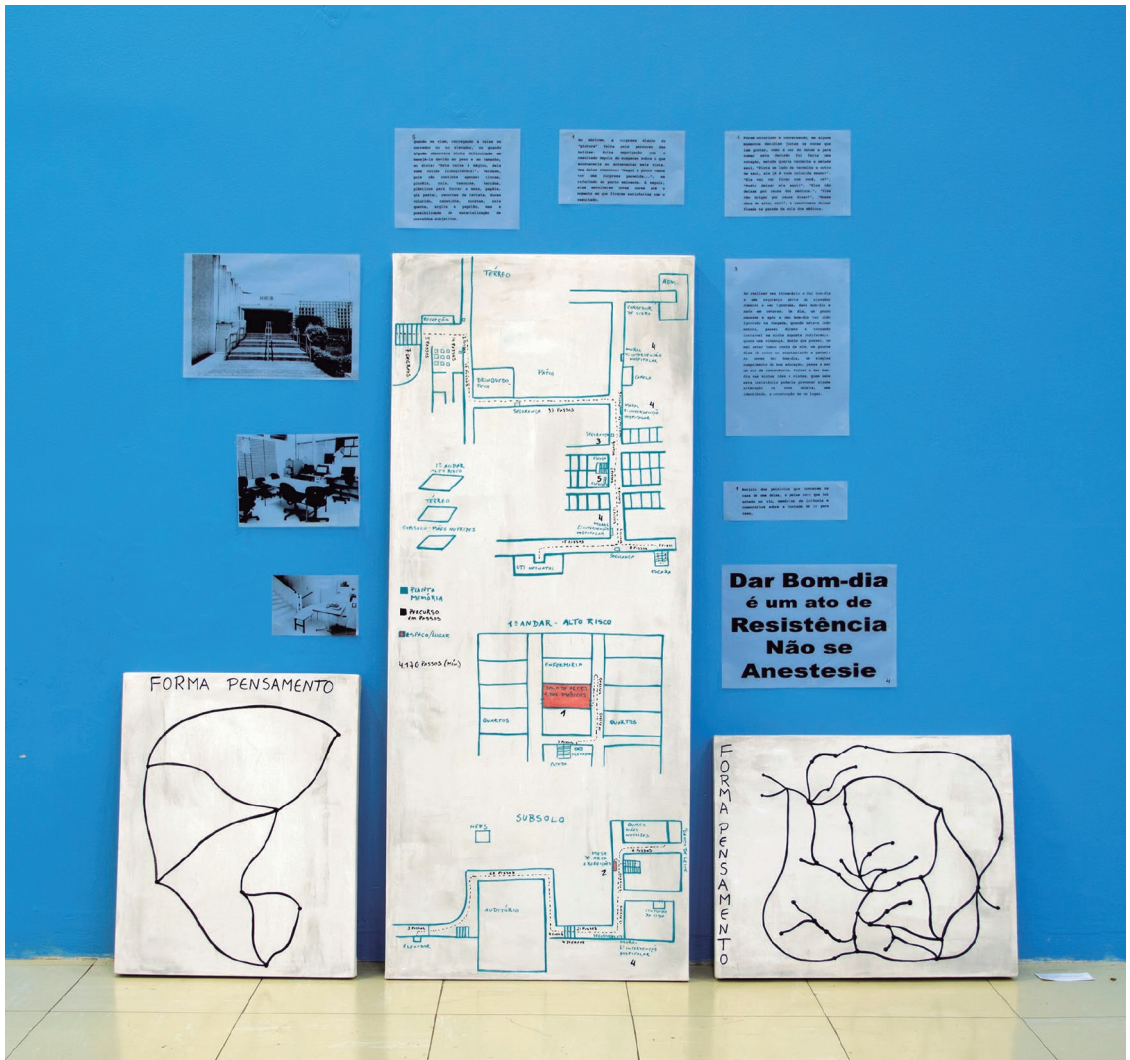
74. *Sem título*. Tríptico,
encáustica sobre tela,
80cm x 100cm, 2016.





75. *Não somos feitos só de pedra.* Video, 3'18, 2016.

<https://vimeo.com/172790616>.

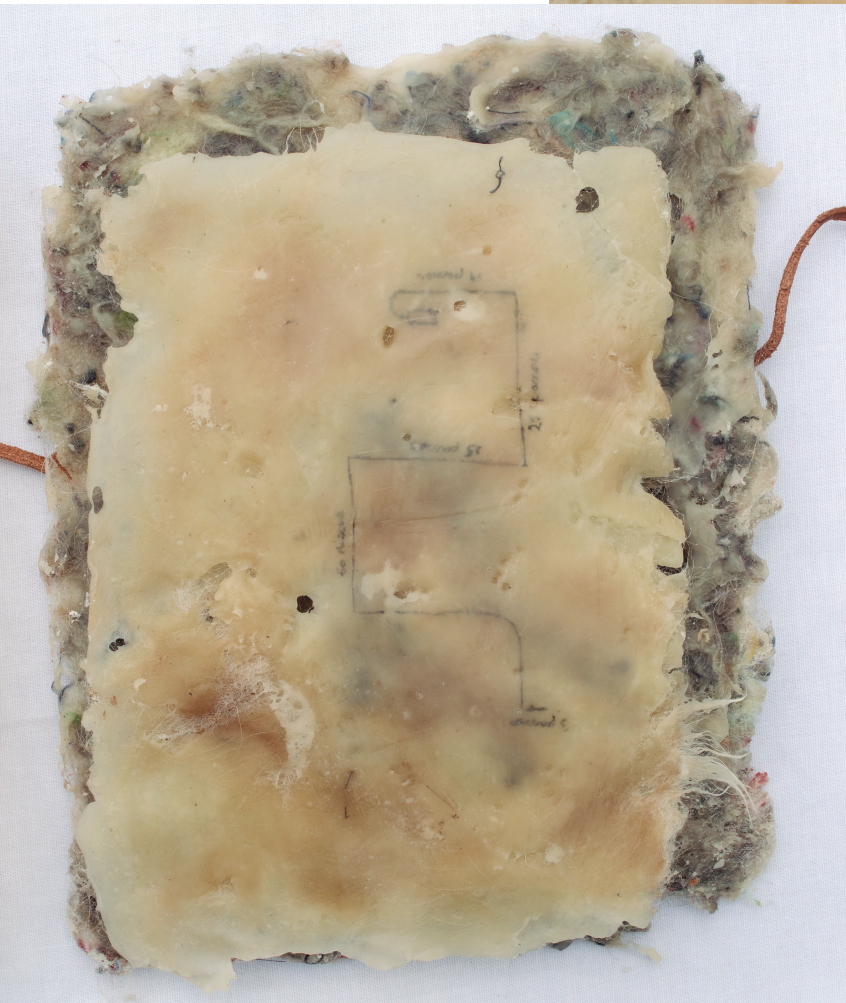
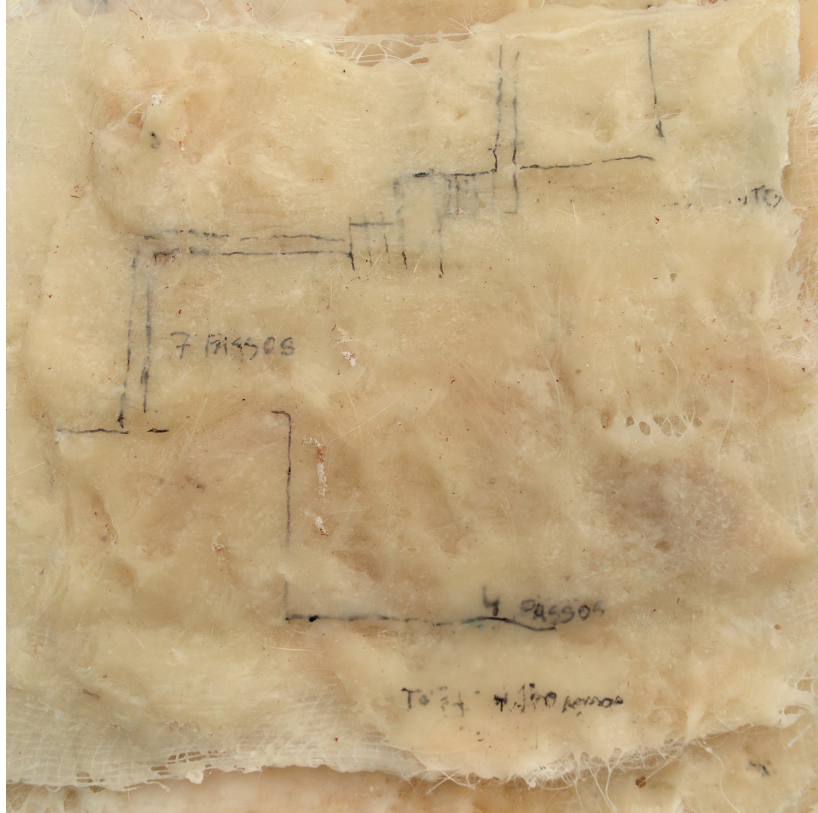


76. Mapas de ação: moldam espaços, tecem lugares. Desenho sobre telas e papel vegetal, 1,5 x 1,5m, 2016.



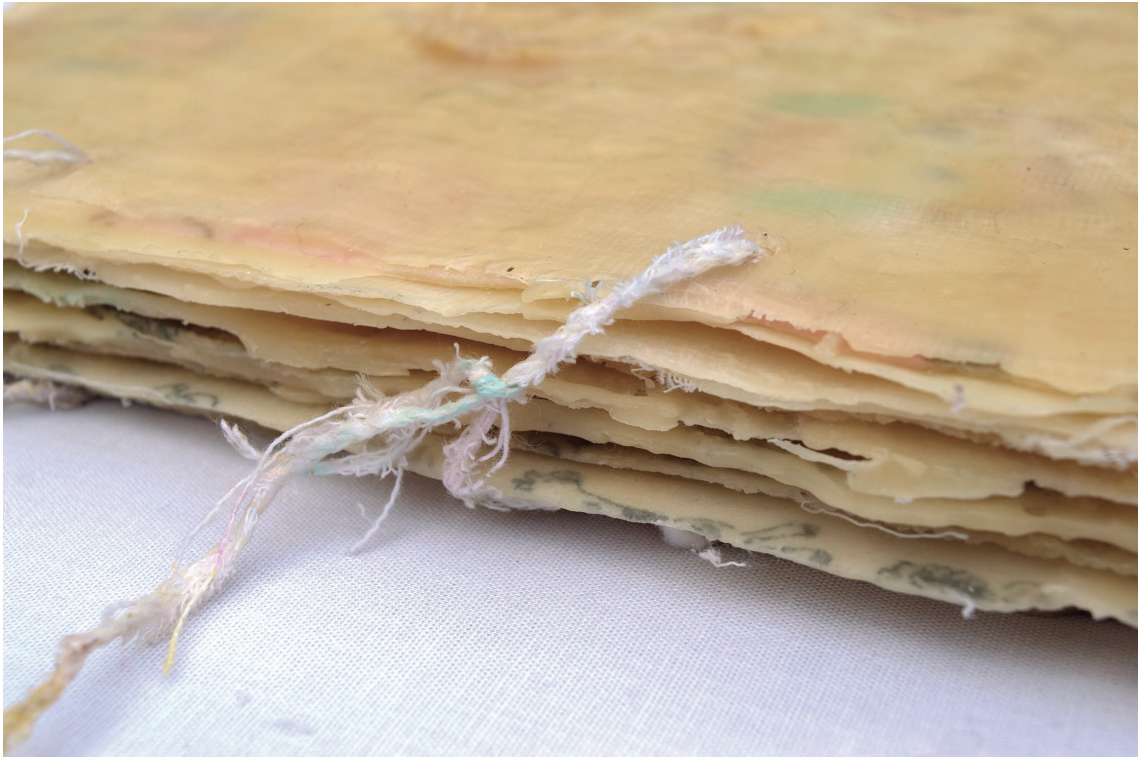
77. *Livro Mapa Nômade*.
Placas de feltro, pelos
de animal e cera, aprox.
21cm x 29cm, 2016 (a).

78. *Livro Mapa Nômade.*
Placas de feltro, pelos
de animal e cera, aprox.
21cm x 29cm, 2016 (b).

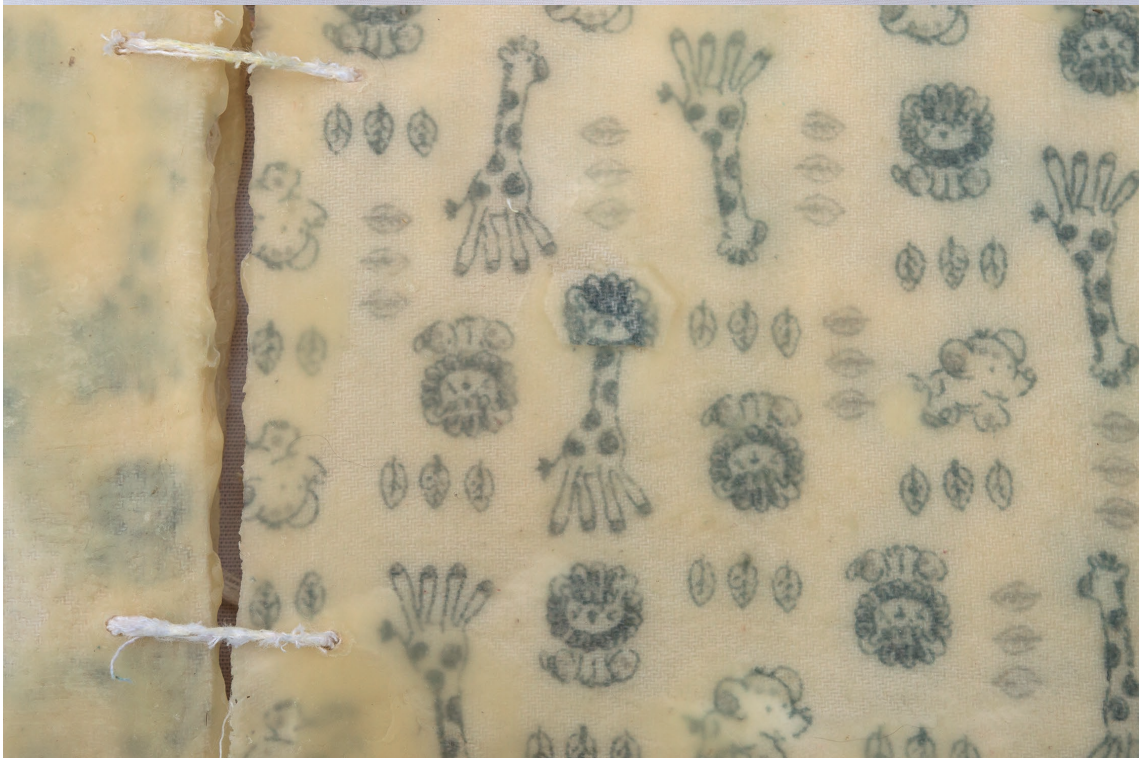




79. *Livro de cera: Cueiro*. Cueiro e cera, aprox.19cm x 24cm, 2017. (a).



80. *Livro de cera: cueiro*. Cueiro e cera, aprox. 19cm x 24cm, 2017, (b).



81. Livro de cera: couro. Couro e cera, aprox.19cm x 24cm, 2017. (c).



82. *Sem título.*

Desenho sobre placa
de gesso e cera,
19cm x 15cm, 2017.



83. *Sem título.*

Desenho sobre placa
de gesso e cera,
19cm x 16,5cm, 2017.

**Dar Bom-dia
é um Ato de
Re-existência**

**Anestesia
Estesia**

**Olhar
Toca**



84. *Re-existência*. Intervenção Hospitalar, 2017. (a).



85. *Re-existência*. Intervenção Hospitalar, 2017. (b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O final de uma etapa é a possibilidade de novos caminhos. Assim, sigo imaginando espaços e tempos a serem percorridos. Este percurso que se deu no HMIB me proporcionou um entendimento sobre as oficinas de arte como dispositivos de produção de subjetividade e criação de novos mundos por meio do olhar. Olhar que não se atem à faculdade do ver, mas aos sentidos, àquilo que é percebido pelo corpo, o que é sentido pelo afeto e o que faz ou não sentido pela reflexão.

Entende-se por dispositivos um conjunto heterogêneo de elementos relacionados, referem-se ao dito e ao não dito, possuem linhas de visibilidade, de enunciação, de força e de subjetivação. As oficinas de arte, enquanto práticas de subjetivação, revelam a potência do fazer, ver, falar e estabelecer relações.

Um ponto a ser reforçado, dentro do contexto desta investigação, é que a construção desses espaços/lugares nômades, destinados às oficinas de artes visuais, é coletiva. Iniciou com uma ideia compartilhada, o primeiro passo agregou muitos outros, o trajeto, o percurso, as idas e vindas no espaço e o tempo transcorridos; o antes, o agora e o depois que segue. Augé, Certeau, Deleuze e Guattari me ajudaram a pensar sobre os espaços/lugares nômades e formas de habitá-los, pois, são fluidos e efêmeros, aparecem e desaparecem, mas a experiência vivida reverbera.

Volto, então, a indagar. Como o ensino de artes visuais pode colaborar para que o indivíduo tenha uma experiência estética significativa em ambiente hospitalar? Como construir novos territórios de subjetivação por meio do ensino de artes visuais? Alerto que não é possível responder às questões iniciais desta investigação de forma simples e direta, pois, trata-se de uma pesquisa processual, aberta aos

acontecimentos, em que cada etapa foi delineada a partir da anterior, por meio de estratégias e procedimentos.

O processo ajudou a pensar em um método que colabora para se viver uma experiência estética em ambiente hospitalar, bem como a construção de novos territórios de subjetivação. Um método que pode servir de inspiração para outros trabalhos, mas não como uma fórmula pronta para ser repetida, pois, os procedimentos devem ser construídos caso a caso. Devido à riqueza do que é vivido durante este processo, em que muitos acontecimentos se deram, o que foi produzido ultrapassou as questões que foram levantadas inicialmente.

Após todo o percurso, primeiramente junto ao hospital e ao comitê de ética, recebendo permissão para realizar a pesquisa, os agenciamentos e busca do local adequado, o entendimento da rotina para estabelecer o melhor horário, o convite às pacientes e acompanhantes, e finalmente, o início das oficinas e seus encontros, que a cada encontro revelou uma nova proposta, um novo delineamento em busca de algo significativo a ser vivenciado por nós. Após, também, a produção poética em vídeos, livros de cera, pinturas, mapas, ações, encáustica, desenho, intervenção nos murais de aviso, criados por mim e fruto desses dois anos de investigação, posso afirmar que fazer parte desse processo é estar imerso na vida, que é gerada a todo instante, como células que se multiplicam e se renovam.

Sobre a experiência estética singular, significativa, integral, como Dewey nos indica, está no cotidiano, na atenção ao que se vive, ao outro, às relações. Oficinas de arte provocam, deflagram processos, ocupam e transformam não-lugares em lugares. Estética, política, arte, afeto, corpo estão na vida, em lugares possíveis de serem habitados, nos encontros, no correr o risco, na abertura de si. Estão na Violeta, que assusta e tira

da normalidade; no troca-troca, que incomoda ao aproximar a lente para olhar o outro; no grupo do *WhatsApp*, que formou um vínculo virtual móvel; na anestesia/estesia, na re-existência, nas mudanças, nem que sejam pequenas como um grão.

Já Deleuze e Guattari abordam a subjetividade como produção ativa, o processo de desterritorialização e a capacidade de reterritorialização em outras instâncias, a presença de vetores de força, os dispositivos para linhas de fuga, a invenção como forma de criar a si mesmo. A reinvenção de si é uma potência criativa. Dessa forma, colaboram com a perspectiva apontada nesta pesquisa.

Desterritorializações e reterritorializações seguem sem parar, o movimento é presente a todo instante. Para pacientes e acompanhantes, ocorre desde sua internação e a cada novo evento, ao compartilhar o quarto com pessoas desconhecidas, nas mudanças de ala, nas melhoras ou pioras do quadro clínico, nas transferências de hospital, nas perdas, vitórias, alta médica, oficinas de arte, no compartilhar vivências, expressar o que sente, no medo da crítica, e nas reflexões. São inúmeros e incontáveis.

Após a experiência deste percurso investigativo, narrar o que passou só foi possível incluindo as múltiplas vozes que atravessaram este campo de força, principalmente das mães do HMIB, sem elas esse lugar/ espaço não existiria, não haveria relações e encontros, nem afetos compartilhados, nem perceptos materializados. Sem elas eu não viveria uma experiência estética singular.

Ao invés de concluir, posso continuar agenciando a abertura de novos espaços para o ensino das artes visuais. Talvez uma maior atenção às formas não-verbais, como indicativos de mudanças subjetivas, seja um caminho a percorrer. Como, por exemplo, perceber a produção de

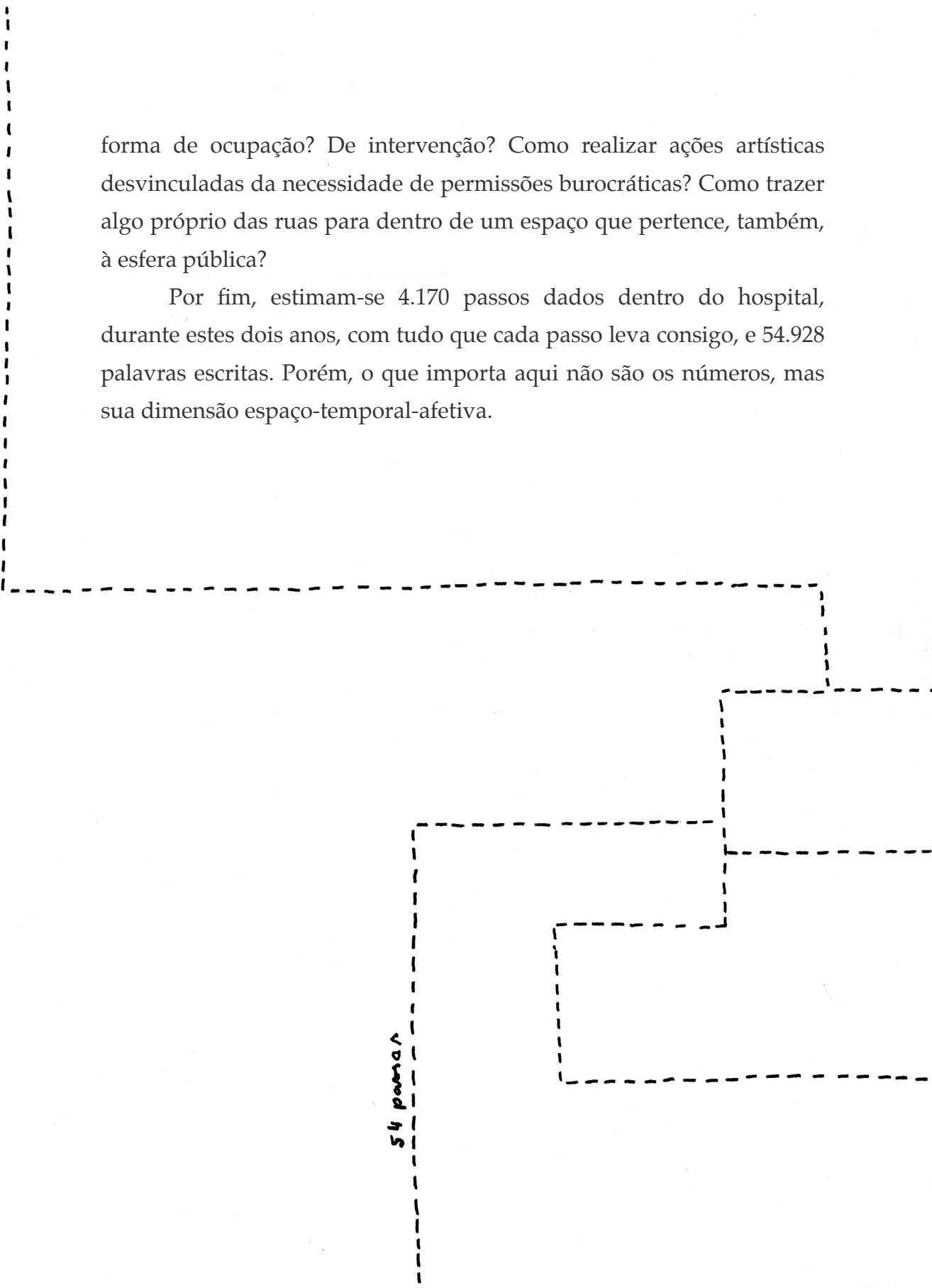
subjetividade por meio de gestos, posturas, trejeitos, do próprio trabalho feito os com materiais plásticos, porém sem interpretá-los, decifrá-los de forma apressada e com fórmulas pré-estabelecidas restringindo sua força expressiva e categorizando. Quais outros indicativos poderiam ser pensados?

Outra possibilidade investigativa poderia ser a criação de indicadores para aferir os benefícios da presença desses espaços criativos no ambiente hospitalar. Como quantificar o inquantificável, como mostrar o valor desses espaços de criação para a instituição hospitalar? Como por exemplo, a redução, do uso de remédios, da evasão sem permissão médica, de pedidos de licença de funcionários e servidores (caso o trabalho fosse realizado com esse público). Quais outros indicadores poderiam ser utilizados e como mensurar?

Sinto, também, que há algo a ser explorado e aprofundado, nos processos de imersão e criação poética, quais outros espaços poderiam ser habitados e como expressar seus afetos? Bem como, nas exposições silenciosas, misturadas ao cotidiano e ao vai e vem dos passantes, deslocadas de espaços expositivos, sem aviso ou alarde, sem letreiro, visível/invisível. Percebi que essa ação traz conceitos que podem ser pesquisados e que vão além do ato de expor os trabalhos poéticos a um público. Essa percepção surgiu ao fotografar alguns trabalhos no hospital, quando resolvi deixá-los no banco da recepção, no parapeito da janela, na maca quebrada no corredor e, ao longe, observar as relações que se estabeleciam. Outra possibilidade seria pensar nas intervenções urbanas em espaços públicos fechados, como nos murais dos hospitais, arte mural (de avisos). Fiz algumas experiências nesse sentido, como poesia lambe-lambe, e surgiram algumas questões. Que outros formatos poderiam ser criados para o uso artístico do mural de avisos? Seria uma

forma de ocupação? De intervenção? Como realizar ações artísticas desvinculadas da necessidade de permissões burocráticas? Como trazer algo próprio das ruas para dentro de um espaço que pertence, também, à esfera pública?

Por fim, estimam-se 4.170 passos dados dentro do hospital, durante estes dois anos, com tudo que cada passo leva consigo, e 54.928 palavras escritas. Porém, o que importa aqui não são os números, mas sua dimensão espaço-temporal-afetiva.



54 passos

REFÊRENCIAS

AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1994. 105 p.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 385 p.

BRASIL. Portaria GM/MS N°1.683, de 12 de julho de 2007. Disponível em : <http://www.saude.mppr.mp.br/arquivos/File/kit_atencao_perinatal/legis/portaria_1683_2007_metodo_canguru.pdf>. Acesso em: 23 de dezembro de 2016.

BRASIL. Plataforma Brasil. Disponível em : <<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2017.

BOURRIAUD, Nicolas. A estética relacional. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009. Coleção Todas as Artes. 151 p.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: artes de fazer, vol.1. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1994, p. 352.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Ed. 34, 1992, (Coleção Trans).

_____. Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol.1. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995, p. 96. (Coleção TRANS).

_____. Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol.3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 120. (Coleção TRANS).

_____. Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol.5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 234. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles. In. BOUTANG, Pierre-Andre. O abecedário de Gilles Deleuze. Editions Montparnasse, 1996. Disponível em: <http://sabertv.com.br/repositorio/filme/?name=d1_desir_desejo>. Acesso em: 09 dez. 2016.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Editora, 2010, 646 p.

DIDI-HUBERMAN. O que vemos, o que nos olha. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998. 264 p. (Coleção Trans).

DUARTE JR., João-Francisco. O sentido dos Sentidos: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições Ltda., 2001. 225 p.

ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EFLAND, Arthur. Imaginação na Cognição: o propósito da Arte. In: Barbosa (org.). Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2006.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico. 2010. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/167576814/O-corpo-utopico>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

FULGANTI, Luiz. Criação de si como obra de arte. Faculdade de Teatro, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/8jMcywa-HUE>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2017.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo, SP: Editora 34, 1992.

HERNÁNDEZ, Fernando Hernández. A investigação baseada em arte: propostas para repensar a pesquisa em educação. Tradução Tatiana Fernandez. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (orgs.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013, p. 39-62.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura Pozzana de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 76-91.

MILNER, M. A loucura suprimida do homem são: quarenta e quarto anos explorando a psicanálise. In: Rio de Janeiro: Imago, 1991.

NANCY, Jean-Luc. Arquivada: do senciante e do sentido. Trad. Marcela Vieira e Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2014. Coleção Contemporâneos. 95 p.

NUNES, Clarice. Walter Benjamin: Os limites da Razão. In: MENDES DE FARIA FILHO, Luciano (Org.). Pensadores sociais e história da educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008: 89-100.

O REGRESSO. Direção: Alejandro G. Inárritu. Produção: Alejandro González Iñárritu, Arnon Milchan, David Kanter, James W. Skotchdopole, Keith Redmon, Mary Parent, Steve Golin. Leonardo DiCaprio, Tom Hardy, Domhnall Gleeson. Roteiro: Alejandro G. Inárritu, Mark L. Smith. Distribuidora: Fox Filmes, 2015. Longa-metragem (106min), son., color.

OSTROWER, Fayga. In: JARDIM, João; CARVALHO, Walter. A janela da alma. [documentário]. Produção Ravina Filmes. Rio de Janeiro, 2001. Depoimento não incluído. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=iM2woc1Vt3s>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

RICOEU, Paul. Tempo e Narrativa: Tomo II. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ROLNIK, Suely. Pensar a partir do saber-do-corpo. Uma micropolítica para resistir ao inconsciente colonial. Apresentação feita na Casa do Povo (SP), em 25 de Novembro de 2015, apoio Casa do Povo, Goethe Institut São Paulo e Sete Visões. Disponível em: < <https://vimeo.com/173642284>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2017.

SAFRA, Gilberto. A Face Estética do Self: Teoria e Clínica. 7. Ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.

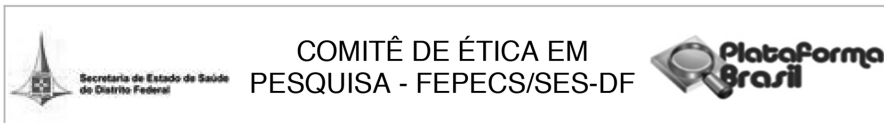
TARIZZO, Davide. Filósofos em Comunidade. Nancy, Esposito, Agamben. In: PAIVA, Raquel (Org.). O retorno da comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 31 - 62.

TOURINHO, Irene. Educação Estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Educação da Cultura Visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009, p. 141-156.

TUNGA. In: RIBEIRO, Marcos. A Obra de Arte. [documentário]. Realização TV Imaginária. Rio de Janeiro, [2009].

WENDERS, Win. In: JARDIM, João; CARVALHO, Walter. A janela da alma. [documentário]. Produção Ravina Filmes. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=4F87sHz6y4s>> Acesso em: 15 mar. 2016.

ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Experiência Estética Singular e Territórios de Subjetivação: Uma Narrativa Ficcional em Ambiente Hospitalar

Pesquisador: Tatiana Duarte Menezes

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 47391515.7.0000.5553

Instituição Proponente: Hospital Materno Infantil de Brasília - HMIB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.226.532

Apresentação do Projeto:

Conforme descrito anteriormente.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme descrito anteriormente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme descrito anteriormente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme descrito anteriormente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram realizados ajustes no termo de assentimento e na autorização de uso de imagem e som.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: SMHN 2 Qd 501 BLOCO A - FEPECS

Bairro: ASA NORTE

CEP: 70.710-904

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3325-4955

Fax: (33)3325-4955

E-mail: comitedeetica.secretaria@gmail.com



Secretaria de Estado de Saúde
do Distrito Federal

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FEPECS/SES-DF



Continuação do Parecer: 1.226.532

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO MESTRADO TATIANA DUARTE HMIB.docx	16/07/2015 15:37:11		Aceito
Outros	TERMO DE ANUENCIA PEDIATRIA TATIANA DUARTE HMIB.pdf	16/07/2015 15:58:19		Aceito
Outros	TERMO DE ANUENCIA MATERNIDADE TATIANA DUARTE	16/07/2015 15:59:22		Aceito
Outros	TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR TATIANA DUARTE HMIB.pdf	16/07/2015 16:01:27		Aceito
Outros	TERMO DE CONCORDANCIA COORDENADOR POS ARTE TATIANA DUARTE HMIB.pdf	16/07/2015 16:04:06		Aceito
Folha de Rosto	FOLHA DE ROSTO TATIANA DUARTE HMIB.pdf	16/07/2015 15:45:52		Aceito
Outros	Curriculos Lattes - maestranda Tatiana Duarte Menezes.pdf	16/07/2015 16:19:52		Aceito
Outros	Curriculos Lattes - orientadora Lisa Minari Hargreaves.pdf	16/07/2015 16:20:21		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE - Tatiana Duarte HMIB.doc	16/07/2015 16:24:03		Aceito
Outros	Termoassentimento.doc	02/09/2015 10:33:21	Tatiana Duarte Menezes	Aceito
Outros	termo_autorizacao_imagem_som_meno r.doc	02/09/2015 10:34:21	Tatiana Duarte Menezes	Aceito
Outros	termo_autorizacao_imagem_som.doc	02/09/2015 10:34:42	Tatiana Duarte Menezes	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_524282.pdf	02/09/2015 10:35:32		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 14 de Setembro de 2015

Assinado por:
Helio Bergo
(Coordenador)

Endereço: SMHN 2 Qd 501 BLOCO A - FEPECS

Bairro: ASA NORTE

CEP: 70.710-904

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3325-4955

Fax: (33)3325-4955

E-mail: comitedeetica.secretaria@gmail.com

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Experiência Estética Singular e Territórios de Subjetivação: Uma Narrativa Ficcional em Ambiente Hospitalar

Pesquisador: Tatiana Duarte Menezes

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 47391515.7.0000.5553

Instituição Proponente: Hospital Materno Infantil de Brasília - HMIB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.355.209

Apresentação do Projeto:

Solicitação de emenda. Justificativa: Durante o recolhimento de dados da pesquisa (primeira oficina de arte) foi verificado a inexistência de acompanhantes no setor de alto risco, inviabilizando a realização da oficina prevista com este público (segunda oficina). Neste momento verifiquei a necessidade de realizar a pesquisa com as mães do neonatal, consideradas acompanhantes dos recém-nascidos prematuros. Pelo surgimento desta necessidade e afinidade de perfil entre os grupos (mães no alto risco prestes a entrar em trabalho de parto e mães com recém-nascidos prematuros), resolvi substituir os participantes da pediatria pelas mães acompanhantes do neonatal. Se tornou indispensável incluir o termo de assentimento desta área e adaptar o cronograma. Além disso, foi necessária a inclusão de anamneses e questionário final.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme relato anterior.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme relato anterior.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A primeira fase da coleta de dados apontou para a necessidade de ampliação da amostra com a inclusão de um novo grupo de participantes na pesquisa, preservando o perfil delineado. Para isso

Endereço: SMHN 2 Qd 501 BLOCO A - FEPECS

Bairro: ASA NORTE

CEP: 70.710-904

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3325-4955

Fax: (33)3325-4955

E-mail: comitedeetica.secretaria@gmail.com



Secretaria de Estado de Saúde
do Distrito Federal

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FEPECS/SES-DF



Continuação do Parecer: 1.355.209

também fez-se necessário a adequação de alguns instrumentos de coleta.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresentou novo termo de anuência assinado pela chefia da neonatologia e pela direção do hospital.

Recomendações:

Não se aplica

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Emenda aceita. Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_622094_E1.pdf	16/11/2015 11:16:52		Aceito
Outros	AnamneseNEONATAL.doc	12/11/2015 10:31:56	Tatiana Duarte Menezes	Aceito
Outros	AnamneseALTORISCO.doc	12/11/2015 10:31:33	Tatiana Duarte Menezes	Aceito
Outros	QuestionarioPesquisaPPGarte.docx	12/11/2015 10:31:02	Tatiana Duarte Menezes	Aceito
Outros	TERMONEONATAL.pdf	06/11/2015 17:23:46	Tatiana Duarte Menezes	Aceito
Outros	termo_autorizacao_imagem_som.doc	02/09/2015 10:34:42	Tatiana Duarte Menezes	Aceito
Outros	termo_autorizacao_imagem_som_menor.doc	02/09/2015 10:34:21	Tatiana Duarte Menezes	Aceito
Outros	Termoassentimento.doc	02/09/2015 10:33:21	Tatiana Duarte Menezes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE - Tatiana Duarte HMIB.doc	16/07/2015 16:24:03		Aceito
Outros	Curriculos Lattes - orientadora Lisa Minari Hargreaves.pdf	16/07/2015 16:20:21		Aceito
Outros	Curriculos Lattes - mestranda Tatiana Duarte Menezes.pdf	16/07/2015 16:19:52		Aceito
Outros	TERMO DE CONCORDANCIA COORDENADOR POS ARTE TATIANA DUARTE HMIB.pdf	16/07/2015 16:04:06		Aceito

Endereço: SMHN 2 Qd 501 BLOCO A - FEPECS

Bairro: ASA NORTE

CEP: 70.710-904

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3325-4955

Fax: (33)3325-4955

E-mail: comitedeetica.secretaria@gmail.com



Secretaria de Estado de Saúde
de Distrito Federal

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FEPECS/SES-DF



Continuação do Parecer: 1.355.209

Outros	TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR TATIANA DUARTE HMIB.pdf	16/07/2015 16:01:27		Aceito
Outros	TERMO DE ANUENCIA MATERNIDADE TATIANA DUARTE	16/07/2015 15:59:22		Aceito
Outros	TERMO DE ANUENCIA PEDIATRIA TATIANA DUARTE HMIB.pdf	16/07/2015 15:58:19		Aceito
Folha de Rosto	FOLHA DE ROSTO TATIANA DUARTE HMIB.pdf	16/07/2015 15:45:52		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO MESTRADO TATIANA DUARTE HMIB.docx	16/07/2015 15:37:11		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 08 de Dezembro de 2015

Assinado por:
Helio Bergo
(Coordenador)

Endereço: SMHN 2 Qd 501 BLOCO A - FEPECS

Bairro: ASA NORTE

CEP: 70.710-904

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3325-4955

Fax: (33)3325-4955

E-mail: comitedeetica.secretaria@gmail.com

APÊNDICE

Pesquisa PPG-Arte - UnB
Experiência Estética Singular e Territórios de Subjetivação: Uma Narrativa Ficcional em Ambiente Hospitalar

Questionário

Nome: _____

Data: 9-11-19

Você gostou de participar das oficinas de arte?

Sim.

O que você mais gostou?

Ele tudo.

Você acha que o hospital fica diferente com as oficinas de arte? Em que?

Mais. Porque as arte e umas das passa tempo para nos e refrescamos a cabeça.

Te ajudou em alguma coisa? Em que?

Sim. Em passa tempo, e também para não fica pensando em o que os médicos fala dos doentes.

Você acha importante ter este tipo de trabalho aqui no hospital? Porque?

Sim. Por que aprendemos e descansamos.

Quer dizer mais alguma coisa? Ou sugerir algo?

Sim. Tem que ser mais aula não muito poucas, e não muito boas.

Pesquisa PPG-Arte - UnB
Experiência Estética Singular e Territórios de Subjetivação: Uma Narrativa
Ficcional em Ambiente Hospitalar

Questionário

Nome:

Data:

02.12.2015

Você gostou de participar das oficinas de arte?

sim, muito bem.

O que você mais gostou?

de todas as atividades, das pinturas,
das brincadeiras e da professora.

Você acha que o hospital fica diferente com as oficinas de arte? Em que?

sim, e' muito bem pra passar o tempo.

Te ajudou em alguma coisa? Em que?

sim, fiz mais amizades e aprendi
algumas coisas sobre arte.

Você acha importante ter este tipo de trabalho aqui no hospital? Porque?

sim, ajuda as mães passar o tempo

Quer dizer mais alguma coisa? Ou sugerir algo?

Voú sentir saudades.

Pesquisa PPG-Arte - UnB
Experiência Estética Singular e Territórios de Subjetivação: Uma Narrativa Ficcional em Ambiente Hospitalar

Questionário

Nome: _____

Data: 02/12/15

Você gostou de participar das oficinas de arte?

Sim, Antes é uma coisa que eu não gostava achava uma coisa chata, mais participei de alguns encontros e fui gostando devido aos minhas colegas mais eu adicionei dos meus desenhos e tudo que eu fiz elas falavam que táoo sendo e q não existe mais artes
O que você mais gostou
Junzine, achei muito interessante.
mas gostei de todos as outras atividades.

Você acha que o hospital fica diferente com as oficinas de arte? Em que?

fica sim. Em tudo.

Te ajudou em alguma coisa? Em que?

Sim em muitas coisas.

Você acha importante ter este tipo de trabalho aqui no hospital? Porque?

Porque ajuda a esquecer os problemas.

Quer dizer mais alguma coisa? Ou sugerir algo?

Sim. consegui gostar de Artes!

Sugeria que a Tatiana voltasse!

Pesquisa PPG-Arte - UnB
Experiência Estética Singular e Territórios de Subjetivação: Uma Narrativa Ficcional em Ambiente Hospitalar

Questionário

Nome

Data: 02-12-15

Você gostou de participar das oficinas de arte?

Sim

O que você mais gostou?

Das aulas de pintar e da professora.

Você acha que o hospital fica diferente com as oficinas de arte? Em que?

Sim. Porque aqui se distrai um pouco e ocupa a mente com isso ficamos menos preocupadas nem que seja por 2 horas.
Te ajudou em alguma coisa? Em que?

Sim. Em distrair a cabeça e acalmar o coração.

Você acha importante ter este tipo de trabalho aqui no hospital? Porque?

Sim. Porque as mães sempre estão uma pilha de nervos e ansiedade, esse trabalho ajuda a acalmar ~~os~~ os nervos e distrair um pouco.

Quer dizer mais alguma coisa? Ou sugerir algo?

Não. A minha sugestão é para que tenha mais trabalhos como estes nos hospitais.

VOCE GOSTOU DE PARTICIPAR DE OFICINAS DE ARTE?

sim.

O QUE VOCE GOSTOU MAIS?

De fazer as bonequinhos.

VOCE ACHA QUE O HOSPITAL FICA DIFERENTE COM AS OFICINAS DE ARTE? em que?

sim, porque aqui querendo ou não, passa coisas ruins na nossa mente, e com a oficina todos os dias tem algo diferente, que ocupa com coisas boas, conversas, cores, experimentos, diferentes.

TE AJUDOU EM ALGUMA COISA? em que?

com certeza. toda vez que vamos para a oficina e como se a nossa realidade sumisse. momentos que vai para outro mundo, o sentimento de fugir da realidade.

VOCE ACHA IMPORTANTE TER ESTE TIPO DE OFICINA DE ARTE AQUI NO HOSPITAL? POR QUE?

sim, e o fato da gente sair do quarto e ir fazer algo diferente da nossa realidade e muito bom.

QUER DIZER MAIS ALGUMA COISA? OU SUBERIR ALGO?

sim @ aulas de creche, bordados.

Você gostou de participar das oficinas de arte?

Sim, muito.

O que você gostou mais?

De aprender a fazer a boneca, entre outros, todos os trabalhos foram ótimos.

Você acha que o hospital fica diferente com as oficinas de arte?

Sim, geralmente hospitais tem aquele ar de tristeza, um lugar de preocupação, com a arte ajuda a destrair, fica tudo mais alegre.

Te ajudou em alguma coisa?

Sim, ajudou a não pensar só nos problemas do dia a dia, deixou meus dias aqui muito melhor do que achava que seria.

Em que além do aprendizado, tornou os dias muito mais coloridos e alegre.

Você acha importante ter esse tipo de arte aqui no hospital? ajuda os pacientes como se fosse uma terapia, deixa uma sensação boa de conforto.

VOCÊ GOSTOU DE PARTICIPAR DAS OFICINAS DE ARTE?

É muito legal.

O QUE VOCÊ GOSTOU MAIS?

De desenhar, conversar
distraído

VOCÊ ACHA QUE O HOSPITAL FICA DIFERENTE COM AS
OFICINAS DE ARTE? EM QUE?

Fica mais colorido, mais animado

TE AJUDOU EM ALGUMA COISA? EM QUE?

Eu ocupei mais minha mente.

VOCÊ ACHA IMPORTANTE TER ESTE TIPO DE OFICINAS DE
HOSPITAL? POR QUE? AQUI NO

As pessoas esquece mais os problemas,
fica distraído

QUER DIZER MAIS ALGUMA COISA? OU SUGERIR ALGO?

VOCÊ GOSTOU DE PARTICIPAR DAS OFICINAS DE ARTE? Sim, foi muito importante me ajudar muito.

O QUE VOCÊ GOSTOU MAIS? Gostei de tudo, RGRS... mais na verdade a parte de pintura por a que eu mais gostei.

VOCÊ ACHA QUE O HOSPITAL FICA DIFERENTE COM AS OFICINAS DE ARTE? Em que? Sim, aqui é uma rotina muito chata e com a oficina de arte tudo fica mais colorido, mais alegre, descontraído, é mais vilhoso.

TE AJUDOU EM ALGUMA COISA? Em que? Sim, me fez ficar mais alegre, me ajudou a pensar em coisas boas.

VOCÊ ACHA IMPORTANTE TER ESTE TIPO DE OFICINA DE ARTE AQUI NO HOSPITAL? POR QUE? Sim, assim como me ajudou também poderia ajudar outras pessoas também.

QUER DIZER MAIS ALGUMA COISA? OU SUGERIR ALGO? Já tenho a agradecer, foi mais vilhoso. Sugiro que tenha mais trabalhos com pintura, eu adoro! ☺

VOCÊ GOSTOU DE PARTICIPAR DAS OFICINAS DE ARTE?

Sim

O QUE VOCÊ GOSTOU MAIS?
de fazer o jornalzinho

VOCÊ ACHA QUE O HOSPITAL FICA DIFERENTE COM AS OFICINAS DE ARTE? EM QUE?

Sim traz distração alegria para as mães que estão internadas.

TE AJUDOU EM ALGUMA COISA? EM QUE?

Sim me trouxe alívio, paz na mente

VOCÊ ACHA IMPORTANTE TER ESTE TIPO DE OFICINAS DE ARTE AQUI NO HOSPITAL? POR QUE?

Sim porque ajuda na alta estima das mães.

QUER DIZER MAIS ALGUMA COISA? OU SUGERIR ALGO?

Agradecer a sua boa vontade de disponibilizar umas horas do seu tempo para vim até nos trazer um pouco de conforto. obrigado volte sempre!

VOCÊ GOSTOU DE PARTICIPAR DAS OFICINAS DE ARTE?

gostei

O QUE VOCÊ GOSTOU MAIS?

de tudo um pouco.

VOCÊ ACHA QUE O HOSPITAL FICA DIFERENTE COM AS OFICINAS DE ARTE? EM QUE?

acho sim. Traz mais alegria, harmonia, distração.

TE AJUDOU EM ALGUMA COISA? EM QUE?

me ajudou. Ter paciência, esperar o tempo passar.

VOCÊ ACHA IMPORTANTE TER ESTE TIPO DE OFICINAS DE ARTE AQUI NO HOSPITAL? POR QUE?

sim. Porque ajuda as pessoas.

QUER DIZER MAIS ALGUMA COISA? OU SUGERIR ALGO?

Eu acho que você deveria continuar.

VOCÊ GOSTOU DE PARTICIPAR DAS OFICINAS DE ARTE?

Sim, é um momento de descontração que está
vamos precisando.

O QUE VOCÊ GOSTOU MAIS?

A boneca e a colagem com o nome do bb

VOCÊ ACHA QUE O HOSPITAL FICA DIFERENTE COM AS
OFICINAS DE ARTE? EM QUE?

Com certeza, torna-se mais alegre.

TE AJUDOU EM ALGUMA COISA? EM QUE?

Ajudou a passar o tempo, a tirar um
pouco da ansiedade, a ficar mais
calma e tranquila, alivia a mente

VOCÊ ACHA IMPORTANTE TER ESTE TIPO DE OFICINAS DE
HOSPITAL? POR QUE? Sim porque passamos muito
tempo aqui, e precisamos de momentos como
esse para ajudar a aliviar o estresse.

QUER DIZER MAIS ALGUMA COISA? OU SUGERIR ALGO?

Esses encontros deveriam continuar, temos
muito tempo livre e precisamos ocupa-lo de
alguma forma.



Mapa Jogo Labirinto
2017

1. Aguarde a avaliação do seu projeto pelo Departamento. Fique 1 mês nessa casa.

2. Informações na internet, avance 10 casas.

3. Informação errada, volte ao início.

4. Aguarde 2 dias nesta casa e vá pessoalmente pedir informações. Depois jogue o dado.

5. A pessoa que poderia te dar informações não está, volte 5 casas.

6. Você tem direito a um telefonema. Parabéns você conseguiu algumas informações, jogue o dado.

7. Aguarde a reunião do Departamento com o Decano, aguarde 1 mês e volte a jogar.

19. Você precisa de um adendo. Volte a casa 18, aguarde 1 semana para continuar.

18. Poste todos os documentos e preencha os campos corretamente, fique nesta casa 1 semana e depois jogue o dado.

17. Faça seu cadastro e receba a senha para continuar.

Você não chegou ao seu destino. fim de jogo.

16. Parabéns! Você foi autorizado a passar o portal.

15. Está tudo pronto, aguarde mais 1 mês a autorização do Departamento para passar o portal Platadorma Brasil. Mantenha a calma.

Parabéns!
Você conseguiu!!

Você não chegou ao seu destino. fim de jogo.

14. Você tomou a decisão certa, receberá uma informação correta: Acesse a Platadorma Brasil

13. Você caiu na casa do desespero e da angústia, aguarde 2 dias e siga a trilha em frente.

12. Parabéns você não perdeu sua cabeça, vire a esquerda.

11. A lista de documentos está incompleta, volte 10 casas.

10. Escolha, esquerda ou direita?

9. Fique 5 dias nesta casa preparando a documentação correta.

8. Nova dúvida, vá pessoalmente ao hospital e depois jogue o dado.

